



Universidade Nova de Lisboa

Faculdade de Direito



Lídio Lopes

Cultura de Segurança em Proteção Civil

Cada um, um Agente de Protecção Civil

**Dissertação com vista à obtenção do grau de
Mestre em Direito e Segurança**

Orientador

Prof. Doutor António Duarte Amaro

Diretor da Escola Superior de Saúde do Alcoitão e

Professor Associado convidado da Faculdade de Direito da Universidade Nova

Novembro 2015

(Página deixada propositadamente em branco)



Universidade Nova de Lisboa

Faculdade de Direito



Lídio Lopes

Cultura de Segurança em Proteção Civil

Cada um, um Agente de Protecção Civil

**Dissertação com vista à obtenção do grau de
Mestre em Direito e Segurança**

Prof. Doutor António Duarte Amaro

Diretor da Escola Superior de Saúde do Alcoitão e

Professor Associado convidado da Faculdade de Direito da Universidade Nova

Novembro 2015

(Página deixada propositadamente em branco)

Dedicatória

À memória do meu Pai Lopes

(Página deixada propositadamente em branco)

Agradecimentos

A minha mulher Carla Murta, pela sua generosidade, compreensão e, claro, pelo tempo que lhe roubei. À Catarina, minha filha, Mestre em Eng^a Mecânica, pela inspiração em me propor a esta empreitada. Ao Diogo e ao Francisco, por neles encontrar o estímulo diário na construção de uma cultura familiar de segurança. À minha mãe Rita, pela força que sempre demonstra, como exemplo de vida. Ao meu irmão, Paulo Lopes, como Agente de Proteção Civil, pelo exemplo diário.

Pela pronta disponibilidade em deixarem a sua opinião, respondendo às questões que lhes enviei, devo um público agradecimento: ao Eng.º Pedro Lopes, Diretor Nacional de Bombeiros da ANPC; ao Cmdt. Jaime Marta Soares, Presidente do Conselho Executivo da LBP; ao Eng.º José Ferreira, Presidente da ENB; ao Eng.º Helder Silva, Presidente da Câmara Municipal de Mafra; ao Dr. Manuel João Ribeiro, Diretor do Serviço Municipal de Proteção Civil de Lisboa e ao Dr. Fernando Curto, Presidente da ANBP.

À Professora Doutora Ana Firmino, ao Eng.º Helder Oliveira e ao Eng.º Bruno Corga, quero deixar o meu vincado agradecimento pelo seu apoio nos questionários efetuados, com eles tudo se tornou mais fácil.

A todos os Comandantes de Corpos de Bombeiros e aos colaboradores da SCML, que deram o seu contributo, respondendo aos inquéritos e que se constituíram num contributo inestimável para este trabalho.

Ao meu Orientador, Professor Doutor António Duarte Amaro, pela sua atenção e paciência, pelos conselhos, enfim, pela sua orientação de excelência, que me conduziu até aqui.

A todos os que me proporcionaram viver, trabalhar e dirigir, nesta área extraordinária de relações entre instituições, mas, fundamentalmente, de relações entre pessoas.

(Página deixada propositadamente em branco)

Resumo

O propósito deste trabalho é vincar o conceito de cultura de segurança, no sentido de que, cada um de nós é um agente de proteção civil, o primeiro agente e que, quanto mais preparado estiver, com maior sensibilização e formação, melhor reage, até na relação com os Agentes de Proteção Civil e maior probabilidade tem de sobreviver aos acidentes.

Num qualquer acidente, a qualquer hora ou em qualquer lugar, cada um de nós está sozinho e vai estar tanto mais tempo, quanto maior for o acidente. Não tem ao pé de si um bombeiro, um polícia, um médico, por isso, importa a competência, ou melhor, saber agir, querer agir e poder agir, condição fundamental para que se conheça o fenómeno, se saiba qual o seu comportamento e quais as suas consequências e que cada um de nós se comporte de acordo com a situação, antes durante e depois da sua ocorrência.

Enfim, que resiliência não seja um termo, antes um conceito que integra a definição maior de Cultura de Segurança.

Palavras chave: Risco, Cultura de Segurança, Proteção Civil, Catástrofe.

Abstract

This work aims to stress the concept of a security culture in the sense that each one of us is an emergency responder, the first one to respond, and the more prepared we are, with better training and awareness, the better we will perform, this applies even to the relationship between us and the Emergency Responders. All this will lead to a better probability of surviving an accident. If there is an accident, anywhere at any time, each one of us is alone. And the bigger the accident is the longer we stay alone. There is no firefighter, no policeman, no doctor, so it is very important to be competent, in other words, knowing how to react, wanting to react and being able to react. This is a basic requirement to understand the phenomenon, to know the consequences arising from the way we act and that we have to perform according to the situation: before, during and after it occurred.

In brief, let's not make resilience be just a word, let's make it a concept that belongs to the higher definition of the Security Culture.

Key words: Risk, Security Culture, Civil Protection, Catastrophe

(Página deixada propositadamente em branco)

Sumário

Introdução

Capítulo I Enquadramento, conceitos

- Enquadramento
- Objetivos da Dissertação
- Definição de conceitos

Capítulo II O sistema de proteção civil e o cidadão

- O que é Protecção Civil e a sua atual Lei de Bases
- Agentes de Protecção Civil
- As Estruturas da Protecção Civil

Capítulo III Metodologia

- Estratégia metodológica
- O Universo, a Amostra e a técnica de recolha e tratamento dos dados

Capítulo IV Apresentação, análise e discussão de resultados

- A Cultura de Segurança sobre “os riscos naturais e incêndios urbanos” vista por colaboradores da SCML
- “A cultura de segurança da população” vista pelos Comandantes de Corpos de Bombeiros

Conclusão

(Página deixada propositadamente em branco)

Lista de acrónimos e abreviaturas

AMPC	Autoridade Municipal de Proteção Civil
ANPC	Autoridade Nacional de Proteção Civil
ANBP	Associação Nacional de Bombeiros Profissionais
CB	Corpo de Bombeiros
CCOD	Centro de Coordenação Operacional Distrital
CCON	Centro de Coordenação Operacional Nacional
CDOS	Centro Distrital de Operações de Socorro
Cmdt.	Comandante
CMPC	Coordenador Municipal de Proteção Civil
COM	Comandante Operacional Municipal
CMPC	Comissão Municipal de Proteção Civil
CNOS	Comando Nacional das Operações de Socorro
CNPC	Comissão Nacional de Proteção Civil
CPE	Comunicação Pessoal Escrita
CRP	Constituição da Republica Portuguesa
Dr.	Doutor
ENB	Escola Nacional de Bombeiros
Engº.	Engenheiro
ID	Identificação
INSAG	International Nuclear Safety Advisory Group
IPMA	Instituto Português do Mar e da Atmosfera
NIST	National Institute of Standards and Techology
NUT	Nomenclatura de Unidades Territoriais para Fins Estatísticos
Prof. Doutor	Professor Doutor
SCML	Santa Casa da Misericórdia de Lisboa
SIOPS	Sistema Integrado de Operações de Proteção e Socorro
SIPE	Sistema de Informação de Planeamento de Emergência
SMPC	Serviço Municipal de Proteção Civil
SNBPC	Serviço Nacional de Bombeiros e Proteção Civil
UE.....	União Europeia
WTC	World Trade Center

(Página deixada propositadamente em branco)

Introdução

" O cidadão bem preparado desempenha um papel fundamental em caso de catástrofe, já que os serviços de proteção e socorro nunca serão suficientemente lesto a prestar os cuidados necessários. "

(Couto, Manuel, 2013:2)

"Na catástrofe, a resposta inicial não é dada pelos órgãos de socorro, mas sim pelos sobreviventes do desastre."

(Lourenço, Luciano, 2003:91)

Ao longo da última década e em todo o mundo, assistiu-se a uma sucessão de graves ocorrências (sismos, tsunamis, furacões, erupções vulcânicas, incêndios florestais, inundações, e tantas outras) que originaram um elevadíssimo número de mortos, feridos, desalojados e valores muito avultados de prejuízos.

Podem registar-se, como exemplos e desde o ano 2000, só em catástrofes naturais e com mais de 2.000 vítimas mortais, os sismos em Gujarat, na Índia, com 20.000 mortos e no Afeganistão, com 2.500 mortos, em 2001 e, em 2003, o sismo em Bam, no Irão, com 31.000 mortos. Em 2003, a onda de calor na Europa, que registou 37.451 mortos e em 2004, o sismo no sueste asiático, com 295.000 mortos. Em 2005, o sismo no Paquistão, com 86.000 mortos e o Furacão Katrina com quase 2.000. Em 2006, o sismo na Índia com 6.000 mortos e o Tufão na China com 2.000. Em 2008 o ciclone Nargis, em Mianmar, na bacia do Oceano Índico, provocou 78.000 mortos e 56.000 desaparecidos. Em 2010, o sismo de Porto Príncipe, no Haiti, com mais de 200.000 mortos. Em 2011, o sismo e tsunami no Japão, com mais de 4.000 mortos. Em 2013, o supertufão "Haiyan", deixa nas Filipinas 5.500 mortos e 1.757 desaparecidos. Em 2014, os desastres naturais provocaram 7.700 mortes e 93 biliões de euros em prejuízos. Em todos os anos existem inúmeros eventos catastróficos, sempre com vítimas mortais, com feridos, deslocados, evacuações em massa e perturbações graves do quotidiano das comunidades.

Defende-se, nas mais variadas sedes, que as alterações climáticas são a causa da maior intensificação dos eventos atmosféricos extremos que, implicando a subida da temperatura média do ar e dos oceanos provoca, com o degelo das calotes polares, um

aumento do nível da água em todo o planeta. Importa, no entanto, sublinhar que os sismos ficam afastados dessa equação, sendo eles dos maiores causadores do número de mortos e de prejuízos.

Portugal também tem enfrentado um conjunto de adversidades que, no dia-a-dia, vão testando as capacidades operacionais e técnicas do sistema de proteção civil e, em especial, dos agentes que o integram e já agora, cada vez mais, nos apontam uma cada vez maior necessidade dos cidadãos adquirirem outras competências individuais, como verdadeiros alicerces de um sistema que a todos importa e a todos diz respeito, numa empenhada atividade de uma cidadania participada e informada. As cheias/inundações, os fogos florestais, as secas e algumas ondas de calor ou golpes de frio, têm acompanhado alguns incêndios urbanos e industriais significativos, como eventos de maior relevância em Portugal. Podem ficar, como exemplo, na última década, as secas de 2004 e 2006, que atingiram o território nacional de forma severa. Os temporais, em Torres Vedras e em Portimão, em 2009, que provocaram elevadíssimos prejuízos, especialmente na agricultura. A chuva intensa e os aluviões, que provocaram cerca de 50 vítimas mortais e 250 desaparecidos em 2010, na ilha da Madeira e o mini-tornado, avistado às 16:30 do dia 14 de Abril de 2010 no rio Tejo, como evento incaraterístico, mas que pode, como se demonstrou, também ele acontecer em território nacional. Há, como se pode testemunhar na página do IPMA, uma permanente atividade sísmica e ninguém garante que não possa ocorrer, a qualquer momento, um sismo de grande intensidade como o de 1755.

A Protecção Civil é uma atividade pluridisciplinar e plurisectorial, considerada transversal à sociedade, em relação à qual se vem vincando o entendimento de que se deve considerar determinante a participação cívica e ativa dos cidadãos no sentido de que o envolvimento de cada um de nós é fundamental para a criação de uma verdadeira cultura de segurança.

A Lei sempre considerou o cidadão como parte fundamental do sistema de Protecção Civil e da Defesa Nacional, em teoria e desde o início do processo legislativo, mas, apesar disso, existem, em todos os desastres, inúmeras provas bem enterradas debaixo dos escombros de que era possível fazer muito melhor, resultar em menores prejuízos e salvar mais vidas.

Num qualquer acidente, a qualquer hora ou em qualquer lugar, cada um de nós está sozinho. Não tem ao pé de si um bombeiro, um polícia, um médico ou um qualquer dos Agentes de Protecção Civil que integram a versão oficial da designação, por definição legal, espelhada no artigo 46º da Lei de Bases da Protecção Civil¹. A verdade é essa pessoa vai estar tanto mais tempo sozinha, quanto maior for o acidente em que se vê envolvida e a sensação de que está inteiramente por sua conta, num momento em que tudo lhe corre mal, é que lhe vai fazer tomar a consciência de que ela é o verdadeiro primeiro Agente de Protecção Civil e o mais interessado na sua segurança, da sua família e da comunidade de proximidade em que se insere. A vida humana é demasiado importante para depender do acaso e se as pessoas não forem treinadas para agir em situação de emergência a ter calma e a saber os procedimentos que devem adotar, a verdade é que podemos assistir a comportamentos menos próprios. O pânico e o medo são fenómenos individuais e racionais e tendem a transformar-nos, muitas vezes, em pessoas piores.

De tudo isto resulta como grande objetivo deste trabalho vincar o conceito da cultura de segurança, no sentido de que os cidadãos são, neste mundo novo, ao mesmo tempo, os protagonistas e os primeiros agentes ativos de proteção civil, quer no direito à informação sobre os riscos a que estão sujeitos no seu dia-a-dia, quer no fundamental e inalienável dever de adoção de medidas preventivas e de comportamentos de autoproteção adequados, que muito vão contribuir para uma melhoria da sua situação na ocorrência de um acidente, como se pode verificar pelo questionário realizado aos comandantes de bombeiros de todo o País (p. 87).

Apesar do Presidente da Escola Nacional de Bombeiros, José Ferreira (2015, CPE:123) considerar que “as populações não estão sensibilizadas para esta matéria”, qualquer um, desde que envolvido numa situação de emergência, tem a seu cargo desempenhar um papel fundamental, já que os serviços de proteção e socorro nunca, mas nunca, serão suficientemente rápidos a prestar os cuidados necessários nos primeiros instantes. É aqui que cabe ao indivíduo a missão de proteger a sua vida, a da sua família e a dos seus próximos, sejam eles os vizinhos ou quem necessite de socorro, obviamente de acordo com procedimentos antecipadamente conhecidos, apreendidos e bem treinados.

¹ Imprensa Nacional Casa da Moeda. (3 de Agosto de 2015). *Lei de Bases da Protecção Civil - Lei n.º 27/2006, de 3 de julho, (republicação do Diploma), alterada pela Lei Orgânica n.º1/2011, de 30 de novembro e pela Lei n.º 80/2015 de 3 de agosto*. Obtido a 8 de Setembro de 2015, de Diário da República Eletrónico: <https://dre.pt/application/conteudo/69927759>.

Neste sentido, subscreve esta opinião o Comandante de Bombeiros (2015, CPE, ID12:149) que referiu que “um cidadão que está consciente do meio e riscos que o rodeiam e que se preocupa com a sua segurança atuará, na ocorrência de um incidente, de forma mais esclarecida começando ele mesmo a desenvolver as primeiras ações de socorro”. Importa fazer crer às pessoas que o seu comportamento pode fazer a diferença, que a atitude de cada um é um fator variável na equação que pode conduzir a excelentes resultados, ou não.

Espera-se, também, que este conhecimento prévio possa contribuir para uma melhor colaboração ativa com as autoridades e agentes de proteção civil, opinião vincada pelo Comandante de Bombeiros, (2015, CPE, ID25:149), que referiu que, “quando deparamos com pessoas com conhecimentos na matéria, regra geral são um forte apoio no desenvolvimento das ações de socorro” e o registo de um outro Comandante de Bombeiros inquirido (2015, CPE, ID115:151), que afirma que a “cadeia de socorro e a eficiência da ação dos meios de socorro começa no alerta, daí a importância de uma população informada. De relevar ainda os atos praticados antes da chegada dos meios de socorro são fundamentais”, ficando como última nota a de um outro Comandante de Bombeiros, (2015, CPE, ID226:154), que refere que “uma sociedade consciente é metade do trabalho numa operação de socorro”.

Para divulgar e impulsionar esta interação entre o cidadão e a Proteção Civil e com o sentido de estimular a participação, responsabilização e acompanhamento dos cidadãos, autoridades e agentes de proteção civil e demais entidades envolvidas, a Autoridade Nacional de Protecção Civil (ANPC) criou, estruturou e implementou um Sistema de Informação de Planeamento de Emergência (SIPE). Esta plataforma permite o acesso público, através de uma plataforma web², a diversos planos de emergência de proteção civil dos diversos níveis territoriais, o que facilita a rápida consulta dos seus conteúdos a quem a eles pretenda aceder. Sendo certo que não estão disponíveis todos os Planos, a verdade, como se irá observar aquando da apresentação dos resultados do questionário (p. 69), é que o cidadão comum não conhece e, pelos vistos, não se preocupa em conhecer, os Planos da sua área de residência ou de trabalho, por este processo ou por consulta direta na sua autarquia. Ele não é estimulado, sensibilizado, nem mesmo bem informado desta possibilidade, desconhecendo-a para além do mais.

² ANPC. *SIPE – Sistema de Informação de Planeamento de emergência – apresentação e gestão*. Obtido a 8 de Setembro de 2015 de <http://planos.prociv.pt/Pages/PlanosEmergencia.aspx>

Helder Silva, Presidente da Câmara de Mafra (2015, CPE:124) considera que a “esmagadora maioria da população e das entidades privadas não estão conhecedores dos riscos a que estão sujeitos”. O comandante Jaime Soares, Presidente da Liga de Bombeiros Portugueses (2015, CPE:122), considera que a “população em geral, ..., continua a não dar a devida importância sobre estes meios de prevenção que tão úteis e necessários são para evitar maiores males”, segue, concluindo, o Eng^o Pedro Lopes, Diretor Nacional de Bombeiros da ANPC (2015, CPE:121), a afirmar que, “infelizmente, a população portuguesa tem uma muito baixa cultura de segurança, não se preocupando em conhecer os riscos que a podem afetar e, muito menos, as medidas de atuação em situação de emergência.”

O êxito na gestão dos riscos em qualquer nível, local, regional ou nacional, ocorre onde, em simultâneo, se cumpram duas condições: por um lado, ter ao seu dispor um conjunto de entidades bem apetrechadas e competentes, que respondam com eficácia e elevado grau de prontidão às necessidades dos cidadãos; por outro e não menos importante, poder contar com cidadãos interessados, participativos e mobilizados em torno da causa da segurança, da qual são os primeiros interessados. Opinião reforçada pelo inquirido Comandante de Bombeiros (2015, CPE, ID187:153), que referiu ser “de primordial importância pois só com uma população sensibilizada, podemos contar com uma população preparada para minimizar os riscos durante a emergência bem como prevenir essas situações. A prevenção só se faz com a população sensibilizada e o êxito à resposta de emergência só se consegue com a preparação da população. A sensibilização e a resposta à emergência estão intimamente relacionadas” e a de um outro Comandante de Bombeiros (2015, CPE, ID94:151), que afirma que “a Protecção Civil começa em todos nós enquanto cidadãos, somos nós os primeiros a intervir e nesse sentido devemos ter conhecimento de como fazer pequenos gestos que podem ajudar a salvar”.

Educar para a segurança é, sem dúvida, educar para a prevenção. Manuel João Ribeiro, responsável do Serviço Municipal de Proteção Civil de Lisboa (2015, CPE:125), refere que a educação é “de uma importância que reputo de estratégica, na medida em que poderá sedimentar atitudes e comportamentos adequados de adaptação aos riscos, podendo evitar situações que de outra forma podem agravar as consequências decorrentes dos acidentes graves e catástrofes” e Helder Silva, Presidente da Câmara de Mafra (2015, CPE:124), foca referindo que “o nível municipal é aquele onde existe maior capacidade e proximidade e por essa via, deviam ser criados modelos de ações de sensibilização, para

serem difundidos pelos serviços municipais de proteção civil, uniformizados a nível nacional, mas ajustados à realidade local, para que através das escolas, das instituições e das empresas privadas, fosse possível criar uma verdadeira cultura de risco e de autoproteção” e continua, defendendo a “existência de uma disciplina, onde assuntos de Proteção Civil, onde se incluem os riscos e a capacidade de resposta em situações de emergência, deve ser seriamente ponderada.”

A escola é fator de integração na sociedade e espaço dinâmico de transmissão de saberes, constituindo-se o vetor principal de formação do futuro cidadão. Na preparação do aluno para a vida ativa e para o exercício da cidadania, espaços de formação que têm sido pouco considerados, surge a necessidade de reforçar a transmissão de competências e conhecimentos aos alunos num conjunto de áreas distintas: identificação dos riscos, procedimentos de emergência, medidas de prevenção, autoproteção, primeiros socorros, planeamento de emergência, identificação de sinalética, reconhecimento do espaço envolvente, entre outros.

A construção de uma cultura de prevenção e de segurança deve ser uma realidade permanente, visando o desenvolvimento de valores que levem a encarar a proteção civil como uma responsabilidade coletiva, partilhada, inerente ao pleno exercício de direitos e de deveres de cada um.

Ao nível da metodologia utilizámos duas abordagens quantitativas, respetivamente um inquérito aos trabalhadores da SCML e um outro aos Comandantes dos Corpos de Bombeiros de Portugal e, numa abordagem qualitativa, fizemos entrevistas a entidades significativas da área do socorro e da proteção civil, registando a sua opinião.

Pretendeu-se, em relação aos trabalhadores da SCML, direccionar o estudo no que diz respeito à Cultura de Segurança obtendo respostas para o ambiente de trabalho e para a sua vida em casa. Foi, por isso, importante determinar o seu grau de consciência relativamente às questões da Segurança e da Cultura de Segurança, em particular, bem como perceber, já no segundo estudo, o que pensam os comandantes de corporações de bombeiros de Portugal relativamente ao cidadão em geral.

As linhas da investigação foram as seguintes:

- Qual a perceção dos trabalhadores da SCML acerca dos riscos naturais e dos incêndios urbanos;

- Qual a perceção dos comandantes de corporações de bombeiros de Portugal acerca do comportamento dos cidadãos, face às questões da segurança;
- Qual a opinião de entidades significativas, responsáveis de topo de instituições/serviços da área da proteção civil;

Pretendemos, como objetivo, responder à questão:

Será o cidadão um agente de proteção civil e que, estando melhor preparado, ele tem maior probabilidade de sobreviver?

Como objetivos específicos são?

- Determinação do grau de conhecimento das regras básicas de segurança em casa;
- Atitude face a determinados perigos e desastres naturais;
- Segurança no local de trabalho;
- Em que medida a população em geral está sensibilizada sobre como atuar em situações de risco;
- Em que medida o conhecimento dos cidadãos condiciona a capacidade de resposta dos bombeiros em diferentes situações.
- Importância da Formação/Sensibilização do cidadão no sentido da Cultura de Segurança.

Quanto à motivação própria para este trabalho, o autor tem, há mais de 30 anos, uma relação de proximidade ao universo da Proteção Civil. Foi inicialmente formador, no ano de 1985 e depois Comandante da Unidade de Socorro da Cruz Vermelha Portuguesa da Figueira da Foz durante 2 anos, tendo ficado, depois disso, ligado à sua Delegação com a responsabilidade da área da Juventude. Exerce, desde 1997, a presidência da Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários da Figueira da Foz, sendo esta atividade entendida na linguagem comum como de “bombeiro sem farda” e desde 1999, que vem sendo eleito para vários cargos nos órgãos sociais da Liga de Bombeiros Portugueses. É, desde 2011, Presidente do Conselho Fiscal da LBP. Foi coordenador do Serviço Municipal de Proteção Civil da Figueira da Foz 8 anos, entre 1997 e 2005, tendo integrado a Comissão Especializada de Proteção Civil da Associação Nacional de Municípios durante 4 anos.

Profissionalmente, é dirigente da SCML, com responsabilidade na área da Segurança em todo o seu universo. Manteve e mantém, assim, uma relação próxima e, até, por vezes direta, com a área da proteção civil.

A dissertação desenvolver-se-á em seis capítulos. Do primeiro ao quinto, ocorre a revisão da literatura, sendo o sexto a análise à investigação, seguida das conclusões.

No primeiro capítulo aborda-se o enquadramento do tema, a evolução histórica da defesa civil e a criação e evolução do termo proteção civil e abordam-se os conceitos de risco, catástrofe e cultura de segurança.

No segundo capítulo apresenta-se o sistema de proteção civil, nos seus escalões municipal, distrital/regional e nacional e espelha-se o que são agentes de proteção civil, quais os órgãos operacionais e a coordenação institucional, bem como a gestão da emergência nas suas mais diversas componentes.

No terceiro capítulo expõem-se a estratégia metodológica, os objetivos do trabalho, seguindo-se o Universo e a Amostra. Conclui-se com a caracterização da amostra e as técnicas de recolha e tratamento de dados.

No quarto capítulo faz-se a apresentação e a análise dos resultados obtidos nos 2 questionários, individualmente, intercalando registos das entrevistas efetuadas aos responsáveis de topo da área da proteção civil.

Ficou em anexo a investigação do NIST ao acidente do WTC, pela sua singularidade e reforço ilustrativo, bem como as respostas das entidades significativas na Proteção Civil, os inquéritos efetuados, os extratos identificados por ID dos Comandantes de CB e, finalmente, as tabulações obtidas a partir dos inquéritos.

Capítulo I

Enquadramento e conceitos

Enquadramento

A Proteção Civil é uma criação recente, tendo sucedido à defesa civil. A este respeito, José Piedade Laranjeira (1987:104), refere:

“é notório que nos países em que o fator «crise ou guerra» poderá ser a causa primeira de uma catástrofe, ou nos países preocupados com esta hipótese, pela sua posição geográfica em relação ao possíveis futuros teatros de guerra, ou ainda aos países com boa situação económica, se verifica a preocupação da criação de condições que estão básica e diretamente ligadas ao que, com toda a propriedade, se pode chamar «defesa civil» ou «defesa passiva», em que são programadas e executadas, em tempo de paz, medidas a impor à população civil, em tempo de guerra, com o objetivo de proteger os cidadão e os bens fundamentais, de modo a reduzir as consequências da luta ou a provocar a desistência do potencial agressor em caso de crise.”

Encontramos hoje, assim, a "proteção civil" no espaço europeu e a "gestão de emergências" nos Estados Unidos, como expressões que mais se identificam com a proteção da população civil em tempo de paz, em especial na abordagem de acidentes graves ou catástrofes, para além de se afirmar, também, como objetivo da sua proteção em eventual tempo de guerra. A este propósito Laranjeira (1987:104) referiu sobre o que considerou Proteção Civil:

“nos países onde as calamidades naturais – sismos; inundações; deslocações de terras, incêndios na indústria, nas refinarias e nas florestas, etc. – criam situações que originam catástrofes com graves consequências para os seus habitantes e para o meio ambiente em que vivem, a preocupação dominante dos seus dirigentes é a de estabelecerem organismos que tenham por primeira preocupação desenvolverem sistemas que têm por objetivo a prevenção, o combate e a recuperação das consequências, dos acidentes e das catástrofes de todos os géneros.”

E mais adiante conclui que (...):

(...)“A «proteção civil» avança pela prevenção; pela análise dos riscos; pela determinação das medidas de proteção; pela planificação e coordenação dos meios

para combater e atenuar as consequências das catástrofes naturais ... do aviso e alerta; das evacuações e alojamento das populações; da assistência sanitária; da recuperação dos serviços públicos essenciais.” (Laranjeira, 1987:105)

Em Portugal, durante a segunda guerra mundial, o Governo, com o objetivo de proteger as populações e os órgãos vitais do País, criou a Defesa Civil do Território (DCT) pelo Decreto-Lei n.º 31 956 de 2 de Abril de 1942.³ Esta medida tinha como objetivo assegurar o regular funcionamento, em tempo de guerra ou de grave emergência, das atividades nacionais e sublinha, desde logo no seu artigo 1º, que esta decisão interessa a toda a população. Entre outras curiosidades do diploma, sublinho o que se espelha no artigo 4º quando se afirma: “para a defesa civil do território são obrigados a concorrer todos os indivíduos de nacionalidade portuguesa, independentemente da idade ou do sexo” e no artigo 6º, quando se referia que: ”para a elaboração dos planos de defesa locais das aglomerações urbanas deverão ser sempre ouvidos os presidentes das Câmaras Municipais”, enfim, aqueles que são hoje a Autoridade Municipal de Protecção Civil conforme referido no número 1, do artigo 5º, da Lei nº 65/2007, de 12 de Novembro.⁴

A Lei nº 2093, de 20 de Junho de 1958⁵, veio, mais tarde e já depois do fim dos conflitos armados da segunda grande guerra, reorganizar a Defesa Civil do Território, permanecendo o quadro em vigor até depois do 25 de Abril de 1974, com a criação do Serviço Nacional de Protecção Civil (SNPC), através do Decreto-Lei n.º 78 de 22 de Fevereiro de 1975.⁶

Referia este diploma que “considerando que compete ao Governo limitar os riscos que impendem sobre a população civil e reduzir os danos causados aos recursos materiais e bens de toda a natureza repartidos pelo território nacional que sejam devidos a catástrofes

³ Imprensa Nacional Casa da Moeda. (2 de abril de 1942). Defesa Civil do Território – Decreto-lei n.º 31956/1942, de 2 de abril. Obtido a 8 de Setembro de 2015, de Diário da República Eletrónico: <http://www.dre.pt/pdfs/1942/04/07600/02980299.pdf>

⁴ Imprensa Nacional Casa da Moeda. (12 de novembro de 2007). Lei n.º 65/2007, de 12 de Novembro, Diário da República nº 217/07 – 1ª série, Assembleia da República, Define o enquadramento institucional e operacional da proteção civil no âmbito municipal, estabelece a organização dos serviços municipais de proteção civil e determina as competências do comandante operacional municipal. Obtido a 8 de Setembro de 2015, de Diário da República Eletrónico: <https://dre.pt/application/dir/pdfs/2007/11/21700/0835308356.pdf>

⁵ Imprensa Nacional Casa da Moeda. (20 de junho de 1958). Bases da organização da Defesa Civil do Território – Lei n.º 2093/1958, de 20 de junho. Obtido a 8 de Setembro de 2015, de Diário da República Eletrónico: <http://dre.tretas.org/pdfs/1958/06/20/dre-299774.pdf>

⁶ Imprensa Nacional Casa da Moeda. (22 de fevereiro de 1975). Cria o Serviço Nacional de Protecção Civil (SNPC) – Decreto-lei n.º 78/75, de 22 de fevereiro. Obtido a 8 de Setembro de 2015, de Diário da República Eletrónico: <https://dre.pt/application/file/a/160200>

naturais ou emergências imputáveis à guerra, tarefa que futuramente se achará integrada nas missões do Serviço Nacional de Protecção Civil, agora em fase de estudo e organização”, tendo somente cinco anos depois, sido publicado o Decreto-Lei que tratava da organização, atribuições e competências do SNPC, nascendo com ele o Sistema Nacional de Protecção Civil.

Observando ainda o referido Decreto-Lei nº78/75 de 22 de fevereiro, importa sublinhar o seu artigo 1º, onde se assinala que “é criado na dependência do Ministério da Defesa Nacional o Serviço Nacional de Protecção Civil (SNPC), que, apoiado na espontânea vontade dos cidadãos se entreajudarem, tem por objetivo...”. Mais uma vez é considerado fundamental o apoio dos cidadãos e parte-se do princípio, até, que o fazem de espontânea vontade.

É este o momento em que se abandona o termo Defesa Civil, criado em 1942, e passa a ser usada a terminologia ainda atual de “Protecção Civil”.

Esse conceito reforça-se em 1980, com o Decreto-Lei nº 510, de 25 de Outubro.⁷ Nele, logo no ponto 2 do corpo do diploma, fica claro que há uma função e um serviço e que a primeira, como atividade multidisciplinar e plurisectorial, diz respeito a todas as estruturas da sociedade, responsabilizando cada um e todos os cidadãos e que o Serviço é o instrumento do Estado capaz de dar execução às determinações da tutela.

Em 1991 é publicada a Lei nº 113, de 29 de Agosto⁸, (Lei de Bases da Protecção Civil) que, no que a este trabalho diz respeito, expressa logo no seu artigo 1º que a “protecção civil é a atividade desenvolvida pelo Estado e pelos cidadãos com a finalidade de prevenir riscos coletivos inerentes a situações de acidente grave, catástrofe ou calamidade, de origem natural ou tecnológica e de atenuar os seus efeitos e socorrer as pessoas em perigo, quando aquelas situações ocorram”. Neste diploma, o legislador determina, concretizando em afirmação, sem dúvida, que a protecção civil é desenvolvida pelos cidadãos. Integra, para além deste conceito, um espaço próprio para tratar a questão da informação e formação dos cidadãos no artigo 8º, onde aponta que eles têm “direito à

⁷ Imprensa Nacional Casa da Moeda. (25 de outubro de 1980). Serviço Nacional de Protecção Civil (SNPC) – Decreto-lei n.º 510/80, de 25 de outubro. Obtido a 8 de Setembro de 2015, de Diário da República Eletrónico: <http://dre.pt/pdf1sdip/1980/10/24800/36033614.pdf>

⁸ Imprensa Nacional Casa da Moeda. (29 de agosto de 2015). *Lei de Bases da Protecção Civil - Lei n.º 113/1991, de 29 de agosto*. Obtido a 8 de Setembro de 2015, em: http://www.proteccaocivil.pt/Legislacao/Documents/Lei_n._113.91_1.a_lei_de_bases.pdf.

informação sobre os riscos graves, naturais e tecnológicos, em certas áreas do território e refere, no seu número 2 que a “informação pública visa esclarecer as populações sobre a natureza e os fins da proteção civil”. Explica que tal tem como objetivo “consciencializá-las das responsabilidades que recaem sobre cada indivíduo e sensibilizá-las em matéria de autoproteção.”

Pela primeira vez, de forma expressa, o Estado compromete-se a integrar, no ponto 3 do artigo 8º referido, matérias de proteção civil e autoproteção nos programas de ensino, nos seus mais diversos graus, o que revela assumir em letra de lei a responsabilidade do Estado na formação e o dever do cidadão na aprendizagem.

No artigo 9º da já referida Lei nº 113/91, de 29 de Agosto ficou claramente expresso o dever de colaboração dos cidadãos na prossecução dos fins da proteção civil, salvaguardadas as disposições preventivas das leis e dos regulamentos, com a nota de que devem acatar ordens, instruções e conselhos dos órgãos e agentes responsáveis pela segurança interna e pela proteção civil, devendo satisfazer prontamente as solicitações que lhes sejam efetuadas pelas referidas entidades. Neste artigo trata-se, também, no seu número 2, dos deveres de colaboração dos funcionários e agentes do Estado e das pessoas coletivas de direito público e segue o número 3 tratando da área privada, nos mesmos termos.

Ainda no quadro da mesma Lei se asseverou que a desobediência e a resistência às ordens legítimas das entidades competentes serão sancionadas nos termos da Lei penal, desde que praticadas em situação de acidente grave ou catástrofe e mais, agrava-as na sua moldura penal em um terço.

Fica, assim, muito clara a participação do cidadão comum no âmbito da lei de bases da proteção civil, porque a integra, porque nela é enquadrado e porque para além dos deveres nela expressos, é penalizado se não os cumprir.

Definição de conceitos

De entre os conceitos mais utilizados e de maior alcance, no quadro da proteção civil e socorro, considerando o facto de ser muito recente o estudo desta matéria, optou-se por focar em três deles: O Risco, a Catástrofe e a Cultura de Segurança.

Fica a sua definição, conduzindo a que, no texto, fiquem esclarecidos os termos ou as expressões que, ao longo do tempo, têm sido utilizados, algumas delas até com diversos significados.

Risco

“Não há risco sem uma população ou indivíduo que o perceba e que poderia sofrer seus efeitos. Correm-se riscos, que são assumidos, recusados, estimados, avaliados, calculados. O risco é a tradução de uma ameaça, de um perigo para aquele que está sujeito a ele e o percebe como tal.”

(Veyret , 2007:11)

Considerando a Lei de Bases da Proteção Civil e o que nela se espelha, atendendo a que um dos seus objetivos fundamentais é a prevenção de riscos coletivos e a ocorrência de acidentes graves ou de catástrofes, importa agora caracterizar o Risco, e, com isso, ter a oportunidade, como nos aponta a ANPC, para proporcionar um melhor conhecimento do risco⁹.

Pretende-se fazer uma abordagem ao conceito e ao termo Risco que, provavelmente, enquanto palavra, terá derivado de um termo náutico espanhol, que significa correr para o perigo ou ir contra uma rocha, focado em investigadores e autores que partilharam importantes contributos nesta área, de que se destaca Ulrich Beck - que faleceu em Janeiro deste ano, obtidos a partir do catálogo da Revista Bibliográfica de Geografia e Ciências Sociais da Universidade de Barcelona¹⁰, incluindo, de igual forma, referências dos Professores Doutores Fernando Rebelo, António Amaro e Luciano Lourenço.

Garcia-Tornel, professor da Universidade de Múrcia, afirmou que a forma como o meio ambiente foi tratado, ao longo dos anos, condiciona a análise do risco, em função das

⁹ http://www.prociv.pt/Documents/CTP9_www.pdf (consultado a 19 de outubro de 2015)

¹⁰ <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-455.htm> (consultado a 19 de outubro de 2015)

características específicas de cada sociedade (Garcia-Tornel, 2001). Nas sociedades, por alguns afirmado como antigas, o risco era entendido como uma fatalidade, dado que elas só se confrontavam com o frio, o calor, as secas, as inundações, os fogos, etc. – com um evidente reduzido contributo tecnológico. Já Fernando Rebelo, citado por Luciano Lourenço *et al*, afirma “militares, e políticos, industriais e agentes seguradores, economistas e engenheiros, sociólogos e médicos, fizeram análises de risco, falaram dele e escreveram sobre ele durante anos e anos sem terem o necessário suporte científico. E, se não usaram a palavra, frequentemente aplicavam a ideia” (Lourenço, 2013:8)

Para Ulrich Beck (2006), o acompanhamento dos riscos desde o passado até à atualidade, é fundamental para a compreensão do risco, chegando mesmo a comparar os riscos a que esteve sujeito Cristóvão Colombo, com os riscos a que hoje estamos sujeitos afirmando que eles são muito diferentes, dado que são globais, podendo mesmo colocar em risco a sobrevivência da vida na Terra. Sublinha que eles são a consequência de causas técnico-científicas, resultantes do processo industrial.

Já Anthony Giddens (2002), considera que o risco moderno é muito melhor compreendido se comparado ao pré-moderno, quando este era marcado exclusivamente por causas naturais. Aponta que o Risco, no mundo Ocidental, é relacionado diretamente com o conceito de perigo, quer as pessoas estejam ou não conscientes dele, ou seja, codificamos como “riscos” os perigos, convencidos que podemos exercer controlo, por pouco que seja, sobre eles. Fernando Rebelo (1999:3), já citado, referiu que “a noção de risco é, portanto, uma daquelas noções a que chamamos de pré-científicas. Por outras palavras, não existia ainda qualquer ciência do risco e toda a gente falava dele. Talvez por isso, muitas pessoas sempre confundiram a noção de risco com a de perigo”.

Isso não significa, Giddens (2002), que as sociedades ocidentais estejam mais expostas aos perigos do que as suas antecessoras. O risco não é, claramente, algo de novo, o que é novo, é que é a própria sociedade a gerar o risco e a encontrar formas de naturalizar a convivência com ele e com as suas consequências, tornando-se, assim e como resultado disso, numa Sociedade de Risco.

Apesar de ser aceite por vários autores, que a sociedade contemporânea é uma “sociedade de risco”, termo criado por Beck (1986) que definiu as suas características: a

reflexividade, a globalização e a individualização. Esta nova fase de “Modernização reflexiva”¹¹, referia já o autor num livro escrito em conjunto com Anthony Giddens e Scott Lash (1997), seria o produto dos avanços técnicos e científicos e da própria radicalização da produção industrial, que acarretam uma série de impactos sobre o relacionamento entre as pessoas, em sociedade, produzindo, de igual forma, uma quantidade de diversas ameaças para o meio ambiente.

Segundo Giddens (1991), a sociedade obrigou-se a uma capacidade de reflexão sobre si mesma, com a condição presente que leva a pensar sobre o estilo de vida, seus riscos e efeitos para a população, ou seja permite que reconheçamos as incertezas criadas pelo próprio desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

Trata-se, assim, de uma sociedade na qual a produção social de riqueza, é acompanhada, sistematicamente, pela produção social de riscos (Beck, 2006). As novas tecnologias têm sido acompanhadas, por um lado, de uma erosão significativa sobre os recursos naturais renováveis e não renováveis e, por outro de uma produção, sem precedentes de substâncias nocivas que em muito poluem a água, o ar e o solo, que contaminando os lençóis freáticos e, com isso, pondo em perigo a vida na Terra. Ulrich Beck afirma que este tipo de riscos não respeita as fronteiras dos Países uma vez que seus perigos se distribuem em todas as direções e, não sendo específicos de uma classe social, a atual configura-se como uma “sociedade catastrófica”.

Segundo Garcia-Tornel (2001), quando o ritmo das transformações passa a ser acelerado e ultrapassa o tolerável, existe o risco, através de uma situação que conduz à catástrofe. Diz mais, que “pensar em risco num contexto puramente natural não tem sentido; pois a medida do risco é humana”. No entanto, salienta, “o risco não deve ser confundido com catástrofe, apesar de estar intimamente relacionado”, pois “o risco é uma situação que implica em perigo e que pode ou não caminhar para um desenlace catastrófico” (Garcia-Tornel 2001:12).

Veyret, por seu lado, afirma que o risco, sendo diferente de catástrofe, é “a percepção de um perigo possível, mais ou menos previsível por um grupo social ou por um

¹¹ Beck, Ulrich, (1997). “Modernização reflexiva” significa a possibilidade de uma (auto)destruição criativa para toda uma era: aquela da sociedade industrial.1 O “sujeito” dessa destruição criativa não é a revolução, não é a crise, mas a vitória da modernização ocidental.”

indivíduo” e pode ser definido como “a representação de um perigo ou álea (reais ou supostos) que afetam os alvos e que constituem indicadores de vulnerabilidades” (Veyret, 2007:30). Entende a autora que o risco é a percepção por um indivíduo ou por um grupo social que apreende o risco através de representações mentais, passando a entendê-lo e a conviver com ele numa compreensão apurada no contexto de sua ocorrência e no contexto que os produziu.

Segundo Giddens, risco corresponde a “infortúnios ativamente avaliados em relação a possibilidades futuras” (2003:33). Portanto, o termo tem um sentido amplo para as sociedades que entendem o futuro como um espaço a ser conquistado e adianta mais, afirmando uma sociedade que se quer afirmar, não pode deixar o seu futuro confiado à religião, a tradição ou aos caprichos da natureza.

Paul Slovic (1987) afirma que os riscos não possuem um atributo específico, relacionado diretamente com um perigo. Cada situação, ela própria, define, pelo conhecimento humano sobre o perigo, qual o risco e a sua relação com ele e prossegue apontando que o volume de informação sobre uma situação determinada e suas prováveis consequências é que qualifica o risco. Assim, conclui, entender a subjetividade e a percepção natural dos riscos são desafios para a psicologia.

Valerie November diz-nos que o risco é “qualquer coisa de potencial, ou seja, que ainda não aconteceu, mas que é pressentida como algo que se transformará num evento prejudicial para os indivíduos ou coletividade de um dado espaço” (November, 2004:274).

Fernando Rebelo (1999) refere que “a “teoria do risco” se organiza em torno de três conceitos – primeiro o de risco, propriamente dito, depois o de perigo e a culminar o de crise.” E exemplifica com um exemplo concreto:

“pensemos numa viagem por estrada. Sabemos dos riscos que corremos quando entramos num automóvel – pode acontecer um acidente ou uma avaria, podemos adoecer... No entanto, só de vez em quando nos surge o sinal de perigo – na estrada uma lomba, curvas apertadas, áreas inundáveis, áreas sujeitas a ventos, cruzamentos, obras ou, na própria viatura, o avisador de falta de água, de falta de óleo, de falha nos travões ou, ainda, em nós próprios, dores de cabeça, dores no peito, etc... a ideia de perigo traz-nos sempre um sentimento de proximidade de algo que nos pode causar

dano. Felizmente, a crise (que neste exemplo será o acidente, a avaria ou a doença) é rara, embora gostássemos que nunca acontecesse.” (Rebelo, 1999:4)

Quanto ao tipo de riscos e focando nos riscos naturais e nos riscos tecnológicos, Valerie November refere que os primeiros implicam “na possibilidade ou probabilidade de eventos catastróficos de origem natural: inundações excepcionais, avalanches, terremotos, secas prolongadas, ciclones, tsunamis, proliferação de insetos nocivos”, referindo que os riscos ambientais são “aqueles que surgem, ou são transmitidos pelo ar, água, solo ou pela cadeia alimentar para o homem”. Os segundos, os tecnológicos, são relacionados com “eventuais acidentes em estabelecimentos industriais: vazamento de gases ou líquidos tóxicos, explosões, radioatividade” (November, 2002:151).

Já Yvette Veyret (2013) defende que há diferentes fatores geradores de riscos, que, ao interagirem uns com os outros, levam a que se considere existir riscos que pertencem ao, mesmo tempo, a diversas categorias. Define, então, os riscos naturais, classificados no grupo dos riscos ambientais, como aqueles que um grupo social ou um só indivíduo pressente e percebe, em resultado da ação de um processo físico. Exemplifica com terremotos, desmoronamentos de solo e erupções vulcânicas, e mais afirma, referindo que podem ser resultantes da ação de chuvas, de nevões ou de secas.

Manuel João Ribeiro (2015, CPE:121), afirma que “é deficitário o conhecimento que as populações e as entidades de uma forma geral têm dos comportamentos preventivos e das medidas de autoproteção para lidar com os fatores de risco”, concluindo e como refere a ANPC no seu “Guia para a caracterização de Risco no âmbito da elaboração de planos de emergência de proteção civil” que, pretendendo criar uma matriz de risco, devemos utilizar o modelo apresentado no Quadro I e “baseia-se no grau de gravidade e de probabilidade associados ao risco em análise. Com base nos cenários escolhidos e nos elementos identificados na situação de referência, deverá ser estimado o grau de gravidade associado à ocorrência de cada cenário, considerado no âmbito da caracterização de risco”. (ANPC, 2009:19)

Quadro I : Grau de Risco

Probabilidade elevada	Risco baixo	Risco moderado	Risco elevado	Risco extremo	Risco extremo
Probabilidade média alta	Risco baixo	Risco moderado	Risco elevado	Risco elevado	Risco extremo
Probabilidade média	Risco baixo	Risco moderado	Risco moderado	Risco elevado	Risco extremo
Probabilidade média baixa	Risco baixo	Risco baixo	Risco moderado	Risco elevado	Risco extremo
Probabilidade baixa	Risco baixo	Risco baixo	Risco moderado	Risco elevado	Risco extremo
	Gravidade residual	Gravidade reduzida	Gravidade moderada	Gravidade acentuada	Gravidade crítica

Fonte: ANPC, (2009:19)

Catástrofe

A Lei de Bases da Protecção Civil, no seu número 2 do Artigo 3º, afirma-nos que Catástrofe é “o acidente grave ou a série de acidentes graves, suscetíveis de provocarem elevados prejuízos materiais e, eventualmente, vítimas, afetando intensamente as condições de vida e o tecido socioeconómico em áreas ou na totalidade do território nacional”.¹² Como o ponto de partida é o acidente, importa deixar, desde já, que a ANPC o considera um “evento ou sequência de eventos não planeados, por vezes previsíveis, suscetíveis de provocar perdas ou danos humanos, materiais ou ambientais”.¹³ Fica apontado o alvo em termos de consequências, o que deve conduzir a um envolvimento imediato do cidadão numa situação em que, para além dos seus bens, ele próprio é a vítima. Regista-se o que se espelha no relatório da Investigação do NIST – National Institute of Standards and Technology, ao acidente do World Trade Center (Anexo 2:126), onde refere o comportamento do entrevistado nº 1000122, um ocupante do piso 20 do WTC1, em que diz que esperou que o edifício parasse de tremer e saiu logo do escritório, não tendo esperado por instruções de ninguém, numa atitude de decisão imediata, referida na página 204 do referido relatório, como de “self-evacuation”, o que terá contribuído para que se salvassem, só na torre 2, cerca de 3.000 pessoas.

¹² Imprensa Nacional Casa da Moeda. (3 de Agosto de 2015). *Lei de Bases da Protecção Civil - Lei n.º 27/2006, de 3 de julho, (republicação do Diploma), alterada pela Lei Orgânica n.º1/2011, de 30 de novembro e pela Lei n.º 80/2015 de 3 de agosto*. Obtido a 8 de Setembro de 2015, de Diário da República Eletrónico: <https://dre.pt/application/conteudo/69927759>. (consultado em 28 de agosto de 2015)

¹³ http://www.prociv.pt/GLOSSARIO/Documents/GLOSSARIO-31_Mar_09.pdf (consultado em 28 de agosto de 2015)

A ANPC deixa, igualmente, uma nota em que aponta o acidente como um evento que requer resposta das entidades normalmente designadas para o efeito, através de procedimentos de atuação pré-estabelecidos e rotinados (Quarantelli, 1987) o que nos impele para uma indiscutível necessidade de planear e de programar e nos prepararmos antecipadamente. Refere Luciano Lourenço que o acidente “implica o acionamento de um ou mais meios de função específica (Bombeiros, Polícia, GNR, INEM ...)”, apontando não existir “nenhuma ascendência de comando de uma organização sobre as demais envolvidas” nem há “necessidade de coordenação externa para a gestão da crise” (Lourenço, Luciano, 2003:91). A definição de acidente grave como “um acontecimento inusitado com efeitos relativamente limitados no tempo e no espaço, suscetível de atingir as pessoas e outros seres vivos, os bens ou o ambiente” ¹⁴ aparece, finalmente, espelhado no artigo 3º da Lei de Bases da Proteção Civil.

Retomando o termo catástrofe, a ANPC define-a, referindo como fonte as Nações Unidas no documento “International Strategy for Disaster Reduction. Terminology of disaster risk reduction, 2000”, como a “interrupção grave do funcionamento da sociedade, gerando extensos prejuízos humanos, materiais e ambientais, que a sociedade afetada não consegue superar com os seus próprios recursos. As catástrofes podem surgir de forma súbita ou podem ter evolução gradual. As catástrofes podem ter causa natural ou ser provocadas pelo Homem.” ¹⁵ Nesta abordagem importa registar o facto de que se considera a incapacidade da própria sociedade afetada de não conseguir, por si só, superar da crise e acolhe a ideia de que as próprias entidades Agentes de Protecção Civil sofrem danos nas suas infraestruturas ficando incapazes de responder com eficácia. Refere Luciano Lourenço que a catástrofe “pode afetar grandes áreas e, geralmente, o acesso às mesmas fica dificultado, podendo causar o colapso de linhas vitais, principalmente de comunicações, o que pode mesmo afetar todos os órgãos de resposta, quer por destruição da sua estrutura física, quer da lógica de intervenção” e adianta mais, numa emergência, “a resposta inicial não é dada pelos órgãos de socorro, mas sim pelos sobreviventes do desastre” (Lourenço, 2003:91). Uma Emergência é, conforme nos aponta a ANPC, registando como fonte (Drabek 1996, Sessão 2:3), “um acontecimento inesperado que

¹⁴ Imprensa Nacional Casa da Moeda. (3 de Agosto de 2015). *Lei de Bases da Proteção Civil - Lei n.º 27/2006, de 3 de julho, (republicação do Diploma), alterada pela Lei Orgânica n.º1/2011, de 30 de novembro e pela Lei n.º 80/2015 de 3 de agosto*. Obtido a 8 de Setembro de 2015, de Diário da República Eletrónico: <https://dre.pt/application/conteudo/69927759>. (consultado em 28 de agosto de 2015)

¹⁵ http://www.prociv.pt/GLOSSARIO/Documents/GLOSSARIO-31_Mar_09.pdf. (consultado em 28 de agosto de 2015)

coloca a vida e/ou a propriedade em perigo e exige uma resposta imediata através dos recursos e procedimentos de rotina da comunidade.”¹⁶ Se bem observarmos, atende e espera uma resposta imediata, que se pretende que cumpra os procedimentos de rotina de uma comunidade, ou seja, que o cidadão, ele próprio, agindo como primeiro agente de proteção civil, interfira positivamente na resolução da situação. Podemos apontar, como exemplo, o incêndio urbano, que pode ficar resolvido com uma pronta primeira intervenção, com os extintores existentes em casa ou no escritório ou não, se não existirem ou ninguém os souber usar. Isto no tempo pode repetir-se e, aí, considerou-se o Ciclo da Catástrofe que, segundo a ANPC, pressupõe “uma sucessão de factos ou acontecimentos que decorrem periodicamente e que, partindo de um determinado estado, voltam a si mesmo”.¹⁷

Adianta, também, que considera este ciclo dividido nas seguintes áreas:

- Prevenção (antes)
- Preparação da resposta (antes)
- Resposta à emergência (durante situações de acidente grave ou catástrofe)
- Recuperação ou reposição da normalidade (depois).

Considera, assim, que o ciclo das catástrofes se afirma em dois tempos fundamentais de atuação: o tempo de quietação, durante o qual devem ser atendidos os aspetos relativos à prevenção e à preparação e o tempo da ação efetiva, onde as etapas de resposta e de recuperação devem ser programadas, em antevisão, no documento plano de emergência, qualquer que ele seja.

Gomes Lopes publicou no site Segurança e Ciências Forenses um texto¹⁸, em Fevereiro de 2013, sobre o Plano Nacional de Emergência de Proteção Civil. Integra-o uma imagem, com grafismo de Miguel Silva, que ilustra o ciclo da catástrofe. O autor sobre ela refere que “nesta matéria são possíveis diversas abordagens, este ciclo apresentado tem por base Lemieux, Frédéric, *Désastres et crises majeures: Le dysfonctionnement du système, Traité de Sécurité Intérieure*, Éditions Hurtubise HMH

¹⁶ http://www.prociv.pt/GLOSSARIO/Documents/GLOSSARIO-31_Mar_09.pdf (consultado em 28 de agosto de 2015)

¹⁷ http://www.prociv.pt/GLOSSARIO/Documents/GLOSSARIO-31_Mar_09.pdf (consultado em 28 de agosto de 2015)

¹⁸ <http://segurancaecienciasforenses.com/2013/02/14/plano-nacional-de-emergencia-de-protecao-civil/> (consultado em 28 de agosto de 2015)

ltée, Montréal (Québec), 2007, p. 585 e ss, e Ulrich Boes numa apresentação a propósito do National PSI Meeting 2008, Sofia, Bulgaria.”



Fonte: Lopes, 2013

Fig. 1 – O Ciclo da Catástrofe

Cultura de Segurança

As sociedades modernas procuram proporcionar aos seus cidadãos níveis crescentes de prosperidade e bem-estar. Paralelamente, esse considerado desenvolvimento conduz a riscos acrescidos, resultantes do aumento da dependência da alta tecnologia, dos recursos energéticos, da capacidade industrial e, fundamentalmente, da incontável concentração urbana.

De facto, as populações são, cada vez mais, afetadas pelas catástrofes naturais e tecnológicas, pelos conflitos armados, quer essas perturbações se verifiquem em território nacional ou mesmo em zonas longínquas. É do conhecimento comum que a globalização das economias, as complexas redes dos fluxos financeiros e a rapidez das comunicações, fazem com que uma alteração num qualquer ponto do Terra se repercuta com uma enorme rapidez numa região, num continente ou mesmo em todo o globo e não são poucas as vezes

que tal acontece com efeitos multiplicadores. Nesta perspetiva, faz todo o sentido falar também da globalização da segurança no quadro da proteção civil.

O termo Cultura surge em 1871, como síntese dos termos *Civilization* e *Kultur*, o primeiro francês que apontava para as realizações materiais do povo e o segundo, alemão, que sublinhava os aspetos espirituais como um conceito complexo (Laraia,1986:25). Foram os dois termos sintetizados por Taylor (2005:69), nesse mesmo ano, na palavra inglesa “Culture”, incluindo, na sua definição, “conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”, podemos, de igual forma, apontá-la como nos é definido pelo Modelo de Schein, figura 2, como um padrão de pressupostos básicos compartilhados, em que o grupo aprendeu a melhor forma como resolver problemas de adaptação externa e integração interna e que se afirma por ter funcionado bem o suficiente para ser considerado válido. Deve, assim, ser ensinado aos novos membros da sociedade, como a maneira correta de cada um perceber, pensar e sentir em relação a esses problemas.



Fonte: Modelo de Schein (1980)¹⁹

Fig. 2 - Níveis que afetam a cultura organizacional.

O conceito de cultura de segurança surge em 1988, aquando do primeiro relatório técnico realizado pelo International Nuclear Safety Advisory Group (INSAG)²⁰, publicado em 1992, onde é apresentado o resultado da análise do acidente da instalação nuclear de Chernobyl, na Ucrânia. Os erros e as violações de procedimentos que contribuíram, em parte, para este acidente, foram interpretados como sendo uma evidência clara da

¹⁹ <http://www.thebusinesszoom.com/modelo-de-schein.html>. (consultado em 14 de outubro de 2015)

²⁰ Agência Internacional de Energia Atómica, 1992. “The Chernobyl Accident: updating of INSAG 1 / INSAG 7”. Safety Series nº 75. Áustria. Obtido a 8 de Setembro de 2015, em: http://www-pub.iaea.org/MTCD/publications/PDF/Pub913e_web.pdf

existência de uma fraca cultura de segurança em Chernobyl, em particular, e na indústria soviética, em geral. Nesse relatório, a cultura de segurança foi definida como "o conjunto de características e atitudes das organizações e dos indivíduos, que garante que a segurança de uma planta nuclear, pela sua importância, terá a maior prioridade" e sublinha, na sua página 21²¹, que "safety culture must be instilled in organizations through proper attitudes and practices of management" (cultura de segurança deve ser incutida nas organizações por meio de adequadas atitudes e práticas de gestão).

A designação "Cultura de Segurança" rapidamente ganhou espaço no dicionário e passou a integrar, como conceito intrinsecamente ligado à Protecção Civil, os mais diversos relatórios oficiais de desastres e grandes acidentes, tendo sido na década de noventa que o seu desenvolvimento teórico e empírico se enraizou, através de uma considerável proliferação de estudos com o objetivo de a definir formalmente e de lhe dar instrumentos de avaliação, como foi o caso de Guldenmund (2000), com o trabalho "The nature of safety culture: a review of theory and research". Nele fica claro que a organização e o nível de cultura de segurança terão impacto na atitude e no comportamento e, com isso, de forma diretamente proporcional, diminui ou aumenta o risco.

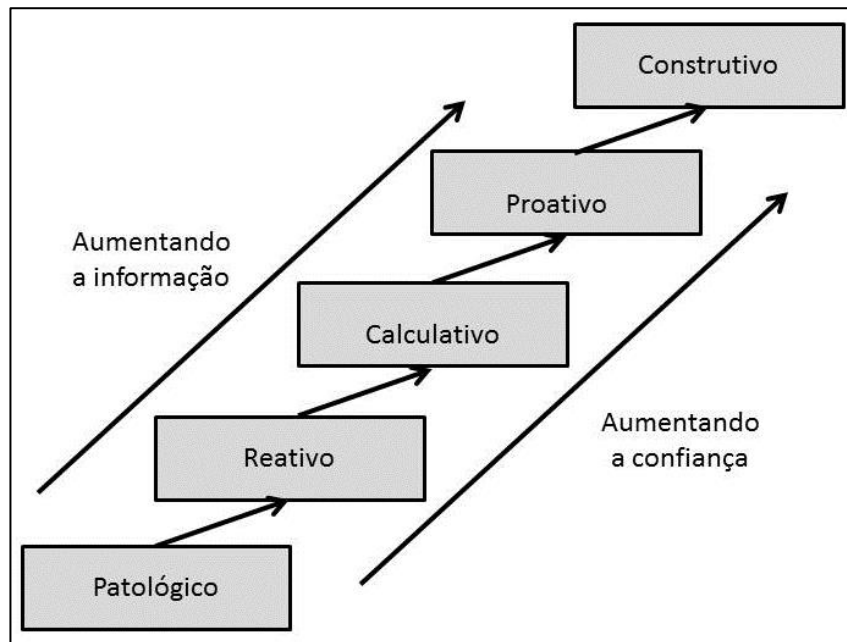
No já referido relatório da Investigação do NIST – National Institute of Standards and Technology, ao acidente do World Trade Center (Anexo 2:131), refere-se que "o sucesso na evacuação de um edifício se mede a dois tempos: o tempo que as pessoas precisam para evacuar e o tempo disponível para que o possam fazer em segurança e conclui que, quanto maior for o primeiro tempo, maior probabilidade haverá de existirem vítimas numa qualquer evacuação. Passa-se, naturalmente, o oposto, caso exista uma grande disponibilidade de tempo para evacuar", ou seja reforça-se nesse estudo que os inquiridos sobreviventes (66% na WTC1 e 60% na WTC2) consideram ter sido importante ou muito importante, para a evacuação real, o terem efetuado exercícios anteriores.

No seu trabalho realizado para a Administração Federal da Aviação dos USA, Terry e Gibbons (2008) apontam a cultura de segurança como um duradouro valor maior e algo que deve merecer a prioridade sobre todas as prioridades, quer dos trabalhadores, quer da segurança pública, por cada membro de cada grupo e em cada nível de uma organização.

²¹ Ibid

Em 2001, P. Hudson propôs um modelo de maturidade para a cultura de segurança²². Apresentou cinco níveis, o patológico, o reativo, o calculativo, o proativo e o construtivo.

Nesse modelo, a cultura de segurança evolui de um estágio inicial, o patológico, até um estágio final ideal, o construtivo. A figura 3 mostra o modelo de maturidade de Hudson (2001).



Fonte: Adaptado de Hudson (2001)

Fig. 3 - Modelo de maturidade de cultura de segurança.

Nível patológico: Não há ações em segurança do trabalho na organização;

Nível reativo: As ações da organização em segurança do trabalho são realizadas somente depois dos acidentes do trabalho terem acontecido;

Nível calculativo: A organização tem um sistema para gerir os riscos nos locais de trabalho e as ações estão agora mais voltadas para quantificar os riscos;

Nível proativo: É o nível de transição para o nível de cultura construtivo. O gestor, com base nos valores da organização, conduz as melhorias contínuas para a segurança do trabalho. Procura antecipar-se aos problemas antes que eles aconteçam;

Nível construtivo: Existe um sistema integrado de saúde, segurança e meio ambiente, no qual a organização se baseia e se orienta para realizar seus negócios. A organização tem as informações necessárias para gerir o sistema de segurança do trabalho, está constantemente a tentar melhorar e encontrar as melhores formas de controlar os riscos.

²² [http://www.skybrary.aero/index.php/Company_Safety_Culture_\(OGHFA_BN\)](http://www.skybrary.aero/index.php/Company_Safety_Culture_(OGHFA_BN)). (consultado em 14 de outubro de 2015)

Se transportarmos esta abordagem para a área direta da Protecção Civil temos, de igual forma, os conceitos aplicados e a demonstração da razão proporcional de aumento da informação com a da confiança. Cidadão melhor informado é, sem dúvida, um cidadão mais confiante e tem maior capacidade de agir conhecendo bem o fenómeno e a forma de se comportar na sua ocorrência.

É disso exemplo o caso de Tilly Smith, conhecido a partir de um texto do jornalista James Owen (2005), com o título “Família salva de Tsunami por uma lição de geografia”, publicado no site do National Geographic News, a 18 de Janeiro de 2005²³. No texto é descrito o episódio passado com Tilly Smith, uma jovem, na altura com 10 anos, que salvou a sua família e 100 outros turistas, ao dar um alerta, por ter reconhecido os sinais que antecedem um Tsunami e como agir nesses casos, coisa que havia aprendido na sua escola em Oxshott Surrey (Inglaterra), duas semanas antes do incidente. No dia 26 de Dezembro de 2004, ocorreu um dos Tsunamis mais devastadores da história, que provocou 280 mil vítimas mortais, em 14 países banhados pelo Índico. A estudante britânica e a sua família, estavam na praia de um *resort* tailandês em Phuket e viu que algo estava errado. Ao ver uma descida brusca da maré, lembrou-se da sua aula de geografia, em que o seu professor Andrew Kearney lhe falou de placas tectónicas, de sismos e de Tsunamis. Publica a revista Super Interessante, nº 160, de Agosto de 2011 que a mãe referiu que ela “Ficou histérica e começou a gritar que devíamos afastar-nos da praia” e continua “os pais acreditaram nela e fugiram a correr, depois de terem alertado os turistas à sua volta. Conseguiram refugiar-se no hotel mesmo a tempo, minutos antes de uma onda gigantesca arrasar a costa. Cerca de cem pessoas salvaram-se graças a Tilly, que viria a receber vários prémios.” Refere Nuno Crato (2011), no seu texto publicado pelo jornal Expresso, no dia 2 de Abril de 2011, que ela “viu o mar esvaziar-se e os barcos agitarem-se nas águas, que se afundavam. Percebeu, pelo que tinha aprendido na escola, que esse movimento prenunciava o avanço de uma onda gigantesca. Avisou os pais, avisou todos os que estavam próximos e fê-los recuar a zona segura. Salvou muitas vidas.”

Pedro Lopes, (2015, CPE:121), refere que “só o homem conhecedor sabe antecipar algumas das situações de risco (as que são previsíveis) e mitigar as suas consequências. Os danos causados em pessoas, nos bens materiais e imobiliário podem ser muito reduzidos e

²³ http://news.nationalgeographic.com/news/2005/01/0118_050118_tsunami_geography_lesson.html.
(consultado em 14 de outubro de 2015)

a população pode aprender a lidar de forma mais adequada com os riscos, ganhando uma grande capacidade de resiliência.” Sendo que Jaime Soares (2015, CPE:122) afirma que “é evidente que se as pessoas estiverem preparadas terão uma maior capacidade de resiliência, sublinhando que, “«Bombeiro que não sabe, não salva, nem se salva», se aplica também à população. Se não estiver preparado, não se salva, nem pode contribuir para salvar outros.”

“No quadro do conceito de segurança humana, as pessoas, os cidadãos exprimem e experimentam hoje outras preocupações e sentimentos de insegurança e incerteza na vida quotidiana, seja a nível do trabalho, da saúde ou do meio ambiente” (Amaro, 2012:16), pelo que temos delineado um horizonte de permanente ajuste e adaptação às novas realidades e desafios que nos esperam no futuro na área da proteção civil e, em especial, no conceito de Cultura de Segurança.

O Ministério da Educação Português publicou um pequeno livro²⁴, onde aborda a questão do módulo não-disciplinar “Cidadania e Segurança” e nele refere, na página 17:

“A cultura de segurança é comumente considerada como o conjunto de crenças, valores e normas sobre segurança, partilhados pelos membros de um grupo e transmitidos através de processos de interação social. A cultura de segurança envolve memória, reflexão e aprendizagem com vista ao desenvolvimento de sentimentos positivos que levem a encarar a segurança como responsabilidade partilhada relativamente à qual se deve assumir um papel ativo e participativo. Assim, a segurança de pessoas e bens pressupõe a responsabilidade de cada um pela adoção de atitudes e comportamentos preventivos que evitem acidentes em situações de risco.”

Recorda-se, a propósito, o exemplo da jovem Neozelandesa Abby Wutzler, proveniente de Wellington, uma zona de montanha, ter reconhecido, numa praia de Samoa, os sinais que antecedem um Tsunami. Dan Parker (2009), jornalista, escreveu a 14 de Outubro de 2009, na publicação online “3 News”²⁵ que a jovem de 10 anos foi distinguida pelos serviços de proteção civil por ter salvo a sua família e várias pessoas. Dá nota de que o pai, apesar de se ter salvo, terá ainda sido atingido pela onda, “He did not immediately realise the urgency of his daughter’s warning” (Ele não compreendeu, imediatamente, a

²⁴ <http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/cidadaniaeseguranca.pdf>. (consultado em 14 de outubro de 2015)

²⁵ <http://www.3news.co.nz/nznews/tenyearold-credited-with-saving-lives-during-samoan-tsunami-2009101417#axzz3kh2xRQrq>. (consultado em 14 de outubro de 2015)

urgência na ação, do alerta da sua filha). Afirma, também que a professora da Abby ficou orgulhosa por terem sido utilizados os seus ensinamentos em sala de aula de uma forma tão especial.

Este registo e o anterior, de Tilly Smith, apontam-nos duas jovens que adquirem conhecimento sobre um risco que em nada importa na sua área de residência, mas que, de facto, é de uma utilidade extraordinária, dada a atual mobilidade das pessoas no mundo. Reforça a importância de se falar dos riscos da nossa área de residência e de trabalho, mas, de igual forma, sublinha a necessidade de conhecer todos os outros.

Fernando Curto (2015, CPE:125), afirma que “uma sociedade dita evoluída e progressista só é na realidade quando conhece o que a rodeia e ao que está sujeita e em especial no domínio dos sinistros em matéria de segurança e proteção civil”, opinião reforçada pelo Comandante de Bombeiros (2015, CPE, ID46:149), que afirma que “é de extrema importância a população saber o que fazer e o que não fazer em situações de emergência” no complemento com um outro Comandante de Bombeiros (2015, CPE, ID212:154), que sublinha que “todo o cidadão deveria ter conhecimento das medidas de autoproteção a adotar perante situações de risco, quer seja ao nível de incêndios, sismos, acidentes domésticos, acidentes de trabalho, acidentes rodoviários e doença súbita” porque, afirma o Comandante de Bombeiros (2015, CPE, ID47:149), as pessoas podiam “desde logo fazer alguma coisa e não se limitarem a chamar os bombeiros. Muitas coisas podiam ser minimizadas se a população tivesse mais conhecimentos”, no sentido e objetivo do Comandante de Bombeiros, (2015, CPE, ID248:155), que refere que “a formação/sensibilização é muito importante para saberem como atuar na primeira intervenção, até à chegada dos meios de socorro”, complementada com a opinião do Comandante de Bombeiros (2015, CPE, ID131:152), que refere que “uma população mais culta e sensibilizada para os riscos que corre, e simultaneamente preparada para "saber aplicar" os procedimentos a tomar, torna o trabalho dos profissionais mais fácil”.

(Página deixada propositadamente em branco)

Capítulo II – O Sistema de Proteção Civil e o cidadão

O que é Protecção Civil

Refere a alínea 1, do artigo 1º da Lei da Bases da Proteção Civil n.º 27/2006, de 3 de julho, alterada pela Lei Orgânica n.º 1/2011, de 30 de novembro e pela Lei n.º 80/2015 de 3 de agosto que “a Protecção Civil é a atividade desenvolvida pelo Estado, Regiões Autónomas e autarquias locais, pelos cidadãos e por todas as entidades públicas e privadas com a finalidade de prevenir riscos coletivos inerentes a situações de acidente grave ou catástrofe, de atenuar os seus efeitos, proteger e socorrer as pessoas e bens em perigo quando aquelas situações ocorram”²⁶.

Nos termos da Lei da Bases, a Protecção Civil tem como objetivos:

- Prevenir os riscos coletivos e a ocorrência de acidente grave ou de catástrofe dele resultante;
- Atenuar os riscos coletivos e limitar os seus efeitos;
- Socorrer e assistir as pessoas e outros seres vivos em perigo;
- Proteger bens e valores culturais, ambientais e de elevado interesse público;
- Apoiar a reposição da normalidade da vida das pessoas em áreas afetadas por acidente grave ou catástrofe.

A atividade de Protecção Civil é desenvolvida nos seguintes domínios:

- Levantamento, previsão, avaliação e prevenção dos riscos coletivos;
- Análise permanente das vulnerabilidades perante situações de risco;
- Informação e formação das populações, visando a sua sensibilização em matéria de autoproteção e colaboração com as autoridades;
- Planeamento de soluções de emergência, visando a busca, o salvamento, a prestação do socorro e de assistência, bem como a evacuação, alojamento e abastecimento das populações;
- Inventariação dos recursos e meios disponíveis e dos mobilizáveis, ao nível local, regional e nacional;
- Estudo e divulgação de formas adequadas de proteção de edifícios em geral, de monumentos e de outros bens culturais, de infraestruturas, do património, de instalações de serviços essenciais, bem como do ambiente e dos recursos naturais;

²⁶ <https://dre.pt/application/conteudo/69927759> (consultado em 28 de agosto de 2015)

- Previsão e planeamento de ações relativas à eventualidade de isolamento de áreas afetadas.

A atual Lei de Bases da Protecção Civil

A Lei de Bases em vigor, n.º 27/2006²⁷, foi publicada com data de 3 de Julho e com ela são revogadas as Leis n.ºs 113/91, de 29 de Agosto, e 25/96, de 31 de Julho, os Decretos-Leis n.ºs 477/88, de 23 de Dezembro, e 222/93, de 18 de Junho, e os Decretos Regulamentares n.ºs 18/93, de 28 de Junho, e 20/93, de 3 de Julho.

A Lei de Bases já foi alvo de 2 alterações, sendo a primeira pela Lei Orgânica n.º 1/2011, de 30 de Novembro e a segunda pela Lei n.º 80/2015 de 3 de Agosto²⁸.

A atual Lei de bases, como se vê, teve este ano uma alteração, importando, pela sua proximidade, deixar agora as mudanças mais significativas que foram:

1. A eliminação da figura do Governador Civil e das suas competências, que leva a um novo desenho de decisão, nomeadamente nas declarações de situações de alerta, contingência e calamidade mas também nas comissões de proteção civil, nos planos de emergência e na ativação das Forças Armadas.
2. Com a extinção da figura do Comandante Operacional Municipal, a introdução da figura do Coordenador Municipal de Proteção Civil. A alteração da Lei n.º 65/2007 de 12 de Novembro, que terá de ocorrer ainda não aconteceu.
3. A introdução de uma relação de subsidiariedade entre os diversos atos de declaração de alerta, contingência e calamidade, bem como a sua clarificação e simplificação, instituindo-se a regra que nenhum ato pode ser declarado sem o ter sido no patamar inferior, exceto em situações excecionais. A declaração da situação de contingência e calamidade obriga à ativação dos respetivos planos de emergência desse nível e dos níveis inferiores para as áreas em causa.
4. Quando anteriormente estavam presentes como convidados, sem direito a voto, passam a ter assento de pleno direito, na Comissão Nacional de Proteção Civil,

²⁷http://www.proteccaocivil.pt/Legislacao/Documents/Lei_27_2006_Lei_de_Bases_Proteccao_Civil.pdf (consultado em 14 de outubro de 2015)

²⁸ <https://dre.pt/application/conteudo/69927759> (consultado em 14 de outubro de 2015)

um representante de cada Serviço Regional de Proteção Civil e Bombeiros das RA dos Açores e Madeira.

5. As Comissões Distritais de Proteção Civil passam a ser presididas por um Presidente de Câmara Municipal, designado de entre os três indicados pela Associação Nacional de Municípios Portugueses, para esse órgão.
6. Na Comissão Municipal de Proteção Civil passa a ter assento, de pleno direito, o Capitão do Porto territorialmente competente e um representante das juntas de freguesia, a designar pela respetiva Assembleia Municipal.
7. As subcomissões de proteção civil perdem toda a interveniência operacional que detinham e a estrutura de proteção civil passa também a organizar-se no nível distrital.
8. Nos agentes de proteção civil passam a estar separados as autoridades, marítima e aeronáutica.
11. Nas entidades com dever de cooperação, as associações de bombeiros são substituídas pelas entidades detentoras de corpos de bombeiros e são introduzidas as organizações de voluntariado de proteção civil, com algumas regras nomeadamente em relação à sua criação, atribuições, âmbito e modo de reconhecimento.
12. Todas as entidades com competências na área do risco ficam obrigadas a comunicar à ANPC as informações provenientes dos sistemas de que são detentoras.
13. Os órgãos da autoridade marítima nacional ficam obrigados a garantir a sua articulação operacional no âmbito do SIOPS.
14. Os planos de emergência nos diversos patamares têm um novo desenho de decisão no que respeita à sua elaboração e aprovação.
15. Na solicitação do apoio das Forças Armadas para as operações de proteção civil o modelo de solicitação é ligeiramente alterado por força da extinção dos governadores civis e dá mais relevância ao presidente da câmara municipal e ao presidente da ANPC.
16. Desaparecem as referências ao conselho nacional de planeamento civil de emergência cujas competências já tinham transitado para a ANPC.

Este novo quadro normativo agrupa vários artigos mas também separa outros, tornando, no entanto, o documento final mais simples e mais coerente. Assim, a Lei de Bases, logo no seu artigo 1º, define o conceito de proteção civil, referindo-a como “a atividade desenvolvida pelo Estado, regiões autónomas e autarquias locais, pelos cidadãos e por todas as entidades públicas e privadas com a finalidade de prevenir riscos coletivos inerentes a situações de acidente grave ou catástrofe, de atenuar os seus efeitos e proteger e socorrer as pessoas e bens em perigo quando aquelas situações ocorram.”

Permanece e sublinha-se o papel do cidadão, apontando como sendo ele, individualmente, um dos que, expressamente, desenvolve a atividade de Proteção Civil.

Tudo o que se referia ao envolvimento dos cidadãos nas matérias da Proteção Civil e já incluído na anterior Lei de Bases nº 113/91, de 29 de Agosto²⁹, permanece neste diploma, agora nos artigos 6º - “Deveres gerais e especiais”:

“1 - Os cidadãos e demais entidades privadas têm o dever de colaborar na prossecução dos fins da proteção civil, observando as disposições preventivas das leis e regulamentos, acatando ordens, instruções e conselhos dos órgãos e agentes responsáveis pela segurança interna e pela proteção civil e satisfazendo prontamente as solicitações que justificadamente lhes sejam feitas pelas entidades competentes.

2 - Os funcionários e agentes do Estado e das pessoas coletivas de direito público, bem como os membros dos órgãos de gestão das empresas públicas, têm o dever especial de colaboração com os organismos de proteção civil.

3 - Os responsáveis pela administração, direção ou chefia de empresas privadas cuja laboração, pela natureza da sua atividade, esteja sujeita a qualquer forma específica de licenciamento têm, igualmente, o dever especial de colaboração com os órgãos e agentes de proteção civil.

4 - A desobediência e a resistência às ordens legítimas das entidades competentes, quando praticadas em situação de alerta, contingência ou calamidade, são sancionadas nos termos da lei penal e as respetivas penas são sempre agravadas em um terço, nos seus limites mínimo e máximo.

5 - A violação do dever especial previsto nos nºs 2 e 3 implica, consoante os casos, responsabilidade criminal e disciplinar, nos termos da lei.”

²⁹ http://www.proteccaocivil.pt/Legislacao/Documents/Lei_n._113.91_1.a_lei_de_bases.pdf (consultado em 14 de outubro de 2015)

No artigo 7º, que trata a “informação e formação dos cidadãos”:

“1 - Os cidadãos têm direito à informação sobre os riscos a que estão sujeitos em certas áreas do território e sobre as medidas adotadas e a adotar com vista a prevenir ou a minimizar os efeitos de acidente grave ou catástrofe.

2 - A informação pública visa esclarecer as populações sobre a natureza e os fins da proteção civil, consciencializá-las das responsabilidades que recaem sobre cada instituição ou indivíduo e sensibilizá-las em matéria de autoproteção.

3 - Os programas de ensino, nos seus diversos graus, devem incluir, na área de formação cívica, matérias de proteção civil e autoproteção, com a finalidade de difundir conhecimentos práticos e regras de comportamento a adotar no caso de acidente grave ou catástrofe.”

E, finalmente, no artigo 11º, que define a “obrigação de colaboração”:

“1 - Declarada uma das situações previstas no nº 1 do artigo 8º, todos os cidadãos e demais entidades privadas estão obrigados, na área abrangida, a prestar às autoridades de proteção civil a colaboração pessoal que lhes for requerida, respeitando as ordens e orientações que lhes forem dirigidas e correspondendo às respetivas solicitações.

2 - A recusa do cumprimento da obrigação estabelecida no nº 1 corresponde ao crime de desobediência, sancionável nos termos do nº 4 do artigo 6º”

Agentes de Protecção Civil

Existe um conceito legal, expresso no artigo 46º da Lei de Bases da Protecção Civil e um outro, que pretendemos defender, que integra o cidadão nesta abordagem conceptual.

Refere aquele artigo, no seu número 1, que são formais Agentes de Protecção Civil, de acordo com as suas atribuições próprias: os corpos de bombeiros; as forças de segurança; as forças armadas; a autoridade marítima nacional; a autoridade nacional aeronáutica; o INEM e demais serviços de saúde e os sapadores florestais. Continua, no seu número 2, com a abordagem ao papel da Cruz Vermelha e termina no número 4, determinando a forma de articulação operacional entre eles.



Fonte: Adaptado do nº 1, art.º 46 da Lei nº 27/2006, 03 de Julho

Fig. 4 - Agentes de Proteção Civil

Não considera, omitindo de forma deliberada, o cidadão tal qual, como agente de proteção civil. No entanto, ele é-o, quando adota e pratica medidas de prevenção e de autoproteção e, porque não, quando na primeira intervenção, em qualquer quadro de acidente, a sua ação é fundamental para minorar o efeito.

A articulação dos Agentes nas ações de proteção civil evolui a partir de decisões dos órgãos de direção (Assembleia da República, Governo e Câmaras Municipais), de coordenação (Comissões de Protecção Civil dos vários níveis) e de execução (ANPC e nas suas atribuições próprias, os Agentes).

Mas a verdade é que o primeiro no local do acidente é o cidadão e é ele que pode, a si e aos que o rodeiam, intervir e agir de imediato, impedindo, normalmente, males maiores quando bem formado, informado e conhecedor dos procedimentos a adotar, ou seja, quando assume o papel inteiro de verdadeiro agente de proteção civil.

As Estruturas da Proteção Civil

A condução da política de Protecção Civil é da competência do Governo, que, no respetivo Programa³⁰, deve inscrever as principais orientações a adotar ou a propor naquele domínio. A Protecção Civil está organizada ao nível nacional, regional (Açores e Madeira), distrital e municipal, conforme aponta o artigo 45º da Lei de Bases.

Nível Nacional e Distrital

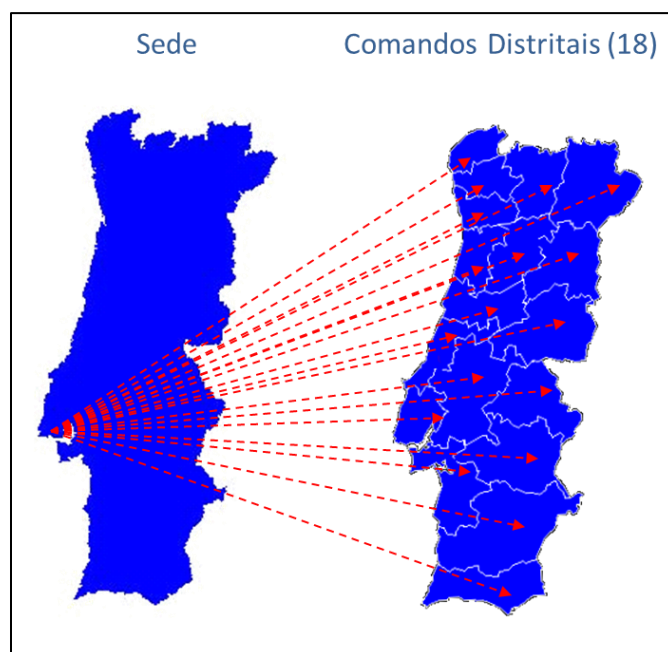
Para além da Assembleia da República, que, nos termos do artigo 31º da referida Lei de Bases n.º 27/2006, de 3 de Julho³¹, contribui pelo exercício da sua competência política, legislativa e financeira, para enquadrar a política de proteção civil e para fiscalizar a sua execução é ao Governo, nos termos do artigo 32º, que cabe a condução da política e é o Primeiro-ministro que é o responsável pela direção da política de Protecção Civil, sendo apoiado pela Comissão Nacional de Protecção Civil (CNPC) referida no artigo 36º da lei em apreço.

A CNPC é presidida pelo Ministro da Administração Interna e a sua composição e competências estão definidas nos artigos 36ª e 37º, da Lei n.º 27/2006, de 3 de Julho.

Compete, nos termos do artigo 34º da Lei de Bases, ao membro do governo responsável pela área da proteção civil, no âmbito distrital, desencadear, na iminência ou ocorrência de acidente grave ou catástrofe, as ações de proteção civil de prevenção, socorro, assistência e reabilitação adequadas a cada caso, com a coadjuvação do Comandante Operacional Distrital e a colaboração dos agentes de proteção civil competentes nos termos legais.

³⁰ Programa do XIX Governo, pp 70-74. http://www.portugal.gov.pt/media/130538/programa_gc19.pdf (consultado em 14 de outubro de 2015). O Programa do XX Governo foi agendado, para discussão na Assembleia da República, nas reuniões plenárias de 9 e 10 de novembro de 2015, após conclusão deste trabalho.

³¹ http://www.proteccaocivil.pt/Legislacao/Documents/Lei_27_2006_Lei_de_Bases_Proteccao_Civil.pdf (consultado em 14 de outubro de 2015)



Fonte: Adaptado do art.º 45 da Lei n.º 27/2006, 03 de Julho

Fig. 5 - Comandos distritais

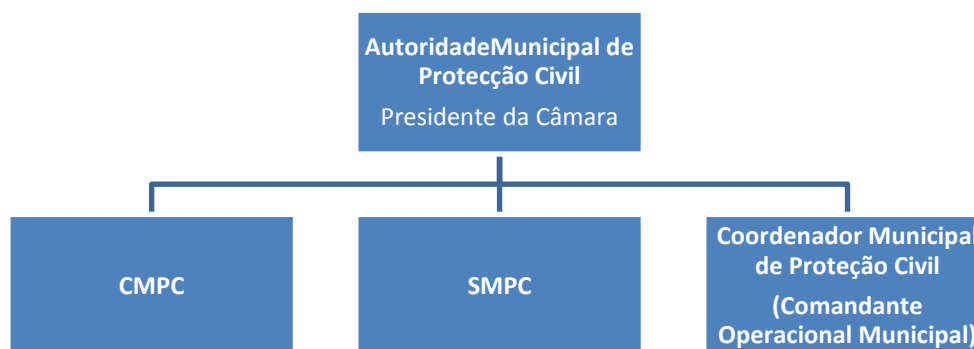
A estrutura Municipal

Ao nível municipal, a estrutura de Protecção Civil integra um conjunto de entidades e serviços, sendo presidida pelo Presidente de Câmara que é, também, a Autoridade Municipal de Protecção Civil.

A estrutura municipal encontra-se legalmente definida na Lei n.º 65/2007, de 12 Novembro³². De acordo com esta lei, que ainda requer atualização depois da efetuada à Lei de bases do corrente ano, as estruturas municipais de Protecção Civil devem integrar, conforme figura 2, os seguintes órgãos:

- a) Presidente da Câmara Municipal – Autoridade Municipal de Protecção Civil;
- b) Serviço Municipal de Protecção Civil;
- c) Coordenador Municipal de Protecção Civil (ainda não integrado no diploma);
- d) Comissão Municipal de Protecção Civil.

³² <http://dre.pt/pdf1s/2007/11/21700/0835308356.pdf> (consultado em 14 de outubro de 2015)



Fonte: Adaptado da Lei n.º 65/2007, de 12 Novembro

Fig. 6 - Organograma da estrutura municipal de Proteção Civil

Autoridade Municipal de Protecção Civil

A Autoridade Municipal de Protecção Civil (AMPC), nos termos do artigo 6º da Lei nº 65/2007, de 12 de Novembro³³, é o Presidente da Câmara Municipal e é a entidade competente para declarar a situação de alerta bem como desencadear as ações de prevenção, socorro, assistência e reabilitação na área do seu município.

Serviço Municipal de Protecção Civil

Cada município, nos termos do artigo 9º da Lei nº 65/2007, de 12 de Novembro³⁴, deve possuir um Serviço Municipal de Protecção Civil (SMPC), responsável pela prossecução das atividades de proteção e socorro na área geográfica. A constituição deste serviço deve atender às características da população e aos riscos existentes no município, competindo-lhe, entre outras, a elaboração do Plano Municipal de Emergência a ser aprovado pela Câmara Municipal nos termos do artigo 5º do referido diploma.

Coordenador Municipal de Protecção Civil

Em cada município há um Coordenador Municipal de Protecção Civil (CMPC) que articula superiormente com o seu homónimo Distrital. As competências do CMPC, por ainda não ter havida a necessária alteração legislativa, ainda estão definidas no artigo 14º da Lei 65/2007, de 12 Novembro³⁵ no que, ainda é considerado o Comandante Operacional Municipal.

³³ <http://dre.pt/pdf1s/2007/11/21700/0835308356.pdf> (consultado em 14 de outubro de 2015)

³⁴ <http://dre.pt/pdf1s/2007/11/21700/0835308356.pdf> (consultado em 14 de outubro de 2015)

³⁵ <http://dre.pt/pdf1s/2007/11/21700/0835308356.pdf> (consultado em 14 de outubro de 2015)

Comissão Municipal de Protecção Civil

Em cada município existe, cumprindo o artigo 3º da Lei nº 65/2007, de 12 de Novembro³⁶, a Comissão Municipal de Protecção Civil (CMPC) que assegura que todas as entidades e instituições de âmbito municipal, imprescindíveis às operações de Protecção Civil, se articulam entre si, garantindo os meios considerados adequados à gestão da ocorrência em cada caso concreto.

A CMPC deve ser composta pelos seguintes elementos:

- a) O Presidente da Câmara Municipal, que preside;
- b) O Coordenador Municipal de Protecção Civil;
- c) Um elemento do comando de cada corpo de bombeiros existente no município;
- d) Um elemento de cada uma das forças de segurança presentes no município;
- e) Os capitães dos portos que dirigem as capitánias existentes no distrito;
- f) A autoridade de saúde do município;
- g) O dirigente máximo da unidade local de saúde ou o diretor executivo do agrupamento de centros de saúde da área de influência do município e o diretor do hospital da área de influência do município, designado pelo diretor-geral da saúde;
- h) Um representante dos serviços de segurança social;
- i) Um representante das juntas de freguesia a designar pela assembleia municipal;
- j) Representantes de outras entidades e serviços, existentes no município, cujas atividades e áreas funcionais possam, de acordo com os riscos existentes e as características da região, contribuir para as ações de proteção civil.

As competências da CMPC são:

- Acionar a elaboração do plano municipal de emergência, remetê-lo para aprovação pela Comissão Nacional de Protecção Civil e acompanhar a sua execução;
- Acompanhar as políticas diretamente ligadas ao sistema de Protecção civil que sejam desenvolvidas por agentes públicos;
- Determinar o acionamento dos planos, quando tal se justifique;
- Promover a realização de exercícios, simulacros ou treinos operacionais que contribuam para a eficácia de todos os serviços intervenientes em ações de proteção civil.

³⁶ <http://dre.pt/pdf1s/2007/11/21700/0835308356.pdf> (consultado em 14 de outubro de 2015)

A CMPC reúne por iniciativa do Presidente da Câmara, sempre que necessário e, no mínimo, duas vezes por ano.

Todos os serviços e organismos que obtenham informações, diretamente ou por comunicação de terceiros, sobre elementos considerados fundamentais para efeito de tomada de medidas de Protecção Civil, devem transmitir tais informações, no mais curto intervalo de tempo possível, à CMPC a que elas se reportem.

Os órgãos de execução das operações de socorro

A execução das operações de socorro e de Protecção Civil assim como os órgãos responsáveis pela sua coordenação e comando encontra-se delineada no Sistema Integrado de Operações de Protecção e Socorro (SIOPS), criado pelo Decreto-Lei n.º 134/2006, de 25 de Julho³⁷, alterado pelo Decreto-Lei n.º 114/2011, de 30 de novembro e pelo Decreto-Lei n.º 72/2013, de 31 de maio.

O SIOPS tem como objetivo responder a situações de iminência ou de ocorrência de acidente grave ou catástrofe, assegurando que todos os agentes de proteção civil atuam articuladamente, sob um comando único, sem prejuízo da respetiva dependência hierárquica e funcional.

As operações de socorro e de proteção civil são desenvolvidas em duas dimensões:

Coordenação Institucional

Comando Operacional

Coordenação Institucional

A coordenação institucional tem como finalidade garantir a articulação das entidades e instituições, imprescindíveis às operações de socorro e de proteção civil decorrentes de acidente grave ou catástrofe, garantindo os meios considerados adequados à gestão da ocorrência em cada caso concreto. É assegurada pelo Centro de Coordenação Operacional (CCO) que tem, ainda, como atribuições:

- Assegurar a coordenação dos recursos e do apoio logístico das operações de socorro, emergência e assistência realizadas por todas as organizações integrantes do SIOPS;

³⁷ http://www.cm-mafra.pt/files/Proteccao_Civil/Decreto-lei_134_2006.pdf (consultado em 14 de outubro de 2015)

- Proceder à recolha de informação estratégica, relevante para as missões de proteção e socorro, detida pelas organizações integrantes dos CCO, bem como promover a sua gestão;
- Recolher e divulgar, por todos os agentes em razão da ocorrência e do estado de prontidão, informações de carácter estratégico essencial à componente de comando operacional tático;
- Informar permanentemente a autoridade política respetiva de todos os factos relevantes que possam gerar problemas ou estrangulamentos no âmbito da resposta operacional;
- Garantir a gestão e acompanhar todas as ocorrências, assegurando uma resposta adequada no âmbito do SIOPS.

O Centro de Coordenação Operacional Nacional (CCON) é coordenado pelo Presidente da Autoridade Nacional de Protecção Civil, podendo este fazer-se substituir pelo Comandante Operacional Nacional.

Os Centros de Coordenação Operacionais Distritais (CCOD) são coordenados pelos Comandantes Operacionais Distritais e garantem uma avaliação distrital e municipal em articulação com as entidades políticas e administrativas de âmbito municipal.

Comando Operacional

A estrutura de comando operacional tem como finalidade garantir e coordenar o desenvolvimento de operações de socorro, sob um comando único.

Ao nível nacional, o comando operacional é assegurado pelo Comando Nacional de Operações de Socorro (CNOS), através do Comandante Operacional Nacional, competindo a este o comando operacional das operações de socorro e o comando integrado dos corpos de bombeiros.

O CNOS compreende as células de planeamento, operações e informações e a célula de logística, podendo ainda dispor, conjunturalmente, de células de gestão de meios aéreos e de comunicações, replicando-se esta estrutura para os restantes níveis, com adaptações determinadas no SIOPS.

Ao nível municipal existe hoje, na alteração da Lei de Bases ocorrida neste ano de 2105 pela Lei n.º 80/2015, de 3 de Agosto no seu artigo 41º, um Coordenador Municipal

de Proteção Civil e na Lei 65/2007, de 12 de Novembro, no seu artigo 13º, ainda um Comandante Operacional Municipal (COM) que, nesta, tem a responsabilidade de assumir a coordenação das operações de socorro na respetiva área geográfica – âmbito municipal - nas situações previstas no plano de emergência municipal e quando a dimensão do sinistro exija, o emprego de mais de um corpo de bombeiros.

A estrutura de comando operacional tem como atribuições:

- Garantir o funcionamento, a operacionalidade e a articulação com os agentes de Protecção Civil integrantes do SIOSP;
- Assegurar o comando e controlo das situações que pela sua natureza, gravidade, extensão e meios envolvidos ou a envolver requeiram a sua intervenção;
- Promover a análise das ocorrências e determinar as ações e os meios adequados à sua gestão;
- Assegurar a coordenação e a direção estratégica das operações de socorro;
- Acompanhar em permanência a situação operacional no domínio das entidades integrantes do SIOPS;
- Apoiar técnica e operacionalmente o Governo;
- Preparar diretivas e normas operacionais e difundi-las aos escalões inferiores para planeamento ou execução;
- Propor os dispositivos, os planos de afetação de meios, as políticas de gestão de recursos humanos e as ordens de operações.

A Gestão da Emergência

A gestão de situações de catástrofe ou de acidente grave corresponde à adoção de medidas que visam a concretização dos objetivos da Protecção Civil. Estas medidas são direcionadas para satisfazer as necessidades de socorro e de proteção civil em cada fase ou período da situação de emergência. A gestão da emergência representa um ciclo de ação com as seguintes fases (figura 3): Pré-emergência; Emergência; Pós-emergência.



Fonte: Elaboração própria, 2015

Fig. 7 - Diagrama da Gestão de Emergência

Fase Pré-emergência

A Fase Pré-emergência corresponde à adoção das medidas de mitigação dos efeitos do risco, através de ações de informação, sensibilização e formação das populações, códigos e normas de construção, regulamento do uso dos solos e incentivos, entre outros.

Para que isso seja possível é necessário proceder-se à identificação, análise, avaliação, correção e monitorização dos riscos existentes, considerando os perigos, as vulnerabilidades e as capacidades das pessoas e das instituições.

Em matéria de segurança são consideradas medidas de mitigação as medidas e ações que visem reduzir ou eliminar os riscos associados com eventos de origem natural, ou diminuir o respetivo impacto.

Nesta fase considera-se, também, a adequação das medidas, tomadas previamente, para assegurar que as comunidades, grupos e indivíduos estejam prontos a reagir, através da elaboração de Planos de Emergência, protocolos de ajuda mútua, inventários de recursos, treinos e exercícios, e implementação de sistemas de comunicação de emergência.

Para o planeamento é fundamental o envolvimento da comunidade. Tal como já o referimos, o primeiro socorro é sempre prestado pelas pessoas, numa relação de proximidade. É, assim, muito importante considerar as capacidades e os recursos que tenham e possam desenvolver, de ser capaz de mobilizar ou de ter acesso, de modo a aumentar também a sua resiliência perante qualquer catástrofe.

Em suma, a esta fase correspondem as atividades, tarefas, programas e sistemas desenvolvidos e implementados antes de uma emergência, com o intuito de suportar as fases de resposta, recuperação e reabilitação decorrentes da situação de desastre ou acidente grave.

Planeamento de Emergência

O Planeamento de Emergência é o processo através do qual se definem, testam e colocam em prática as medidas, normas e procedimentos destinados a situações de acidente grave ou catástrofe.

Os Planos de Emergência exprimem este processo. São documentos formais nos quais as autoridades definem as orientações relativamente ao modo de atuação e articulação dos agentes e entidades que integram os órgãos de execução de Protecção Civil.

Planos de Emergência Gerais

Os planos de carácter geral são elaborados para enfrentar a generalidade das situações de emergência que se admitem em cada âmbito territorial e administrativo.

Planos Especiais de Emergência

Os planos específicos são elaborados com o objetivo de serem aplicados quando ocorrerem situações de emergência específicas, cuja natureza requeira uma metodologia técnica e científica adequada ou cuja ocorrência no tempo e no espaço seja previsível com elevada probabilidade ou, mesmo com baixa probabilidade associada, possa vir a ter consequências inaceitáveis.

Consoante a extensão territorial da situação visada, estes planos podem ser de âmbito nacional, regional, distrital ou municipal, podendo, também, abranger áreas homogéneas de risco cuja extensão seja supramunicipal ou supra distrital.

Os planos especiais de emergência de proteção civil são aprovados pela CNPC, mediante parecer prévio das entidades legalmente competentes face à tipologia do risco considerada.

São exemplos de planos especiais o Plano Especial de Emergência para Cheias e os Planos Especiais de Emergência de Protecção Civil para o Risco Sísmico da Área Metropolitana de Lisboa e Concelhos Limítrofes e o do Algarve.

Planos de Emergência Municipais

Os planos de emergência de âmbito municipal devem ser elaborados seguindo as diretivas da CNPC.

A sua composição deve atender aos seguintes itens:

- Tipificação dos riscos;
- Medidas de prevenção a adotar;
- Identificação dos meios e recursos mobilizáveis, em situação de acidente grave ou catástrofe;
- Definição das responsabilidades, que incumbem aos organismos, serviços e estruturas, públicas ou privadas, de âmbito municipal;
- Critérios de mobilização e mecanismos de coordenação dos meios e recursos, públicos ou privados utilizáveis;
- Estrutura operacional, para garantir a unidade de direção e o controlo permanente da situação.

Exercícios e Simulacros

A realização de exercícios tem como finalidade testar a operacionalidade dos planos, manter a prontidão dos meios, assegurar a eficiência de todos os Agentes de Protecção Civil e das organizações intervenientes, bem como a adequação e atualidade do plano. A realização destes permite ainda:

- Reforçar a articulação interinstitucional dos agentes;
- Testar as comunicações e meios utilizados nestas;
- Testar os recursos afetos à execução do plano;
- Avaliar o plano.

Os planos de emergência devem ser objeto de exercícios, pelo menos, de 2 em 2 anos, sendo que a lei exige, nalguns casos, que seja anual.

Fase de Emergência

A Fase de Emergência caracteriza-se pela tomada de medidas imediatamente após a ocorrência de acidentes graves ou catástrofes. Estas medidas são direcionadas, primariamente, para salvar vidas, tratar das vítimas e prevenir situações recorrentes, que possam aumentar os danos e perdas.

Caracteriza-se pela ativação do plano de emergência, o acionamento dos órgãos de execução, a mobilização de meios e recursos, a emissão de avisos e alertas, a divulgação diretivas e a prestação de auxílios. Em suma: o desenvolvimento de atividades, tarefas, programas e sistemas contínuos, concebidos para gerir os efeitos duma situação que constitui ameaça para a vida, propriedade, operações ou para o ambiente.

Fase Pós-emergência

A Fase Pós-emergência caracteriza-se pelo desenvolvimento das atividades e programas concebidos para restabelecer as condições mínimas consideradas aceitáveis pela sociedade, após a fase de emergência, assim como a adoção de medidas para o restabelecimento e recuperação das condições normais do funcionamento social.

Tem início ainda dentro das operações de resposta à emergência, logo que as atividades críticas de resposta o permitam e seja possível assegurar os recursos para iniciar as ações de recuperação. Estas poderão estender-se por anos, podendo e devendo incluir ações de restauro, reconstrução, reabilitação, programas de assistência financeira, apoio social e psicológico, alojamento temporário ou assistência técnico-financeira para realojamento, programas de saúde e segurança, e estudos de impacto económico, social e ambiental.

As atividades e programas desenvolvidos para reabilitar e restituir à sociedade as condições existentes à altura do incidente devem atender e incluir instrumentos de mitigação para impedir incidentes futuros. Esta última representa a ligação à Fase de Pré-emergência.

(Página deixada propositadamente em branco)

Capítulo III Metodologia

Estratégia metodológica

Para atingirmos os objetivos propostos utilizámos uma metodologia integrada, ou seja, combinando abordagens quantitativas (inquéritos) e abordagens qualitativas (entrevistas a personalidades significativas desta área). Nesta perspetiva, ao nível da abordagem quantitativa, por um lado pretendeu-se registar a opinião do cidadão/colaborador da SCML e, por outro, colher a opinião dos comandantes de bombeiros, enquanto principais Agentes de Proteção Civil. Foram, também, realizadas, ao nível da abordagem qualitativa, 6 entrevistas semiestruturadas, com base “numa amostra intencional” (Vilelas, 2009:248) relevando o papel dos principais responsáveis desta área, em complementaridade à abordagem quantitativa que é dada pelos inquéritos e pela singularidade e reforço ilustrativo, apresentámos o estudo efetuado ao acidente do WTC nos Estados Unidos.

O primeiro estudo “Os riscos naturais e incêndios urbanos”, teve por base a recolha de dados junto de 750 trabalhadores da SCML, com endereço de email de serviço e a análise desses mesmos dados. Seguiu-se o tratamento e a análise de resultados com vista a obter conclusões sobre a sensibilidade de cada um, quanto às questões da segurança. Conforme atrás assinalado, o tipo de abordagem escolhida foi a quantitativa, tendo-se optado por auscultar a opinião dos trabalhadores da instituição onde exerço funções, sobre qual a sua perceção dos riscos naturais e incêndios urbanos, através de um questionário online, anónimo e auto preenchido, de forma a não influenciar as respostas e a obter dados tão verídicos quanto possível. O universo da investigação, sendo o “conjunto de unidades estatísticas de elementos objeto de investigação, com um ou mais atributos em comum” (Oliveira, 2012:231), foi constituído por 750 colaboradores da SCML - indivíduos de ambos os sexos, dos 20 aos 69 anos, com email de serviço e a amostra ficou-se pelas 429 respostas. José Vidal Oliveira (2012:221) define amostra como “um elemento ou um grupo de elementos do universo, ou seja, uma parte representativa da população ou universo, que deve reproduzir o mais exatamente possível as suas características”. O questionário *online*, realizado entre o dia 1 de Julho e 31 de Dezembro de 2014, foi constituído por 14 perguntas e teve como objetivo apurar a sua perceção dos riscos naturais e incêndios urbanos e, com isso, qual o seu entendimento sobre a importância das ações de formação e

sensibilização, no sentido de uma cultura de segurança. Foi obtida a devida autorização superior para o uso dos dados, de forma anónima. As respostas foram recolhidas através de um e software adequado, o “Lime Survey” e tratadas estatisticamente em “SPSS”.

O segundo estudo “A cultura de segurança da população”, teve por base a recolha de dados junto dos 470 comandantes de corporações de bombeiros de Portugal e a análise desses mesmos dados, por serem os primeiros a chegar aos acidentes e por se confrontarem diariamente com a relação cidadão/acidente, o que lhes permite chegar a conclusões sobre o comportamento de cada um em situação de emergência, bem como qual a sensibilidade do cidadão, quanto às questões da segurança. O tipo de abordagem escolhida foi a quantitativa, tendo optado por auscultar a sua opinião através de um questionário on-line, anónimo e não presencial, de forma a não influenciar as respostas e a obter dados tão verídicos quanto possível.

O universo foi constituído por 470 comandantes de corporações de bombeiros de Portugal Continental e Ilhas, sendo a via de comunicação o email. Houve 65 devoluções, por email inexistente ou falha na entrega, o que levou a um Universo de 405 email’s enviados/recebidos, ficando-se a amostra, como refere Malhotra (2004) que é o subgrupo dos elementos da população que participa no estudo, pelas 225 respostas. Foram efetuados 3 *reminders*. O questionário, realizado entre os dias 9 de Julho e 03 de Agosto de 2015, foi constituído por 6 perguntas e teve como objetivos:

- Em que medida consideram os comandantes das corporações de bombeiros que a população em geral está sensibilizada sobre como atuar em situações de risco;
- Em que medida os comandantes das corporações de bombeiros consideram importantes as ações de sensibilização à população;
- Em que medida o conhecimento dos cidadãos condiciona a capacidade de resposta dos bombeiros em diferentes situações.

As respostas foram recolhidas através de um e software adequado, o “Lime Survey” e tratadas estatisticamente em “SPSS”.

O terceiro estudo, que integra este trabalho como anexo, baseou-se na realização de entrevistas, semiestruturadas, efetuadas a 6 entidades significativas, responsáveis do topo da área Proteção Civil, em que foram colocadas 2 questões para debate, permitindo aos entrevistados “falar” abertamente sobre o tema em questão. As respostas, concisas e

objetivas, foram recebidas por email, o que as enquadra no tipo de CPE - Comunicações Pessoais Escritas. A escolha dos entrevistados recaiu em personalidades que estão envolvidas em funções de topo em organizações diretamente relacionadas com a Proteção Civil, estando, assim, pelas suas funções, numa posição considerada privilegiada. Entendeu-se, de igual forma, garantir uma diversidade que assegurasse as diversas vertentes do sistema, formando um grupo heterogéneo, mas complementar nas várias possíveis abordagens, quer como Presidente da Liga de Bombeiros, quer como Diretor Nacional de Bombeiros, quer como Presidente de Câmara, quer como Diretor de um Serviço Municipal de Proteção Civil ou o Presidente da Associação de Bombeiros Profissionais.

Sublinha-se o fato do investigador conhecer todos os entrevistados, o que confere um grau de confiança, que se cimenta na sua prévia autorização para a publicação das respostas poder ser identificada.

Objetivos

Pretendeu o questionário “*A perceção dos riscos naturais e incêndios urbanos*”, realizado a colaboradores da SCML e que integrava um espaço de perguntas relativas à área de residência e ao local de trabalho, como investigação quantitativa, avaliar a:

- Determinação do grau de conhecimento das regras básicas de segurança em casa;
- Atitude face a determinados perigos e desastres naturais;
- Segurança no local de trabalho;
- Importância da Formação/Sensibilização do cidadão no sentido da Cultura de Segurança.

Pretendeu-se determinar a importância dada aos riscos naturais e aos incêndios urbanos, por parte dos dirigentes da SCML e neste caso, qual o papel de cada um, enquanto agente de proteção civil.

O segundo questionário: “A cultura de segurança da população”, como investigação quantitativa realizada a Comandantes de Corpos de Bombeiros dado que eles são, “indiscutivelmente os primeiros guardiões das comunidades, a quem os cidadãos recorrem quando sujeitos aos mais variados e diferentes tipos de riscos” (Amaro, 2012:36) e o facto do autor ser Presidente de uma Associação de Bombeiros Voluntários, há 18 anos, o que lhe permite testemunhar isso no dia-a-dia, levou-o a promover um questionário online por

convite, que validasse a seguinte questão: Um cidadão melhor preparado e conhecedor dos riscos a que está sujeito, sabendo como se comportar nos 3 momentos, antes, durante e depois de um qualquer incidente, é uma mais-valia na prestação do socorro.

Foram considerados 3 objetivos fundamentais, a saber:

- Em que medida consideram os comandantes das corporações de bombeiros que a população em geral está sensibilizada sobre como atuar em situações de risco;
- Em que medida os comandantes das corporações de bombeiros consideram importantes as ações de sensibilização à população;
- Em que medida o conhecimento dos cidadãos condiciona a capacidade de resposta dos bombeiros em diferentes situações.

O Universo

No primeiro questionário, a população considerada foram 750 trabalhadores da SCML, com endereço de email de serviço.

No segundo questionário foram considerados todos os comandantes de corporações de bombeiros de Portugal, a quem foram enviados 470 convites por *email*. Houve 65 devoluções, por email inexistente ou falha na entrega, que não tiveram solução, resultando em 405 email's efetivamente enviados/recebidos.

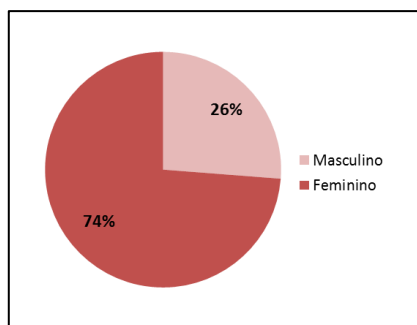
A Amostra

No primeiro questionário validaram-se, como amostra final, 429 respostas válidas recebidas. A recolha decorreu entre os dias 1 de julho e 31 de dezembro de 2014.

No segundo questionário validaram-se, como amostra final, 225 respostas válidas recebidas. A recolha decorreu entre os dias 9 de Julho e 03 de Agosto de 2015 e foram enviados 3 *reminders*.

Caraterização da amostra

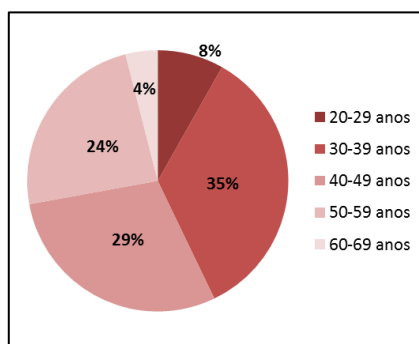
No primeiro questionário, a amostra ficou-se pelas 429 respostas e, como se pode observar, integra uma maioria esmagadora de pessoas do sexo feminino, 317 ou seja 74% da amostra, sendo somente 112 do sexo masculino ou seja 26% do total (fig. 8).



Fonte: Elaboração própria, 2014.

Fig. 8 - Sexo (% - base: 429 respostas)

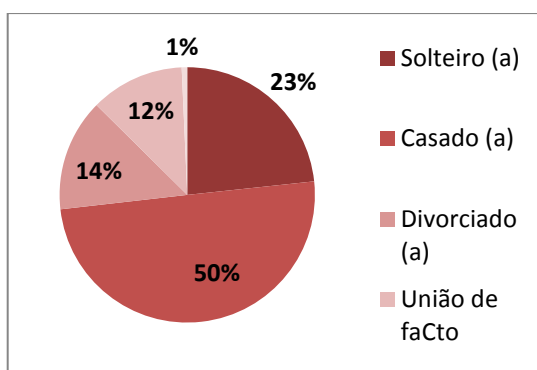
Relativamente à idade, o número significativo de respondentes situa-se entre os 30 e os 59 anos, sendo que há um valor de 35% para o escalão 30-39, de 29% para o escalão 40-49 e de 24% para o escalão 50-59 anos (fig. 9).



Fonte: Elaboração própria, 2014.

Fig. 9 - Idade (% - base: 429 respostas)

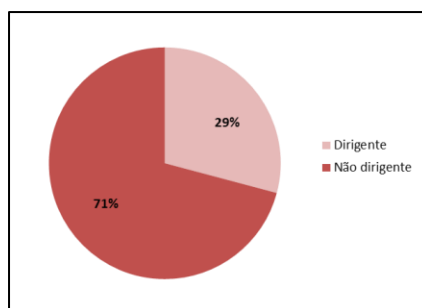
Relativamente ao estado civil, existem 50% de entrevistados que são casados e 12% que estão em união de facto, sendo que 23% são solteiros e 14% divorciados (fig. 10).



Fonte: Elaboração própria, 2014.

Fig. 10 - Estado civil (% - base: 429 respostas)

Relativamente às funções que exercem e dividindo-as em Dirigentes e não dirigentes no universo dos colaboradores convidados a responder, encontramos 29% para o primeiro caso e 71% para o segundo (fig. 11).



Fonte: Elaboração própria, 2014.

Fig. 11 - Cargo / Função (%) - base: 429 respostas)

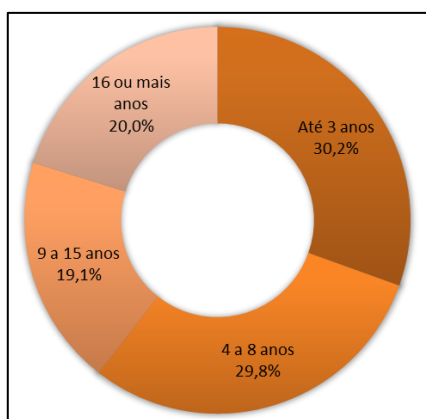
Atendendo ao número e diversidade de serviços e departamentos, tentando obter uma cobertura aceitável de respostas em todos eles, junta-se agora o quadro que evidencia o contributo por unidade de serviço da SCML.

Quadro II - Caracterização da amostra por Departamento / área (base: 429 respostas)

Total	428	100,0%
Ação Social	58	13,6%
Departamento Ação Social de Saúde	11	2,6%
Departamento de Jogos	10	2,3%
Departamento GIP	10	2,3%
Direção de Aprovisionamentos	19	4,4%
Direção de Cultura	7	1,6%
Direção de Desenvolvimento e Interação de Proximidade	7	1,6%
Direção de Infância e Juventude	19	4,4%
Direção de Intervenção com Públicos Vulneráveis	9	2,1%
Direção de Recursos Humanos	24	5,6%
Direção de Saúde	8	1,9%
Departamento da Qualidade e Inovação	20	4,7%
Enfermagem	50	11,7%
Hospital de Santa Ana	14	3,3%
Secretaria Geral	11	2,6%
Unidade de Apoio à deficiência	10	2,3%
Unidade de Desenvolvimento e Intervenção de Proximidade	28	6,5%
Centro de Medicina de Reabilitação do Alcoitão	4	,9%
Direção Financeira	5	1,2%
Outros departamentos	104	24,3%

Fonte: Elaboração própria, 2014.

No segundo questionário, relativamente aos comandantes de bombeiros, considerando que era essa a condição fundamental, apreciou-se o número de anos no exercício do cargo. Apesar da nova legislação sobre a sua recondução ser restritiva, 20% têm 16 ou mais anos e 19,1% têm entre 9 e 15 anos, o que é muito significativo no que diz respeito ao seu conhecimento do terreno e da população que serve. Exercendo o comando entre 4 e 8 anos há 29,8% dos comandantes, ficando os novos comandantes, até 3 anos com 30,2% do total.



Fonte: Elaboração própria, 2015.

Fig. 12 - Caracterização da amostra (base:225 respostas).

Técnica de recolha e tratamento dos dados

Todas as respostas, dos dois questionários, foram recolhidas através de um software adequado, o “Lime Survey” e tratadas estatisticamente em “SPSS”.

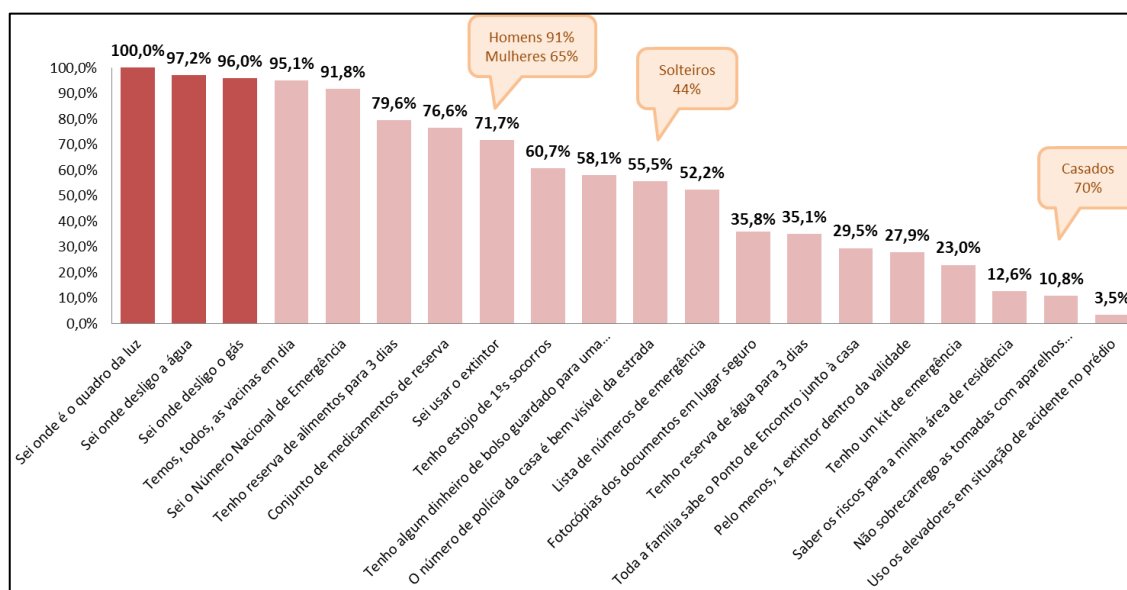
(Página deixada propositadamente em branco)

Capítulo IV Apresentação, análise e discussão de resultados

1. A Cultura de Segurança sobre “os riscos naturais e incêndios urbanos” vista por colaboradores da SCML

Apresentação, análise e discussão de resultados

Iniciou-se o inquérito junto dos colaboradores da SCML com um conjunto de perguntas fechadas, sobre regras básicas de segurança em casa, tendo obtido um conjunto de 427 respostas, que se evidenciam no quadro seguinte.



Fonte: Elaboração própria, 2014.

Fig. 13 - Regras básicas de segurança em casa (base: 427 respostas)

Relativamente ao conhecimento das **regras básicas de segurança** (fig. 13) comuns a Homens e Mulheres e com notoriedade superior a 90% temos:

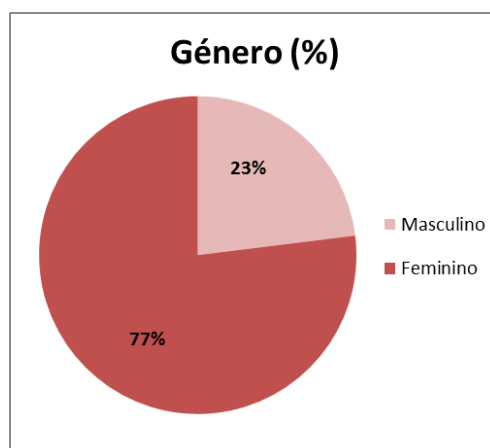
- “Sei onde é o quadro da luz” (H/M 100%);
- “Número Nacional de Emergência” (H 90%; M 92%);
- “Terem, todos, as vacinas em dia” (H 97%; M 94%);
- “Saberem onde se desliga a água” (H 97%; M 97%);
- “Saberem onde se desliga o Gás” (H 97%; M 96%).

Quando questionados sobre a visibilidade do nº de polícia, da casa onde reside, quando se está na estrada, aproximadamente 56% dos inquiridos responde afirmativamente ou seja, que o nº de polícia é visível da estrada (fig. 13). Contudo, curiosamente, só menos de metade dos solteiros que responderam (44%) diz ter os números de polícia visíveis. Este valor pode traduzir efetivamente uma “menor visibilidade”; uma menor preocupação com o assunto, ou ignorância sobre o que significa “nº de polícia”. É na faixa etária até aos 29 anos de idade que a “invisibilidade” do número é maior.

São as pessoas casadas (70%), quem mais “sobrecarregam as tomadas com aparelhos elétricos” e, apesar de uma base muito reduzida e por isso não nos permitir tirar conclusões, não deixo de referir que, das 15 pessoas que disseram “utilizar elevadores em situação de acidente no prédio, 60% delas são pessoas com idades entre os 40-49 anos o que é, apesar da amostra, significativamente preocupante.

Relativamente ao uso do extintor, 91% dos Homens diz que o sabe utilizar enquanto do total de Mulheres apenas 65% assume que o saber fazer, sendo curiosa a relação entre as respostas de “ter e saber” usar um extintor, sendo que quem sabe usar terá a prévia noção da importância desse meio de primeira intervenção, encontramos, na amostra total, 62% das pessoas que não tem extintor em casa e 72% que respondem saber usá-lo (Fig. 13).

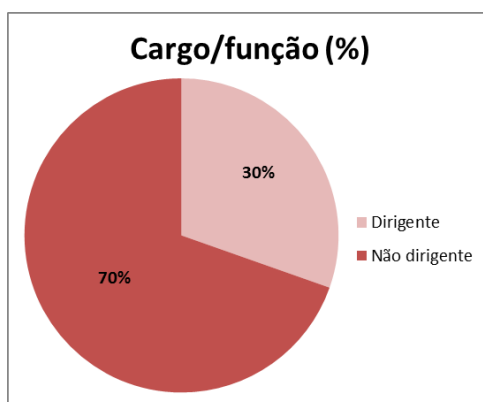
Quanto aos contactos de emergência da sua área de residência, 48% dos inquiridos afirma não dispor, sendo que destes, 77% são do sexo feminino e 23% do sexo masculino (fig. 14).



Fonte: Elaboração própria (2014).

Fig. 14 - Por género, não têm os contactos de emergência da sua área de residência (base: 427 respostas).

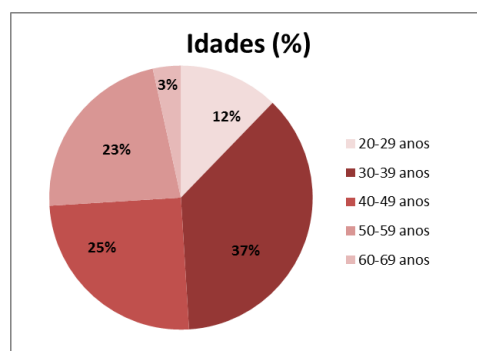
Se observarmos a distribuição, atendendo à função de dirigentes ou de não dirigentes, temos que 70% dos inquiridos que não possuem os contactos são não dirigentes (fig. 15).



Fonte: Elaboração própria (2014).

Fig. 15 - Por cargo/função, não têm os contactos de emergência da sua área de residência (base: 427 respostas).

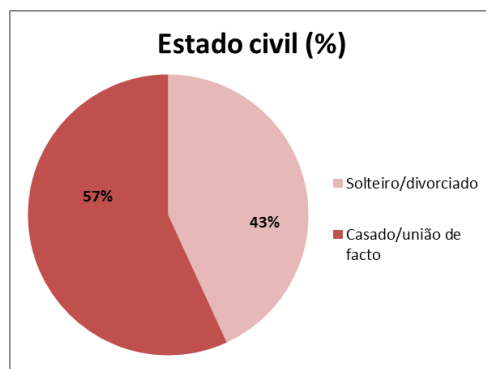
Pode constatar-se, na distribuição por idades, que, no conjunto dos que não dispõem esses contactos, a maioria situa-se entre os 30-49 anos (fig. 16).



Fonte: Elaboração própria (2014).

Fig. 16 - Por idade, não têm os contactos de emergência da sua área de residência (base: 427 respostas).

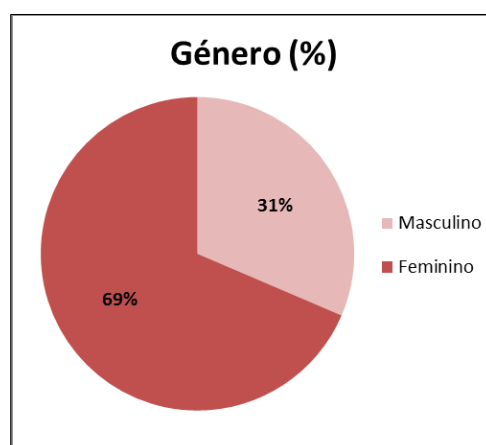
Finalmente, na análise à questão colocada sobre se têm os contactos de emergência da sua área de residência, encontram-se 43% de solteiros/divorciados e 57% de casados / união de facto que afirmaram não dispor. Tal situação aponta-nos para uma maior atenção sobre a importância desta questão por parte das pessoas que vivem sozinhas (fig. 17).



Fonte: Elaboração própria (2014).

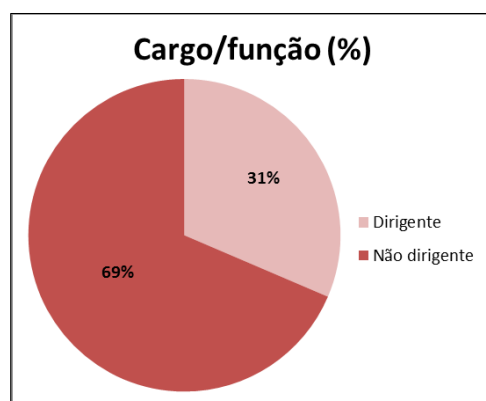
Fig. 17 - Por estado civil, não têm os contactos de emergência da sua área de residência (base: 427 respostas)

Sobre o Número Nacional de Emergência, foram registados 8% dos inquiridos que afirmam desconhecer-lo. A massiva campanha pública de divulgação deste número, leva-nos a considerar, até, ser estranho existirem, ainda, pessoas adultas que possam afirmar o seu desconhecimento, no entanto registamos que, das 35 respostas negativas, 69% são mulheres e 31% são homens, sendo que 69% são não dirigentes e 31% afirmam sê-lo (fig. 18 e 19).



Fonte: Elaboração própria (2014).

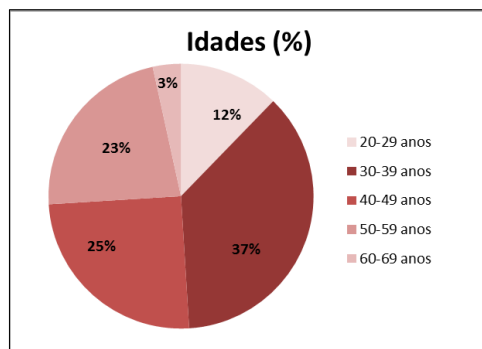
Fig. 18 - Por estado civil, não sabem o Número Nacional de Emergência (base: 427 respostas)



Fonte: Elaboração própria (2014).

Fig. 19 - Por cargo/função, não sabem o Número Nacional de Emergência (base: 427 respostas)

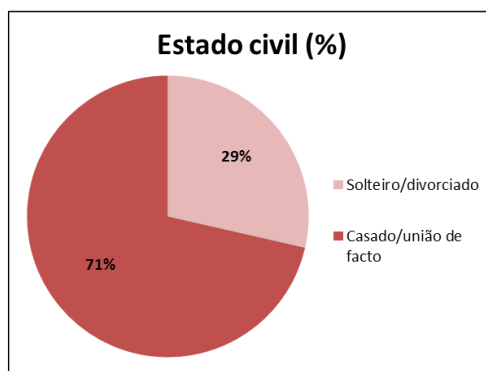
Podemos constatar, na distribuição por idades, que, no conjunto, apesar do equilíbrio existente nos resultados entre os três escalões dos 30 aos 59 anos, é na faixa dos 30 aos 39 que se regista um valor maior, com 37% dos respondentes a afirmar desconhecer o número 112 (fig. 20).



Fonte: Elaboração própria (2014).

Fig. 20 - Por idade, não sabem o Número Nacional de Emergência (base: 427 respostas).

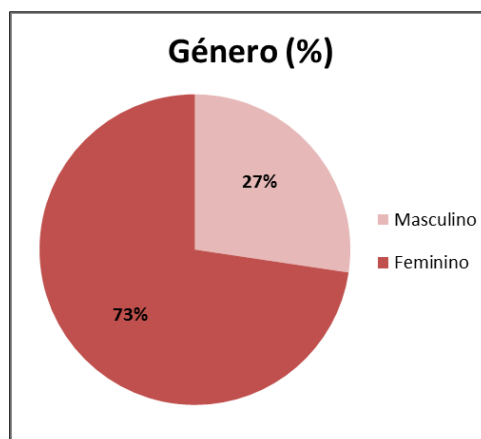
Na análise a esta questão, sobre o conhecimento do número nacional de emergência, encontram-se 29% de solteiros/divorciados e 71% de casados / união de facto que afirmaram não conhecer o 112 (fig. 21). Mais uma vez, esta situação aponta-nos para uma maior atenção sobre a importância desta questão por parte das pessoas que vivem sozinhas, registando, aqui, um número inferior ao encontrado no que se refere ao conhecimento dos contatos da área de residência.



Fonte: Elaboração própria (2014).

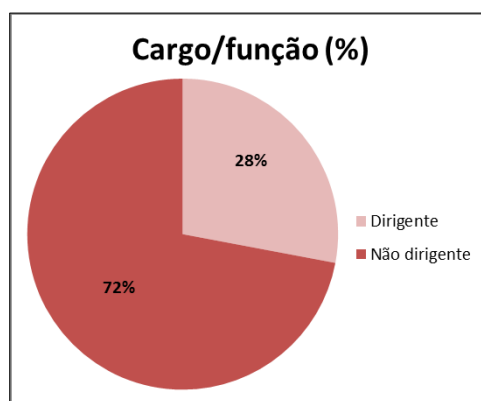
Fig. 21 - Por estado civil, não sabem o Número Nacional de Emergência (base: 427 respostas).

Relativamente a ter um Kit de Emergência em casa, do total de inquiridos, 77% afirma não o ter e destes, 73% são do sexo feminino e 27% do sexo masculino (fig. 22), sendo que 72% são não são dirigentes e 28% são dirigentes (fig. 23).



Fonte: Elaboração própria (2014).

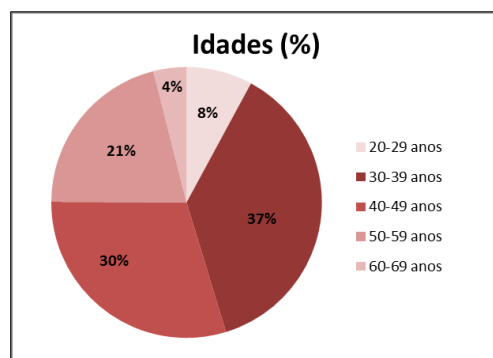
Fig. 22 - Por gênero, não tem Kit de Emergência em casa. (base: 427 respostas).



Fonte: Elaboração própria (2014).

Fig. 23 - Por cargo/função, não tem Kit de Emergência em casa (base: 427 respostas)

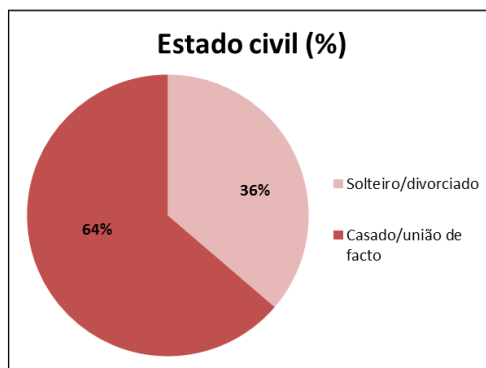
Na distribuição por idades podemos constatar, que, no conjunto, apesar de ser manter um relativo equilíbrio nos resultados entre os três escalões dos 30 aos 59 anos, continua a ser a faixa dos 30 aos 39 que regista um valor maior, com 37% dos inquiridos a afirmar não possuir um Kit de emergência em casa (fig. 24).



Fonte: Elaboração própria (2014).

Fig. 24 - Por idade, não tem Kit de Emergência em casa (base: 427 respostas)

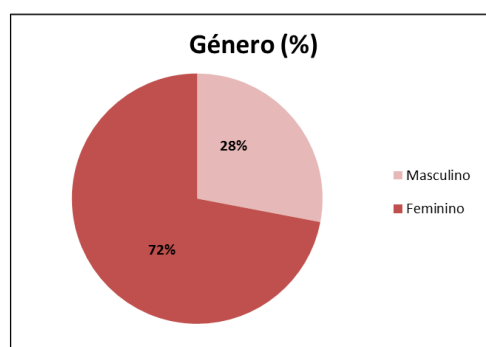
Analisando a questão por estado civil, encontram-se 36% de solteiros/divorciados e 64% de casados / união de facto que afirmam não possuir um Kit de emergência em casa. Continua a ser dada importância a questão por parte das pessoas que vivem sozinhas.



Fonte: Elaboração própria (2014).

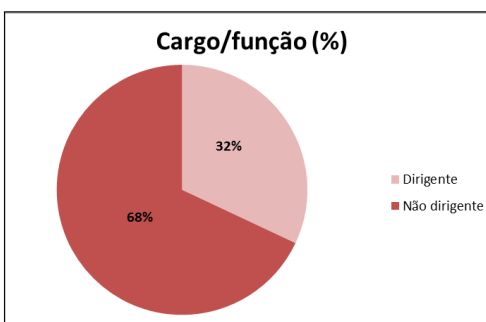
Fig. 25 - Por estado civil, não tem Kit de Emergência em casa (base: 427 respostas)

Já quanto à questão sobre os riscos na área da residência, 53% dos inquiridos afirma estar pouco ou nada informado, tornando-se evidente o seu desconhecimento ou desinteresse da plataforma disponibilizada pela ANPC com os Planos de Emergência por Município ou mesmo da consulta direta à Câmara Municipal. Do total de inquiridos, 72% são do sexo feminino e 28% do sexo masculino, sendo que 68% são não dirigentes e 32% afirmam sê-lo (Fig. 26 e 27).



Fonte: Elaboração própria (2014).

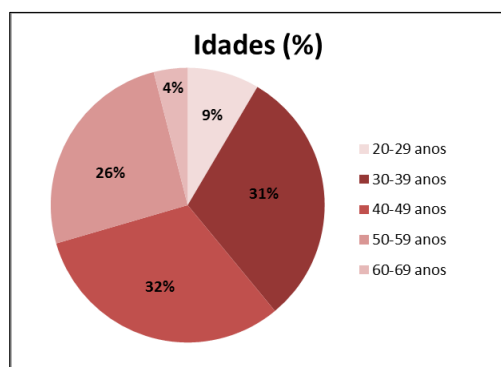
Fig. 26 - Por Género, está pouco ou nada informado sobre os riscos na área da sua residência. (base: 429 respostas).



Fonte: Elaboração própria (2014).

Fig. 27 - Por cargo/função, está pouco ou nada informado sobre os riscos na área da sua residência. (base: 429 respostas).

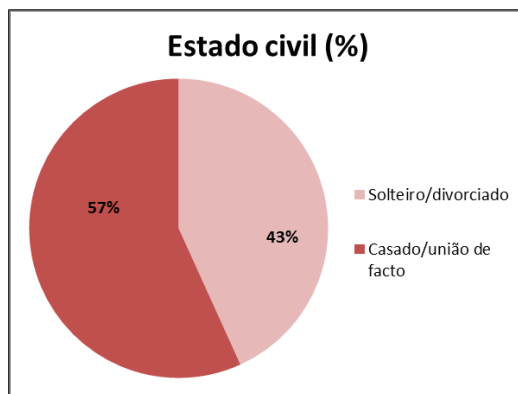
Na distribuição por idades podemos constatar que, no conjunto, apesar de se manter o mesmo equilíbrio nos resultados entre os três escalões dos 30 aos 59 anos, é agora a faixa dos 40 aos 49 que regista, apesar de ser só por um ponto, o valor maior, com 32% dos respondentes a afirmar está pouco ou nada informado sobre os riscos na área da sua residência (Fig. 28).



Fonte: Elaboração própria (2014).

Fig. 28 - Por idades, está pouco ou nada informado sobre os riscos na área da sua residência. (base: 429 respostas).

Analisando a questão por estado civil, encontram-se 43% de solteiros/divorciados e 57% de casados / união de facto que afirmam estar pouco ou nada informados sobre os riscos na área da sua residência. Continua a ser dada uma importância maior à questão por parte das pessoas que vivem sozinhas (Fig. 29).



Fonte: Elaboração própria (2014).

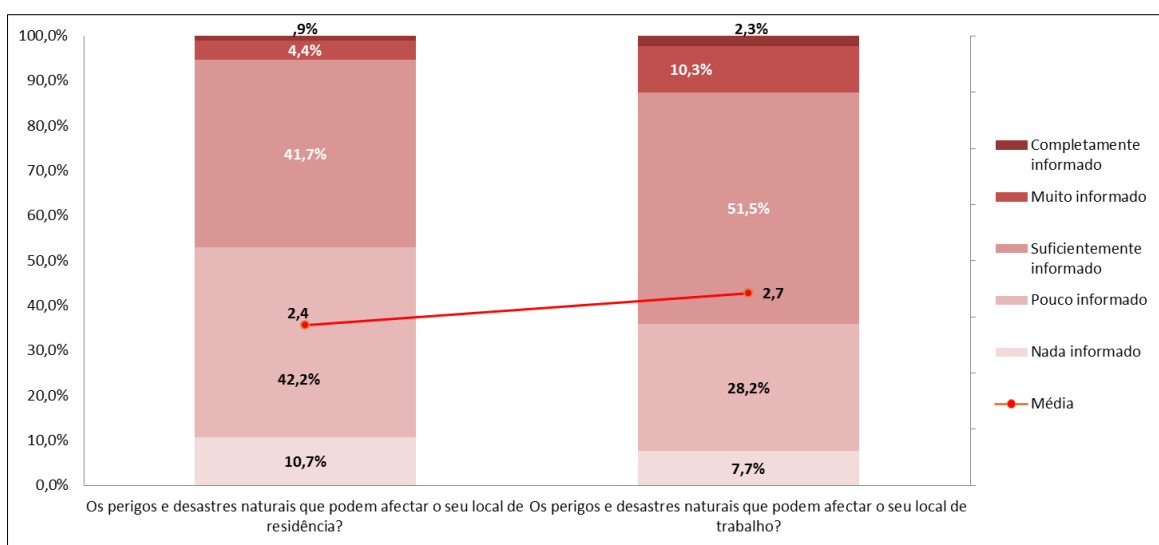
Fig. 29 - Por estado civil, está pouco ou nada informado sobre os riscos na área da sua residência. (base: 429 respostas).

De igual forma, ficam agora alguns registos que consideramos preocupantes, nomeadamente:

- 39% afirmam não dispor de um estojo de primeiros socorros em casa;

- 23% não têm uma reserva de medicamentos, dos considerados indispensáveis para a sua família;
- 65% não dispõem de uma reserva de água para 3 dias.

Por outro lado, em média, as pessoas sentem-se mais bem informadas sobre os perigos e desastres naturais que podem afetar o seu local de trabalho (2,7) do que sobre os perigos que podem afetar o seu local de residência (2,4), conforme se retira da figura 30. Este fator poderá dever-se às ações de formação alargadas ao universo de colaboradores de todos os equipamentos e aos simulacros de evacuação com formação associada, que a SCML tem vindo a efetuar com regularidade nos últimos 2 anos.



Fonte: Elaboração própria (2014).

Fig. 30 - Sentem-se informados sobre os perigos e desastres naturais que podem afetar o seu local de trabalho e a sua residência (base: 429 respostas).

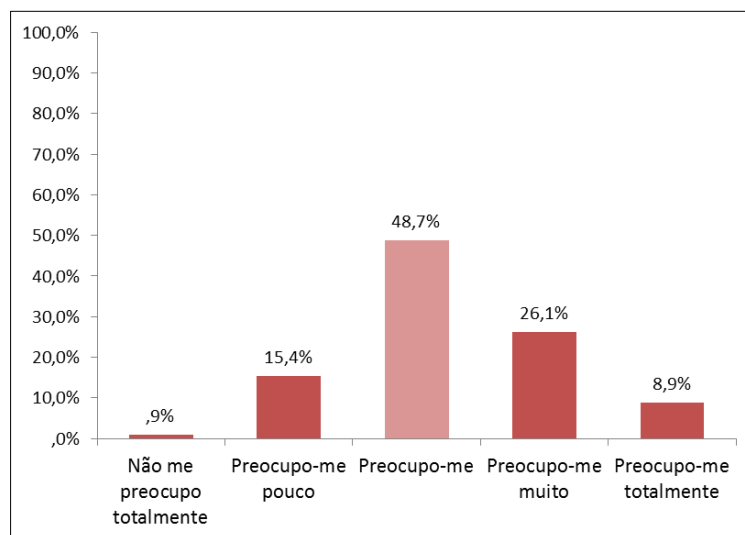
Importa ainda deter um pouco mais de atenção e registar, no que à questão sobre se os inquiridos se sentem informados sobre os perigos e desastres naturais que podem afetar o seu local de residência, 11% referiram não estar nada informados e 43% confessaram estar pouco informados, o que significa um número preocupante de 53% de pessoas que desconhecem, verdadeiramente, os riscos a que estão sujeitos.

A verdade é que de nada vale a existência, como já referi, para consulta, do que pode ser público, na área dos Planos de Emergência, por parte da ANPC, se as pessoas não forem “levadas” a ter a curiosidade de o saber. Só 13% da amostra afirma ter tido a preocupação em saber quais os riscos estabelecidos no Plano Municipal de Emergência da sua área de residência.

No que toca à questão sobre se se sentem informados sobre os perigos e desastres naturais que podem afetar o seu local de trabalho, 7,7% referiram não estar nada informados e 28,2% confessaram estar pouco informados. O que significa um número ainda preocupante, se considerarmos o nível e as responsabilidades do público-alvo, mas muito menor de 35,9% de pessoas que desconhecem, verdadeiramente, os riscos a que estão sujeitos no local de trabalho.

Regista-se, a tempo, a opinião de Fernando Curto (2015, CPE:125), quando afirma que “as medidas de autoproteção e os planos de emergência quando devidamente implementados e publicitados no universo empresarial/profissional, que obrigam a uma informação/formação e ações de sensibilização entre os profissionais faz com estes no seio da empresa procurem sempre melhorar a sua capacidade de resposta depois de conhecerem os riscos a que estão sujeitos no ambiente empresarial”

Ainda relativamente ao local de trabalho e respondendo a uma outra questão (Fig. 31), encontramos 8,9% de pessoas totalmente preocupadas com os perigos, desastres naturais e incêndios urbanos, sendo que 26,1% afirmam-se muito preocupadas e 48,7% preocupadas. Sobram 15,4% de pessoas que se preocupam pouco e 0,9% que não se preocupam nada.

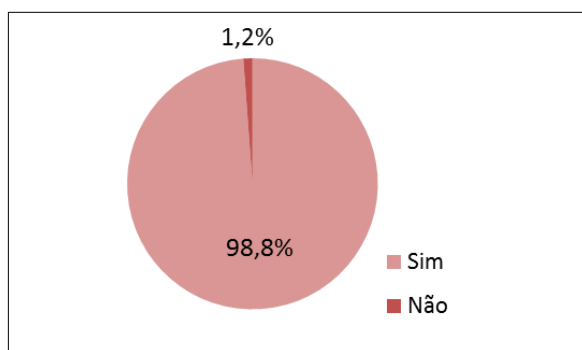


Fonte: Elaboração própria (2014).

Fig. 31 - Preocupação com perigos, desastres naturais e incêndios urbanos no local de trabalho (base: 429 respostas).

Cruzando este resultado com o anterior, ao existirem 35,9% de pessoas que afirmam estar pouco ou nada informadas, de facto confirma-se que destas, pelo menos 19,6% revelam preocupação, mas aceitam, com passividade, o desconhecimento real do que lhe causa essa mesma preocupação.

Dos inquiridos, 99% afirmam já ter ouvido falar sobre riscos naturais (Fig. 32). Nestes, importa registar uma resposta positiva em 100% do sexo masculino e que 2% dos inquiridos do sexo feminino nunca ouviu falar sobre riscos naturais, sendo que estes inquiridos são dirigentes.

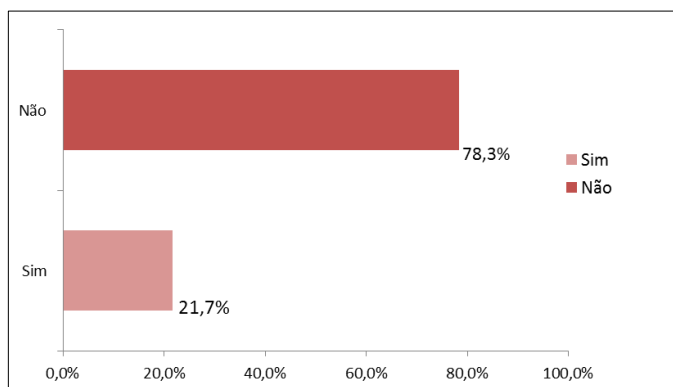


Fonte: Elaboração própria (2014).

Fig. 32 - Já ouviu falar sobre riscos naturais (base: 429 respostas)

Nos 424 colaboradores que afirmaram saber o que são riscos naturais, 73% são Homens e 27% são Mulheres, sendo que 71% não são dirigentes e 29% são dirigentes.

Relativamente a questão sobre se já esteve envolvido em situações de acidente grave ou catástrofe, 22% responde que sim (Fig. 33) e, neste conjunto, temos um contributo de 32% no valor total do sexo masculino e 68% no valor total do sexo feminino, sendo 67% casados/união de facto e 33% de solteiros/divorciados.



Fonte: Elaboração própria (2014).

Fig. 33 - Já esteve envolvido, diretamente, num acidente grave ou numa catástrofe (base: 429 respostas)

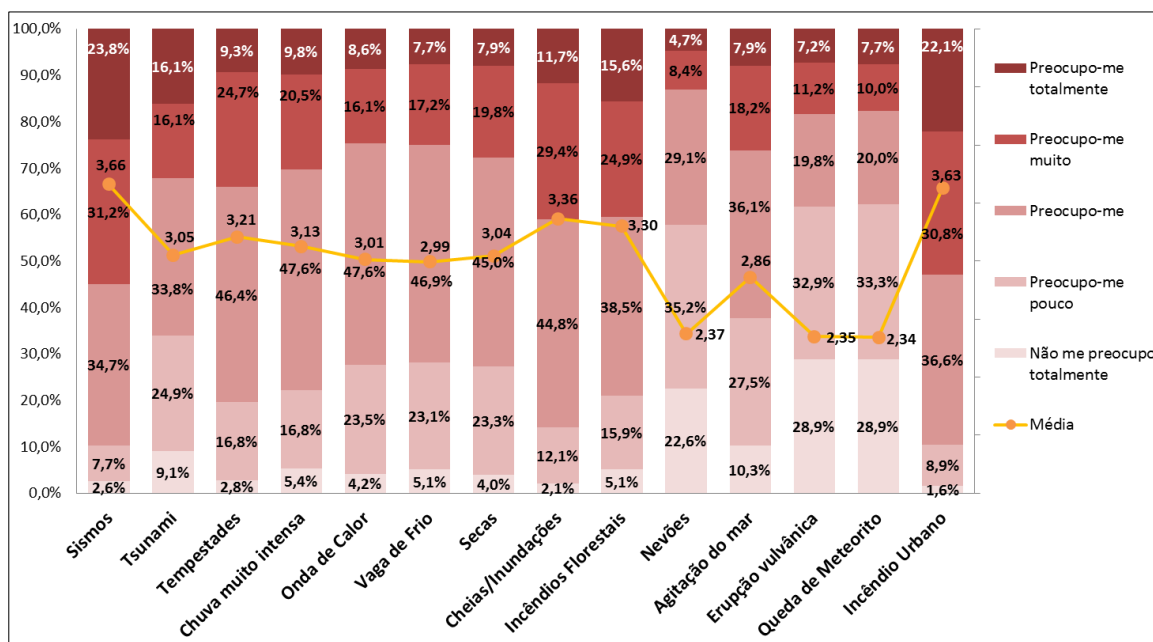
O inquérito fornece-nos, ainda, dados relevantes quanto a outras situações de riscos naturais, em que 30% assinala que esteve envolvido em situações de chuva intensa, 26% em cheias/inundações, 25% em incêndios florestais, 25% já sentiram um sismos, 17% uma tempestade e 16% já testemunharam o efeito das ondas de calor (Quadro III).

Quadro III – Número de inquiridos, dos que afirmaram já ter estado envolvidos em acidentes naturais, por acidente (base: 429 respostas)

<i>Quais:</i> Agitação do mar	11
<i>Cheias / Inundações</i>	24
<i>Chuva muito intensa</i>	28
<i>Incêndio florestal</i>	23
<i>Incêndio urbano</i>	11
<i>Nevões</i>	7
<i>Onda de Calor</i>	15
<i>Secas</i>	1
<i>Sismos</i>	23
<i>Tempestades</i>	16
<i>Vaga de Frio</i>	7

Fonte: Elaboração própria (2014).

De referenciar, ainda, no inquérito, qual o maior receio em relação a um conjunto de riscos, havendo uma significativa resposta positiva entre a preocupação e a preocupação total, de 90% relativamente aos sismos e de 89% relativamente aos incêndios urbanos (Fig. 34).



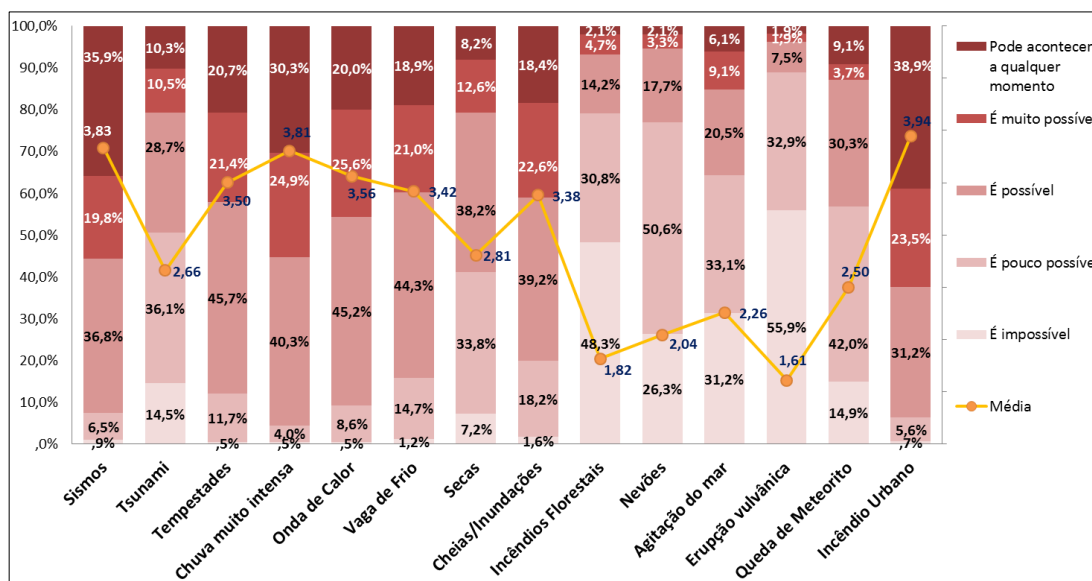
Fonte: Elaboração própria (2014).

Fig. 34 - Preocupação (receio) em relação a cada um dos perigos/desastres (base: 429 respostas)

Por outro lado, 94% dos inquiridos pensa que a probabilidade de ocorrer um incêndio urbano no seu local de trabalho é possível, havendo mesmo 39% que entendem que ele pode ocorrer a qualquer momento.

Relativamente aos sismos, são 93% dos inquiridos que pensam que a probabilidade de ele ocorrer na área de Lisboa é possível, havendo mesmo 34% que entendem que pode

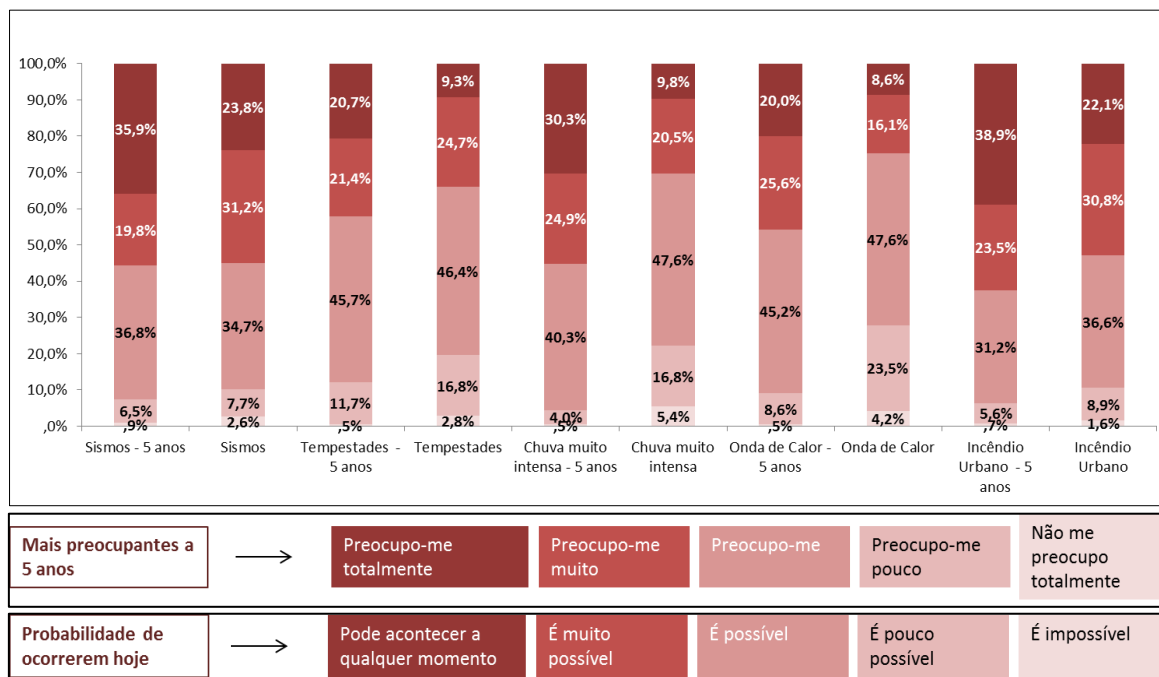
ocorrer a qualquer momento (Fig. 35). Destes, 74% são mulheres e 26% são homens, sendo 63% destes respondentes casados/união de facto e 37% solteiros/divorciados.



Fonte: Elaboração própria (2014).

Fig. 35 - Qual a probabilidade do local de trabalho poder ser atingido, nos próximos 5 anos, em relação a cada risco (base: 429 respostas).

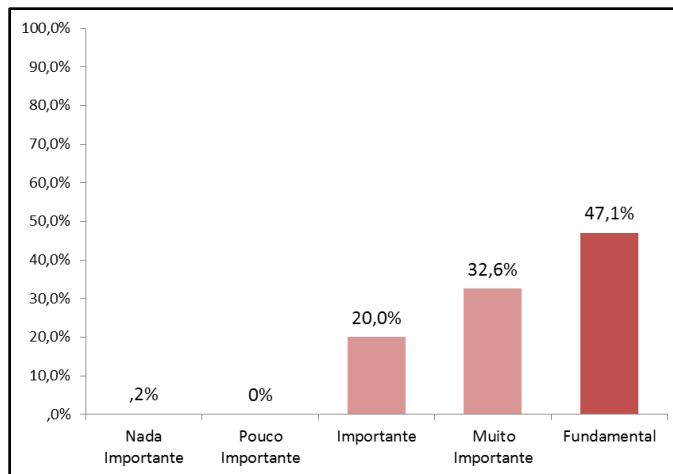
Se analisarmos quais os cinco riscos mais preocupantes e os relacionarmos com a maior probabilidade de ocorrerem nos próximos 5 anos, observa-se serem os sismos e os incêndios urbanos os dois riscos com maior número de respostas (Fig. 36).



Fonte: Elaboração própria (2014).

Fig. 36 - Qual a probabilidade do local de trabalho poder ser atingido, nos próximos 5 anos, em relação a cada risco (base: 429 respostas).

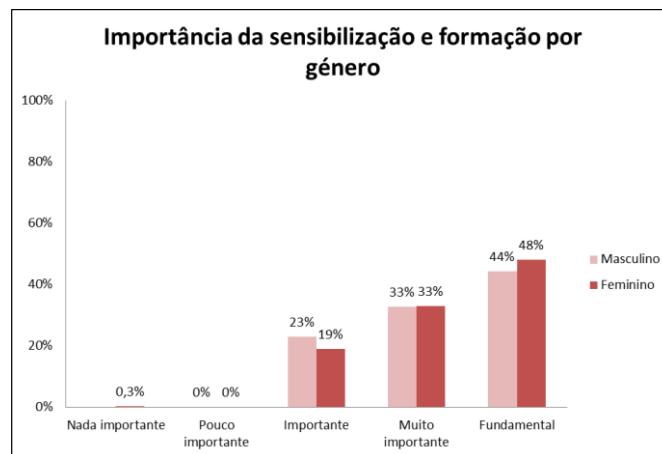
No entanto, há uma certeza em todos os que responderam ao inquérito, é que quase 100% considera importante a sensibilização / formação das pessoas na área da proteção civil e no sentido da Cultura de Segurança. Aliás, 47% dos inquiridos considera isso fundamental.



Fonte: Elaboração própria (2014).

Fig. 37 - Sensibilização/formação, sua importância para a cultura de segurança (base: 429 respostas).

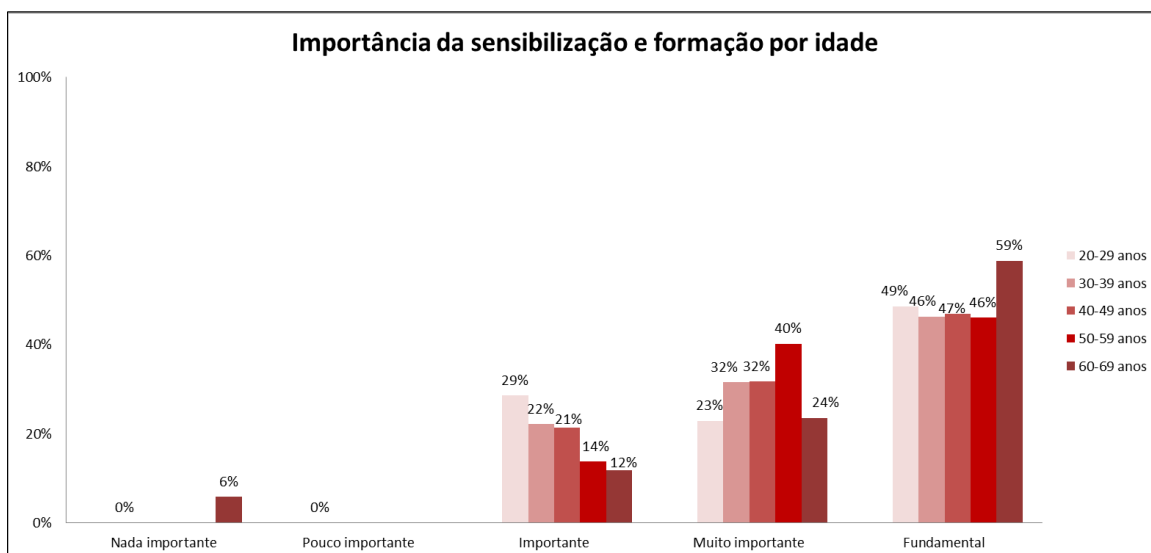
Quanto a estes inquiridos, analisando as respostas dadas como fundamental e por género, encontramos que 48% são do sexo feminino e 44% do sexo masculino como se verifica na figura seguinte (Fig. 38).



Fonte: Elaboração própria (2014).

Fig. 38 - Por género, sensibilização/formação, sua importância para a cultura de segurança (base: 429 respostas).

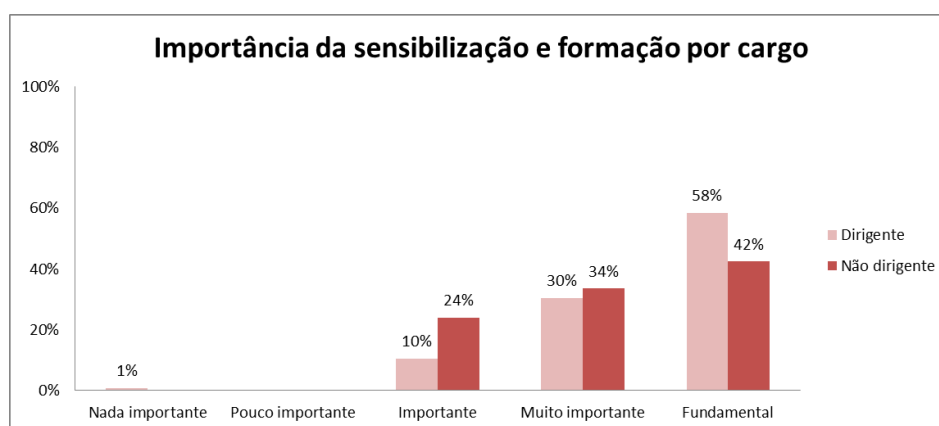
Se analisarmos por faixa de idade, observamos que as respostas de que a sensibilização / formação não são nada importantes para a cultura de segurança foram dadas só por colaboradores com mais de 60 anos, sendo igualmente este o escalão que mais peso apresenta na opinião de que tal é fundamental.



Fonte: Elaboração própria (2014).

Fig. 39 - Por idade, sensibilização/formação, sua importância para a cultura de segurança (base: 429 respostas).

Importava analisar as respostas como dirigente e não dirigente e, como se retira da figura a seguir (Fig. 40), onde se pode concluir que é muito significativo o peso dos dirigentes, com 88% deles a considerar que tal é “fundamental” e “muito importante”.



Fonte: Elaboração própria (2014).

Fig. 40 - Por cargo, sensibilização/formação, sua importância para a cultura de segurança (base: 429 respostas).

Havendo espaço para que fossem deixadas opiniões, num campo de observações, elencam-se agora as mais evidenciadas pelos colaboradores da SCML e que vão, genericamente, no sentido de um melhor conhecimento e participação de cada um nas questões que à Protecção Civil diz respeito. A saber:

- Realização de Ações de Formação sobre como lidar e agir em situações de perigo, de catástrofes;
- Realização de mais Simulacros com e sem pré-aviso;
- Realização de Cursos de Primeiros Socorros;

- Disponibilização de kits de Emergência e de socorrismo;
- Comunicação - Colocação de panfletos, bem como o envio de emails com informação sobre catástrofes.

Em síntese, a nosso ver, as pessoas sabem onde é o seu quadro da luz e, na sua maior parte sabem onde desligam a água e o gás, mas uma percentagem considerável de inquiridos não dispõe de uma reserva de água para 3 dias e não sabe os contactos de emergência da sua área de residência. A maior parte não tem um extintor em casa, mas a esmagadora maioria responde que sabe usá-lo. Ou seja, sabem usar por formação no local de trabalho, mas não o têm em sua casa para poder usar no caso de necessidade, desconsiderando a sua importância como meio de 1ª intervenção. Sublinha esta apreciação, o facto dos inquiridos afirmarem saber, em maior número, os riscos a que estão sujeitos no local de trabalho, do que os riscos na sua própria residência. Demonstra-se, também, que muitos se mostram preocupados com os perigos, desastres naturais e incêndios urbanos, mas aceitam, com passividade, o desconhecimento real do que lhe causa essa mesma preocupação, não agindo na obtenção de conhecimento, apesar de existir um número considerável de inquiridos que afirma já ter estado envolvido em acidentes graves ou catástrofes. Sendo o inquérito obtido em Lisboa, registam-se, como as maiores preocupações, no que aos riscos naturais diz respeito, os sismos, com uma esmagadora maioria das respostas a considerar que existe uma grande probabilidade de que um terremoto possa ocorrer, a qualquer momento, na área de Lisboa e a seguir, como segunda preocupação, os incêndios urbanos.

Regista-se, também, que são os Homens quem dá mais importância às questões da Segurança, quer por saberem, em maior número, significativo, quais os contactos de emergência na área da residência, quer por disporem de um Kit de emergência em casa ou por se preocuparem mais em saber quais os riscos a que está sujeita a sua área de residência. Ao invés, são as Mulheres que, curiosamente, afirmam, em maior número, já terem estado envolvidas em situações de acidente grave ou catástrofe.

Há, de igual forma, uma muito maior atenção, nas questões que à segurança dizem respeito, por parte das pessoas que vivem sozinhas, dispondo, em grande número, dos contactos de emergência, afirmando saber qual o número nacional de emergência e tendo um Kit de emergência em casa.

As pessoas, em média, sentem-se mais bem informadas sobre os perigos e desastres naturais que podem afetar o seu local de trabalho, do que sobre os perigos que podem afetar o seu local de residência.

Apesar de se verificar que o exercício de cargos de direção responsabiliza e obriga a uma maior atenção nas questões da segurança, todos afirmaram ser importante a sensibilização / formação das pessoas na área da proteção civil, no sentido da Cultura de Segurança.

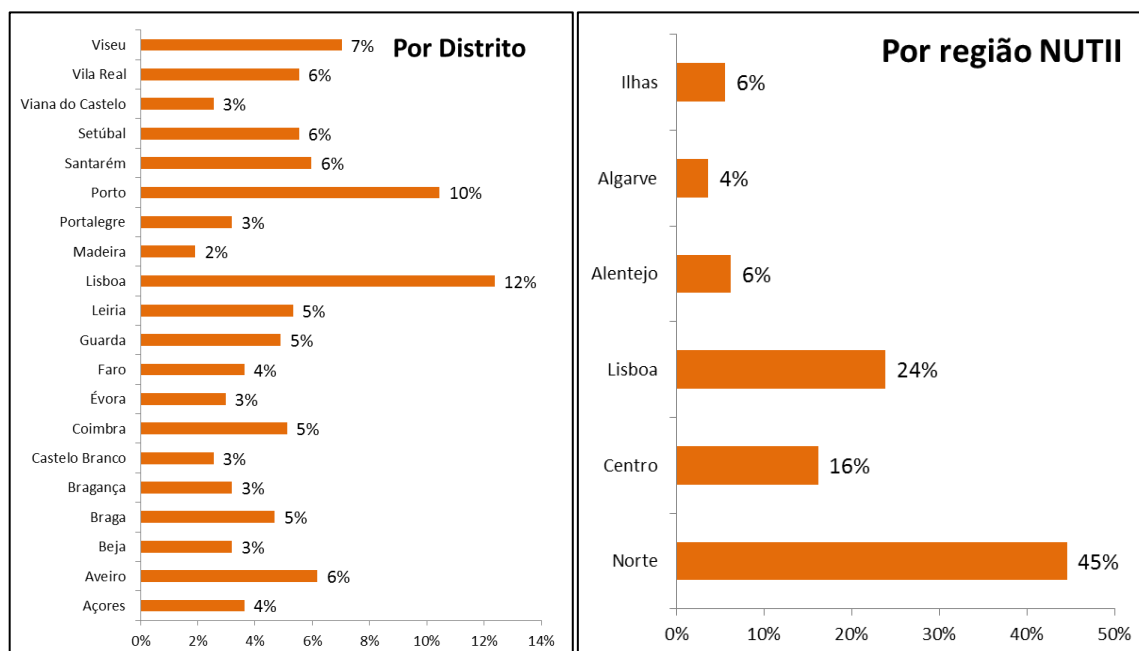
De seguida, passaremos a apresentar os dados relativos ao segundo inquérito, realizado acerca da Cultura de Segurança da população, vista pelos Comandantes dos Corpos de Bombeiros Portugueses.

(Página deixada propositadamente em branco)

2. “A cultura de segurança da população” vista pelos Comandantes de Corpos de Bombeiros

Apresentação, análise e discussão de resultados

Conforme atrás referenciado, a amostra considerada distribuiu-se por todo o território nacional (Fig. 41), evidenciando-se o maior peso do distrito de Lisboa e do Porto, pelo número de CB's existente. A região Norte, se observarmos pela divisão de regiões NUT II³⁸, tem uma parte razoável de 45% do universo total. Foram consideradas as Regiões Norte: Aveiro, Braga, Bragança, Guarda, Porto, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu; Centro: Castelo Branco, Coimbra, Leiria, Portalegre; Lisboa: Lisboa, Santarém, Setúbal; Alentejo: Beja e Évora; Algarve: Faro; Ilhas: Açores e Madeira (Fig. 41 e 42).

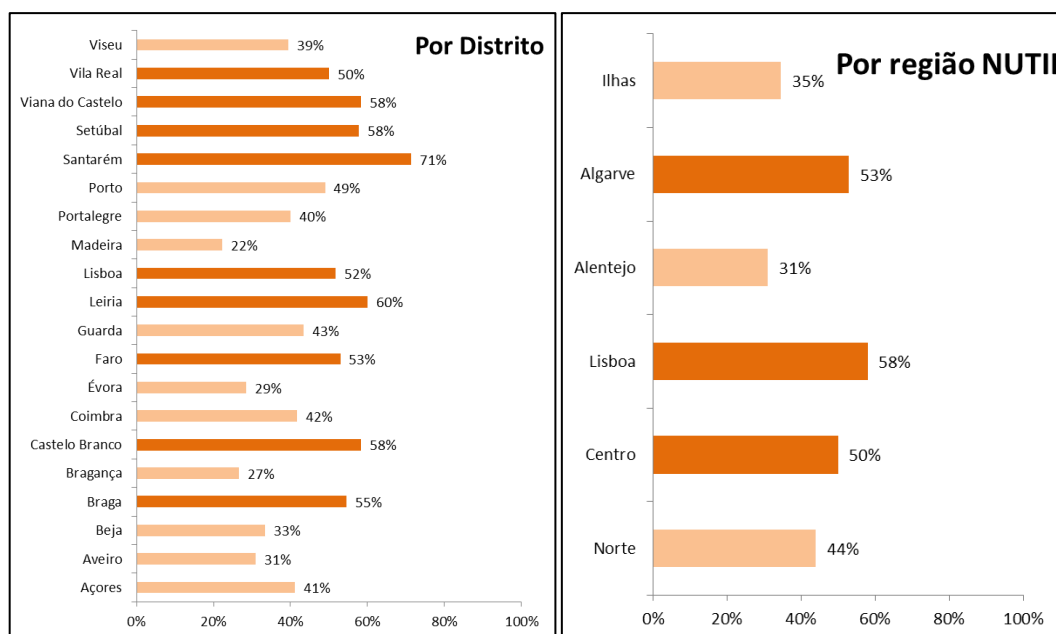


Fonte: Elaboração própria (2015).

Fig. 41 – Comandantes, caracterização da amostra (base:225 respostas).

A taxa de resposta, por distrito e por região NUT II, mostra-nos o Distrito de Santarém, com 71%, como o que mais respondeu e a Madeira como o que menos respondeu, com 22% e a região de Lisboa, a que mais respondeu com 58% e o Alentejo com 31% o que menos respostas enviou.

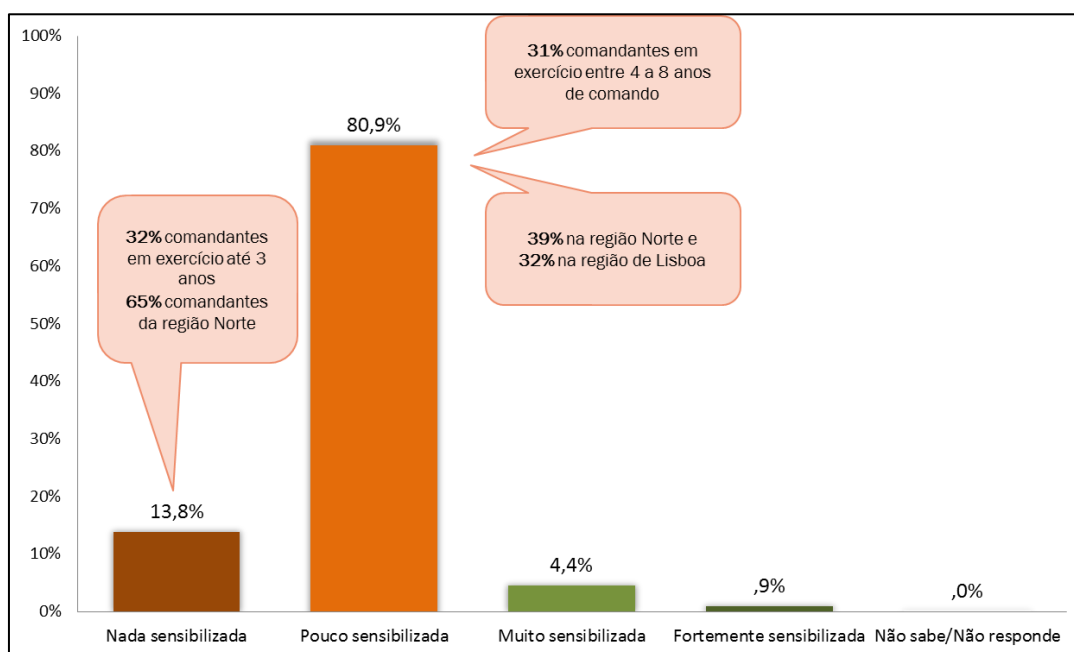
³⁸ Imprensa Nacional Casa da Moeda. (15 de Fevereiro de 1989). *Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos, Decreto-Lei n.º 46/89*. Obtido a 17 de Setembro de 2015, de Diário da República Eletrónico: <https://dre.pt/application/dir/pdf1s/1989/02/03800/05900594.pdf>



Fonte: Elaboração própria (2015).

Fig. 42 – Comandantes, taxa de resposta (base:225 respostas).

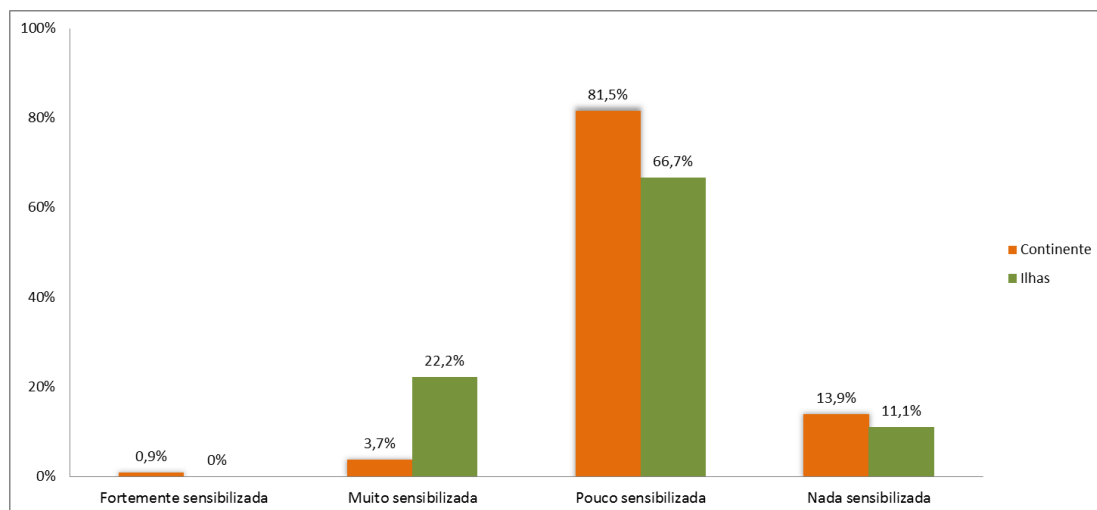
Inquiridos sobre o que pensam da sensibilização da população para as situações de risco, 94,7% dos comandantes entendem que a população está nada ou pouco sensibilizada, conforme figura 43. Melhor observando, podemos registar que, dos 14% que referem que a população não está nada sensibilizada, 32% são comandantes em exercício até 3 anos.



Fonte: Elaboração própria (2015).

Fig. 43 - Sensibilização da população para situações de risco (base:225 respostas).

Importava registar, na análise, a relação direta da opinião dos comandantes do continente e os das ilhas, já que, por força da sua natureza, se esperava estar essa população mais sensibilizada, atendendo ao seu número e à diversidade de ocorrências/acidentes (Fig. 44), onde 22,2% dos comandantes sediados nas ilhas da Madeira e dos Açores consideram que a sua população está muito sensibilizada, comparando com somente o valor de 3,7% dos comandantes do continente com a mesma opinião.

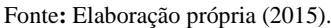
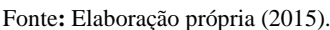


Fonte: Elaboração própria (2015).

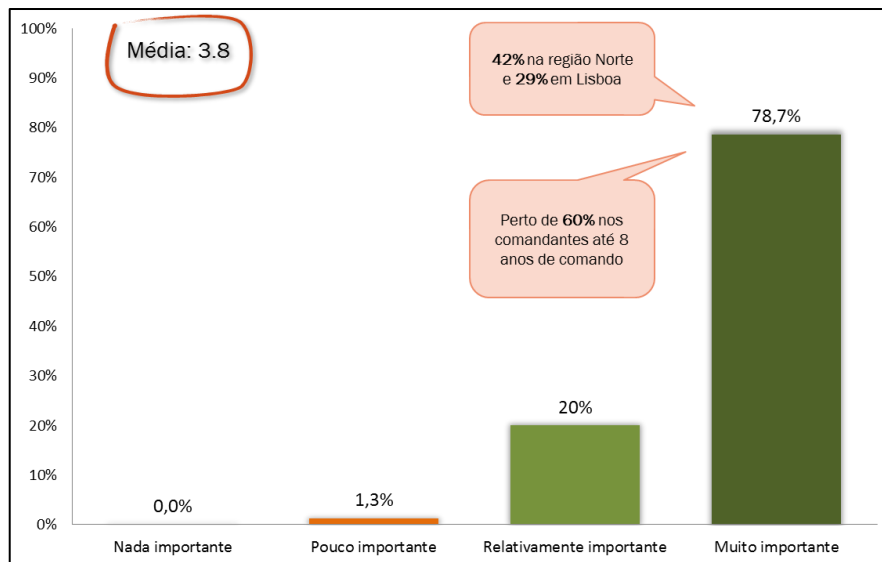
Fig. 44 - Por Comandante Continente/Ilhas, sensibilização da população para situações de risco (base:225 respostas).

De notar que Fernando Curto (2015, CPE:125), também o afirma, referindo que “a população em especial a dos Açores são cidadãos informados, e que respondem bem aos riscos inerentes ao arquipélago, fruto também das contingências e riscos a que estão sujeitos, desde há muitos anos. Ao invés, os cidadãos do continente, não estão sensibilizados para os riscos porque durante a sua vida nunca foram confrontados com situações que os obrigaram a tomar medidas.”

Inquiridos sobre o que pensam da importância do desenvolvimento de ações de sensibilização, como forma de melhorar a capacidade de resposta em situações de emergência, facilmente se afirma ser isso determinante, com 65,3% de respostas de muito importante, numa escala de 1 nada importante, a 10 muito importante, com uma média de 9,2 (Fig. 45).

[illegible]

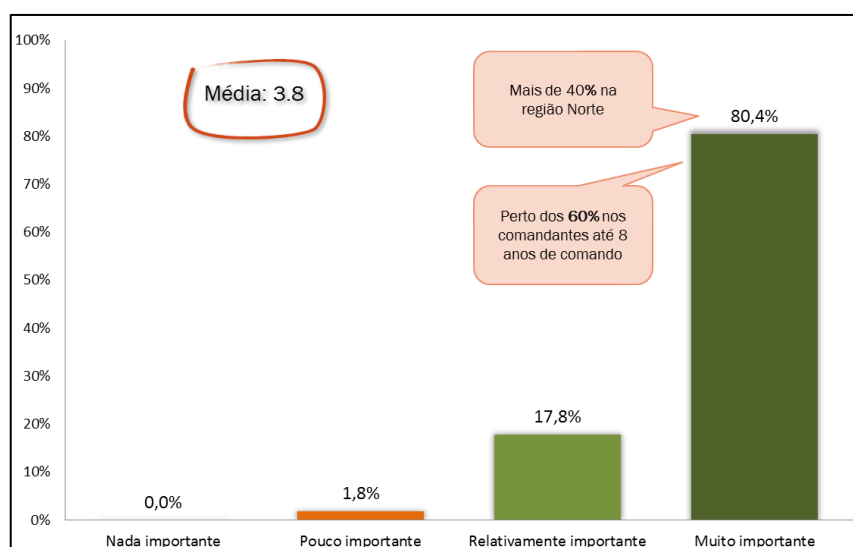
Pretendendo saber, em relação à população, qual a importância que os Comandantes de Bombeiros atribuem às ações de formação e sensibilização na sua relação com o tempo de reação numa emergência, demonstra-se a sua importância, ao obter 78,7% com a resposta “muito importante” (Fig. 47).



Fonte: Elaboração própria (2015).

Fig. 47 - Importância das ações de formação: Tempo de reação numa emergência (base:225 respostas)

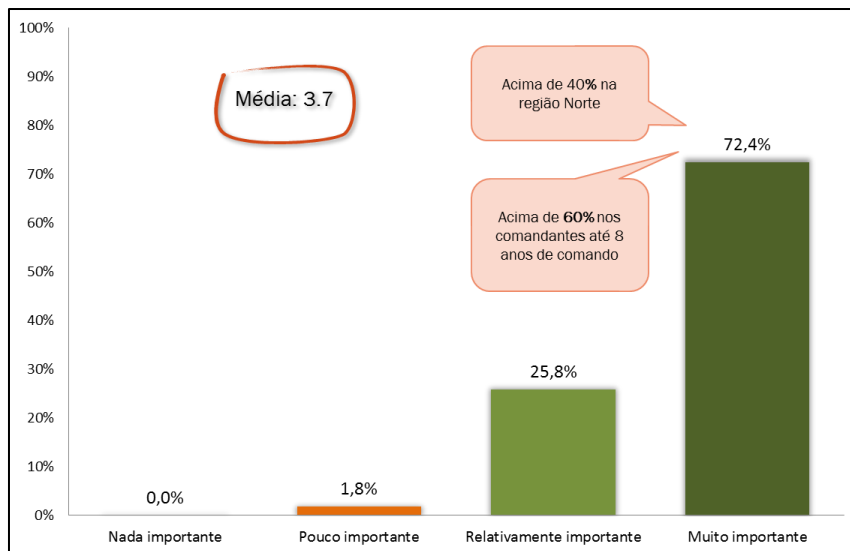
Inquiridos sobre a importância das ações de formação, na relação direta com o saber usar os equipamentos de segurança, nomeadamente os extintores, 80,4% da amostra considera isso “muito importante”. Continua a verificar-se uma percentagem mais elevada - 60%, nestas questões da sensibilização / formação, por parte dos comandantes com poucos anos de comando, no caso até 8 anos (Fig. 48).



Fonte: Elaboração própria (2015).

Fig. 48 - Importância das ações de formação: Manuseamento de equipamentos (base:225 respostas)

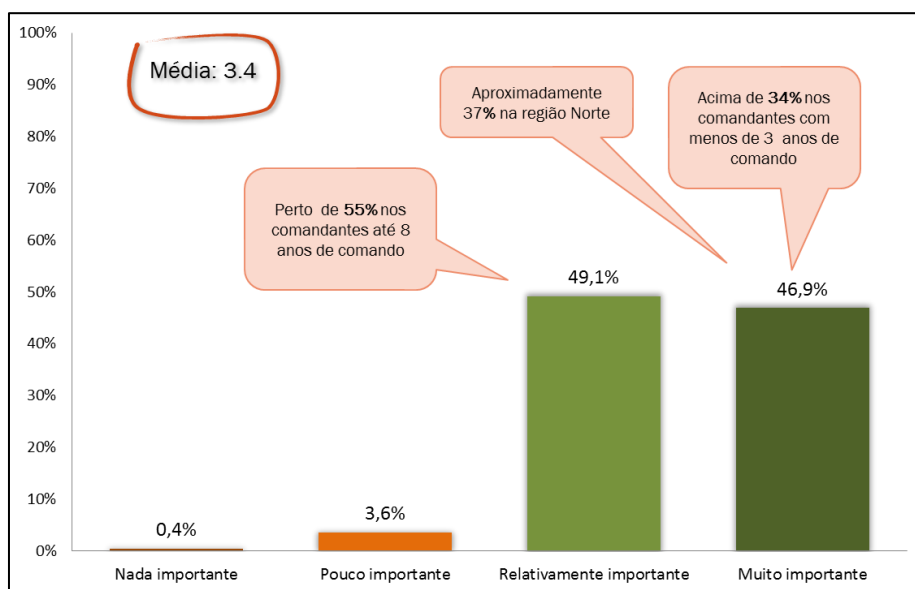
Sobre a importância das ações de formação, na relação direta com a capacidade de prestar auxílio a terceiros, registaram-se 72,4% da amostra com a resposta “Muito importante” e mantem-se a percentagem de comandantes que exercem o comando até 8 anos, com 60% (Fig. 49).



Fonte: Elaboração própria (2015).

Fig. 49 - Importância das ações de formação: capacidade de prestar auxílio a terceiros (base:225 respostas)

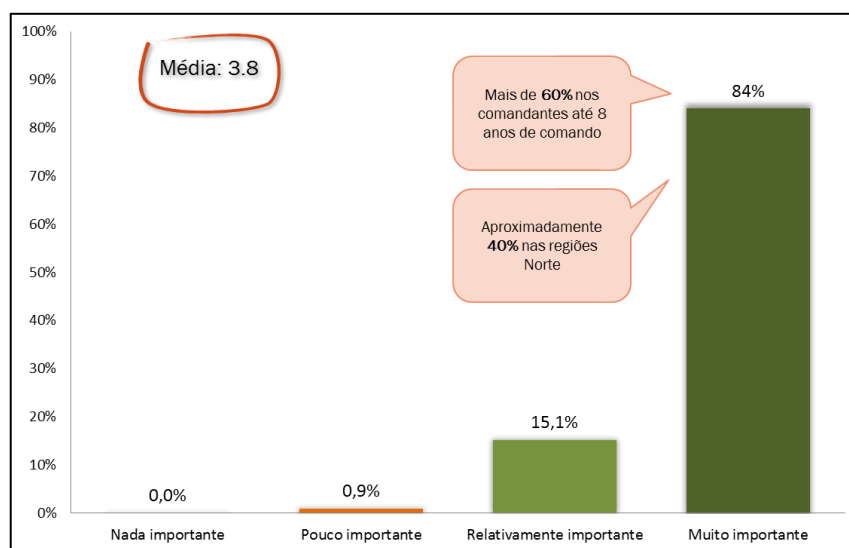
Inquiridos sobre a importância das ações de formação, na relação direta com a gestão do stress associado, por parte da população, 49,1% da amostra consideram ser um fator relativamente importante e 46,9% muito importante (Fig. 50).



Fonte: Elaboração própria (2015).

Fig. 50 - Importância das ações de formação em: gestão do stress associado (base:225 respostas)

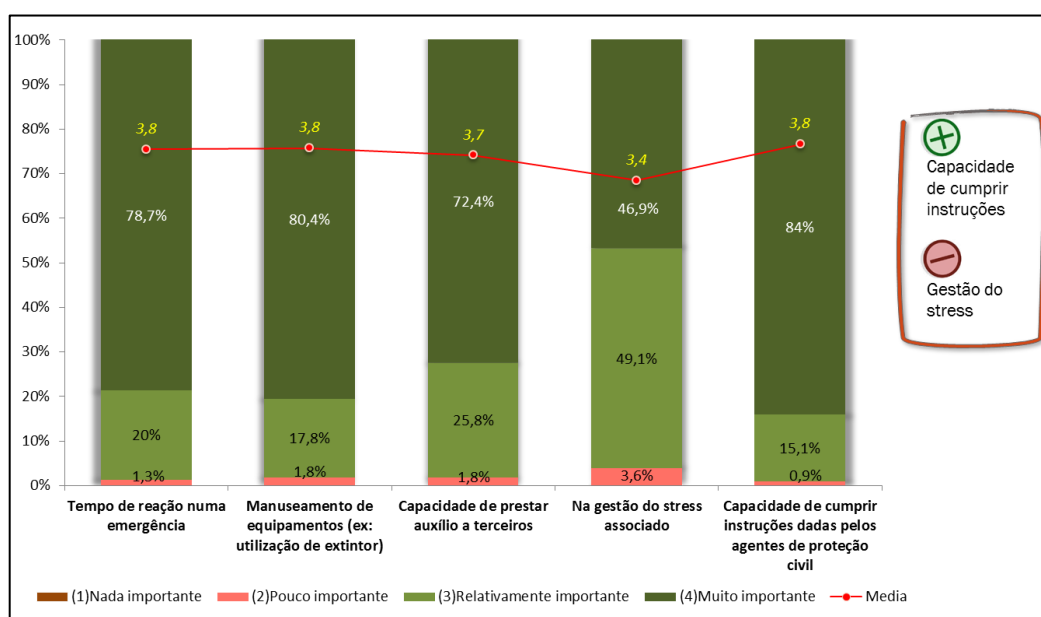
Inquiridos sobre a importância das ações de formação, na relação direta com a capacidade de cumprir instruções dadas pelos agentes de proteção civil, 84% da amostra considera “muito importante” e 15% relativamente importante (Fig. 51).



Fonte: Elaboração própria (2015).

Fig. 51 - Importância das ações de formação em: capacidade de cumprir instruções dadas pelos agentes de proteção civil (base:225 respostas)

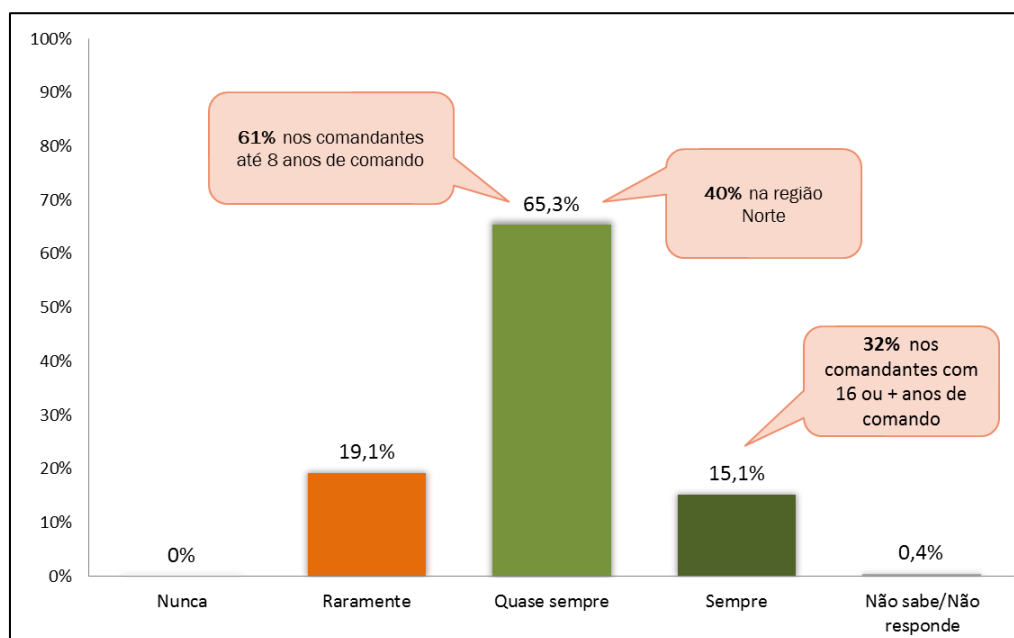
Em conclusão, os comandantes inquiridos afirmaram que as populações, tendo recebido ações de formação, melhoraram a sua capacidade de cumprir instruções dadas pelos agentes de proteção civil e têm como opinião que isso se verifica com muito menor expressão, na gestão do stress associado.



Fonte: Elaboração própria (2015).

Fig. 52 - Importância das ações de formação (base:225 respostas)

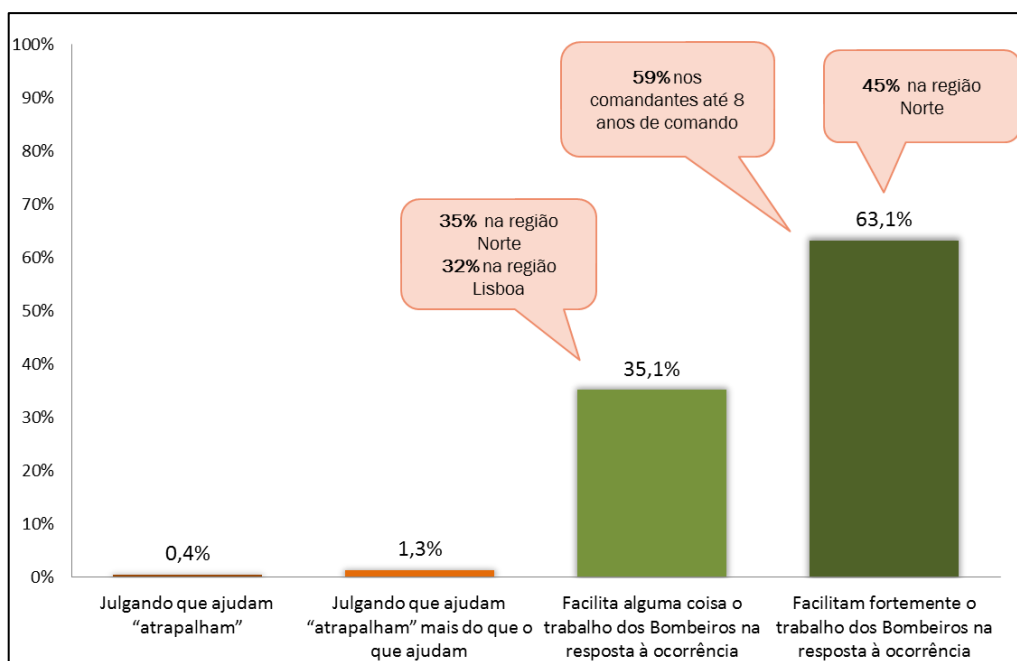
Inquiridos sobre a sua perceção, como Comandantes, do modo de agir da população em situação de acidente e se, nesse caso, conseguiram perceber quem de facto tem conhecimentos de como agir, através do comportamento de cada um, 65,3% afirmaram “quase sempre” e 15,1% “sempre” (Fig. 53).



Fonte: Elaboração própria (2015).

Fig. 53 - Perceção como Comandante, dos conhecimentos através do comportamento dos intervenientes (base:225 respostas)

Por outro lado, 63,1% dos Comandantes afirmaram que, quando as pessoas envolvidas têm conhecimentos / formação em matéria de proteção civil, facilitam fortemente o trabalho dos Bombeiros na resposta à ocorrência.



Fonte: Elaboração própria (2015).
Fig. 54 - Percepção como Comandante, dos conhecimentos através do comportamento dos intervenientes (base:225 respostas)

Concluindo, cerca de 95% dos comandantes das corporações de bombeiros, que fazem parte da amostra, considera que a população portuguesa está “Pouco ou Nada” sensibilizada sobre como atuar em situações de risco. Destes 95%, “quase” metade (42%) pertencem à região Norte do país.

Utilizando uma escala de 1 a 10 (1=nada / 10=muito) para aferir o grau de importância no que respeita ao desenvolvimento de ações de sensibilização que visem a melhoria da capacidade de resposta da população em situações de risco, a média do grau de importância atribuído foi de 9,2 o que nos remete praticamente para a “obrigatoriedade” em desenvolver este tipo de ações a curto prazo.

A importância do impacto das ações de formação no “tempo de reação a uma emergência”, é em 99% dos casos considerada importante: (relativamente=20% / Muito=79%);

A importância do impacto das ações de formação no “Manuseamento de equipamento”, é em 98% dos casos considerada importante: (relativamente=18% / Muito=80%).

A importância do impacto das ações de formação na “Capacidade de prestar auxílio a terceiros”, é em 98% dos casos considerada importante: (relativamente=26% / Muito=72%);

A importância do impacto das ações de formação no “Na gestão do stress associado”, é em 96% dos casos considerada importante: (relativamente=49% / Muito=46%). Como se verifica foi o critério “menos importante”, dentro da sua importância;

A importância do impacto das ações de formação no “Capacidade de cumprir instruções dadas pelos agentes de proteção civil”, é em 99% dos casos considerada importante: (relativamente=15% / Muito=99%). Foi este o critério considerado MAIS importante.

Na determinação do grau de importância para os diferentes critérios verifica-se uma diferença de atribuição de grau de importância nos comandantes que exercem até 8 anos de comando e os que exercem há mais de 8 anos. Talvez exista, atualmente, uma maior sensibilização destas matérias, mesmo a nível de comando;

São os comandantes da região Norte quem mais salienta a importância das ações de formação. Por outro lado, 63% dos comandantes considera que pessoas com conhecimentos / formação “Facilitam fortemente o trabalho dos Bombeiros na resposta à ocorrência”.

Em síntese, a esmagadora maioria dos Comandantes de Bombeiros, enquanto principais Agentes de Proteção Civil, por serem, quase sempre, os primeiros operacionais a chegar aos acidentes, consideraram que a população, para as situações de risco, está nada ou pouco sensibilizada. Nestes, são os que estão há menos de 3 anos no exercício de funções e os do Norte do País, que consideraram isso em maior número, em contraposição com os comandantes das Ilhas que afirmaram que a sua população está muito sensibilizada. A exposição a um risco, que ocorre com maior frequência, pode ser a explicação para essa maior atenção das populações que residem nos Açores e na Madeira. Regista-se, de igual forma, que se verifica uma diferença de atribuição de grau de importância para os diferentes critérios, nos comandantes que exercem até 8 anos de comando e os que exercem há mais de 8 anos. Talvez exista, atualmente, uma maior sensibilização destas matérias, mesmo ao nível de comando dos corpos de bombeiros.

Os Comandantes inquiridos consideram, na sua maior parte e referindo que o conseguem perceber em situação de acidente, que o desenvolvimento de ações de sensibilização e de formação, junto da população, melhora a sua capacidade de resposta em situações de emergência, nomeadamente no tempo de reação numa emergência, no saber usar os equipamentos de segurança, em especial os extintores, na relação direta com a

capacidade de prestar auxílio a terceiros, na gestão do stress associado e na relação direta com a capacidade de cumprir instruções dadas pelos agentes de proteção civil.

Afirmaram também que, na relação cidadão/acidente, as pessoas envolvidas que têm conhecimentos/formação em matéria de proteção civil, facilitam fortemente o trabalho dos Bombeiros na resposta à ocorrência.

(Página deixada propositadamente em branco)

Conclusão

“A ship is safe in a harbor, but that’s not what ships are for.”

William Shedd

A Lei sempre considerou o cidadão como parte fundamental do sistema de Protecção Civil, logo desde 1942, mas, apesar disso, existem, em todos os desastres, inúmeras provas bem enterradas debaixo dos escombros, de que era possível fazer muito melhor, resultar em menores prejuízos e salvar mais vidas.

Com este trabalho pretendemos responder à questão: Será o cidadão um agente de protecção civil e que, estando melhor preparado, ele tem maior probabilidade de sobreviver?

Para atingirmos os objetivos propostos utilizámos uma metodologia integrada, ou seja, combinando abordagens quantitativas através de inquérito, onde registamos a opinião do cidadão/colaborador da SCML e, por outro, colhemos a opinião dos comandantes de bombeiros e abordagens qualitativas, através de entrevistas semiestruturadas, relevando o papel dos principais responsáveis dessa área. De igual forma e em complementaridade à abordagem quantitativa que é dada pelos inquéritos e pela singularidade e reforço ilustrativo, apresentámos o estudo efetuado ao acidente do WTC nos Estados Unidos.

Compreendemos a perceção dos trabalhadores da SCML acerca dos riscos naturais e dos incêndios urbanos e conseguimos demonstrar, no que ao seu grau de conhecimento das regras básicas de segurança em casa diz respeito, que eles sabem bem onde é o seu quadro da luz e, na sua maior parte, sabe onde desligar a água e o gás, mas há uma percentagem considerável que não dispõe de uma reserva de água para 3 dias e não sabe os contactos de emergência da sua área de residência. De igual forma, fica demonstrado que muitos se mostram preocupados com os perigos, desastres naturais e incêndios urbanos, registando mesmo, como sendo a sua maior preocupação, os sismos, com uma esmagadora maioria das pessoas a considerar que existe uma grande probabilidade de que um terremoto possa ocorrer, a qualquer momento, na área de Lisboa. De seguida, como sua segunda preocupação, vêm os incêndios urbanos mas, em relação a estes, a maior parte não tem um extintor em casa e a esmagadora maioria responde que, apesar disso, sabe usá-lo. Ou seja, sabem usar por formação no local de trabalho, mas não o têm em sua casa para poder usar

no caso de necessidade, desconsiderando a sua importância como meio de 1ª intervenção. São os Homens e as pessoas que vivem sozinhas, quem dá mais importância às questões da Segurança, quer por saberem, em maior número, significativo, quais os contatos de emergência na área da residência, quer por disporem de um Kit de emergência em casa ou por se preocuparem mais em saber quais os riscos a que está sujeita a sua área de residência. Ao invés, são as Mulheres que, curiosamente, afirmam, em maior número, já terem estado envolvidas em situações de acidente grave ou catástrofe. No final, todos afirmaram ser importante, mesmo fundamental, a sensibilização / formação das pessoas na área da proteção civil, no sentido da Cultura de Segurança.

A percepção dos comandantes de corporações de bombeiros de Portugal, acerca do comportamento dos cidadãos, entendendo, assim, em que medida a população em geral está sensibilizada sobre como atuar em situações de risco, era um vetor importante, no sentido de confirmar opinião, dado serem eles os principais Agentes de Proteção Civil, por serem, quase sempre, os primeiros operacionais a chegar aos acidentes. Demonstrou-se, através do inquérito, que eles consideraram que a população, para as situações de risco, está nada ou pouco sensibilizada. Ficou expresso, no entanto e em sentido diferente, a opinião dos comandantes das Ilhas, que afirmaram que a sua população está muito sensibilizada. A exposição a um risco, que ocorre com maior frequência, pode ser a explicação para essa maior atenção das populações que residem nos Açores e na Madeira. Ficou claro que os Comandantes entenderam que o conhecimento dos cidadãos, em relação às questões da segurança, condiciona a capacidade de resposta dos bombeiros em diferentes situações, afirmando mesmo que o conseguem perceber, em situação de acidente e sublinham que a capacidade de intervenção dos Corpos de Bombeiros fica fortemente facilitada em situações de emergência. Registou-se, também, uma população conhecedora está melhor preparada na relação direta com a capacidade de prestar auxílio a terceiros, na gestão do stress associado e na relação direta com a capacidade de cumprir instruções dadas pelos agentes de proteção civil.

As “comunicações pessoais escritas”, de seis entidades significativas da área da Proteção Civil, cuidadosamente selecionadas e cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade pode contribuir para o objetivo da recolha de informação, nomeadamente por serem responsáveis de topo de instituições/serviços desta área e que asseguram as diversas

vertentes do sistema, sublinha-nos o já espelhado, no sentido de que a população, para as situações de risco, está pouco sensibilizada e que é da maior importância a formação/sensibilização do cidadão, no sentido de se atingir Cultura de Segurança.

Confirma-se a importância do cidadão, no quadro das atividades de proteção civil, sendo tal que seria importante criar na legislação um diploma próprio que a ele se dirigisse, integrando os seus direitos e deveres, apontando espaços de formação formal nas escolas e nos locais de trabalho, conferindo uniformidade aos grupos de cidadãos que se juntam com este objetivo e fazendo a sua relação com as Associações de Bombeiros Voluntários, espaço de excelência ao nível local para formatar esta solução.

A prevenção começa pela noção de risco e esta obtém-se através de vivências próprias ou da cultura de grupo em que cada um se insere. Os jovens adquirem esta noção a partir do conhecimento do território e dos espaços em que vivem, é a interiorização da noção de risco local que lhes permitirá um comportamento adequado e responsável face a eventuais ocorrências.

Como vimos, a legislação aponta para que tal aconteça e o cidadão é, ele próprio responsável por uma área em que o Estado ainda não cuida de lhe dar formal e especial formação. Afirma-se, hoje, que um cidadão consciente dos riscos e do contributo que pode dar para os evitar ou para atenuar as suas consequências é, por princípio, um agente ativo de proteção civil e que, por isso, pode e deve desempenhar um papel fundamental no sistema. Esta afirmação deveria ser consequente na ação, no planeamento, na criação de condições, disponibilizando meios e instrumentos, nomeadamente através da sensibilização e formação das populações, óbvia responsabilidade do Estado.

Por fim, bem poderiam ser chamados a intervir, nas suas áreas próprias, as Associações Humanitárias de Bombeiros Voluntários que tendo a experiência e o conhecimento, poderiam dispor de quadros próprios, vocacionados para a formação/sensibilização da população jovem, no espaço do 1º ciclo do ensino básico, e, num programa desenhado a dez anos, encontrar, nessa altura, uma sociedade mais preparada e resiliente, conhecedora dos riscos e com o saber necessário para recuperar rapidamente e com o menor dano de um qualquer acidente grave.

Todos somos Protecção Civil, porque ela a todos importa e a todos nós diz respeito.

(Página deixada propositadamente em branco)

Referências bibliográficas

Livros, artigos e outros trabalhos científicos

Amaro, António Duarte (2012). O socorro em Portugal. Instituto de Direito Público.

Amaro, António Duarte, 2012. “Segurança e socorro: Novo paradigma”, Revista Territorium nº 19, 15-21, Minerva, Coimbra

ANPC, 2009. Guia para a caracterização de risco no âmbito da elaboração de planos de emergência de proteção civil. Cadernos técnicos Prociv nº 9. Carnaxide, Portugal

Beck, Ulrich (1997). A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: BECK, U.; GIDDENS, A.; Lash, S. (orgs). Modernização reflexiva. São Paulo: Editora da Unesp, cap.1, 11-68p.

Beck, Ulrich (1986). “La sociedad del riesgo: hacia una nueva modernidade”. Barcelona: Paidós.

Beck, Ulrich, Giddens, Anthony, Lash, Scott (1997). Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna, tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

Calvo García-Tornel (2001). Francisco. Sociedades y territorios en riesgo. Barcelona: Ediciones del Serbal.

Giddens, Anthony (1991). As consequências da Modernidade. São Paulo: Ed. Unesp..

Giddens, Anthony (2002). Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Zahar Ed..

Giddens, Anthony (2003). Mundo em descontrolo: o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro. 6ª ed., Ed. Record.

Guldenmund, F.W., 2000. The nature of safety culture: a review of theory and research. Safety Science nº 34, pp. 215 -257. Holanda. Delft University of technology.

Holdeman, Eric, 2015. Crosscut, Public Safety. <http://crosscut.com/2015/08/what-would-kickstart-northwests-earthquake-preparations/> (consultado em 28 de agosto de 2015)

Hudson, P.T.W. (2001). “Safety Management and Safety Culture: The Long, Hard and Winding Road”.

- Ketele, J. & Roegiers, X. (1999), Metodologia da recolha de dados. Lisboa: Piaget.
- Laraia, Roque de Barros (1986). Cultura: um conceito antropológico. Zahar. Rio de Janeiro.
- Laranjeira, José (1987). “A proteção Civil e a Defesa Nacional”, Curso de Defesa Nacional.
- Lopes, Gomes, 2013. “Plano Nacional de Emergência de Proteção Civil”, site Segurança e Ciências Forenses: <http://segurancaecienciasforenses.com/2013/02/14/plano-nacional-de-emergencia-de-protecao-civil/>.
- Lourenço, Luciano (2004). “Riscos naturais e proteção do ambiente”, Coleção Estudos 44, Colectâneas Cindínicas I, Edição conjunta: NICIF e FLUC, Coimbra.
- Lourenço, Luciano, *et al* (2003). “Fernando Rebelo, pioneiro e grande impulsionador do estudo dos riscos em Portugal”, Revista Territorium, Minerva, Coimbra.
- Malhotra, N. (2004). Pesquisa de Marketing - uma orientação aplicada, São Paulo, Bookman – ARTMED
- Ministério da Educação – Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, manual do módulo “Cidadania e Segurança”, (2007). (<http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/cidadaniaeseguranca.pdf>).
- November, Valerie, 2002. Les Territoires du risque: le risque comme objet de réflexion géographique. Berna: Lang.
- November, Valerie (2004). “Being close to risk. From proximity to connexity”, Int. J. Sustainable Development, Vol. 7, No. 3, p. 274.
- Oliveira, J. Vidal (2012). Marketing Research Vol. 1, Investigação em Marketing, Edições Sílabo.
- Quarantelli, E. L. (1987). Disasters studies: an analysis of the social historical factors affecting the development of research in the area. *International Journal of Mass Emergencies and Disasters*, pp. 285-310. Vol. 5, Nº3.
- Rebelo, Fernando (1999). “A Teoria do Risco analisada sobre uma perspetiva geográfica”, *Cadernos de Geografia*, Coimbra nº 18, p. 3-13.

Slovic, Paul (1987). “Perception of Risk,” *Science* 236, pp. 280-285.

Taylor, Edward. (2005). Texto em “Evolucionismo cultural”. Textos selecionados por Celso Castro, com tradução Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor Lda.

Thaden, Terry & Gibbons, Alyssa, (2008). Technical Report HFD-08-03/FAA-08-2 The safety culture indicator scale measurement system. Atlantic City/USA. Federal Aviation Administration.

Veyret, Yvette (2007, 2013). “Os riscos: o homem como agressor e vítima do meio ambiente”. São Paulo: Contexto

Vilelas, José, 2009. *Investigação O processo de construção do conhecimento*, Lisboa, Ed. Sílabo.

Jornais e artigos de revistas de divulgação específica

Couto, Manuel (2013). “Editorial”. *PROCIV* n° 60, Março, p. 2

Owen, James, “Família salva de Tsunami por uma lição de geografia”. Site do National Geographic News, a 18 de Janeiro de 2005:

http://news.nationalgeographic.com/news/2005/01/0118_050118_tsunami_geography_lesson.html (consultado em 2 de novembro de 2015).

Parker, Dan, “3 News” online, 14 de Outubro de 2009. <http://www.3news.co.nz/nznews/tenyearold-credited-with-saving-lives-during-samoan-tsunami-2009101417#axzz3kh2xRQRq>. (consultado em 2 de novembro de 2015)

Revista Super Interessante, “Salvos por acidente”, n° 160, de Agosto de 2011. http://www.superinteressante.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=776:salvos-por-acidente&catid=12:artigos&Itemid=86 (consultado em 2 de novembro de 2015)

Sá, Patricia & Paixão, Fátima, 2013. “Contributos para a clarificação do conceito de competência numa perspetiva integrada e sistémica”. *Revista Portuguesa de Educação*, 26 (1), pp. 87-114

Comunicações Pessoais Escritas, entrevista.

Curto, Fernando, 2015, CPE:125.

Ferreira, José, 2015, CPE:123.

Lopes, Pedro, 2015, CPE:121.

Ribeiro, Manuel João, 2015, CPE:125.

Silva, Helder, 2015, CPE:124.

Soares, Jaime, 2015, CPE:122.

Comunicações Pessoais Escritas, inquérito aos Comandantes de Bombeiros.

Comandante de Bombeiros ID12, CPE:149.

Comandante de Bombeiros ID25, CPE:149.

Comandante de Bombeiros ID46, CPE:149.

Comandante de Bombeiros ID47, CPE:149.

Comandante de Bombeiros ID94, CPE:151.

Comandante de Bombeiros ID115, CPE:151.

Comandante de Bombeiros ID131, CPE:152.

Comandante de Bombeiros ID187, CPE:153.

Comandante de Bombeiros ID212, CPE:154.

Comandante de Bombeiros ID226, CPE:154.

Comandante de Bombeiros ID248, CPE:155.

Legislação consultada

Leis

Lei n.º 27/2006, de 3 de Julho, Diário da República n.º 126/06 – 1ª série, Assembleia da República, **Lei de Bases da Proteção Civil**.

Lei n.º 65/2007, de 12 de Novembro, Diário da República n.º 217/07 – 1ª série, Assembleia da República, **Define o enquadramento institucional e operacional da proteção civil no âmbito municipal, estabelece a organização dos serviços municipais de proteção civil e determina as competências do comandante operacional municipal**.

Lei Orgânica n.º 1/2011, de 30 de Novembro, Diário da República n.º 230/11 – 1ª série, Assembleia da República, **Transfere competências dos governos civis e dos governadores civis para outras entidades da Administração Pública em matérias de reserva de competência legislativa da Assembleia da República**.

Lei n.º 80/2015, de 3 de Agosto, Diário da República n.º 149 - 1ª série, Assembleia da República, segunda alteração à Lei n.º 27/2006, de 3 de Julho, que aprova a **Lei de Bases da Proteção Civil**.

Decretos-Lei

Decreto-lei n.º 31:956/1942, de 2 de abril, Diário da República n.º 76 – 1ª série, Assembleia da República, **Defesa Civil do Território**.

Decreto-Lei n.º 134/2006, de 25 de Julho, Diário da República n.º 142 - 1ª série, Assembleia da República, **Cria o Sistema Integrado de Operações e Protecção e Socorro**.

Decreto-Lei n.º 114/2011, de 30 de Novembro, Diário da República n.º 230/11 – 1ª série, Assembleia da República, **Alterações ao Sistema Integrado de Operações e Protecção e Socorro**.

Decreto-Lei n.º 126-B/2011, de 29 de Dezembro, Diário da República n.º 249/11 – 1ª série, Assembleia da República, **aprova a Lei Orgânica do Ministério Administração Interna**.

Decreto-Lei n.º 72/2013, de 31 de Maio, Diário da República n.º 105/13 – 1ª série, Assembleia da República, **Alterações ao Sistema Integrado de Operações e Protecção e Socorro**.

Decreto-Lei n.º 73/2013, de 31 de Maio, Diário da República n.º 105/13 – 1ª série, Assembleia da República, **aprova a Orgânica da Autoridade Nacional de Protecção Civil**.

(Página deixada propositadamente em branco)

Índice

Dedicatória	5
Agradecimentos	7
Resumo / Abstract	9
Sumário	11
Lista de acrónimos e abreviaturas	13
Introdução	15
Capítulo I Enquadramento e conceitos	
Enquadramento	23
Definição de conceitos	27
Risco	27
Catástrofe	32
Cultura de Segurança	35
Capítulo II O sistema de proteção civil e o cidadão	
O que é Protecção Civil	43
A atual Lei de Bases da Protecção Civil	44
Agentes de Protecção Civil	47
As estruturas da Protecção Civil	49
Nível Nacional e Distrital	49
A estrutura Municipal	50
Autoridade Municipal de Protecção Civil	51
Serviço Municipal de Protecção Civil	51
Coordenador Municipal de Protecção Civil	51
Comissão Municipal de Protecção Civil	52
Os Órgãos de execução das operações de socorro	53
Coordenação Institucional	53
Comando Operacional	54
A Gestão da Emergência	55
Fase Pré-emergência	56

Planeamento de Emergência	57
Planos de Emergência Gerais	57
Planos Especiais de Emergência	57
Planos de Emergência Municipais	58
Exercícios e Simulacros	58
Fase de Emergência	58
Fase Pós-emergência	59
Capítulo III Metodologia	
Estratégia metodológica	61
Objetivos	63
O Universo	64
A Amostra	64
Caraterização da amostra	64
Técnica de recolha e tratamento dos dados	67
Capítulo IV Apresentação, análise e discussão de resultados	
1. A Cultura de Segurança sobre “os riscos naturais e incêndios urbanos” vista por colaboradores da SCML	69
Apresentação, análise e discussão dos resultados	69
2. “A Cultura de Segurança da população” vista pelos Comandantes de Corpos de Bombeiros	87
Apresentação, análise e discussão dos resultados	87
Conclusão	99
Referências Bibliográficas	103
Legislação consultada	107
Índice	109
Índice de Quadros	113
Índice de Figuras	115
Anexos	
1 Entrevistas efetuadas a diversos responsáveis na área da Proteção Civil e Bombeiros	119
2 A investigação do NIST – National Institute of Standards and Technology, ao acidente do World Trade Center.....	129

3	Inquérito “A percepção dos riscos naturais e incêndios urbanos”, realizado a colaboradores da SCML	135
4	Inquérito “A cultura de segurança da população” realizado aos Comandantes de Corpos de Bombeiros	143
5	Extratos utilizados dos inquéritos, em Verbatim, dos Comandantes de Corpos de Bombeiros, sobre qual a importância que atribuem ao desenvolvimento de ações de sensibilização / formação da população, como forma de melhorar a sua capacidade de resposta em situações de emergência, relacionando-a com a sua ID de respostas.	147
6	Tabulações do Inquérito: “A percepção dos riscos naturais e incêndios urbanos”, realizado a colaboradores da SCML	159
7	Tabulações do Inquérito: “A cultura de segurança da população” realizado aos Comandantes de Corpos de Bombeiros.	197

(Página deixada propositadamente em branco)

Índice de Quadros

Quadro I: Grau de Risco	32
Quadro II - Caracterização da amostra por Departamento / área	66
Quadro III – Número de inquiridos dos 93 que afirmam já ter estado envolvidos em acidentes naturais	80
Anexo 2	
Quadro IV - Exercícios de evacuação efetuados nos 12 meses antes do acidente	132
Quadro V - Atividades antes da evacuação do acidente	133
Quadro VI - Atividades antes da evacuação do acidente	134
Quadro VII - Dados NIST, pesquisa por telefone	134

Índice de Figuras

Fig. 1 – O Ciclo da Catástrofe	35
Fig. 2 - Níveis que afetam a cultura organizacional	36
Fig. 3 - Modelo de maturidade de cultura de segurança	38
Fig. 4 - Agentes de Proteção Civil	48
Fig. 5 - Comandos distritais	50
Fig. 6 - Organograma da estrutura municipal de Protecção Civil	51
Fig. 7 - Diagrama da Gestão de Emergência	56
Fig. 8 - Sexo	65
Fig. 9 - Idade	65
Fig. 10 - Estado civil	65
Fig. 11 - Cargo / Função	66
Fig. 12 - Caracterização da amostra	67
Fig. 13 - Regras básicas de segurança em casa	69
Fig. 14 - Por género, não têm os contactos de emergência da sua área de residência	70
Fig. 15 - Por cargo/função, não têm os contactos de emergência da sua área de residência	71
Fig. 16 - Por idade, não têm os contactos de emergência da sua área de residência	71
Fig. 17 - Por estado civil, não têm os contactos de emergência da sua área de residência	72
Fig. 18 - Por estado civil, não sabem o Número Nacional de Emergência	72
Fig. 19 - Por cargo/função, não sabem o Número Nacional de Emergência	72
Fig. 20 - Por idade, não sabem o Número Nacional de Emergência	73
Fig. 21 - Por estado civil, não sabem o Número Nacional de Emergência	73
Fig. 22 - Por género, não tem Kit de Emergência em casa	74
Fig. 23 - Por cargo/função, não tem Kit de Emergência em casa	74
Fig. 24 - Por idade, não tem Kit de Emergência em casa	74
Fig. 25 - Por estado civil, não tem Kit de Emergência em casa	75
Fig. 26 - Por Género, está pouco ou nada informado sobre os riscos na área da sua residência	75
Fig. 27 - Por cargo/função, está pouco ou nada informado sobre os riscos na área da sua residência	75

Fig. 28 - Por idades, está pouco ou nada informado sobre os riscos na área da sua residência	76
Fig. 29 - Por estado civil, está pouco ou nada informado sobre os riscos na área da sua residência	76
Fig. 30 - Sentem-se informados sobre os perigos e desastres naturais que podem afetar o seu local de trabalho e a sua residência	77
Fig. 31 - Preocupação com perigos, desastres naturais e incêndios urbanos no local de trabalho	78
Fig. 32 - Já ouviu falar sobre riscos naturais	79
Fig. 33 - Já esteve envolvido, diretamente, num acidente grave ou numa catástrofe	79
Fig. 34 - Preocupação (receio) em relação a cada um dos perigos/desastres	80
Fig. 35 - Qual a probabilidade do local de trabalho poder ser atingido, nos próximos 5 anos, em relação a cada risco	81
Fig. 36 - Qual a probabilidade do local de trabalho poder ser atingido, nos próximos 5 anos, em relação a cada risco	81
Fig. 37 - Sensibilização/formação, sua importância para a cultura de segurança	82
Fig. 38 - Por género, sensibilização/formação, sua importância para a cultura de segurança	82
Fig. 39 - Por idade, sensibilização/formação, sua importância para a cultura de segurança	83
Fig. 40 - Por cargo, sensibilização/formação, sua importância para a cultura de segurança	83
Fig. 41 - Comandantes, caracterização da amostra	87
Fig. 42 - Comandantes, taxa de resposta	88
Fig. 43 - Sensibilização da população para situações de risco	88
Fig. 44 - Por Comandante Continente/Ilhas, sensibilização da população para situações de risco	89
Fig. 45 - Importância do desenvolvimento de ações de sensibilização como forma de melhorar a capacidade de resposta em situações de emergência	90
Fig. 46 - Nuvem de palavras chave	90
Fig. 47 - Importância das ações de formação: Tempo de reação numa emergência	91
Fig. 48 - Importância das ações de formação: Manuseamento de equipamentos	91

Fig. 49 - Importância das ações de formação: capacidade de prestar auxílio a terceiros	92
Fig. 50 - Importância das ações de formação em: em: gestão do stress associado ...	92
Fig. 51 - Importância das ações de formação em: capacidade de cumprir instruções dadas pelos agentes de proteção civil	93
Fig. 52 - Importância das ações de formação	93
Fig. 53 - Perceção como Comandante, dos conhecimentos através do comportamento dos intervenientes	94
Fig. 54 - Perceção como Comandante, dos conhecimentos através do comportamento dos intervenientes	95

(Página deixada propositadamente em branco)

Anexo 1

Entrevistas efetuadas a responsáveis na área da Proteção Civil e Bombeiros

(Página deixada propositadamente em branco)

Entrevistas efetuadas a responsáveis na área da Proteção Civil e Bombeiros

Considerando que a entrevista, como um método de recolha de informações que consiste numa conversa oral com várias pessoas cuidadosamente selecionadas, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade pode contribuir para o objetivo da recolha de informação (Ketele & Roegiers, 1999:18), foram realizadas 6 entrevistas em profundidade, semiestruturadas, do tipo intensivo e de questão aberta, obtendo, com elas, a opinião avalizada de altos responsáveis da Proteção Civil e Bombeiros, o que poderei considerar numa avaliação qualitativa.

Contribuíram para este estudo:

Engº Pedro Lopes, Diretor Nacional de Bombeiros da ANPC;

Cmdt. Jaime Marta Soares, Presidente do Conselho Executivo da LBP;

Engº José Ferreira, Presidente da ENB;

Engº Helder Silva, Presidente da Câmara Municipal de Mafra;

Dr. Manuel João Ribeiro, Diretor do Serviço Municipal de Proteção Civil de Lisboa

Dr. Fernando Curto, Presidente da ANBP.

Foram colocadas duas questões:

P1 - Em que medida considera que a população em geral e as entidades privadas, conhecem os riscos a que estão sujeitos e estão sensibilizadas sobre as medidas de prevenção e de como atuar em situação de risco?

P2 - Qual a importância que atribui e porquê, ao desenvolvimento de ações de sensibilização / formação da população, como forma de melhorar a sua capacidade de resposta em situações de emergência e se esse conhecimento/preparação as torna mais resilientes?

As respostas dadas foram:

Eng.º Pedro Lopes

R1- “Infelizmente a população portuguesa tem uma muito baixa cultura de segurança, não se preocupando em conhecer os riscos que a podem afetar e, muito menos, as medidas de atuação em situação de emergência. Algum trabalho tem sido levado a cabo por alguns dos Serviços Municipais de Proteção Civil e pela Autoridade Nacional de Proteção Civil (ANPC), como seja a elaboração de inúmeros panfletos, desdobráveis e outros meios de transmissão de informação sobre o risco e a sua

mitigação, não podendo deixar de salientar, as ações de sensibilização aos Professores que a ANPC tem vindo a levar a efeito. É exatamente as camadas estudantis que temos que conseguir formar, para que venham a desenvolver a cultura de segurança que antes referi estar em falta. Lamentavelmente, apesar das diversas tentativas de conseguir que o Ministério de Educação inclua nos curricula temas relacionados com esta temática, a ideia ainda não foi cabalmente aceite, de forma a podermos garantir que os nossos filhos irão estar seguramente melhor preparados do que nós estamos.”

- R2- “Sem dúvida que só sensibilizando e formando a população conseguiremos ter os homens de amanhã preparados para mitigar o risco e reagir adequadamente a uma qualquer situação de emergência com que se vejam confrontados. Só o homem conhecedor sabe antecipar algumas das situações de risco (as que são previsíveis) e mitigar as suas consequências. Os danos causados em pessoas, nos bens materiais e imobiliário podem ser muito reduzidos e a população pode aprender a lidar de forma mais adequada com os riscos, ganhando uma grande capacidade de resiliência.”

Cmdt. Jaime Soares

- R1- “A população em geral, apesar de muitas tomadas de posição sobre a matéria de proteção civil, no que toca à prevenção de riscos, quer de incêndios (sejam eles florestais ou urbanos) ou catástrofes, continua a não dar a devida importância sobre estes meios de prevenção que tão úteis e necessários são para evitar maiores males. Sabemos, por experiência própria, que os Bombeiros Portugueses são aqueles que mais sensibilizados estão sobre estas matérias. Os Bombeiros Portugueses, através da Liga dos Bombeiros Portugueses, sempre pugnaram, por o ensino sobre a defesa, quer da floresta, quer da prevenção de riscos e catástrofes, deve passar essencialmente no ensino básico e formar jovens que no amanhã serão homens livres e conscientes do seu dever. O mesmo é dizer das entidades privadas que devem, elas próprias, estar tão próximas, quanto possível, da população e sobretudo apoiar os métodos de prevenção, em todas as circunstâncias. Lembro aqui, uma questão que é central, e relativa à prevenção de risco sísmico, ficando neste caso, a pergunta, quase sem resposta do caso de risco sísmico na cidade de Lisboa.
- Será que estamos preparados?

Não há sistema preventivo neste caso concreto, mas será que estamos a fazer tudo, para apoiar no caso de catástrofe? Embora alguma coisa se tenha feito, é natural que estejamos muito aquém do necessário. Isto é válido para as entidades privadas, mas também para as entidades públicas. É preciso que todos estejamos coordenados e capacitados para o que temos que fazer.”

- R2- “As ações de sensibilização têm que passar, como atrás fica dito, pelo ensino como forma segura e eficaz de responder a essa permanente preocupação de se estar a fazer o possível perante o risco. É evidente que se as pessoas estiverem preparadas terão uma maior capacidade de resiliência. Sabemos todos que a máxima dos Bombeiros “Bombeiro que não sabe, não salva, nem se salva”, se aplica também à população. Se não estiver preparado, não se salva, nem pode contribuir para salvar outros.”

Eng^a José Ferreira

- R1- “Generalizadamente, as populações não estão sensibilizadas para esta matéria. Desde a falta de limpeza das propriedades em torno das habitações, às pretensões de construir em zonas críticas (leitos de cheia, por ex.), à falta de manutenção dos exaustores nas cozinhas até ao não atravessar os arruamentos nos locais adequados, de tudo, temos muito. Não defendo a introdução de mais disciplinas no ensino básico sobre o assunto, porque esta matéria tem a ver com o comportamento transversal a todas as situações, mas a um alerta permanente para as atitudes em que a segurança individual ou coletiva pode ser questionada. Mudança de atitudes, pró-atividade e não a generalizada indiferença de não corrigir comportamentos, por parte dos cidadãos em geral, e muito particularmente dos professores e outros a agentes das escolas. Estas matérias são particularmente observáveis fora do espaço aula, nos corredores, cantinas, recreios e áreas desportivas. Não se trata de conhecimento – trata-se de comportamento, de indiferença e negligência.

Quanto a empresas, direi dois aspetos: A necessidade de gestores de emergência, cuja filosofia assente em dois princípios - por um lado, as medidas preventivas e por outro lado, a lógica de que a empresa tem de retomar a sua normalidade na máxima brevidade, com a definição de medidas minimizadoras de impactos e a discriminação positiva para as empresas que tenham nos seus quadros colaboradores que sejam bombeiros. A existência destes elementos nas mesmas pode contribuir para uma mais rápida 1^a intervenção. Em vários países, nestas circunstâncias, os

prémios de seguro são ajustados a tais realidades, beneficiando as empresas. Diminuíam-se riscos e aumentava-se o estímulo ao voluntariado. ”

- R2- “Para além do que já afirmei, posso complementar, referindo que a ANPC e a ENB poderão desenvolver mais formação nestas áreas dirigidas aos docentes, aos auxiliares de educação, e com a colaboração dos CB’s, muito facilmente cobrir o país. A realização por parte dos municípios de atividades, por exemplo um fim de semana, envolvendo todos os agentes de proteção civil existentes no mesmo, com vista à sensibilização desde os motards, escola de trânsito, as noções de suporte básico de vida, ou a utilização de um extintor, enfim, um mundo de possibilidades. ”

Engº Helder Silva

- R1- “Considero que uma esmagadora maioria da população e das entidades privadas não estão conhecedores dos riscos a que estão sujeitos. Estou certo que existem muitas cartas de risco, que fazem parte de muitos planos (internos e externos), mas o facto é que a informação, a formação e essencialmente a sensibilização não existem, ou se existem, tocam só uma pequena parte do público-alvo, dissipando-se ao longo do tempo, pois, não é prática existir um plano regular ao longo do tempo (anos), de sensibilização sobre esta matéria. Devo ressaltar neste ponto, que também considero que existe uma exceção a esta regra, e a exceção é o risco associado a fenómenos meteorológicos, pois, a existência dos Boletins Meteorológicos, difundidos desde há longos anos pela comunicação social e pelos serviços de Protecção Civil a diferentes níveis, ajudaram a tratar estes riscos, de forma diferente dos restantes, tornando a população e as instituições mais sensíveis às diferentes ameaças, adotando ativas medidas de prevenção. Assim, se não se conhecem os riscos na sua globalidade, também não se adotam medidas de prevenção.”
- R2- “Considero que é essencial a existência de planos, aos vários níveis (Nacional, Distrital e Municipal), que trate das ações de sensibilização e formação da População. Também, pela experiência que tenho, não posso deixar de referir que considero que a população em idade escolar, é aquela onde a predisposição para a aprendizagem é maior. Por essa via, a existência de uma disciplina, onde assuntos de Protecção Civil, onde se incluem os riscos e a capacidade de resposta em situações de emergência, deve ser seriamente ponderada. Em complemento desta visão, não tenho dúvida que o nível municipal é aquele onde existe maior capacidade e

proximidade e por essa via, deviam ser criados modelos de ações de sensibilização, para serem difundidos pelos serviços municipais de proteção civil, uniformizados a nível nacional, mas ajustados à realidade local, para que através das escolas, das instituições e das empresas privadas, fosse possível criar uma verdadeira cultura de risco e de autoproteção. Isto conjugado com ações de sensibilização de nível Nacional, em menor número, mas mais dirigidas a grandes públicos, que complementem o trabalho de nível local, constituiria um passo significativo para aumentar a resiliência e melhorar a capacidade de resposta em situações de emergência.”

Dr. Manuel João Ribeiro

- R1- “Considero que apesar de se terem dado saltos significativos neste âmbito, ainda é deficitário o conhecimento que as populações e as entidades de uma forma geral têm dos comportamentos preventivos e das medidas de autoproteção para lidar com os fatores de risco.”
- R2- “Trata-se de uma importância que reputo de estratégica, na medida em que poderá sedimentar atitudes e comportamentos adequados de adaptação aos riscos, podendo evitar situações que de outra forma podem agravar as consequências decorrentes dos acidentes graves e catástrofes. Deverá constituir uma aposta que podendo ter o ponto focal nas organizações e estruturas de proteção civil, deverá ser transversal a toda a sociedade, com particular ênfase, embora não exclusivo, para os estabelecimentos de ensino. Deste modo poderá ser um processo de construção generativa que vai sedimentando a informação e os comportamentos em ordem a uma sociedade mais resiliente.”

Dr. Fernando Curto

- R1- “A população em especial a dos Açores são cidadãos informados, e que respondem bem aos riscos inerentes ao arquipélago, fruto também das contingências e riscos a que estão sujeitos, desde há muitos anos. Ao invés, os cidadãos do continente, não estão sensibilizados para os riscos porque durante a sua vida nunca foram confrontados com situações que os obrigaram a tomar medidas. Ainda que, algumas entidades públicas ou privadas façam ações de sensibilização, os objetivos a que se propõe ficam muito aquém do que se esperava e pretendia. A exceção à regra está

basicamente centrada na população mais jovem que está mais atenta às alterações climáticas e aos riscos de âmbito global, já que qualquer ação de sensibilização é uma novidade e uma constante aprendizagem. Por outro lado, estamos consciente que são uma faixa etária ávida de conhecimento e com um elevado interesse pelo ambiente e tudo o que o rodeia. Ao nível das entidades, entendo que com exceção daquelas em que o seu core business implica um grau de risco elevado ou suscetível de ser atingido por um risco externo à sua organização, e que essas dispõem de informação e sensibilizam todos os seus funcionários para os riscos que poderão estar expostos, todas as restantes entidades que são a grande maioria, sobretudo PME's, não estão preparadas nem sensibilizadas para os riscos na envolvência e ao mesmo tempo os seus riscos internos. Aliás e em laia de conclusão, existe uma grande maioria de entidades públicas e privadas que não têm medidas de autoproteção nem planos de emergência internos. Claramente os serviços públicos (SMPC e ANPC) obrigam-se a fazer mais e melhor, e a utilizar os meios de comunicação social.”

- R2- “Uma sociedade dita evoluída e progressista só é na realidade quando conhece o que a rodeia e ao que está sujeita e em especial no domínio dos sinistros em matéria de segurança e proteção civil. Neste sentido e decorrente da questão anterior, a população mais jovem é aquela que já por diversas razões está familiarizada e recetiva a ações de sensibilização/formação, demonstrando claramente o seu grau de conhecimento e resposta aquando de exercícios ou simulacros feitos nas escolas. Também e decorrente da questão anterior, de forma negativa, o cidadão menos letrado não sente essa necessidade de conhecimento, ao contrário do cidadão com maior grau académico, que procura uma resposta para tudo o que ouve na comunicação social, no que toca desastres. Em meu entender as medidas de autoproteção e os planos de emergência quando devidamente implementados e publicitados no universo empresarial/profissional, que obrigam a uma informação/formação e ações de sensibilização entre os profissionais faz com estes no seio da empresa procurem sempre melhorar a sua capacidade de resposta depois de conhecerem os riscos a que estão sujeitos no ambiente empresarial. Também o seu grau de conhecimento de necessidade de segurança, faz com que transportem essa preocupação para o seio familiar e procurem respostas e capacidade de resposta para os riscos que podem estar sujeitas no seu parque habitacional, levando a que a

demanda por informação de autoproteção com os bombeiros seja hoje uma realidade ainda que muito embrionária. Importa assim que, as ações de formação/informação não sejam tão institucionais, e que as entidades públicas ou privadas divulguem as ações com alguma antecedência e de uma forma/linguagem mais vocacionada para a população. Para que tal seja exequível há uma necessidade imperiosa de envolver as pessoas, bem como as entidades – juntas de freguesia e associações que estão mais perto da população. A resiliência da população só será possível quando esta reconhecer os riscos a que está sujeita, bem como as medidas de autoproteção desenvolvidas, em primeira mão, pelos próprios e secundariamente pelas entidades ligadas ao socorro.”

(Página deixada propositadamente em branco)

Anexo 2

**A Investigação do NIST – National Institute of Standards and Technology,
ao acidente do World Trade Center.**

(Página deixada propositadamente em branco)

A Investigação do NIST – National Institute of Standards and Technology, ao acidente do World Trade Center.

Pela sua pertinência e, até, pela sua importância em relação ao que se pretende demonstrar, exponho agora algumas notas obtidas a partir do trabalho realizado pelo Departamento de Estado do Comércio, através do *National Institute of Standards and Technology*, denominado *Federal Building and Fire Safety Investigation of the World Trade Center Disaster – Occupant Behavior, Egress, and Emergency Communications*³⁹.

A investigação, que integrou um inquérito, foi publicada com data de Setembro de 2005. Atende à evacuação dos ocupantes, efetuada nas torres 1 e 2 do WTC - World Trade Center a 11 de Setembro de 2001. Foram consideradas, na investigação: mais de 1.000 entrevistas, incluindo 803 por telefone, 225 pessoalmente e 5 grupos de análise; 700 entrevistas publicadas; todas as gravações das chamadas para o número de emergência 911; Transcrições das comunicações de emergência e outras fontes e materiais considerados relevantes.

O documento é muito interessante, mas extenso na análise, pelo que colho para este, o que ao tema expressamente diz respeito.

Refere que o sucesso na evacuação de um edifício se mede a dois tempos: o tempo que as pessoas precisam para evacuar e o tempo disponível para que o possam fazer em segurança e conclui que, quanto maior for o primeiro tempo, maior probabilidade haverá de existirem vítimas numa qualquer evacuação. Passa-se, naturalmente, precisamente o oposto, caso exista uma grande disponibilidade de tempo para evacuar. Nas torres, como se compreende, o tempo para evacuar foi determinado pelo colapso dos edifícios, situação essa desconhecida previamente quer pelos ocupantes, quer pelas equipas de resgate.

Para melhor análise, importa reter que se estima que estavam nas duas torres, na hora do acidente, cerca de 17.400 ocupantes. Da amostra, 16% deles já havia estado presente aquando do ataque terrorista de 1993 e dois terços dos ocupantes haviam participado, pelo menos uma vez, em exercícios de evacuação durante o ano anterior. Na WTC1 18% e na WTC2 15%, não se lembravam de quando o tinham feito e 18% na WTC1 e 17% na WTC2 afirmaram mesmo nunca o ter feito.

³⁹ <http://fire.nist.gov/bfrlpubs/fire05/art120.html> (consultado a 20 de outubro de 2015)

Quadro IV - Exercícios de evacuação efetuados nos 12 meses antes do acidente
(base:440 respostas WTC 1 e 331 WTC 2)

Nº de exercícios	WCT 1	WCT 2
0	18% (n=78)	17% (n=61)
1	13% (n=57)	8% (n=29)
2	21% (n=90)	24% (n=88)
3	11% (n=47)	15% (n=53)
4	10% (n=44)	9% (n=32)
5 a 11	7% (n=31)	9% (n=32)
12 ou mais	3% (n=13)	4% (n=13)
Não sabe	18% (n=80)	15% (n=55)

Um dos objetivos dos exercícios de evacuação é consciencializar os ocupantes de um determinado espaço no sentido de, na ocorrência de um acidente, conhecerem as vias de evacuação e de as usar de imediato, no entanto, o melhor tempo para que iniciassem a evacuação na torre 1 foi de 4,8 minutos, sendo mesmo de 7,4 m acima do piso 77°. Na torre 2 o melhor tempo para iniciar a evacuação foi de 4,2 minutos, tendo entre 86 a 91% dos ocupantes da amostra iniciado a evacuação por observação do que se estava a passar na torre 1, mesmo antes do seu edifício ser atingido pelo segundo avião, o que ocorreu 16 minutos depois do primeiro. Retira-se do estudo, a páginas 206, que “os ocupantes estavam inadequadamente preparados para encontrar, no processo de evacuação, as vias de ligação horizontal, o que ocasionou atrasos pela confusão gerada, bem como pela confusão criada pelo facto de não saberem se as portas contra fogo, deveriam ficar abertas ou fechadas”.

Referindo-nos sempre aos valores da amostra, na torre 2, 16% dos ocupantes usaram o elevador no processo de evacuação (em boa verdade ainda não existia uma situação grave no edifício, nem nenhuma indicação da segurança para que não o fizessem) e 75% dos ocupantes, que estavam acima da zona de impacto, abandonaram o seu local de trabalho, antes do embate do avião, para a zona abaixo, o que lhes permitiu sair em segurança. Mais de 40% dos ocupantes já havia saído do edifício, aquando do choque do aparelho com a torre. O que sobra do estudo, a páginas 109, como situação grave, é que nos exercícios de evacuação, apesar de 93% dos respondentes referir que lhes indicaram qual a escada de evacuação, 82% deles nunca nelas entrou ou as usou num exercício de evacuação e mais, 51% (n=415) nunca, mesmo nunca, nelas entrou antes do 11 de setembro.

A generalidade dos ocupantes, nas duas torres, afirma não ter nenhum conhecimento dos anúncios públicos efetuados após o choque com a torre 2 e, no final, é extraordinário o registo de que, somente 11 pessoas, na torre 2, de um total 630 vítimas mortais e de 107, de

um total de 1.462 vítimas mortais na torre 1, estavam abaixo da zona de impacto, ou seja, as 619 vítimas da torre 2 e as 1355 da torre 1, estavam acima da zona de impacto e impedidas de sair.

Na generalidade, os respondentes sobreviventes (66% na WTC1 e 60% na WTC2) consideram ter sido importante ou muito importante, para a evacuação real, o terem efetuado exercícios anteriores.

Os ocupantes da WTC1, refere o documento a páginas 119, “envolveram-se numa variedade de atividades antes de abandonar o local onde estavam”, nomeadamente trocando informação entre colegas e ligando para familiares (há o registo, na entrevista 1000042 do testemunho de um sobrevivente que afirma “eu usei o telefone da sala de reuniões para ligar à minha mulher e saber se ela estava a ver as notícias e se me podia dizer o que estava errado”), recolhendo objetos pessoais, ajudando feridos ou procurando por outras pessoas e, mesmo, usando os meios de 1º intervenção, combatendo o fogo.

Quadro V - Atividades antes da evacuação do acidente
(Dados NIST, pesquisa por telefone, base:440 respostas WTC 1)

Actividades antes da evacuação	n=440
Falar com outros	70%
Recolher objetos pessoais	46%
Ajudar outros	30%
Procurar outro	23%
Falar ao telefone	16%
Ir a outro andar	8%
Combater incêndio	6%
Desligar computadores	6%
Continuou a trabalhar	3%
Outras actividades	25%

Referindo-nos, mais uma vez e sempre, aos valores da amostra, os ocupantes da WTC2, refere o documento a páginas 130, envolveram-se, de igual forma, numa variedade de atividades, das quais se sublinha, atendendo ao lapso de tempo entre o primeiro embate na WTC1 e o da WTC2, o falar com outros, com 75% das respostas e a recolha de objetos pessoais com 57%. Estes resultados têm como justificação o fato de ter havido um lapso de tempo entre o momento do choque na torre 1 e o da torre 2, o que levou a que, sem qualquer alarme ou situação de perigo no seu edifício, muitos tentassem obter informação no impasse da decisão de sair ou não do seu local de trabalho e tendo mais tempo, puderam recolher os seus objetos pessoais. O quadro seguinte espelha os resultados obtidos nas entrevistas efetuadas por telefone.

Quadro VI - Atividades antes da evacuação do acidente
(Dados NIST, pesquisa por telefone, base: 363 respostas WTC 2)

Actividades antes da evacuação	n= 363
Falar com outros	75%
Recolher objetos pessoais	57%
Ajudar outros	34%
Procurar outro	32%
Falar ao telefone	16%
Ir a outro andar	8%
Desligar computadores	7%
Continuou a trabalhar	6%
Combater incêndio	1%
Outras actividades	20%

Ficam mais algumas notas, obtidas e espelhas do documento, como testemunho dos respondentes sobreviventes no processo de evacuação, que reputo de importantes:

Quadro VII - Dados NIST, pesquisa por telefone.

Nota: o resultado nalguns itens não é 100% porque não sabem exatamente o que e como aconteceu.

Sobreviventes na evacuação	WTC 1 (n=440)	WTC 2 (n=363)
Ajudado por outros	20%	17%
Foi um seu colega a pessoa que o ajudou	48%	56%
Ajudaram outros	30%	34%
Tempo médio para iniciar a evacuação Piso 0 a 42	5,7 m	6,3 m
Tempo médio para iniciar a evacuação Piso 43 a 76	4,8 m	7,1 m
Tempo médio para iniciar a evacuação Piso 77 a 91	7,4 m	4,2 m
Tempo médio total / evacuação de todos sobreviventes	41,9 m	25 m
Contrariedade na via de evacuação - demasiadas pessoas	73%	69%
Contrariedade na via de evacuação - portas fechadas	16%	7%
Contrariedade na via de evacuação - má sinalização	5%	5%
Escolha da via de evacuação, mais próxima	66%	63%
Escolha da via de evacuação, seguiram outros	17%	20%
Escolha da via de evacuação, foi-lhes dito que era aquela	12%	10%
Iniciam evacuação antes choque WTC2	91%	87%
Saiem do edifício antes choque WTC2	21%	41%
Iniciam evacuação depois do choque na WTC2	7%	13%
Saiem do edifício depois choque WTC2	67%	58%

Por fim e registando o comportamento referido na entrevista nº 1000122, de um ocupante do piso 20 do WTC1, em que diz que esperou que o edifício parasse de tremer e saiu logo do escritório, não tendo esperado por instruções de ninguém, numa atitude de decisão imediata, referida na página 204 como de “self-evacuation”, o que terá contribuído para que se salvassem, só na torre 2, cerca de 3.000 pessoas.

A fechar a apreciação deste estudo sobre as torres WTC, fica um dos itens das conclusões, na página 206 do documento:

“The first “first responders” were colleagues and regular building occupants. Acts of everyday heroism saved many people whom traditional emergency responders would have been unable to reach in time”.

Cada um de nós, o primeiro agente de Proteção Civil, é a ideia que sobra.

Anexo 3

**A Cultura de Segurança sobre “os riscos naturais e incêndios urbanos”
vista por colaboradores da SCML**

(Página deixada propositadamente em branco)

A Cultura de Segurança sobre “os riscos naturais e incêndios urbanos” vista por colaboradores da SCML

**Questionário - colaboradores da SCML
Os riscos naturais e os incêndios urbanos
Caracterização Geral**

Nome (opcional) _____

1. Residência: 1.Freguesia: _____ **2.Concelho:** _____

2. Idade

- 1. 16-20 anos ☐
- 2. 20-29 anos ☐
- 3. 30-39 anos ☐
- 4. 40-49 anos ☐
- 5. 50-59 anos ☐
- 6. 60-69 anos ☐
- 7. mais de 70 anos ☐

3. Sexo

- 1. Masculino ☐
- 2. Feminino ☐

4. Estado civil

- 1. Solteiro(a) ☐
- 2. Casado (a) ☐
- 3. Divorciado (a) ☐
- 4. Viúvo (a) ☐
- 5. União estável ☐

5. Filhos: _____ a residir na casa de família: _____

6. Departamento / área de trabalho _____

7. Cargo / função _____

A residência

8. Em casa

Responda com: Sim/Não ou S/N

1. Sei onde é o quadro da Luz	
2. Sei onde desligo a água	
3. Sei onde desligo o Gás	
4. Tenho, pelo menos, 1 extintor dentro da validade	
5. Sei usar o extintor	
6. Tenho lista de números de telefone emergência (polícia, Bombeiros, Protecção Civil) da minha área de residência	
7. Tenho estojo de 1ºs Socorros	
8. Tenho um Kit de Emergência	
9. Tenho reserva de água para 3 dias	
10. Tenho reserva de alimentos para 3 dias	
11. Toda a família sabe o Ponto de Encontro junto à casa	
12. Cuidei saber, no plano municipal de emergência quais os riscos para a minha área de residência	
13. Sei o Número Nacional de Emergência	

14. Temos, todos, as vacinas em dia	
15. O número de polícia da nossa casa é bem visível da estrada	
16. Tenho algum dinheiro de bolso guardado para uma emergência	
17. Tenho um conjunto de medicamentos de reserva, dos que são indispensáveis	
18. Uso os elevadores em situação de acidente no prédio	
19. Sobrecarrego as tomadas com aparelhos eléctricos	
20. Tenho guardado, em lugar seguro, um conjunto de fotocópias dos documentos de cada um de nós e dos nossos animais domésticos	

9. Sente-se informado sobre os perigos e desastres naturais que podem afectar o seu local de residência?

Nada informado	
Pouco informado	
Suficientemente informado	
Muito informado	
Completamente informado sobre todos os perigos	

O local de trabalho

10. Sente-se informado sobre os perigos e desastres naturais que podem afectar o seu local de trabalho? *(fazer uma cruz na opção)*

1. Nada informado	
2. Pouco informado	
3. Suficientemente informado	
4. Muito informado	
5. Completamente informado sobre todos os perigos	

11. Qual a sua preocupação com perigos, desastres naturais e incêndios urbanos no local de trabalho? *(fazer uma cruz na opção)*

1. Não me preocupo totalmente	
2. Preocupo-me pouco	
3. Preocupo-me	
4. Preocupo-me muito	
5. Preocupo-me totalmente	

12. Os Planos de Segurança *(Responda com Sim ou Não)*

1. Conheço o Plano de Segurança do meu local trabalho	
2. Sei onde é o Ponto de Encontro em caso de evacuação	
3. Conheço o Alarme de evacuação	
4. Já participei num exercício ou simulacro de evacuação	
5. Tenho um Kit de Emergência portátil no local trabalho	

13. Relativamente ao risco sísmico, sente-se informado dos comportamentos que deve adoptar antes, durante e depois, nas mais variadas circunstâncias? *(fazer uma cruz na opção)*

1. Nada informado	
2. Pouco informado	
3. Suficientemente informado	
4. Muito informado	
5. Completamente informado sobre todos os perigos	

Os Riscos

14. Já ouviu falar alguma vez sobre Riscos Naturais?

1. Sim ☐
2. Não ☐

15. Qual a preocupação (receio) em relação a cada um dos perigos/desastres?

	Não me preocupo totalmente	Preocupo-me pouco	Preocupo-me	Preocupo-me muito	Preocupo-me totalmente
Sismos					
Tsunami					
Tempestades					
Chuva muito intensa					
Onda de Calor					
Vaga de Frio					
Secas					
Cheias / Inundações					
Incêndio florestal					
Nevões					
Agitação do mar					
Erupção Vulcânica					
Queda Meteorito					
Incêndio urbano					

16. Já esteve envolvido(a), directamente, num acidente grave ou catástrofe?

1. Sim ☐
2. Não ☐

17. Se sim, qual? _____

18. Na sua opinião, qual a probabilidade do seu local de trabalho poder ser atingido, nos próximos 5 anos, em relação a cada um dos seguintes acontecimentos?

	É impossível	É pouco possível	É possível	É muito possível	Pode acontecer a qualquer momento
Sismos					
Tsunami					
Tempestades					
Chuva muito intensa					
Onda de Calor					
Vaga de Frio					
Secas					
Cheias / Inundações					
Incêndio florestal					
Nevões					
Agitação do mar					
Erupção Vulcânica					
Queda Meteorito					
Incêndio urbano					

19. Considera a Sensibilização / Formação dos colaboradores da SCML, na área da Protecção Civil e no sentido da Cultura de Segurança:

Nada importante	
Pouco importante	
Importante	
Muito importante	
Fundamental	

20. Que outras iniciativas propõe, para melhor e mais sensibilizar os colaboradores da SCML: _____

21. Para finalizar, seleccione 3 (três) destes perigos/situações que mais o(a) preocupam?

- | | |
|---|--------------------------|
| 1. Temperaturas Extremas | <input type="checkbox"/> |
| 2. Acidentes de derrame de combustíveis | <input type="checkbox"/> |
| 3. Acidentes de viação | <input type="checkbox"/> |
| 4. Sismos / Terramotos | <input type="checkbox"/> |
| 5. Guerra / Terrorismo | <input type="checkbox"/> |
| 6. Incêndios florestais | <input type="checkbox"/> |
| 7. Incêndios Urbanos | <input type="checkbox"/> |
| 8. Aumento da Pobreza | <input type="checkbox"/> |
| 9. Aumento de doenças infantis/juvenis | <input type="checkbox"/> |
| 10. Aumento do desemprego | <input type="checkbox"/> |
| 11. Erupções Vulcânicas | <input type="checkbox"/> |
| 12. Contaminação Alimentar | <input type="checkbox"/> |
| 13. Acidente de Aviação | <input type="checkbox"/> |
| 14. Cheias | <input type="checkbox"/> |
| 15. Insegurança / aumento de violência | <input type="checkbox"/> |
| 16. Acidentes industriais | <input type="checkbox"/> |
| 17. Seca | <input type="checkbox"/> |
| 18. Tsunamis | <input type="checkbox"/> |
| 19. Acidentes Nucleares | <input type="checkbox"/> |
| 20. Erosão Costeira | <input type="checkbox"/> |
| 21. Ventos Fortes | <input type="checkbox"/> |
| 22. Chuvas Ácidas | <input type="checkbox"/> |
| 23. Nenhum/ Nada | <input type="checkbox"/> |
| 24. Não sabe/Não responde | <input type="checkbox"/> |
| 25. Outros <input type="checkbox"/> | Qual? _____ |

(Página deixada propositadamente em branco)

Anexo 4

“A cultura de segurança da população” vista pelos Comandantes de Corpos de Bombeiros

(Página deixada propositadamente em branco)

“A cultura de segurança da população” vista pelos Comandantes de Corpos de Bombeiros

No âmbito de um Estudo que visa, nomeadamente, avaliar a importância dos conhecimentos da população ao nível da temática da proteção civil e o modo como estes condicionam a capacidade de resposta no socorro, solicitamos a sua colaboração para responder em breves minutos a este sucinto questionário. Garantimos desse já a total confidencialidade da informação. Todas as respostas serão analisadas em conjunto e em âmbito académico.

P1 – Começo por lhe perguntar em que medida considera que a população em geral está sensibilizada sobre como atuar em situações de risco?

Fortemente sensibilizada	1
Muito sensibilizada	2
Pouco sensibilizada	3
Nada sensibilizada	4
NS / NR	5

P2 – Tendo em conta a sua experiência enquanto Comandante de um Corpo de Bombeiros e utilizando uma escala de 1 a 10, em que 1 significa *nada importante* e 10 significa *totalmente importante*, que importância atribui ao **desenvolvimento de ações de sensibilização / formação** da população como forma de melhorar a sua capacidade de resposta em situações de emergência?

Nada Importante
Importante

Totalmente

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

NOTA: Caso a resposta em P2 seja igual ou superior a 5, perguntar:

P3- Gostaria então que me dissesse em que se traduz essa importância:

P4 - Utilizando agora uma escala de 1 a 4, em que medida considera importante as ações de sensibilização / formação da população, para cada uma das seguintes situações?

População	Muito importante	Relativamente importante	Pouco importante	Nada importante
Tempo de resposta na ação	4	3	2	1
Manuseamento de equipamentos (ex:	4	3	2	1

utilização de extintor)				
Capacidade de prestar auxílio a terceiros	4	3	2	1
Na gestão do stress associado	4	3	2	1
Capacidade de cumprir instruções dadas pelos agentes de proteção civil	4	3	2	1

P5 – Mais uma vez mais reportando-se à sua experiência como Comandante de um Corpo de Bombeiros, quando é chamado a intervir em situações de emergência consegue, através do comportamento adotado pelos envolvidos, perceber se os mesmos têm conhecimentos / formação em matéria de proteção civil?

Sempre	1
Quase sempre	2
Raramente	3
Nunca	4
NS / NR	5

P6 – Pensando num modo geral, quando identifica que as pessoas envolvidas têm conhecimentos / formação em matéria de proteção civil, diria que, pessoas formadas...

Facilitam fortemente o trabalho dos Bombeiros na resposta à ocorrência	1
Facilita alguma coisa o trabalho dos Bombeiros na resposta à ocorrência	2
Julgando que ajudam “atrapalham” mais do que o que ajudam	3
Julgando que ajudam “atrapalham”	4

P7 – Há quantos anos é Comandante do Corpo de Bombeiros?

Muito obrigado pela sua colaboração!

Anexo 5

Extratos utilizados dos inquéritos, em Verbatim, dos Comandantes de Corpos de Bombeiros, sobre qual a importância que atribuem ao desenvolvimento de ações de sensibilização / formação da população, como forma de melhorar a sua capacidade de resposta em situações de emergência, relacionando-a com a sua ID de respostas.

(Página deixada propositadamente em branco)

Extratos utilizados dos inquéritos, em Verbatim, dos Comandantes de Corpos de Bombeiros, sobre qual a importância que atribuem ao desenvolvimento de ações de sensibilização / formação da população, como forma de melhorar a sua capacidade de resposta em situações de emergência, relacionando-a com a sua ID de respostas.

ID	P0201 Gostaria então que me dissesse em que se traduz essa importância:
4	Na vertente das ações de sensibilização e Formação a população em muitos locais de Portugal ainda é nula.
6	Capacidade de suportar situações até à chegada de meios diferenciados e agir na prevenção de sinistros
11	Na sensibilização/formação nos comportamentos a ter em situações de risco.
12	Um cidadão que está consciente do meio e riscos que o rodeiam e que se preocupa com a sua segurança actuará, na ocorrência de um incidente, de forma mais esclarecida começando ele mesmo a desenvolver as primeiras acções de socorro.
13	implementação de procedimentos/atitude que possam de alguma maneira mitigar o risco inerente a emergência.
14	Sobretudo na identificação de perigos e sua minimização
16	Sensibilizar e formar cidadãos é um acto de cidadania. Ao garantir que muitas pessoas têm acesso à mesma informação, os riscos de incidentes será reduzido, bem como a atuação dos agentes de proteção civil passará mais pela prevenção e menos pela atuação pós incidente.
18	Seria deveras positiva, pois como formador e tendo algum feedback pela parte da população aquando da aprendizagem do manuseamento de um simples extintor, da extrema importância de haver mais sensibilização nesta área.
21	Estando a população sensibilizada e consciente dos riscos, reduz-se a probabilidade de ocorrências paralelas à situação a decorrer, assim como contribui para um desenrolar mais eficaz ocorrência em si.
22	
23	É muito importante pois quando existem conhecimentos facilitam os agentes de que com eles atuam .
24	Em meu entender Portugal, deveria apostar na formação/sensibilização desde a idade escolar e em concreto do ensino Básico, pois e embora fosse um processo demorado, poderíamos até demorar uma geração, mas iríamos ter no futuro, uma população mais preparada e sensibilizada para a emergência.
25	Quando deparamos com pessoas com conhecimentos na matéria, regra geral são um forte apoio no desenvolvimentos das acções de socorro.
27	Conhecimento dos riscos
29	Conhecimento.
35	Capacitar a população em geral para agir correctamente no período que medeia entre a verificação da ocorrência e a chegada dos meios de socorro dos bombeiros, não só no que respeita aos procedimentos a tomar no local como também na informação relevante a passar aos APC's.
40	Quanto mais sensibilização / formação a população tiver melhor será a resposta às situações.
41	No conhecimento geral de auto protecção das populações , influndo para uma cultura de segurança que se quer e que é cada vez mais premente a desatenção neste sector.
42	Mudança de atitude e sensibilidade para as questões de segurança.
43	Actividades de Mass Training e Work Shops.Simulação no terreno em actividades conjuntas com os Agentes de Protecção Civil. Saber para socorrer. Saber que pode fazer a Diferença.
45	Na melhoria da percepção da competência técnico-operacional, da qualidade do serviço prestado e no respeito institucional
46	É de extrema importância a população saber o que fazer e o que não fazer em situações de emergência. A prevenção e as ações de socorro podem melhorar significativamente com a sensibilização da população.
47	Ter conhecimentos para desde logo fazer alguma coisa e não se limitarem a chamar os bombeiros.
48	Muitas coisas podiam ser minimizadas se a população tivesse mais conhecimentos.
48	Conhecer o risco (Avaliação) e preparar a 1ª intervenção (Resposta)
50	Resumindo num provérbio serrano:Homem preparado vale por dois.

ID	P0201 Gostaria então que me dissesse em que se traduz essa importância:
52	Na capacidade de cada cidadão saber quais os procedimentos mínimos a tomar em caso de emergência.
53	Saber para fazer é muito importante
55	Uma primeira intervenção e a informação inicial qualitativa que muitas vezes faz a diferença.
56	Todo o cidadão deveria ter conhecimentos básicos, quer de Suporte Básico de Vida como manuseamento e técnicas de extinção com extintores, entre outros. Assim, seria o risco minimizado de imediato.
57	Se estivesse implementado uma cultura de Proteção junto da população em geral, todos saberiam agir e quando agir. Assim valorizava-se o papel importante do Bombeiro Português. Dou o exemplo do dia da Proteção Civil em que abrimos as portas do Quartel a toda População e em particular aos estudantes, em que abordamos uma panóplia de temas diversificados em que o ponto central é o EU, como principal agente de Proteção de Civil.
58	No aumento da capacidade de as populações saberem até onde podem ir no socorro e, sobretudo, na capacidade de pedir auxílio.
59	.
61	A cultura da prevenção e socorro ainda é pouco avaliada pelo povo português.
62	Na importância de que o cidadão comum é o agente de protecção civil nº 1 e sendo conhecedor das situações poderá utilizar ou ajudar a utilizar quem necessita bem como é um transmissor da mensagem mais rápida. Também têm a capacidade de ajudar as equipas credenciadas nas ocorrências.
64	A mesma tem uma relevância importante na sensibilização e na demonstração de como atuar em situação de sinistro, sendo também demonstrativo de como se pode resolver situações em caso de risco.
65	Facilita tarefa dos Operacionais e o Sucesso da Operações.
66	É importante uma população informada, e ciente das suas responsabilidades no âmbito da proteção civil. A proteção civil somos todos nós.
68	No sentido de entenderem melhor a forma de atuação dos agentes de socorro e assim se tornarem mais colaborativos, assim como, no sentido de evitarem muitas situações que são causadas por desconhecimento.
69	Saber o que fazer perante uma situação da aparente emergência e, principalmente, o que não fazer. Ensinar a observar para depois poder transmitir às equipas de socorro
70	Traduz-se numa mais imediata e correta informação sobre o sinistro e na possibilidade de actuação no local logo após a ocorrência
73	A formação e conhecimento de causa aumenta sem duvida a intervenção de qualquer cidadão aquando de um acidente.
75	São as populações que em primeiro lugar detetam as situações de risco e se estiverem informados e com alguma formação seriam salvas muitas vidas...
77	A população evitaria comportamentos de risco, seria o primeiro elo na cadeia de socorro em determinados incidentes, utilização de mecanismos com eficácia, etc.
78	saber utilizar o fogo devidamente/não fazer silvicultura nas horas de mais calor
79	adquirir conhecimentos de como proceder em caso de necessidade.
80	Traduz se no simples facto de no caso de uma situação real de emergência a população por si própria possa desenvolver ações de socorro e inter ajuda com os demais agentes de proteção civil sem haver necessidade de envolver muitos meios quer bombeiros ou autoridades numa primeira abordagem, dependendo da situação.
82	conhecimento para poderem atuar até á chegada dos primeiros meios,
83	É bastante importante a população ter uma cultura de segurança, cada vez mais deparamos com muitas dificuldades por parte das populações em lidar com esta prolemática. Somos confrontados no dia a dia com problemas criados pelas populações, por desconhecimento das leis e do modus operendi dos intervenientes em situações de emergência. Como por ex: a ativação de uma ambulância.

ID	P0201 Gostaria então que me dissesse em que se traduz essa importância:
85	Capacidade de resposta na 1ª intervenção, reduzindo a possibilidade de ter uma situação de maior risco.
86	Toda a população deve ter em conta o que é Proteção Civil, por isso mesmo a importância necessária das ações em causa.
87	Melhor preparação da população na resposta às situações
88	como fazer queimas ou queimadas, como deve proceder, meios de emergência, e nº de contato, em acidentes saber ver e contactar meios de emergência médica 112
89	Sensibilizar para uma melhor cultura de segurança.
91	Conhecer ,saber , interiorizar ,mecanizar gestos ,pensar para agir em detrimento da reação inopinada.
92	Alteração da paradigma da cultura de segurança, fazendo uma aproximação aos países nórdicos.Iniciação às questões de segurança/protecção civil, desde logo no ensino básico.
94	Tendo em conta que a Protecção Civil começa em todos nós enquanto cidadãos, somos nós os primeiros a intervir e nesse sentido devemos ter conhecimento de como fazer pequenos gestos que podem ajudar a salvar.
95	Essa importância reside no facto, que quanto mais informados estamos, melhor poderemos responder em caso de situações de emergência.
97	Com acções de sensibilização podemos ensinar a população a prevenir e a agir em caso de um qualquer incidente. Reduzindo assim a sinistralidade e o número de vítimas.
98	A importância traduz, claramente, a ideia de que um cidadão informado é sempre um cidadão mais bem preparado, seja em que domínio for.
102	Se os conhecimentos da população for elevado sobre a forma de atuação em situação de sinistro, a eficiência do socorro aumenta. Pegando no exemplo das PCRs, no interior do país principalmente o socorro dista do sinistro tempos superiores a 10 minutos, se numa situação de PCR não tiver ninguém junto da vítima que inicie de imediato manobras, a probabilidade de êxito do socorro é mínima. Sendo este um pequeno mas importante
106	Penso que as ações de sensibilização e Formação, deveriam vir da parte de escolas,juntas de freguesia, câmaras juntamente com os corpos de Bombeirosjá começam a haver algumas, mas poucas ainda para a necessidade do assunto. Penso mesmo que deveria ser obrigatório implementar na nossa sociedade.
109	Traduz-se num melhor conhecimento, quer para perceber melhor o modus operandi de quem socorre, quer para poderem atuar ou não, em função da situação de emergência que tem pela frente.
110	o conhecimento e o saber, aumenta a capacidade de resposta por parte dos agentes de protecção civil e simplifica o socorro bem como aumenta a capacidade de resposta.
112	Há necessidade de incutir no espírito das pessoas que a protecção começa nelas, e como tal deverão ter os conhecimentos básicos de como actuar numa situação de emergência
114	No resultado final do pré-socorro, será uma mais valia certamente.
115	A cadeia de socorro e a eficiência da ação dos meios de socorro começa no alerta, daí a importância de uma população informada. De relevar ainda os atos praticados antes da chegada dos meios de socorro que são fundamentais .
118	Visto quando acontece algo às pessoas não sabem o que fazer. As acções de sensibilização / formação já ajudam pessoas terem outra visão e aí torna-se mais fácil numa 1 fase o socorro.
120	Uma população bem formada e sensibilizada, em como atuar em situações de risco, por si só evita muitos trabalhos /preocupações , aos elementos que prestem socorro. Entre outras vantagens.
122	Uma população sensibilizada e formada permite uma resposta adequada das forças de socorro.
124	Em primeiro lugar, só uma população informada e sensibilizada pode dirimir o risco, através da alteração dos seus comportamentos, para além de poderem numa primeira linha constituir um apoio importante na prestação de socorro.
126	Traduz-se numa maior compreensão dos trabalhos desenvolvidos e uma consequente colaboração nós mesmos quer directa ou indirectamente
129	o facto de as pessoas se encontrarem sensibilizadas para os diferentes tipos de incidentes que possam ocorrer, melhora o nosso trabalho e torna-o mais eficaz. A população fica a entender melhor o nosso trabalho e por vezes o seu apoio é bastante importante.

ID	P0201 Gostaria então que me dissesse em que se traduz essa importância:
130	N
131	Uma população mais culta e sensibilizada para os riscos que corre, e simultaneamente preparada para "saber aplicar" os procedimentos a tomar, torna o trabalho dos profissionais mais fácil.
132	Num maior conhecimento das medidas de auto protecção a adoptar, maior capacidade de resposta em situações de emergência minimizando as suas consequências, capacidade de articulação com os meios de socorro.
134	Para além de ser uma forma de educar, prevenir e criar mecanismos de resposta a situações de emergência que pode fazer toda a diferença no socorro, é no meu entender uma forma de aproximação dos Corpos de Bombeiros á suas comunidades, o que me parece de extrema importância.
137	Assunto da maior importância, pois só criando resiliência na população preparando-a para actuação em situações de emergência, podemos minimizar os custos(pessoais, sociais, financeiros, etc...) resultantes dessas situações.
138	A abordagem aos temas potencia dinamicas que alavancam a sensibilidade das tematicas em diferentes publicos alvo em funcao da sua faixa etaria.
141	Sem conhecimento não se pode evitar situações de risco nem minimizar as mesmas
143	Melhores conhecimento
144	1- principalmente a quem contactar em situação de socorro.2-o que fazer até a chegada de socorro
145	Algumas vezes fazemos formação de sensibilização as populações e nas escolas e industrias
146	é importante haver essas ações de sensibilização/formação, começando desde logo em edifícios de atendimento ao publico
147	Considero que as ações de sensibilização e formação são uma forma de dar autonomia na resposta nos primeiros momentos da emergência ou ainda a capacidade de sobrevivência e resiliência tem a aumentar com o conhecimentos dos procedimentos a tomara em casos de acidente grave ou catástrofe.
149	No processo de comportamento de cada cidadão face ao risco imediato.
150	Todo o cidadão devidamente informado tem sempre mais capacidades de regir a situações de catastofe o outras menos significativas.
151	Para os diferentes cenários de situações de emergência as pessoas devem saber quais as medidas de autoproteção a auditar com vista à salvaguarda da vida humana e do património.
152	Conhecimento do risco.
153	Saber fazer
155	a formação/sensibilização é muito importante para saberem como actuar na primeira intervenção, até á chegada dos meios de socorro.
156	Sendo efetivada (o que não acontece!) pelas entidades competentes, nomeadamente pelos Serviços Municipais de Proteção Civil, contribuirá sem dúvida para termos uma sociedade esclarecida e para a mudança de consciências. Manifesto a minha opinião tendo em conta a realidade que conheço e com que lido diariamente.
158	a) Sobrevivênciab) Reforçar a cultura da segurança;c) São sempre os primeiros Socorristas no local;d) Condutores do conhecimento e informação.
159	conhecimento em como actuar em situações de emergencia
160	Não só melhoraria os hábitos e posturas da população, bem como facilitava os bombeiros na sua atividade.
161	Ajudava a melhorar os procedimentos e os conhecimentos nos pedidos do socorro
163	Tem muita importancia se tiver alguns conhecimentos prestam um bom trabalho ate chegar as equipas de secorro e darlhes contactos por exempo o do comandante para ligarem e fazerem logo um pote de situacao eo local certo e o tipo de meios sao nessecarios no local que em odemira levamos 55minutos a chegar a estrada do concelho e sao 55km para cada lado

ID	P0201 Gostaria então que me dissesse em que se traduz essa importância:
164	1ª melhoria dos pedidos de auxílio2ª alguma ajuda na identificação das ocorrências, de forma a
166	Mais iniciativas... Para esclarecimento da população
167	
168	De modo a preparar as populações em geral como atuar em situações de risco. Deste modo todos em conjunto será mais fácil trabalhar nessas situações....
169	É extremamente importante uma informação/sensibilização dos riscos que a população está exposta, até porque o cidadão é o elemento de proteção civil mais importante e a informação é a única forma de o capacitar a responder adequadamente à adversidade.
170	Sensibilização mais próxima das escolas
171	melhoria de conhecimentos para agir e actuar
173	Na minha opinião acho importante mas de facto as pessoas só se lembram na altura que lhe estamos a transmitir essa sensibilização.Devia haver mais para que as pessoas quando fosse necessário se recordassem do que lhe é transmitido com essas ações de sensibilização/formação.
175	Em prevenção
176	Uma população informada e com conhecimentos permitirá ajudar-se a si própria bem como ajudar todos os que o rodeiem.
177	Numa melhor gestão na aplicação dos conhecimentos.
182	Entendo que ações junto da população em geral ajudariam exponencialmente a reação destas a situações de emergência. Deveriam começar por classes estudantis nas escolas.
183	conhecimento mais aprofundado
184	Com a aquisição de conhecimentos a população estará mais preparada para atuar em situações de emergência, mas também poderá contribuir para a prevenção de acidentes.
185	Facilitaria em muito o nosso trabalho.
187	É de primordial importância pois só com uma população sensibilizada, podemos contar com uma população preparada para minimizar os riscos durante a emergência bem como prevenir essas situações. A prevenção só se faz com a população sensibilizada e o êxito à resposta de emergência só se consegue com a preparação da população. A sensibilização e a resposta à emergência estão intimamente relacionadas.
188	
189	A importância da formação da população em ações que visem melhorar a capacidade de resposta em situações de emergência, deve-se ao facto de serem eles os primeiros a estar no local, visto que os Bombeiros, como parte integrante da população, também serão afectados e as suas famílias por qualquer acidente ou desastre, seja eles de que espécie for, e se tiverem os conhecimentos básicos de como actuar em casos pontuais, tod
191	A melhoria da capacidade de resposta pelos primeiros elementos da cadeia de socorro traria melhor alerta, melhor e mais rápido socorro e início precoce do mesmo.
192	
193	Só com a sensibilização /formação da população para estas situações é que se consegue responder eficazmente a situações de emergência, pois se todos falarmos a mesma linguagem não há má interpretação das atitudes tomadas por todos os intervenientes.
194	Será através de ações de sensibilização e prevenção que a população se pode inteirar do que pode e deve fazer em situações de emergencia
195	pela diferença entre alguém que tem conhecimentos mínimos atuar na 1ª intervenção, até à chegada dos Bombeiros ou ninguém fazer nada e esperar que os bombeiros atuem quando chegarem. Esta segunda opção muitas vezes acarreta grandes prejuízos, evitáveis com uma 1ª intervenção eficaz pelos funcionários locais.
196	Sendo a pupulação em geral normalmente os primeiros em contacto com as emergencias.
197	Maior percepção do risco e implementar a cultura de auto-segurança

ID	P0201 Gostaria então que me dissesse em que se traduz essa importância:
198	Tendo em conta que toda a formação é importante para adquirir maiores e melhores conhecimentos, as ações de sensibilização e treino em conjunto com a população é sempre mais fácil para uma melhor resposta às várias situações.
200	se as pessoas tiverem formação em como agir numa situação de emergência podem facilitar o trabalho dos bombeiros, prestando um primeiro auxílio rápido e também saberão dar informações específicas sobre a situação.
203	Porque já melhoram a suas capacidades em caso de emergência
204	Porque uma população com alguma formação facilita o trabalho dos agentes de proteção civil.
206	Primeiro pela vertente da sensibilização e depois pela aquisição de capacidades técnicas, mesmo que genéricas.
207	Basicamente em que a população esteja alerta e se não ajudar pelo menos que saiba o que não deve fazer
209	Revela-se importante na em que a população está pouco desperta para a problemática da prevenção de situações de risco
211	O alertar e sensibilizar as pessoas expondo-lhe situações concretas, melhora a sua capacidade
212	Todo o cidadão deveria ter conhecimento das medidas de autoproteção a adotar perante situações de risco, quer seja ao nível de incêndios, sismos, acidentes domésticos, acidentes de trabalho, acidentes rodoviários e doença súbita. As ações de sensibilização deveriam começar pela população escolar.
213	Torna-se cada vez mais pertinente a população e a sociedade em geral estar informada e formada sobre como reagir em situações de emergência, mas também e ainda mais, em estar informada sobre como prevenir riscos e situações de emergência. Sendo esta última situação até, onde se deveria incidir maior formação junto da população. Ao a mesma saber prevenir e precaver situações de risco, os mesmos já não se correm com tan
214	No desenvolvimento eficaz de uma cultura de protecção civil, fortemente enraizada na população.
215	importante a população saber o que fazer e o que não fazer numa situação de emergência.
216	numa melhor articulação e reconhecimento dos trabalho efectuado pelos APC.
217	Salvar Vidas, evitar que situações extremas, se fossem neutralizadas no seu início e muitas é tão fácil uma vítima com hemorragia uma simples compressão até chegarem os meios de socorro pode ser a diferença entre a vida e a morte
218	Para poderem iniciar um socorro sem estarem dependentes de qualquer meio.Podendo certas vezes salvar vidas e bens.
220	2º/3º ciclo em programa escolar
221	Ações de Sensibilização e Simulacros nas Escolas, Autarquias e IPSS.
222	Principalmente a compreensão do funcionamento da resposta em situações de emergência, conhecimentos básicos de gestos e ações que devem ser tomadas por quem está envolvido em situações de emergência
223	Uma população informada, sensibilizada e treinada despertará para uma cultura de segurança que provavelmente ainda não existe.
224	Quem não sabe, não salva nem se salva e estarmos informados em qualquer assunto, nomeadamente naqueles que dizem respeito à nossa própria vida, são a base da nossa existência.
226	Uma sociedade consciente é metade do trabalho numa operação de socorro.
227	Em primeiro gostava de dar a minha modesta opiniao em relação a esta situação.1. esta sensibilização deveria ser feita pela estrutura de segurança, socorro e emergencia local, de acordo com a alinea g) do nº 1 do Artigo 3º do Decreto lei nº 247/2004 o qual mantem nos diplomas seguintes.2. Seria um aproximar entre a estrutura de segurança / socorro e mergencia (Bombeiros) e a sua população, sensibilizando tambem para a importa
230	O conhecimento dos procedimentos a adotar facilita o trabalho dos agentes na medida em que os civis respondem positivamente a uma indicação que é dada e não questionam, nem alteram as indicações transmitidas porque as compreendem.
231	sensibilizar a população para terem comportamentos que visem a segurança

ID	P0201 Gostaria então que me dissesse em que se traduz essa importância:
236	Traduz-se em dotar a população de conhecimentos , derivado á atuação no momento, quando se depara com a situação de Emergência , seja no local de trabalho via publica ou espaço de lazer . Extremamente importante na prevenção de lesões em caso de trauma, proteção de vitimas e bens e apoio as equipas especializadas de Pré-Hospitalar e BOMBEIROS e INEM ou no âmbito de incêndio ou fenómenos naturais.
237	Se o cidadão estiver formado ou sensibilizado para uma situação de emergência consegue no primeiro momento começar a responder á situação
238	Podem contribuir com tarefas delegadas.
239	dado que existindo acções de sensibilização a população fica mais preparada para actuar como 1.º socorrista ou então perceber o trabalho das entidades que prestam socorro na emergência e também o que podem ou não fazer ou ajudar.
240	É muito importante, porque sem a sensibilização das massas, não é possível esperar um comportamento satisfatório de resposta a situações de emergência.
241	Uma população sensibilizada/formada para situações de risco, pode evitar e/ou minimizar os mesmos.
244	A população em geral é o primeiro meio de socorro a chegar a qualquer TO e se estiver sensibilizada e formada poderá atenuar muito as situações de emergência.
245	melhor capacidade de reagir em situações de exceção.
246	Em primeiro lugar alargar uma politica de prevenção. Depois o conhecimento mínimo sobre os diversos agentes de socorro e a forma de os accionar dando o máximo de informação de cada situação. Igualmente a informação sobre pequenos gestos que podem ser feitos no imediato (SBV, uso de extintores,etc) e que podem fazer a diferença enquanto se aguarda o socorro especializado.
248	Essa importância traduz-se na recepção que as equipas tem, nos diversos Teatros de Operações onde são chamados a intervir, na forma como falam com os Bombeiros, como abordam as ocorrências e como pedem ajuda.
250	Capacidade de resiliência de uma determinada sociedade face aos riscos, nomeadamente para criação de rotinas na adoção de medidas de prevenção e autoprotecao. Dispertar consciência na população para reduzir/eliminar comportamentos de risco.
252	Nota-se ainda nos dias de hoje a falta de preparação da população para enfrentar situações de emergência. O desenvolvimento de acções de sensibilização/formação são fundamentais no sentido de incutir o principio da resiliência nas populações, pois numa situação de catástrofe será um factor determinante.
256	A importância que a informação pública tem na adoção de comportamentos preventivos e na minimização de situações de risco, reduz na maioria dos casos o acionamento de meios que porventura sejam necessários alocar em outro projecção no socorro.
259	População doutrina torna-se muito mais eficaz, tendo em conta o saber e o saber fazer bem, para minimizar riscos.
260	O Cidadão é sem duvida o 1º Agente de Proteção Civil, como tal em qualquer incidente, não havendo ajuda diferenciada ao primeiro instante, como a todos nós, cidadão, atenuar qualquer acidente ou incidente, no sentido de alerta, deteção e por ventura atuação.
261	- Compreensão da sua função enquanto 1º APC;- Compreensão e definição dos diferentes tipos de emergência assim como atuação nos primeiros minutos e como alertar as entidades competentes.
262	Quanto mais é melhor for a informação, melhor será a resposta em caso de necessidade.
263	
264	Sensibilização apenas funciona se for sinónimo de educação, começando nas camadas mais jovens.
265	Promover uma política de prevenção junto da população/cidadão comum.
268	
269	Através destas ações é que podemos despertar a população para estes temas e assim prepara-los.
270	Através da realização de ações de sensibilização/formação é possível fazer com que a população esteja mais informada sobre a sua importância na resposta a situações de emergência, e dota-los com os conhecimentos e as ferramentas necessárias para dar o apoio e a contribuição necessária para essa mesma resposta. Acima de tudo também é fundamental que as pessoas percebam que são um elo importante neste tipo de situaç

ID	P0201 Gostaria então que me dissesse em que se traduz essa importância:
271	Só com população preparada, teremos uma abordagem correta antes de chegarem os meios de socorro.
272	Muito importante formação
273	Não obstante, criar dinâmicas com vista contrariar algum desinteresse instalado e assim envolver cada vez mais a população.
274	
275	a sensibilização da população tradu se nima politica de segurança ativa e acima de tudo de prevenção.
276	A importância traduz-se, na forma de uma missão de proteção civil - Formação e Informação, sendo os Bombeiros um Agente de Proteção Civil.
278	Tendo em conta uma situação de Catástrofe em que o socorro não poderá chegar a todos a sensibilização e o conhecimento a forma de agir poderão fazer toda a diferença.
280	As ações de sensibilização e formação são importantíssimas, indicação dos perigos, da maneira de atura perante os mesmos e as suas consequências, nas várias areas de atuação dos Bombeiros (saúde e incêndios Florestais e Urbanos).Se nestas áreas se conseguir que seja assimilada toda a organica do ato, da maneira de atuar e das consequências que podem trazer.
281	Nas informações dar aquando do alarme, de forma a facilitar a ativação e despacho de meios.O comportamento in-loco no decurso de um acidente, em que comportamento das pessoas enquanto mirones, de forma a facilitar a marcha geral das operações.
282	A cultura da prevenção é sem sombra de dúvida a melhor solução para prevenir e educar a população a lidar com situações de risco.
283	Prevenir riscos, minimizar danos.
284	Devia ser obrigatória a formação em primeiros socorros e em situações de incendio, e mesmo no manuseamento de produtos perigosos. Salvava muitas vidas.
285	Pessoas formadas, facilitam o trabalho dos agentes de proteção civil, e correm menor risco de se envolverem em situações de risco
287	População sensibilizada = população mais auto protegida, onde a intervenção dos Agentes de Proteção Civil se torna mais eficiente e eficaz.
289	Melhoria da capacidade de resposta em situações de emergência, ou seja, aumento do nível de cultura de segurança de todo e qualquer cidadão.
290	Comportamento de defesa e segurança em situações de risco, nomeadamente em tremor de terras, aluimentos de terras, desabamentos, em incêndio Florestais e urbanos e industriais
291	É fulcral que a população em geral, saiba identificar corretamente as situações de urgência e de emergência, para que rapidamente os Bombeiros consigam chegar aos locais e instituir os cuidados necessários, o mais precocemente possível. Melhorando esta cadeia, poderemos contribuir para uma melhor qualidade de vida da população em geral. Além disso, pessoas informadas serão capazes de instituir cuidados imediatos, o que muitas
292	Sensibilizar a população para ativação de socorro o mais precocemente e os meios disponiveis para o efeito.Sensibilizar a população para os perigos envolventes e aos perigos a que estão sujeitas.Alertar para uma prevenção ativa.Fazer demonstrações de como atuar em diversas situações dependendo da necessidade de cada um.
294	Nas primeiras horas será a propria população a efectuar o socorro, logo quanto mais sensibilizados melhor a actuação perante as situações.
295	Autoproteção e aumento da resiliência
296	Quanto mais sensibilizarmos a população, mais prevenção existe.para evitar qualquer tipo de acidente
297	colaboração com as equipas de emergencia o que se traduz num mais e melhor socorro, “muitas vezes não atrapalhando já ajudam”
299	Menor risco de incêndios e / ou acidentes.
300	Visto que em modo geral a população são os primeiros a envterir em situações de emergência

ID	P0201 Gostaria então que me dissesse em que se traduz essa importância:
301	N
302	Pessoas bem formadas, e preparadas ajudam a controlar os leigos no decorrer das operações de socorro.
303	porque se tivermos alguém com algum tipo de conhecimento em situações de emergência, não só e mas uma ajuda e ao mesmo tempo um bloqueador de situações de caos ou ruído dessas mesmas situações
304	MELHORAR A CAPACIDADE DE RESPOSTA EM QUALQUER INTERVENÇÃO, SEJA AO NÍVEL DO PEDIDO DE SOCORRO SEJA AO NÍVEL DE EXECUÇÃO
305	
306	
307	eficiência e eficácia em situação de emergência com redução de meios e custos e maior sucesso no socorro
308	Estarem minimamente preparados para situações de Emergência.
310	A sensibilização e a formação são fatores fundamentais em prevenir e agir em situações de risco.
311	capacidade de primeira intervenção da população e colaboração com os agentes de protecção civil
312	Auto protecção
313	A população em geral estar preparada para actuar em situações de emergência
314	Não criticavam e acabavam por ajudar o trabalho dos bombeiros.
315	Maior rapidez e eficácia da intervenção
317	
318	Na habituação às situações e na adaptação às soluções.
320	Traduz-se em que a população fica mais sensibilizada no que toca ao desencadeamento de acções de socorro e mais aptos a desenvolver práticas básicas que facilitarão o nosso dia a dia. exemplo fazer um simples pedido de socorro de forma coerente.
322	ao maior conhecimento corresponde melhor resposta.
323	No conhecimento de experiências transmitidas e na persistência dessas acções.
325	Para tornar mais "interiorizada" uma cultura de Proteção Civil e também preparar melhor as pessoas para atuar e proceder em caso de catástrofe.
326	Ajuda à tomada de consciência
327	Identificar os riscos específicos e locais de cada população e todos os agentes em conjunto promover acções locais junto das populações abordando as temáticas, específicas e como minimizar os seus efeitos.(Exemplos ir junto das populações sensibilizar para incêndios florestais, antes da época, para a limpeza de terrenos, para limpeza de chaminés... etc...
329	Na formação da população. Mantendo-a informada dos seus atos nos meios de atuar.
330	Uma população mais informada é assim uma população melhor preparada para situações de risco.
331	Muita importância porque a população com formação, é sempre capaz de tentar prestar os primeiros socorros, enquanto não chega ajuda diferenciada.
332	Facilita a nossa intervenção e diminui em grande escala os prejuízos humanos e materiais.
333	No desempenho facilitador em situações de emergência.
334	.
335	Promover campanhas de sensibilização junto da população de forma a poderem dar um primeiro socorro numa situação de emergência.
336	Acções junto das populações alvo. Estudantes.
337	Segurança de todos
338	Na capacidade de reacção e acção comportamental em situações de emergência/risco.
339	N

(Página deixada propositadamente em branco)

Anexo 6

**Tabulações do Inquérito: “A perceção dos riscos naturais e incêndios urbanos”,
realizado a colaboradores da SCML**

(Página deixada propositadamente em branco)

Valores Absolutos

	P. 3.3. Sexo:			P. 2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:				
	Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viúvo (a)
	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem
Total	427	112	315	0	35	148	125	102	17	156	149	94	25	3	125	302	99	213	61	51	3
8.1 Em casa : Sei onde é o quadro da Luz:	427	112	315	0	35	148	125	102	17	156	149	94	25	3	125	302	99	213	61	51	3
8.10 Tenho reserva de alimentos para 3 dias:	340	89	251	0	28	118	97	82	15	124	125	73	16	2	97	243	75	169	48	45	3
8.11 Toda a família sabe o Ponto de Encontro junto à casa:	126	30	96	0	10	40	27	44	5	58	35	26	6	1	39	87	35	57	21	11	2
8.12 Cuidei saber, no plano municipal de emergência quais os riscos para a minha área de residência	54	15	39	0	6	10	18	17	3	21	19	9	4	1	15	39	10	28	7	9	0
8.13 Sei o Número Nacional de Emergência:	392	101	291	0	34	138	115	92	13	148	135	83	23	3	114	278	94	190	56	49	3
8.14 Temos, todos, as vacinas em dia:	406	109	297	0	34	142	123	93	14	145	141	93	24	3	114	292	93	201	59	50	3
8.15 O número de polícia da nossa casa é bem visível da estrada:	237	67	170	0	17	69	76	64	11	83	86	54	13	1	74	163	44	129	34	28	2
8.16 Tenho algum dinheiro de bolso guardado para uma emergência:	248	69	179	0	14	89	75	60	10	93	84	58	12	1	79	169	60	119	32	35	2
8.17 Tenho um conjunto de medicamentos de reserva, dos que são indispensáveis:	327	81	246	0	30	116	92	76	13	119	116	70	19	3	96	231	75	163	45	41	3
8.18 Uso os elevadores em situação de acidente no prédio:	15	5	10	0	0	1	9	5	0	3	4	5	2	1	8	7	0	8	7	0	0

Valores Absolutos

	P.3.3. Sexo:			P.2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:				
	Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viúvo (a)
	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem
8.19 Sobrecarrego as tomadas com aparelhos eléctricos:	46	13	33	0	4	9	16	15	2	10	18	13	4	1	16	30	2	32	8	4	0
8.2 Em casa : Sei onde desligo a água:	415	109	306	0	32	142	124	100	17	149	148	92	24	2	120	295	93	208	60	51	3
8.20 Tenho guardado, em lugar seguro, um conjunto de fotocópias dos documentos de cada um de nós:	153	44	109	0	12	53	45	38	5	50	57	33	11	2	51	102	33	76	23	20	1
8.3 Em casa : Sei onde desligo o Gás:	410	109	301	0	32	138	124	99	17	146	143	93	25	3	123	287	93	202	61	51	3
8.4 Tenho, pelo menos, 1 extintor dentro da validade:	119	43	76	0	9	30	32	41	7	38	45	30	5	1	44	75	25	72	11	9	2
8.5 Sei usar o extintor:	306	102	204	0	23	104	89	77	13	101	111	73	19	2	100	206	59	161	44	40	2
8.6 Tenho lista de números de telefone emergência (polícia, Bombeiros, Protecção Civil) da minha área de residência:	223	65	158	0	10	73	74	56	10	75	81	55	11	1	63	160	43	120	29	28	3
8.7 Tenho estojo de 1ºs Socorros:	259	71	188	0	26	89	73	63	8	86	98	59	15	1	72	187	57	131	35	33	3
8.8 Tenho um Kit de Emergência:	98	22	76	0	9	25	27	33	4	35	38	19	5	1	33	65	24	47	17	8	2
8.9 Tenho reserva de água para 3 dias:	150	42	108	0	11	55	35	43	6	56	58	31	5	0	46	104	38	73	21	18	0

Valores Absolutos

		P.3.3. Sexo:			P.2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:				
		Total Contagem	Masculino Contagem	Feminino Contagem	Inferior a Contagem	20-29 anos Contagem	30-39 anos Contagem	40-49 anos Contagem	50-59 anos Contagem	60-69 anos Contagem	0 Contagem	1 Contagem	2 Contagem	3 Contagem	4 Contagem	Dirigente Contagem	Não Contagem	Solteiro (a) Contagem	Casado (a) Contagem	Divorciado Contagem	União de Contagem	Viúvo (a) Contagem
P_9 9. Sente-se informado sobre os perigos e desastres naturais que podem afectar o seu local de residência?3	Nada informado	46	13	33	0	5	18	11	12	0	18	14	9	4	1	8	38	8	27	5	6	0
	Pouco informado	181	43	138	0	13	69	51	39	9	60	65	44	12	0	53	128	40	93	21	25	2
	Informado	179	45	134	0	17	55	57	44	6	72	58	40	8	1	56	123	48	82	30	18	1
	Muito informado	19	9	10	0	0	6	6	6	1	7	10	1	0	1	7	12	4	9	4	2	0
P_10 10. Sente-se informado sobre os perigos e desastres naturais que podem afectar o seu local de trabalho?	Completamente informado sobre todos os perigos	4	3	1	0	0	1	1	1	1	0	2	1	1	0	1	3	0	3	1	0	0
	Nada informado	33	12	21	0	4	14	8	6	1	12	11	6	3	1	7	26	6	21	3	3	0
	Pouco informado	121	26	95	0	12	43	35	27	4	43	41	27	10	0	35	86	30	60	14	14	3
	Informado	221	53	168	0	14	75	67	56	9	86	72	50	11	2	63	158	51	103	37	30	0
P_11 11. Qual a sua preocupação com perigos, desastres naturais e incêndios urbanos no local de trabalho?	Muito informado	44	16	28	0	4	14	15	9	2	12	22	10	0	0	16	28	9	25	6	4	0
	Completamente informado sobre todos os perigos	10	6	4	0	1	3	1	4	1	4	3	2	1	0	4	6	4	5	1	0	0
	Não me preocupo nada	4	1	3	0	0	3	0	1	0	3	0	0	1	0	0	4	2	1	0	1	0
	Preocupo-me pouco	66	17	49	0	2	24	26	13	1	32	15	14	5	0	13	53	22	29	8	7	0
P_12 12.1 Conheço o Plano de	Preocupo-me	209	64	145	0	20	80	57	45	7	71	78	45	13	2	55	154	45	108	26	29	1
	Preocupo-me muito	112	21	91	0	12	29	33	31	7	38	44	25	4	1	39	73	22	55	23	11	1
	Preocupo-me totalmente	38	10	28	0	1	13	10	12	2	13	12	11	2	0	18	20	9	21	4	3	1
	Sim	298	79	219	0	20	112	83	72	11	102	109	69	17	1	85	213	68	148	44	36	2
P_12.2 12.2 Sei onde é o Ponto de	Não	131	34	97	0	15	37	43	30	6	55	40	26	8	2	40	91	32	66	17	15	1
	Sim	307	78	229	0	19	116	87	74	11	112	109	66	18	2	95	212	71	154	43	38	1
	Não	122	35	87	0	16	33	39	28	6	45	40	29	7	1	30	92	29	60	18	13	2
	Sim	294	76	218	0	14	115	87	67	11	102	102	67	21	2	84	210	65	148	42	37	2
P_12.3 12.3 Conheço o Alarme	Não	135	37	98	0	21	34	39	35	6	55	47	28	4	1	41	94	35	66	19	14	1
	Sim	148	31	117	0	10	58	34	39	7	56	51	34	6	1	58	90	36	77	20	14	1
	Participei num	281	82	199	0	25	91	92	63	10	101	98	61	19	2	67	214	64	137	41	37	2
	Não																					
P_12.5 12.5 Tenho um Kit de Emergência portátil no local trabalho:	Sim	429	113	316	0	35	149	126	102	17	157	149	95	25	3	125	304	100	214	61	51	3
	Não																					
	Nada informado	11	3	8	0	2	2	4	2	1	6	3	2	0	0	4	7	5	2	3	1	0
	Pouco informado	96	19	77	0	3	40	28	22	3	36	33	20	7	0	27	69	24	49	12	10	1
P_13 13. Relativamente ao risco sísmico, sente-se informado dos comportamentos que deve adoptar antes, durante e depois,	Informado	238	62	176	0	18	75	68	65	12	87	84	52	12	3	69	169	49	124	32	31	2
	Muito informado	69	22	47	0	10	26	22	10	1	24	24	16	5	0	21	48	18	32	11	8	0
	Completamente informado sobre todos os perigos	15	7	8	0	2	6	4	3	0	4	5	5	1	0	4	11	4	7	3	1	0
	Nada informado																					

Cultura de Segurança em Proteção Civil. Cada um, um agente de Proteção Civil

Valores Absolutos

		P 3.3. Sexo:			P 2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:				
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Dirigente	Não	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado	União de	Viúvo (a)
		Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem
P_14 14. Já ouviu falar alguma vez sobre Riscos Naturais?	Sim	424	113	311	0	33	149	125	100	17	155	147	94	25	3	122	302	98	212	60	51	3
	Não	5	0	5	0	2	0	1	2	0	2	2	1	0	0	3	2	2	2	1	0	0
P_16 16. Já esteve envolvido(a), directamente, num acidente grave ou catástrofe?	Sim	93	30	63	0	8	26	21	34	4	30	31	26	5	1	35	58	17	53	14	9	0
	Não	336	83	253	0	27	123	105	68	13	127	118	69	20	2	90	246	83	161	47	42	3
P_15.1 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Sismos	Não me preocupo nada	11	4	7	0	0	5	5	1	0	4	2	4	1	0	1	10	3	6	0	2	0
	Preocupo-me pouco	33	13	20	0	3	16	8	6	0	16	10	5	2	0	9	24	11	11	6	5	0
	Preocupo-me	149	42	107	0	7	58	41	36	7	55	49	32	12	1	49	100	34	77	20	17	1
	Preocupo-me muito	134	34	100	0	15	37	49	27	6	49	49	29	5	2	38	96	28	73	18	14	1
P_15.2 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Tsunami	Preocupo-me totalmente	102	20	82	0	10	33	23	32	4	33	39	25	5	0	28	74	24	47	17	13	1
	Não me preocupo nada	39	14	25	0	1	12	18	7	1	14	10	12	3	0	7	32	8	19	5	7	0
	Preocupo-me pouco	107	32	75	0	9	44	32	19	3	48	40	13	6	0	31	76	30	49	13	15	0
	Preocupo-me	145	45	100	0	11	53	37	40	4	51	44	38	10	2	45	100	38	73	20	13	1
P_15.3 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Tempestades	Preocupo-me muito	69	12	57	0	6	18	23	15	7	28	20	16	4	1	25	44	11	37	11	9	1
	Preocupo-me totalmente	69	10	59	0	8	22	16	21	2	16	35	16	2	0	17	52	13	36	12	7	1
	Não me preocupo nada	12	4	8	0	1	3	5	3	0	6	1	3	2	0	1	11	5	6	0	1	0
	Preocupo-me pouco	72	26	46	0	5	29	22	15	1	29	20	15	7	1	24	48	19	30	13	10	0
	Preocupo-me	199	52	147	0	15	72	56	47	9	65	78	41	13	2	58	141	40	106	28	23	2
	Preocupo-me muito	106	22	84	0	13	31	30	27	5	41	38	24	3	0	31	75	25	56	14	10	1
	Preocupo-me totalmente	40	9	31	0	1	14	13	10	2	16	12	12	0	0	11	29	11	16	6	7	0

Valores Absolutos

		P. 3.3. Sexo:			P. 2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:					
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Dirigente	Não	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado	União de	Vítuvo (a)	
		Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	
P_15.4 15. .Preocupação em relação a perigos/desastres_C hava muito intensa	Não me preocupo nada	23	8	15	0	1	6	9	7	0	11	3	5	4	0	4	19	9	9	2	3	0	
	Preocupo-me pouco	72	23	49	0	7	26	21	18	0	25	24	16	6	1	23	49	18	35	15	4	0	
	Preocupo-me	204	54	150	0	19	75	55	42	13	73	75	41	13	2	58	146	42	104	30	27	1	
	Preocupo-me muito	88	18	70	0	5	25	26	29	3	30	36	20	2	0	30	58	18	48	10	10	2	
P_15.4_A 15. .Preocupação em relação a perigos/desastres_O nda de Calor	Preocupo-me totalmente	42	10	32	0	3	17	15	6	1	18	11	13	0	0	10	32	13	18	4	7	0	
	Não me preocupo nada	18	5	13	0	1	5	6	5	1	9	4	2	3	0	4	14	5	9	2	2	0	
	Preocupo-me pouco	101	36	65	0	14	42	25	18	2	50	28	19	4	0	22	79	36	41	15	9	0	
	Preocupo-me	204	51	153	0	15	74	59	46	10	60	78	47	16	3	62	142	33	115	29	26	1	
P_15.5 15. .Preocupação em relação a perigos/desastres_V aga de Frio	Preocupo-me muito	69	16	53	0	2	17	25	22	3	20	27	20	2	0	24	45	16	34	9	8	2	
	Preocupo-me totalmente	37	5	32	0	3	11	11	11	1	18	12	7	0	0	13	24	10	15	6	6	0	
	Não me preocupo nada	22	8	14	0	0	8	9	4	1	12	4	4	2	0	3	19	6	10	3	3	0	
	Preocupo-me pouco	99	36	63	0	9	35	27	26	2	35	33	22	8	1	30	69	25	48	15	11	0	
P_15.6 15. .Preocupação em relação a perigos/desastres_S ecas	Preocupo-me	201	47	154	0	19	78	49	45	10	71	76	41	12	1	55	146	44	105	26	24	2	
	Preocupo-me muito	74	16	58	0	4	19	30	19	2	24	27	19	3	1	26	48	16	39	11	7	1	
	Preocupo-me totalmente	33	6	27	0	3	9	11	8	2	15	9	9	0	0	11	22	9	12	6	6	0	
	Não me preocupo nada	17	7	10	0	0	6	10	1	0	7	4	5	1	0	3	14	6	9	1	1	0	
P_15.7 15. .Preocupação em relação a perigos/desastres_C heias / Inundações	Preocupo-me pouco	100	32	68	0	11	40	33	15	1	38	32	20	10	0	26	74	27	46	12	15	0	
	Preocupo-me	193	45	148	0	15	66	51	52	9	65	70	45	11	2	57	136	40	101	31	21	0	
	Preocupo-me muito	85	24	61	0	8	25	22	24	6	36	31	15	2	1	28	57	18	39	14	11	3	
	Preocupo-me totalmente	34	5	29	0	1	12	10	10	1	11	12	10	1	0	11	23	9	19	3	3	0	
P_15.8 15. .Preocupação em relação a perigos/desastres_In cêndio florestal	Não me preocupo nada	9	6	3	0	0	3	5	1	0	1	2	4	2	0	2	7	1	7	1	0	0	
	Preocupo-me pouco	52	17	35	0	1	21	18	12	0	22	13	10	7	0	19	33	14	25	8	5	0	
	Preocupo-me	192	49	143	0	19	68	58	39	8	69	70	39	12	2	54	138	45	94	27	26	0	
	Preocupo-me muito	126	29	97	0	10	40	30	39	7	46	53	24	2	1	37	89	24	67	17	15	3	
	Preocupo-me totalmente	50	12	38	0	5	17	15	11	2	19	11	18	2	0	13	37	16	21	8	5	0	
	Não me preocupo nada	22	12	10	0	1	11	9	1	0	5	7	8	2	0	3	19	5	15	0	2	0	
	Preocupo-me pouco	68	20	48	0	6	29	17	13	3	28	21	13	5	1	23	45	15	35	7	11	0	
	Preocupo-me	165	42	123	0	11	56	50	43	5	55	55	44	11	0	50	115	37	88	24	15	1	
	Preocupo-me muito	107	22	85	0	12	33	33	21	8	42	43	16	4	2	29	78	21	48	17	19	2	
	Preocupo-me totalmente	67	17	50	0	5	20	17	24	1	27	23	14	3	0	20	47	22	28	13	4	0	

Valores Absolutos

		P.3.3. Sexo:			P.2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:				
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Dirigente	Não	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado	União de	Viuvo (a)
		Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem
P_15.9 15.	Não me preocupo nada	97	35	62	0	4	40	35	17	1	34	36	20	6	1	20	77	23	44	13	16	1
.Preocupação em	Preocupo-me pouco	151	39	112	0	14	55	44	32	6	58	51	34	7	1	49	102	42	74	23	12	0
perigos/desastres_N	Preocupo-me	125	26	99	0	12	40	31	36	6	46	38	29	11	1	42	83	24	72	12	16	1
evões	Preocupo-me muito	36	9	27	0	3	8	10	12	3	10	17	8	1	0	11	25	3	18	9	5	1
	Preocupo-me totalmente	20	4	16	0	2	6	6	5	1	9	7	4	0	0	3	17	8	6	4	2	0
P_15.10 15.	Não me preocupo nada	44	13	31	0	1	19	18	6	0	15	15	11	3	0	10	34	10	22	3	9	0
.Preocupação em	Preocupo-me pouco	118	40	78	0	13	40	41	21	3	50	37	24	6	1	33	85	30	58	18	12	0
perigos/desastres_A	Preocupo-me	155	35	120	0	16	55	33	43	8	53	50	37	13	2	43	112	34	82	22	17	0
gitação do mar	Preocupo-me muito	78	18	60	0	4	26	22	21	5	26	32	17	3	0	28	50	18	38	11	8	3
	Preocupo-me totalmente	34	7	27	0	1	9	12	11	1	13	15	6	0	0	11	23	8	14	7	5	0
P_15.11 15.	Não me preocupo nada	124	42	82	0	5	56	41	21	1	46	46	24	8	0	26	98	30	60	19	15	0
.Preocupação em	Preocupo-me pouco	141	37	104	0	10	48	41	35	7	48	48	38	5	2	59	82	31	79	17	14	0
perigos/desastres_E	Preocupo-me	85	20	65	0	8	26	22	25	4	37	26	16	5	1	23	62	23	37	14	10	1
rupção Vulcânica	Preocupo-me muito	48	10	38	0	7	12	13	13	3	20	14	9	5	0	14	34	10	24	6	7	1
	Preocupo-me totalmente	31	4	27	0	5	7	9	8	2	6	15	8	2	0	3	28	6	14	5	5	1
P_15.12 15.	Não me preocupo nada	124	43	81	0	4	52	43	23	2	41	44	28	10	1	33	91	25	64	20	15	0
.Preocupação em	Preocupo-me pouco	143	34	109	0	14	54	34	34	7	55	53	30	4	1	56	87	37	72	18	16	0
perigos/desastres_Q	Preocupo-me	86	22	64	0	7	24	26	25	4	41	20	18	6	1	18	68	24	40	12	8	2
ueda Meteorito	Preocupo-me muito	43	9	34	0	5	11	14	11	2	14	14	11	4	0	12	31	9	21	5	7	1
	Preocupo-me totalmente	33	5	28	0	5	8	9	9	2	6	18	8	1	0	6	27	5	17	6	5	0
P_15.13 15.	Não me preocupo nada	7	3	4	0	0	5	1	1	0	1	3	2	1	0	1	6	0	5	1	1	0
.Preocupação em	Preocupo-me pouco	38	12	26	0	3	14	10	9	2	18	14	4	2	0	11	27	13	18	5	2	0
perigos/desastres_In	Preocupo-me	157	43	114	0	16	54	44	35	8	55	52	35	13	2	45	112	34	84	20	19	0
cêndio urbano	Preocupo-me muito	132	35	97	0	12	47	43	26	4	51	43	30	7	1	37	95	30	66	17	17	2
	Preocupo-me totalmente	95	20	75	0	4	29	28	31	3	32	37	24	2	0	31	64	23	41	18	12	1

Cultura de Segurança em Proteção Civil. Cada um, um agente de Proteção Civil

Valores Absolutos

		P.3.3. Sexo:			P.2.2. Idade:							5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:					
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Dirigente	Não	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado	União de	Viúvo (a)		
		Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem		
P_18.1 18.	É impossível	4	1	3	0	0	1	3	0	0	2	0	2	0	0	1	3	0	2	0	2	0		
Probabilidade de	É pouco possível	28	7	21	0	4	9	12	3	0	11	10	4	3	0	7	21	10	12	5	1	0		
acidente no local de	É possível	158	47	111	0	9	63	40	37	9	50	61	34	10	3	49	109	33	85	22	17	1		
trabalho, nos	É muito possível	85	22	63	0	10	29	23	22	1	34	27	20	4	0	22	63	21	43	11	9	1		
proximos 5	Pode acontecer a																							
anos_Sismos	qualquer momento	154	36	118	0	12	47	48	40	7	60	51	35	8	0	46	108	36	72	23	22	1		
P_18.2 18.	É impossível	62	22	40	0	3	18	23	16	2	23	20	14	5	0	16	46	15	34	7	6	0		
Probabilidade de	É pouco possível	155	41	114	0	10	63	47	32	3	57	53	32	12	1	44	111	31	75	26	22	1		
acidente no local de	É possível	123	30	93	0	11	35	31	39	7	46	41	31	3	2	37	86	32	62	17	11	1		
trabalho, nos	É muito possível	45	10	35	0	8	13	14	8	2	18	14	11	2	0	14	31	9	23	5	8	0		
proximos 5	Pode acontecer a																							
anos_Tsunami	qualquer momento	44	10	34	0	3	20	11	7	3	13	21	7	3	0	14	30	13	20	6	4	1		
P_18.3 18.	É impossível	2	1	1	0	0	0	2	0	0	0	1	1	0	0	2	0	0	1	1	0	0		
Probabilidade de	É pouco possível	50	20	30	0	4	20	13	11	2	21	15	11	3	0	10	40	13	21	6	10	0		
acidente no local de	É possível	196	51	145	0	8	69	57	51	11	68	67	44	14	3	64	132	44	97	34	21	0		
trabalho, nos	É muito possível	92	26	66	0	13	31	25	22	1	39	34	15	4	0	23	69	25	44	10	11	2		
proximos 5	Pode acontecer a																							
anos_Tempestades	qualquer momento	89	15	74	0	10	29	29	18	3	29	32	24	4	0	26	63	18	51	10	9	1		
P_18.4 18.	É impossível	2	2	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0	1	1	0	2	0	0	0		
Probabilidade de	É pouco possível	17	4	13	0	3	5	3	6	0	12	5	0	0	0	4	13	9	5	1	2	0		
acidente no local de	É possível	173	45	128	0	9	64	44	44	12	58	60	39	13	3	52	121	35	84	30	24	0		
trabalho, nos	É muito possível	107	30	77	0	12	33	34	26	2	42	35	25	5	0	35	72	31	51	13	10	2		
proximos 5	Pode acontecer a																							
anos_Chuva muito	qualquer momento	130	32	98	0	11	47	44	25	3	45	48	30	7	0	33	97	25	72	17	15	1		
P_18.5 18.	É impossível	2	1	1	0	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0	2	0	0	2	0	0	0		
Probabilidade de	É pouco possível	37	6	31	0	6	15	7	9	0	19	11	4	2	1	8	29	17	12	5	3	0		
acidente no local de	É possível	194	57	137	0	8	71	51	50	14	70	64	46	12	2	57	137	42	98	30	24	0		
trabalho, nos	É muito possível	110	31	79	0	12	37	36	24	1	37	40	29	4	0	37	73	25	57	13	14	1		
proximos 5	Pode acontecer a																							
anos_Onda de Calor	qualquer momento	86	18	68	0	9	26	31	18	2	31	33	15	7	0	21	65	16	45	13	10	2		
P_18.6 18.	É impossível	5	2	3	0	0	0	3	2	0	0	3	1	0	1	3	2	1	4	0	0	0		
Probabilidade de	É pouco possível	63	18	45	0	7	28	12	12	4	27	20	13	3	0	12	51	22	23	12	6	0		
acidente no local de	É possível	190	53	137	0	9	69	54	48	10	66	68	41	13	2	58	132	37	103	25	25	0		
trabalho, nos	É muito possível	90	25	65	0	10	27	30	22	1	32	31	24	3	0	30	60	24	43	11	10	2		
proximos 5	Pode acontecer a																							
anos_Vaga de Frio	qualquer momento	81	15	66	0	9	25	27	18	2	32	27	16	6	0	22	59	16	41	13	10	1		
P_18.7 18.	É impossível	31	8	23	0	4	11	9	7	0	13	10	6	2	0	7	24	9	15	4	3	0		
Probabilidade de	É pouco possível	145	39	106	0	10	61	42	30	2	55	47	32	9	2	41	104	38	70	24	13	0		
acidente no local de	É possível	164	46	118	0	11	54	42	44	13	66	55	32	10	1	51	113	34	82	24	24	0		
trabalho, nos	É muito possível	54	14	40	0	8	13	21	11	1	15	18	20	1	0	13	41	12	26	5	10	1		
proximos 5	Pode acontecer a																							
anos_Secas	qualquer momento	35	6	29	0	2	10	12	10	1	8	19	5	3	0	13	22	7	21	4	1	2		
P_18.8 18.	É impossível	7	3	4	0	1	1	1	4	0	2	3	2	0	0	3	4	2	5	0	0	0		
Probabilidade de	É pouco possível	78	21	57	0	7	26	24	19	2	31	22	15	10	0	23	55	20	36	13	9	0		
acidente no local de	É possível	168	48	120	0	9	60	48	41	10	58	64	34	10	2	52	116	37	81	29	21	0		
trabalho, nos	É muito possível	97	23	74	0	13	31	27	23	3	38	32	24	2	1	27	70	24	47	10	13	3		
proximos 5	Pode acontecer a																							
anos_Cheias /	qualquer momento	79	18	61	0	5	31	26	15	2	28	28	20	3	0	20	59	17	45	9	8	0		

Cultura de Segurança em Proteção Civil. Cada um, um agente de Proteção Civil

Valores Absolutos

		P.3.3. Sexo:			P.2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:				
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Dirigente	Não	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado	União de	Viúvo (a)
		Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem
P_18.9 18.	É impossível	207	66	141	0	13	77	56	53	8	69	81	46	9	2	54	153	44	109	28	26	0
Probabilidade de	É pouco possível	132	34	98	0	15	43	43	28	3	60	35	29	7	1	38	94	41	59	15	15	2
acidente no local de	É possível	61	7	54	0	4	21	19	14	3	18	20	16	7	0	24	37	10	32	12	6	1
trabalho, nos	É muito possível	20	4	16	0	3	4	5	5	3	10	8	2	0	0	7	13	5	9	3	3	0
proximos 5	Pode acontecer a	9	2	7	0	0	4	3	2	0	0	5	2	2	0	2	7	0	5	3	1	0
anos_Incêndio	qualquer momento																					
P_18.10 18.	É impossível	113	31	82	0	11	42	33	24	3	36	38	27	10	2	24	89	24	55	21	13	0
Probabilidade de	É pouco possível	217	61	156	0	15	83	62	49	8	90	73	42	11	1	70	147	61	101	26	28	1
acidente no local de	É possível	76	15	61	0	7	15	26	23	5	25	26	23	2	0	26	50	10	43	12	9	2
trabalho, nos	É muito possível	14	6	8	0	2	5	3	3	1	5	6	2	1	0	4	10	4	9	0	1	0
proximos 5	Pode acontecer a	9	0	9	0	0	4	2	3	0	1	6	1	1	0	1	8	1	6	2	0	0
anos_Nevões	qualquer momento																					
P_18.11 18.	É impossível	134	42	92	0	6	46	44	33	5	44	47	32	10	1	41	93	24	81	16	13	0
Probabilidade de	É pouco possível	142	28	114	0	17	55	39	27	4	64	45	25	7	1	41	101	47	52	22	20	1
acidente no local de	É possível	88	28	60	0	7	31	20	23	7	30	33	22	3	0	18	70	17	45	12	12	2
trabalho, nos	É muito possível	39	10	29	0	4	7	17	11	0	12	13	11	2	1	16	23	6	21	7	5	0
proximos 5	Pode acontecer a	26	5	21	0	1	10	6	8	1	7	11	5	3	0	9	17	6	15	4	1	0
anos_Agitação do	qualquer momento																					
P_18.12 18.	É impossível	240	64	176	0	25	93	61	54	7	92	82	51	13	2	60	180	58	123	31	28	0
Probabilidade de	É pouco possível	141	39	102	0	7	41	49	38	6	52	53	28	8	0	53	88	32	69	22	16	2
acidente no local de	É possível	32	6	26	0	3	11	9	6	3	8	10	11	2	1	9	23	6	16	6	3	1
trabalho, nos	É muito possível	8	2	6	0	0	1	4	2	1	3	1	3	1	0	2	6	2	4	0	2	0
proximos 5	Pode acontecer a	8	2	6	0	0	3	3	2	0	2	3	2	1	0	1	7	2	2	2	2	0
anos_Erupção	qualquer momento																					
P_18.13 18.	É impossível	64	20	44	0	5	27	20	12	0	23	23	10	6	2	17	47	14	36	6	8	0
Probabilidade de	É pouco possível	180	48	132	0	16	74	48	37	5	69	62	38	11	0	54	126	46	88	26	19	1
acidente no local de	É possível	130	31	99	0	11	35	37	37	10	47	45	31	6	1	42	88	27	65	18	18	2
trabalho, nos	É muito possível	16	7	9	0	0	1	9	4	2	5	4	7	0	0	5	11	2	10	2	2	0
proximos 5	Pode acontecer a	39	7	32	0	3	12	12	12	0	13	15	9	2	0	7	32	11	15	9	4	0
anos_Queda	qualquer momento																					
P_18.14 18.	É impossível	3	2	1	0	0	1	2	0	0	1	1	1	0	0	1	2	1	2	0	0	0
Probabilidade de	É pouco possível	24	8	16	0	5	8	8	2	1	15	5	1	3	0	5	19	9	8	5	2	0
acidente no local de	É possível	134	39	95	0	8	46	30	39	11	43	51	31	7	2	40	94	27	74	19	14	0
trabalho, nos	É muito possível	101	27	74	0	12	35	33	19	2	42	31	22	6	0	33	68	28	46	15	12	0
proximos 5	Pode acontecer a	167	37	130	0	10	59	53	42	3	56	61	40	9	1	46	121	35	84	22	23	3
anos_Incêndio	qualquer momento																					
P_19 19. Considera	1	1	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0
a Sensibilização /	3	86	26	60	0	10	33	27	14	2	37	31	17	1	0	13	73	31	38	9	8	0
Formação dos	4	140	37	103	0	8	47	40	41	4	44	54	28	11	3	38	102	22	76	22	20	0
colaboradores da	5	202	50	152	0	17	69	59	47	10	75	64	50	13	0	73	129	47	99	30	23	3

Valores Absolutos

	P.3.3. Sexo:			P.2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:				
	Total	Masculino	Feminino	Inferior a	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Dirigente	Não	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado	União de	Viúvo (a)
	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem	Contagem
\$P21 21. Perigos que mais preocupam	6	1	5	0	0	5	0	1	0	0	2	3	1	0	2	4	0	3	2	1	0
Acidente de Aviação	10	3	7	0	0	3	3	4	0	2	5	2	0	1	6	4	1	5	3	1	0
Acidentes de derrame de combustíveis	5	0	5	0	0	0	0	4	1	1	2	1	1	0	1	4	0	3	2	0	0
Acidentes de viação	114	25	89	0	16	36	38	20	4	41	38	27	6	2	28	86	28	58	13	15	0
Acidentes industriais	8	3	5	0	1	2	4	1	0	3	4	0	1	0	1	7	3	2	3	0	0
Acidentes Nucleares	12	4	8	0	1	0	5	5	1	5	4	2	1	0	3	9	4	7	1	0	0
Aumento da Pobreza	126	50	76	0	5	48	41	28	4	44	46	24	12	0	38	88	34	61	16	14	1
Aumento de doenças infantis/	28	8	20	0	4	12	8	3	1	6	12	7	3	0	6	22	5	17	2	3	1
Aumento do desemprego	91	42	49	0	9	32	23	20	7	39	26	20	6	0	24	67	21	48	11	10	1
Cheias	31	8	23	0	3	9	11	5	3	8	12	9	0	2	10	21	3	18	5	5	0
Chuvas Ácidas	3	1	2	0	0	1	1	1	0	1	1	1	0	0	1	2	1	2	0	0	0
Contaminação Alimentar	32	7	25	0	1	9	9	12	1	15	7	8	2	0	13	19	9	16	5	2	0
Erosão Costeira	5	1	4	0	0	2	1	1	1	1	3	1	0	0	0	5	2	3	0	0	0
Erupções Vulcânicas	2	1	1	0	0	1	0	0	1	1	1	0	0	0	1	1	0	1	1	0	0
Guerra / Terrorismo	108	17	91	0	14	38	27	26	3	43	41	15	8	1	25	83	30	46	17	14	1
Incêndios florestais	18	5	13	0	1	6	5	5	1	10	5	3	0	0	8	10	5	8	5	0	0
Incêndios Urbanos	159	38	121	0	7	62	45	42	3	64	49	39	7	0	48	111	39	79	17	22	2
Insegurança / aumento de viol	126	30	96	0	11	51	37	22	5	52	41	24	9	0	34	92	35	55	21	15	0
Não sabe/Não responde	3	1	2	0	0	3	0	0	0	0	1	1	1	0	1	2	0	2	1	0	0
Nenhum/ Nada	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0
Outros	12	3	9	0	2	5	4	1	0	3	6	3	0	0	0	12	3	3	1	5	0
Seca	9	3	6	0	0	2	2	5	0	3	3	2	1	0	3	6	1	7	0	1	0
Sismos / Terramotos	276	64	212	0	22	83	80	78	13	89	99	72	13	3	82	194	52	147	42	33	2
Temperaturas Extremas	50	14	36	0	4	17	17	11	1	22	18	8	2	0	19	31	13	22	7	8	0
Tsunamis	33	7	26	0	4	10	12	6	1	10	14	9	0	0	14	19	7	19	6	1	0
Ventos Fortes	15	2	13	0	0	5	5	5	0	8	4	3	0	0	6	9	4	8	1	1	1

Valores Verticais

	P_3 3. Sexo:			P_2 2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:				
	Total coluna	Masculino coluna	Feminino coluna	Inferior a 20 anos coluna	20-29 anos coluna	30-39 anos coluna	40-49 anos coluna	50-59 anos coluna	60-69 anos coluna	0 coluna	1 coluna	2 coluna	3 coluna	4 coluna	Dirigente coluna	Não dirigente coluna	Solteiro (a) coluna	Casado (a) coluna	Divorciad o (a) coluna	União de faCto coluna	Viúvo (a) coluna
Total	100,0%	100,0%	100,0%	0,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
8.1 Em casa : Sei onde é o quadro da Luz:	100,0%	100,0%	100,0%	0,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
8.10 Tenho reserva de alimentos para 3 dias:	79,6%	79,5%	79,7%	0,0%	80,0%	79,7%	77,6%	80,4%	88,2%	79,5%	83,9%	77,7%	64,0%	66,7%	77,6%	80,5%	75,8%	79,3%	78,7%	88,2%	100,0%
8.11 Toda a família sabe o Ponto de Encontro junto à casa:	29,5%	26,8%	30,5%	0,0%	28,6%	27,0%	21,6%	43,1%	29,4%	37,2%	23,5%	27,7%	24,0%	33,3%	31,2%	28,8%	35,4%	26,8%	34,4%	21,6%	66,7%
8.12 Cuidei saber, no plano municipal de emergência quais os riscos para a minha área de residência	12,6%	13,4%	12,4%	0,0%	17,1%	6,8%	14,4%	16,7%	17,6%	13,5%	12,8%	9,6%	16,0%	33,3%	12,0%	12,9%	10,1%	13,1%	11,5%	17,6%	0,0%
8.13 Sei o Número Nacional de Emergência:	91,8%	90,2%	92,4%	0,0%	97,1%	93,2%	92,0%	90,2%	76,5%	94,9%	90,6%	88,3%	92,0%	100,0%	91,2%	92,1%	94,9%	89,2%	91,8%	96,1%	100,0%
8.14 Temos, todos, as vacinas em dia:	95,1%	97,3%	94,3%	0,0%	97,1%	95,9%	98,4%	91,2%	82,4%	92,9%	94,6%	98,9%	96,0%	100,0%	91,2%	96,7%	93,9%	94,4%	96,7%	98,0%	100,0%
8.15 O número de polícia da nossa casa é bem visível da estrada:	55,5%	59,8%	54,0%	0,0%	48,6%	46,6%	60,8%	62,7%	64,7%	53,2%	57,7%	57,4%	52,0%	33,3%	59,2%	54,0%	44,4%	60,6%	55,7%	54,9%	66,7%
8.16 Tenho algum dinheiro de bolso guardado para uma emergência:	58,1%	61,6%	56,8%	0,0%	40,0%	60,1%	60,0%	58,8%	58,8%	59,6%	56,4%	61,7%	48,0%	33,3%	63,2%	56,0%	60,6%	55,9%	52,5%	68,6%	66,7%

Valores Verticais

	P_3 3. Sexo:			P_2 2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:				
	Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viúvo (a)
	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna
8.18 Uso os elevadores em situação de acidente no prédio:	3,5%	4,5%	3,2%	0,0%	0,0%	,7%	7,2%	4,9%	0,0%	1,9%	2,7%	5,3%	8,0%	33,3%	6,4%	2,3%	0,0%	3,8%	11,5%	0,0%	0,0%
8.19 Sobrecarrego as tomadas com aparelhos eléctricos:	10,8%	11,6%	10,5%	0,0%	11,4%	6,1%	12,8%	14,7%	11,8%	6,4%	12,1%	13,8%	16,0%	33,3%	12,8%	9,9%	2,0%	15,0%	13,1%	7,8%	0,0%
8.2 Em casa : Sei onde desligo a água:	97,2%	97,3%	97,1%	0,0%	91,4%	95,9%	99,2%	98,0%	100,0%	95,5%	99,3%	97,9%	96,0%	66,7%	96,0%	97,7%	93,9%	97,7%	98,4%	100,0%	100,0%
8.20 Tenho guardado, em lugar seguro, um conjunto de fotocópias dos documentos de cada um de nós:	35,8%	39,3%	34,6%	0,0%	34,3%	35,8%	36,0%	37,3%	29,4%	32,1%	38,3%	35,1%	44,0%	66,7%	40,8%	33,8%	33,3%	35,7%	37,7%	39,2%	33,3%
8.3 Em casa : Sei onde desligo o Gás:	96,0%	97,3%	95,6%	0,0%	91,4%	93,2%	99,2%	97,1%	100,0%	93,6%	96,0%	98,9%	100,0%	100,0%	98,4%	95,0%	93,9%	94,8%	100,0%	100,0%	100,0%
8.4 Tenho, pelo menos, 1 extintor dentro da validade:	27,9%	38,4%	24,1%	0,0%	25,7%	20,3%	25,6%	40,2%	41,2%	24,4%	30,2%	31,9%	20,0%	33,3%	35,2%	24,8%	25,3%	33,8%	18,0%	17,6%	66,7%
8.5 Sei usar o extintor:	71,7%	91,1%	64,8%	0,0%	65,7%	70,3%	71,2%	75,5%	76,5%	64,7%	74,5%	77,7%	76,0%	66,7%	80,0%	68,2%	59,6%	75,6%	72,1%	78,4%	66,7%
8.6 Tenho lista de números de telefone emergência (policia, Bombeiros, Protecção Civil) da minha área de residência:	52,2%	58,0%	50,2%	0,0%	28,6%	49,3%	59,2%	54,9%	58,8%	48,1%	54,4%	58,5%	44,0%	33,3%	50,4%	53,0%	43,4%	56,3%	47,5%	54,9%	100,0%

Valores Verticais

	P_3 3. Sexo:			P_2 2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:				
	Total coluna	Masculino coluna	Feminino coluna	Inferior a 20 anos coluna	20-29 anos coluna	30-39 anos coluna	40-49 anos coluna	50-59 anos coluna	60-69 anos coluna	0 coluna	1 coluna	2 coluna	3 coluna	4 coluna	Dirigente coluna	Não dirigente coluna	Solteiro (a) coluna	Casado (a) coluna	Divorciad o (a) coluna	União de faCto coluna	Viúvo (a) coluna
8.7 Tenho estojo de 1ºs Socorros:	60,7%	63,4%	59,7%	0,0%	74,3%	60,1%	58,4%	61,8%	47,1%	55,1%	65,8%	62,8%	60,0%	33,3%	57,6%	61,9%	57,6%	61,5%	57,4%	64,7%	100,0%
8.8 Tenho um Kit de Emergência:	23,0%	19,6%	24,1%	0,0%	25,7%	16,9%	21,6%	32,4%	23,5%	22,4%	25,5%	20,2%	20,0%	33,3%	26,4%	21,5%	24,2%	22,1%	27,9%	15,7%	66,7%
8.9 Tenho reserva de água para 3 dias:	35,1%	37,5%	34,3%	0,0%	31,4%	37,2%	28,0%	42,2%	35,3%	35,9%	38,9%	33,0%	20,0%	0,0%	36,8%	34,4%	38,4%	34,3%	34,4%	35,3%	0,0%

Valores Verticais

		P. 3.3. Sexo:			P. 2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:					
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciad o (a)	União de facto	Viúvo (a)	
		coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	
P_9.9. Sente-se informado sobre os perigos e desastres naturais que podem afectar o seu local de residência?3	Nada informado	10,7%	11,5%	10,4%	0,0%	14,3%	12,1%	8,7%	11,8%	0,0%	11,5%	9,4%	9,5%	16,0%	33,3%	6,4%	12,5%	8,0%	12,6%	8,2%	11,8%	0,0%	
	Pouco informado	42,2%	38,1%	43,7%	0,0%	37,1%	46,3%	40,5%	38,2%	52,9%	38,2%	43,6%	46,3%	48,0%	0,0%	42,4%	42,1%	40,0%	43,5%	34,4%	49,0%	66,7%	
	Informado	41,7%	39,8%	42,4%	0,0%	48,6%	36,9%	45,2%	43,1%	35,3%	45,9%	38,9%	42,1%	32,0%	33,3%	44,8%	40,5%	48,0%	38,3%	49,2%	35,3%	33,3%	
	Muito informado	4,4%	8,0%	3,2%	0,0%	0,0%	4,0%	4,8%	5,9%	5,9%	4,5%	6,7%	1,1%	0,0%	33,3%	5,6%	3,9%	4,0%	4,2%	6,6%	3,9%	0,0%	
	Completament e informado sobre todos os perigos	,9%	2,7%	,3%	0,0%	0,0%	,7%	,8%	1,0%	5,9%	0,0%	1,3%	1,1%	4,0%	0,0%	,8%	1,0%	0,0%	1,4%	1,6%	0,0%	0,0%	
P_10 10. Sente-se informado sobre os perigos e desastres naturais que podem afectar o seu local de trabalho?	Nada informado	7,7%	10,6%	6,6%	0,0%	11,4%	9,4%	6,3%	5,9%	5,9%	7,6%	7,4%	6,3%	12,0%	33,3%	5,6%	8,6%	6,0%	9,8%	4,9%	5,9%	0,0%	
	Pouco informado	28,2%	23,0%	30,1%	0,0%	34,3%	28,9%	27,8%	26,5%	23,5%	27,4%	27,5%	28,4%	40,0%	0,0%	28,0%	28,3%	30,0%	28,0%	23,0%	27,5%	100,0%	
	Informado	51,5%	46,9%	53,2%	0,0%	40,0%	50,3%	53,2%	54,9%	52,9%	54,8%	48,3%	52,6%	44,0%	66,7%	50,4%	52,0%	51,0%	48,1%	60,7%	58,8%	0,0%	
	Muito informado	10,3%	14,2%	8,9%	0,0%	11,4%	9,4%	11,9%	8,8%	11,8%	7,6%	14,8%	10,5%	0,0%	0,0%	12,8%	9,2%	9,0%	11,7%	9,8%	7,8%	0,0%	
	Completament e informado sobre todos os perigos	2,3%	5,3%	1,3%	0,0%	2,9%	2,0%	,8%	3,9%	5,9%	2,5%	2,0%	2,1%	4,0%	0,0%	3,2%	2,0%	4,0%	2,3%	1,6%	0,0%	0,0%	
P_11 11. Qual a sua preocupação com perigos, desastres naturais e incêndios urbanos no local de	Não me preocupo nada	,9%	,9%	,9%	0,0%	0,0%	2,0%	0,0%	1,0%	0,0%	1,9%	0,0%	0,0%	4,0%	0,0%	0,0%	1,3%	2,0%	,5%	0,0%	2,0%	0,0%	
	Preocupo-me pouco	15,4%	15,0%	15,5%	0,0%	5,7%	16,1%	20,6%	12,7%	5,9%	20,4%	10,1%	14,7%	20,0%	0,0%	10,4%	17,4%	22,0%	13,6%	13,1%	13,7%	0,0%	
	Preocupo-me	48,7%	56,6%	45,9%	0,0%	57,1%	53,7%	45,2%	44,1%	41,2%	45,2%	52,3%	47,4%	52,0%	66,7%	44,0%	50,7%	45,0%	50,5%	42,6%	56,9%	33,3%	
	Preocupo-me muito	26,1%	18,6%	28,8%	0,0%	34,3%	19,5%	26,2%	30,4%	41,2%	24,2%	29,5%	26,3%	16,0%	33,3%	31,2%	24,0%	22,0%	25,7%	37,7%	21,6%	33,3%	
	Preocupo-me totalmente	8,9%	8,8%	8,9%	0,0%	2,9%	8,7%	7,9%	11,8%	11,8%	8,3%	8,1%	11,6%	8,0%	0,0%	14,4%	6,6%	9,0%	9,8%	6,6%	5,9%	33,3%	

Cultura de Segurança em Proteção Civil. Cada um, um agente de Proteção Civil

Valores Verticais

		P. 3.3. Sexo:			P. 2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:				
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viuvo (a)
		coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna
P_12.12.1	Sim	69,5%	69,9%	69,3%	0,0%	57,1%	75,2%	65,9%	70,6%	64,7%	65,0%	73,2%	72,6%	68,0%	33,3%	68,0%	70,1%	68,0%	69,2%	72,1%	70,6%	66,7%
Conheço o Plano de Segurança do	Não	30,5%	30,1%	30,7%	0,0%	42,9%	24,8%	34,1%	29,4%	35,3%	35,0%	26,8%	27,4%	32,0%	66,7%	32,0%	29,9%	32,0%	30,8%	27,9%	29,4%	33,3%
P_12.2.12.2	Sim	71,6%	69,0%	72,5%	0,0%	54,3%	77,9%	69,0%	72,5%	64,7%	71,3%	73,2%	69,5%	72,0%	66,7%	76,0%	69,7%	71,0%	72,0%	70,5%	74,5%	33,3%
Sei onde é o Ponto de Encontro em	Não	28,4%	31,0%	27,5%	0,0%	45,7%	22,1%	31,0%	27,5%	35,3%	28,7%	26,8%	30,5%	28,0%	33,3%	24,0%	30,3%	29,0%	28,0%	29,5%	25,5%	66,7%
P_12.3.12.3	Sim	68,5%	67,3%	69,0%	0,0%	40,0%	77,2%	69,0%	65,7%	64,7%	65,0%	68,5%	70,5%	84,0%	66,7%	67,2%	69,1%	65,0%	69,2%	68,9%	72,5%	66,7%
Conheço o Alarma de evacuação	Não	31,5%	32,7%	31,0%	0,0%	60,0%	22,8%	31,0%	34,3%	35,3%	35,0%	31,5%	29,5%	16,0%	33,3%	32,8%	30,9%	35,0%	30,8%	31,1%	27,5%	33,3%
P_12.4.12.4	Sim	34,5%	27,4%	37,0%	0,0%	28,6%	38,9%	27,0%	38,2%	41,2%	35,7%	34,2%	35,8%	24,0%	33,3%	46,4%	29,6%	36,0%	36,0%	32,8%	27,5%	33,3%
Já participei num exercício ou simulacro de	Não	65,5%	72,6%	63,0%	0,0%	71,4%	61,1%	73,0%	61,8%	58,8%	64,3%	65,8%	64,2%	76,0%	66,7%	53,6%	70,4%	64,0%	64,0%	67,2%	72,5%	66,7%
P_12.5.12.5	Não	100,0%	100,0%	100,0%	0,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Tenho um Kit de Emergência portátil no local de trabalho:																						
P_13.13.	Nada informado	2,6%	2,7%	2,5%	0,0%	5,7%	1,3%	3,2%	2,0%	5,9%	3,8%	2,0%	2,1%	0,0%	0,0%	3,2%	2,3%	5,0%	,9%	4,9%	2,0%	0,0%
Relativamente ao risco sísmico, sente-se informado	Pouco informado	22,4%	16,8%	24,4%	0,0%	8,6%	26,8%	22,2%	21,6%	17,6%	22,9%	22,1%	21,1%	28,0%	0,0%	21,6%	22,7%	24,0%	22,9%	19,7%	19,6%	33,3%
dos comportamentos que deve adoptar antes, durante e depois, nas	Informado	55,5%	54,9%	55,7%	0,0%	51,4%	50,3%	54,0%	63,7%	70,6%	55,4%	56,4%	54,7%	48,0%	100,0%	55,2%	55,6%	49,0%	57,9%	52,5%	60,8%	66,7%
	Muito informado	16,1%	19,5%	14,9%	0,0%	28,6%	17,4%	17,5%	9,8%	5,9%	15,3%	16,1%	16,8%	20,0%	0,0%	16,8%	15,8%	18,0%	15,0%	18,0%	15,7%	0,0%
	Completamente informado sobre todos os perigos	3,5%	6,2%	2,5%	0,0%	5,7%	4,0%	3,2%	2,9%	0,0%	2,5%	3,4%	5,3%	4,0%	0,0%	3,2%	3,6%	4,0%	3,3%	4,9%	2,0%	0,0%

Valores Verticais

		P_3.3. Sexo:			P_2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:				
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viúvo (a)
		coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna
P_14.14. Já ouviu falar alguma vez sobre Riscos Naturais?	Sim	98,8%	100,0%	98,4%	0,0%	94,3%	100,0%	99,2%	98,0%	100,0%	98,7%	98,7%	98,9%	100,0%	100,0%	97,6%	99,3%	98,0%	99,1%	98,4%	100,0%	100,0%
	Não	1,2%	0,0%	1,6%	0,0%	5,7%	0,0%	,8%	2,0%	0,0%	1,3%	1,3%	1,1%	0,0%	0,0%	2,4%	,7%	2,0%	,9%	1,6%	0,0%	0,0%
P_16.16. Já esteve envolvido(a), directamente,	Sim	21,7%	26,5%	19,9%	0,0%	22,9%	17,4%	16,7%	33,3%	23,5%	19,1%	20,8%	27,4%	20,0%	33,3%	28,0%	19,1%	17,0%	24,8%	23,0%	17,6%	0,0%
	Não	78,3%	73,5%	80,1%	0,0%	77,1%	82,6%	83,3%	66,7%	76,5%	80,9%	79,2%	72,6%	80,0%	66,7%	72,0%	80,9%	83,0%	75,2%	77,0%	82,4%	100,0%
P_15.15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Sismos	Não me preocupo nada	2,6%	3,5%	2,2%	0,0%	0,0%	3,4%	4,0%	1,0%	0,0%	2,5%	1,3%	4,2%	4,0%	0,0%	,8%	3,3%	3,0%	2,8%	0,0%	3,9%	0,0%
	Preocupo-me pouco	7,7%	11,5%	6,3%	0,0%	8,6%	10,7%	6,3%	5,9%	0,0%	10,2%	6,7%	5,3%	8,0%	0,0%	7,2%	7,9%	11,0%	5,1%	9,8%	9,8%	0,0%
	Preocupo-me muito	34,7%	37,2%	33,9%	0,0%	20,0%	38,9%	32,5%	35,3%	41,2%	35,0%	32,9%	33,7%	48,0%	33,3%	39,2%	32,9%	34,0%	36,0%	32,8%	33,3%	33,3%
	Preocupo-me muito	31,2%	30,1%	31,6%	0,0%	42,9%	24,8%	38,9%	26,5%	35,3%	31,2%	32,9%	30,5%	20,0%	66,7%	30,4%	31,6%	28,0%	34,1%	29,5%	27,5%	33,3%
	Preocupo-me totalmente	23,8%	17,7%	25,9%	0,0%	28,6%	22,1%	18,3%	31,4%	23,5%	21,0%	26,2%	26,3%	20,0%	0,0%	22,4%	24,3%	24,0%	22,0%	27,9%	25,5%	33,3%
P_15.2.15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Tsunami	Não me preocupo nada	9,1%	12,4%	7,9%	0,0%	2,9%	8,1%	14,3%	6,9%	5,9%	8,9%	6,7%	12,6%	12,0%	0,0%	5,6%	10,5%	8,0%	8,9%	8,2%	13,7%	0,0%
	Preocupo-me pouco	24,9%	28,3%	23,7%	0,0%	25,7%	29,5%	25,4%	18,6%	17,6%	30,6%	26,8%	13,7%	24,0%	0,0%	24,8%	25,0%	30,0%	22,9%	21,3%	29,4%	0,0%
	Preocupo-me pouco	33,8%	39,8%	31,6%	0,0%	31,4%	35,6%	29,4%	39,2%	23,5%	32,5%	29,5%	40,0%	40,0%	66,7%	36,0%	32,9%	38,0%	34,1%	32,8%	25,5%	33,3%
	Preocupo-me muito	16,1%	10,6%	18,0%	0,0%	17,1%	12,1%	18,3%	14,7%	41,2%	17,8%	13,4%	16,8%	16,0%	33,3%	20,0%	14,5%	11,0%	17,3%	18,0%	17,6%	33,3%
	Preocupo-me totalmente	16,1%	8,8%	18,7%	0,0%	22,9%	14,8%	12,7%	20,6%	11,8%	10,2%	23,5%	16,8%	8,0%	0,0%	13,6%	17,1%	13,0%	16,8%	19,7%	13,7%	33,3%
P_15.3.15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Tempestades	Não me preocupo nada	2,8%	3,5%	2,5%	0,0%	2,9%	2,0%	4,0%	2,9%	0,0%	3,8%	,7%	3,2%	8,0%	0,0%	,8%	3,6%	5,0%	2,8%	0,0%	2,0%	0,0%
	Preocupo-me pouco	16,8%	23,0%	14,6%	0,0%	14,3%	19,5%	17,5%	14,7%	5,9%	18,5%	13,4%	15,8%	28,0%	33,3%	19,2%	15,8%	19,0%	14,0%	21,3%	19,6%	0,0%
	Preocupo-me pouco	46,4%	46,0%	46,5%	0,0%	42,9%	48,3%	44,4%	46,1%	52,9%	41,4%	52,3%	43,2%	52,0%	66,7%	46,4%	46,4%	40,0%	49,5%	45,9%	45,1%	66,7%
	Preocupo-me muito	24,7%	19,5%	26,6%	0,0%	37,1%	20,8%	23,8%	26,5%	29,4%	26,1%	25,5%	25,3%	12,0%	0,0%	24,8%	24,7%	25,0%	26,2%	23,0%	19,6%	33,3%
	Preocupo-me totalmente	9,3%	8,0%	9,8%	0,0%	2,9%	9,4%	10,3%	9,8%	11,8%	10,2%	8,1%	12,6%	0,0%	0,0%	8,8%	9,5%	11,0%	7,5%	9,8%	13,7%	0,0%

Cultura de Segurança em Proteção Civil. Cada um, um agente de Proteção Civil

Valores Verticais

		P. 3.3. Sexo:			P. 2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:				
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viuvo (a)
		coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna
P_15.4 15. .Preocupação em relação a perigos/desastres_Chuva muito intensa	Não me preocupo nada	5,4%	7,1%	4,7%	0,0%	2,9%	4,0%	7,1%	6,9%	0,0%	7,0%	2,0%	5,3%	16,0%	0,0%	3,2%	6,3%	9,0%	4,2%	3,3%	5,9%	0,0%
	Preocupo-me pouco	16,8%	20,4%	15,5%	0,0%	20,0%	17,4%	16,7%	17,6%	0,0%	15,9%	16,1%	16,8%	24,0%	33,3%	18,4%	16,1%	18,0%	16,4%	24,6%	7,8%	0,0%
	Preocupo-me muito	47,6%	47,8%	47,5%	0,0%	54,3%	50,3%	43,7%	41,2%	76,5%	46,5%	50,3%	43,2%	52,0%	66,7%	46,4%	48,0%	42,0%	48,6%	49,2%	52,9%	33,3%
	Preocupo-me muito	20,5%	15,9%	22,2%	0,0%	14,3%	16,8%	20,6%	28,4%	17,6%	19,1%	24,2%	21,1%	8,0%	0,0%	24,0%	19,1%	18,0%	22,4%	16,4%	19,6%	66,7%
	Preocupo-me totalmente	9,8%	8,8%	10,1%	0,0%	8,6%	11,4%	11,9%	5,9%	5,9%	11,5%	7,4%	13,7%	0,0%	0,0%	8,0%	10,5%	13,0%	8,4%	6,6%	13,7%	0,0%
P_15.4_A 15. .Preocupação em relação a perigos/desastres_Onda de Calor	Não me preocupo nada	4,2%	4,4%	4,1%	0,0%	2,9%	3,4%	4,8%	4,9%	5,9%	5,7%	2,7%	2,1%	12,0%	0,0%	3,2%	4,6%	5,0%	4,2%	3,3%	3,9%	0,0%
	Preocupo-me pouco	23,5%	31,9%	20,6%	0,0%	40,0%	28,2%	19,8%	17,6%	11,8%	31,8%	18,8%	20,0%	16,0%	0,0%	17,6%	26,0%	36,0%	19,2%	24,6%	17,6%	0,0%
	Preocupo-me muito	47,6%	45,1%	48,4%	0,0%	42,9%	49,7%	46,8%	45,1%	58,8%	38,2%	52,3%	49,5%	64,0%	100,0%	49,6%	46,7%	33,0%	53,7%	47,5%	51,0%	33,3%
	Preocupo-me muito	16,1%	14,2%	16,8%	0,0%	5,7%	11,4%	19,8%	21,6%	17,6%	12,7%	18,1%	21,1%	8,0%	0,0%	19,2%	14,8%	16,0%	15,9%	14,8%	15,7%	66,7%
	Preocupo-me totalmente	8,6%	4,4%	10,1%	0,0%	8,6%	7,4%	8,7%	10,8%	5,9%	11,5%	8,1%	7,4%	0,0%	0,0%	10,4%	7,9%	10,0%	7,0%	9,8%	11,8%	0,0%
P_15.5 15. .Preocupação em relação a perigos/desastres_Vaga de Frio	Não me preocupo nada	5,1%	7,1%	4,4%	0,0%	0,0%	5,4%	7,1%	3,9%	5,9%	7,6%	2,7%	4,2%	8,0%	0,0%	2,4%	6,3%	6,0%	4,7%	4,9%	5,9%	0,0%
	Preocupo-me pouco	23,1%	31,9%	19,9%	0,0%	25,7%	23,5%	21,4%	25,5%	11,8%	22,3%	22,1%	23,2%	32,0%	33,3%	24,0%	22,7%	25,0%	22,4%	24,6%	21,6%	0,0%
	Preocupo-me muito	46,9%	41,6%	48,7%	0,0%	54,3%	52,3%	38,9%	44,1%	58,8%	45,2%	51,0%	43,2%	48,0%	33,3%	44,0%	48,0%	44,0%	49,1%	42,6%	47,1%	66,7%
	Preocupo-me muito	17,2%	14,2%	18,4%	0,0%	11,4%	12,8%	23,8%	18,6%	11,8%	15,3%	18,1%	20,0%	12,0%	33,3%	20,8%	15,8%	16,0%	18,2%	18,0%	13,7%	33,3%
	Preocupo-me totalmente	7,7%	5,3%	8,5%	0,0%	8,6%	6,0%	8,7%	7,8%	11,8%	9,6%	6,0%	9,5%	0,0%	0,0%	8,8%	7,2%	9,0%	5,6%	9,8%	11,8%	0,0%
P_15.6 15. .Preocupação em relação a perigos/desastres_Secas	Não me preocupo nada	4,0%	6,2%	3,2%	0,0%	0,0%	4,0%	7,9%	1,0%	0,0%	4,5%	2,7%	5,3%	4,0%	0,0%	2,4%	4,6%	6,0%	4,2%	1,6%	2,0%	0,0%
	Preocupo-me pouco	23,3%	28,3%	21,5%	0,0%	31,4%	26,8%	26,2%	14,7%	5,9%	24,2%	21,5%	21,1%	40,0%	0,0%	20,8%	24,3%	27,0%	21,5%	19,7%	29,4%	0,0%
	Preocupo-me muito	45,0%	39,8%	46,8%	0,0%	42,9%	44,3%	40,5%	51,0%	52,9%	41,4%	47,0%	47,4%	44,0%	66,7%	45,6%	44,7%	40,0%	47,2%	50,8%	41,2%	0,0%
	Preocupo-me muito	19,8%	21,2%	19,3%	0,0%	22,9%	16,8%	17,5%	23,5%	35,3%	22,9%	20,8%	15,8%	8,0%	33,3%	22,4%	18,8%	18,0%	18,2%	23,0%	21,6%	100,0%
	Preocupo-me totalmente	7,9%	4,4%	9,2%	0,0%	2,9%	8,1%	7,9%	9,8%	5,9%	7,0%	8,1%	10,5%	4,0%	0,0%	8,8%	7,6%	9,0%	8,9%	4,9%	5,9%	0,0%
P_15.7 15. .Preocupação em relação a perigos/desastres_Cheias / Inundações	Não me preocupo nada	2,1%	5,3%	,9%	0,0%	0,0%	2,0%	4,0%	1,0%	0,0%	,6%	1,3%	4,2%	8,0%	0,0%	1,6%	2,3%	1,0%	3,3%	1,6%	0,0%	0,0%
	Preocupo-me pouco	12,1%	15,0%	11,1%	0,0%	2,9%	14,1%	14,3%	11,8%	0,0%	14,0%	8,7%	10,5%	28,0%	0,0%	15,2%	10,9%	14,0%	11,7%	13,1%	9,8%	0,0%
	Preocupo-me muito	44,8%	43,4%	45,3%	0,0%	54,3%	45,6%	46,0%	38,2%	47,1%	43,9%	47,0%	41,1%	48,0%	66,7%	43,2%	45,4%	45,0%	43,9%	44,3%	51,0%	0,0%
	Preocupo-me muito	29,4%	25,7%	30,7%	0,0%	28,6%	26,8%	23,8%	38,2%	41,2%	29,3%	35,6%	25,3%	8,0%	33,3%	29,6%	29,3%	24,0%	31,3%	27,9%	29,4%	100,0%
	Preocupo-me totalmente	11,7%	10,6%	12,0%	0,0%	14,3%	11,4%	11,9%	10,8%	11,8%	12,1%	7,4%	18,9%	8,0%	0,0%	10,4%	12,2%	16,0%	9,8%	13,1%	9,8%	0,0%

Cultura de Segurança em Proteção Civil. Cada um, um agente de Proteção Civil

Valores Verticais

		P. 3.3. Sexo:			P. 2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:				
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viuvo (a)
		coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna
P_15.8 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Incêndio florestal	Não me preocupo nada	5,1%	10,6%	3,2%	0,0%	2,9%	7,4%	7,1%	1,0%	0,0%	3,2%	4,7%	8,4%	8,0%	0,0%	2,4%	6,3%	5,0%	7,0%	0,0%	3,9%	0,0%
	Preocupo-me pouco	15,9%	17,7%	15,2%	0,0%	17,1%	19,5%	13,5%	12,7%	17,6%	17,8%	14,1%	13,7%	20,0%	33,3%	18,4%	14,8%	15,0%	16,4%	11,5%	21,6%	0,0%
	Preocupo-me muito	38,5%	37,2%	38,9%	0,0%	31,4%	37,6%	39,7%	42,2%	29,4%	35,0%	36,9%	46,3%	44,0%	0,0%	40,0%	37,8%	37,0%	41,1%	39,3%	29,4%	33,3%
	Preocupo-me muito	24,9%	19,5%	26,9%	0,0%	34,3%	22,1%	26,2%	20,6%	47,1%	26,8%	28,9%	16,8%	16,0%	66,7%	23,2%	25,7%	21,0%	22,4%	27,9%	37,3%	66,7%
	Preocupo-me totalmente	15,6%	15,0%	15,8%	0,0%	14,3%	13,4%	13,5%	23,5%	5,9%	17,2%	15,4%	14,7%	12,0%	0,0%	16,0%	15,5%	22,0%	13,1%	21,3%	7,8%	0,0%
P_15.9 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Nevões	Não me preocupo nada	22,6%	31,0%	19,6%	0,0%	11,4%	26,8%	27,8%	16,7%	5,9%	21,7%	24,2%	21,1%	24,0%	33,3%	16,0%	25,3%	23,0%	20,6%	21,3%	31,4%	33,3%
	Preocupo-me pouco	35,2%	34,5%	35,4%	0,0%	40,0%	36,9%	34,9%	31,4%	35,3%	36,9%	34,2%	35,8%	28,0%	33,3%	39,2%	33,6%	42,0%	34,6%	37,7%	23,5%	0,0%
	Preocupo-me muito	29,1%	23,0%	31,3%	0,0%	34,3%	26,8%	24,6%	35,3%	35,3%	29,3%	25,5%	30,5%	44,0%	33,3%	33,6%	27,3%	24,0%	33,6%	19,7%	31,4%	33,3%
	Preocupo-me muito	8,4%	8,0%	8,5%	0,0%	8,6%	5,4%	7,9%	11,8%	17,6%	6,4%	11,4%	8,4%	4,0%	0,0%	8,8%	8,2%	3,0%	8,4%	14,8%	9,8%	33,3%
	Preocupo-me totalmente	4,7%	3,5%	5,1%	0,0%	5,7%	4,0%	4,8%	4,9%	5,9%	5,7%	4,7%	4,2%	0,0%	0,0%	2,4%	5,6%	8,0%	2,8%	6,6%	3,9%	0,0%
P_15.10 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Agitação do mar	Não me preocupo nada	10,3%	11,5%	9,8%	0,0%	2,9%	12,8%	14,3%	5,9%	0,0%	9,6%	10,1%	11,6%	12,0%	0,0%	8,0%	11,2%	10,0%	10,3%	4,9%	17,6%	0,0%
	Preocupo-me pouco	27,5%	35,4%	24,7%	0,0%	37,1%	26,8%	32,5%	20,6%	17,6%	31,8%	24,8%	25,3%	24,0%	33,3%	26,4%	28,0%	30,0%	27,1%	29,5%	23,5%	0,0%
	Preocupo-me muito	36,1%	31,0%	38,0%	0,0%	45,7%	36,9%	26,2%	42,2%	47,1%	33,8%	33,6%	38,9%	52,0%	66,7%	34,4%	36,8%	34,0%	38,3%	36,1%	33,3%	0,0%
	Preocupo-me muito	18,2%	15,9%	19,0%	0,0%	11,4%	17,4%	17,5%	20,6%	29,4%	16,6%	21,5%	17,9%	12,0%	0,0%	22,4%	16,4%	18,0%	17,8%	18,0%	15,7%	100,0%
	Preocupo-me totalmente	7,9%	6,2%	8,5%	0,0%	2,9%	6,0%	9,5%	10,8%	5,9%	8,3%	10,1%	6,3%	0,0%	0,0%	8,8%	7,6%	8,0%	6,5%	11,5%	9,8%	0,0%
P_15.11 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Erupção Vulcânica	Não me preocupo nada	28,9%	37,2%	25,9%	0,0%	14,3%	37,6%	32,5%	20,6%	5,9%	29,3%	30,9%	25,3%	32,0%	0,0%	20,8%	32,2%	30,0%	28,0%	31,1%	29,4%	0,0%
	Preocupo-me pouco	32,9%	32,7%	32,9%	0,0%	28,6%	32,2%	32,5%	34,3%	41,2%	30,6%	32,2%	40,0%	20,0%	66,7%	47,2%	27,0%	31,0%	36,9%	27,9%	27,5%	0,0%
	Preocupo-me muito	19,8%	17,7%	20,6%	0,0%	22,9%	17,4%	17,5%	24,5%	23,5%	23,6%	17,4%	16,8%	20,0%	33,3%	18,4%	20,4%	23,0%	17,3%	23,0%	19,6%	33,3%
	Preocupo-me muito	11,2%	8,8%	12,0%	0,0%	20,0%	8,1%	10,3%	12,7%	17,6%	12,7%	9,4%	9,5%	20,0%	0,0%	11,2%	11,2%	10,0%	11,2%	9,8%	13,7%	33,3%
	Preocupo-me totalmente	7,2%	3,5%	8,5%	0,0%	14,3%	4,7%	7,1%	7,8%	11,8%	3,8%	10,1%	8,4%	8,0%	0,0%	2,4%	9,2%	6,0%	6,5%	8,2%	9,8%	33,3%
P_15.12 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Queda Meteorito	Não me preocupo nada	28,9%	38,1%	25,6%	0,0%	11,4%	34,9%	34,1%	22,5%	11,8%	26,1%	29,5%	29,5%	40,0%	33,3%	26,4%	29,9%	25,0%	29,9%	32,8%	29,4%	0,0%
	Preocupo-me pouco	33,3%	30,1%	34,5%	0,0%	40,0%	36,2%	27,0%	33,3%	41,2%	35,0%	35,6%	31,6%	16,0%	33,3%	44,8%	28,6%	37,0%	33,6%	29,5%	31,4%	0,0%
	Preocupo-me muito	20,0%	19,5%	20,3%	0,0%	20,0%	16,1%	20,6%	24,5%	23,5%	26,1%	13,4%	18,9%	24,0%	33,3%	14,4%	22,4%	24,0%	18,7%	19,7%	15,7%	66,7%
	Preocupo-me muito	10,0%	8,0%	10,8%	0,0%	14,3%	7,4%	11,1%	10,8%	11,8%	8,9%	9,4%	11,6%	16,0%	0,0%	9,6%	10,2%	9,0%	9,8%	8,2%	13,7%	33,3%
	Preocupo-me totalmente	7,7%	4,4%	8,9%	0,0%	14,3%	5,4%	7,1%	8,8%	11,8%	3,8%	12,1%	8,4%	4,0%	0,0%	4,8%	8,9%	5,0%	7,9%	9,8%	9,8%	0,0%

Cultura de Segurança em Proteção Civil. Cada um, um agente de Proteção Civil

Valores Verticais

		P. 3 3. Sexo:			P. 2 2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:				
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viuvo (a)
		coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna
P_15.13 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Incêndio urbano	Não me preocupo nada	1,6%	2,7%	1,3%	0,0%	0,0%	3,4%	,8%	1,0%	0,0%	,6%	2,0%	2,1%	4,0%	0,0%	,8%	2,0%	0,0%	2,3%	1,6%	2,0%	0,0%
	Preocupo-me pouco	8,9%	10,6%	8,2%	0,0%	8,6%	9,4%	7,9%	8,8%	11,8%	11,5%	9,4%	4,2%	8,0%	0,0%	8,8%	8,9%	13,0%	8,4%	8,2%	3,9%	0,0%
	Preocupo-me muito	36,6%	38,1%	36,1%	0,0%	45,7%	36,2%	34,9%	34,3%	47,1%	35,0%	34,9%	36,8%	52,0%	66,7%	36,0%	36,8%	34,0%	39,3%	32,8%	37,3%	0,0%
	Preocupo-me muito	30,8%	31,0%	30,7%	0,0%	34,3%	31,5%	34,1%	25,5%	23,5%	32,5%	28,9%	31,6%	28,0%	33,3%	29,6%	31,3%	30,0%	30,8%	27,9%	33,3%	66,7%
	Preocupo-me totalmente	22,1%	17,7%	23,7%	0,0%	11,4%	19,5%	22,2%	30,4%	17,6%	20,4%	24,8%	25,3%	8,0%	0,0%	24,8%	21,1%	23,0%	19,2%	29,5%	23,5%	33,3%
P_18.1 18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos próximos 5 anos_Sismos	É impossível	,9%	,9%	,9%	0,0%	0,0%	,7%	2,4%	0,0%	0,0%	1,3%	0,0%	2,1%	0,0%	0,0%	,8%	1,0%	0,0%	,9%	0,0%	3,9%	0,0%
	É pouco possível	6,5%	6,2%	6,6%	0,0%	11,4%	6,0%	9,5%	2,9%	0,0%	7,0%	6,7%	4,2%	12,0%	0,0%	5,6%	6,9%	10,0%	5,6%	8,2%	2,0%	0,0%
	É possível	36,8%	41,6%	35,1%	0,0%	25,7%	42,3%	31,7%	36,3%	52,9%	31,8%	40,9%	35,8%	40,0%	100,0%	39,2%	35,9%	33,0%	39,7%	36,1%	33,3%	33,3%
	É muito possível	19,8%	19,5%	19,9%	0,0%	28,6%	19,5%	18,3%	21,6%	5,9%	21,7%	18,1%	21,1%	16,0%	0,0%	17,6%	20,7%	21,0%	20,1%	18,0%	17,6%	33,3%
	Pode acontecer a qualquer momento	35,9%	31,9%	37,3%	0,0%	34,3%	31,5%	38,1%	39,2%	41,2%	38,2%	34,2%	36,8%	32,0%	0,0%	36,8%	35,5%	36,0%	33,6%	37,7%	43,1%	33,3%
P_18.2 18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos próximos 5 anos_Tsunami	É impossível	14,5%	19,5%	12,7%	0,0%	8,6%	12,1%	18,3%	15,7%	11,8%	14,6%	13,4%	14,7%	20,0%	0,0%	12,8%	15,1%	15,0%	15,9%	11,5%	11,8%	0,0%
	É pouco possível	36,1%	36,3%	36,1%	0,0%	28,6%	42,3%	37,3%	31,4%	17,6%	36,3%	35,6%	33,7%	48,0%	33,3%	35,2%	36,5%	31,0%	35,0%	42,6%	43,1%	33,3%
	É possível	28,7%	26,5%	29,4%	0,0%	31,4%	23,5%	24,6%	38,2%	41,2%	29,3%	27,5%	32,6%	12,0%	66,7%	29,6%	28,3%	32,0%	29,0%	27,9%	21,6%	33,3%
	É muito possível	10,5%	8,8%	11,1%	0,0%	22,9%	8,7%	11,1%	7,8%	11,8%	11,5%	9,4%	11,6%	8,0%	0,0%	11,2%	10,2%	9,0%	10,7%	8,2%	15,7%	0,0%
	Pode acontecer a qualquer momento	10,3%	8,8%	10,8%	0,0%	8,6%	13,4%	8,7%	6,9%	17,6%	8,3%	14,1%	7,4%	12,0%	0,0%	11,2%	9,9%	13,0%	9,3%	9,8%	7,8%	33,3%
P_18.3 18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos próximos 5 anos_Tempestades	É impossível	,5%	,9%	,3%	0,0%	0,0%	0,0%	1,6%	0,0%	0,0%	0,0%	,7%	1,1%	0,0%	0,0%	1,6%	0,0%	0,0%	,5%	1,6%	0,0%	0,0%
	É pouco possível	11,7%	17,7%	9,5%	0,0%	11,4%	13,4%	10,3%	10,8%	11,8%	13,4%	10,1%	11,6%	12,0%	0,0%	8,0%	13,2%	13,0%	9,8%	9,8%	19,6%	0,0%
	É possível	45,7%	45,1%	45,9%	0,0%	22,9%	46,3%	45,2%	50,0%	64,7%	43,3%	45,0%	46,3%	56,0%	100,0%	51,2%	43,4%	44,0%	45,3%	55,7%	41,2%	0,0%
	É muito possível	21,4%	23,0%	20,9%	0,0%	37,1%	20,8%	19,8%	21,6%	5,9%	24,8%	22,8%	15,8%	16,0%	0,0%	18,4%	22,7%	25,0%	20,6%	16,4%	21,6%	66,7%
	Pode acontecer a qualquer momento	20,7%	13,3%	23,4%	0,0%	28,6%	19,5%	23,0%	17,6%	17,6%	18,5%	21,5%	25,3%	16,0%	0,0%	20,8%	20,7%	18,0%	23,8%	16,4%	17,6%	33,3%

Cultura de Segurança em Proteção Civil. Cada um, um agente de Proteção Civil

Valores Verticais

		P_3 3. Sexo:			P_2 2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:					
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciad o (a)	União de faCto	Viúvo (a)	
		coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	
P_18.4 18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos proximos 5 anos_Chuva muito intensa	É impossível	,5%	1,8%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	,8%	1,0%	0,0%	0,0%	,7%	1,1%	0,0%	0,0%	,8%	,3%	0,0%	,9%	0,0%	0,0%	0,0%	
	É pouco possível	4,0%	3,5%	4,1%	0,0%	8,6%	3,4%	2,4%	5,9%	0,0%	7,6%	3,4%	0,0%	0,0%	0,0%	3,2%	4,3%	9,0%	2,3%	1,6%	3,9%	0,0%	
	É possível	40,3%	39,8%	40,5%	0,0%	25,7%	43,0%	34,9%	43,1%	70,6%	36,9%	40,3%	41,1%	52,0%	100,0%	41,6%	39,8%	35,0%	39,3%	49,2%	47,1%	0,0%	
	É muito possível	24,9%	26,5%	24,4%	0,0%	34,3%	22,1%	27,0%	25,5%	11,8%	26,8%	23,5%	26,3%	20,0%	0,0%	28,0%	23,7%	31,0%	23,8%	21,3%	19,6%	66,7%	
	Pode acontecer a qualquer momento	30,3%	28,3%	31,0%	0,0%	31,4%	31,5%	34,9%	24,5%	17,6%	28,7%	32,2%	31,6%	28,0%	0,0%	26,4%	31,9%	25,0%	33,6%	27,9%	29,4%	33,3%	
P_18.5 18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos proximos 5 anos_Onda de Calor	É impossível	,5%	,9%	,3%	0,0%	0,0%	0,0%	,8%	1,0%	0,0%	0,0%	,7%	1,1%	0,0%	0,0%	1,6%	0,0%	0,0%	,9%	0,0%	0,0%	0,0%	
	É pouco possível	8,6%	5,3%	9,8%	0,0%	17,1%	10,1%	5,6%	8,8%	0,0%	12,1%	7,4%	4,2%	8,0%	33,3%	6,4%	9,5%	17,0%	5,6%	8,2%	5,9%	0,0%	
	É possível	45,2%	50,4%	43,4%	0,0%	22,9%	47,7%	40,5%	49,0%	82,4%	44,6%	43,0%	48,4%	48,0%	66,7%	45,6%	45,1%	42,0%	45,8%	49,2%	47,1%	0,0%	
	É muito possível	25,6%	27,4%	25,0%	0,0%	34,3%	24,8%	28,6%	23,5%	5,9%	23,6%	26,8%	30,5%	16,0%	0,0%	29,6%	24,0%	25,0%	26,6%	21,3%	27,5%	33,3%	
	Pode acontecer a qualquer momento	20,0%	15,9%	21,5%	0,0%	25,7%	17,4%	24,6%	17,6%	11,8%	19,7%	22,1%	15,8%	28,0%	0,0%	16,8%	21,4%	16,0%	21,0%	21,3%	19,6%	66,7%	
P_18.6 18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos proximos 5 anos_Vaga de Frio	É impossível	1,2%	1,8%	,9%	0,0%	0,0%	0,0%	2,4%	2,0%	0,0%	0,0%	2,0%	1,1%	0,0%	33,3%	2,4%	,7%	1,0%	1,9%	0,0%	0,0%	0,0%	
	É pouco possível	14,7%	15,9%	14,2%	0,0%	20,0%	18,8%	9,5%	11,8%	23,5%	17,2%	13,4%	13,7%	12,0%	0,0%	9,6%	16,8%	22,0%	10,7%	19,7%	11,8%	0,0%	
	É possível	44,3%	46,9%	43,4%	0,0%	25,7%	46,3%	42,9%	47,1%	58,8%	42,0%	45,6%	43,2%	52,0%	66,7%	46,4%	43,4%	37,0%	48,1%	41,0%	49,0%	0,0%	
	É muito possível	21,0%	22,1%	20,6%	0,0%	28,6%	18,1%	23,8%	21,6%	5,9%	20,4%	20,8%	25,3%	12,0%	0,0%	24,0%	19,7%	24,0%	20,1%	18,0%	19,6%	66,7%	
	Pode acontecer a qualquer momento	18,9%	13,3%	20,9%	0,0%	25,7%	16,8%	21,4%	17,6%	11,8%	20,4%	18,1%	16,8%	24,0%	0,0%	17,6%	19,4%	16,0%	19,2%	21,3%	19,6%	33,3%	
P_18.7 18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos proximos 5 anos_Secas	É impossível	7,2%	7,1%	7,3%	0,0%	11,4%	7,4%	7,1%	6,9%	0,0%	8,3%	6,7%	6,3%	8,0%	0,0%	5,6%	7,9%	9,0%	7,0%	6,6%	5,9%	0,0%	
	É pouco possível	33,8%	34,5%	33,5%	0,0%	28,6%	40,9%	33,3%	29,4%	11,8%	35,0%	31,5%	33,7%	36,0%	66,7%	32,8%	34,2%	38,0%	32,7%	39,3%	25,5%	0,0%	
	É possível	38,2%	40,7%	37,3%	0,0%	31,4%	36,2%	33,3%	43,1%	76,5%	42,0%	36,9%	33,7%	40,0%	33,3%	40,8%	37,2%	34,0%	38,3%	39,3%	47,1%	0,0%	
	É muito possível	12,6%	12,4%	12,7%	0,0%	22,9%	8,7%	16,7%	10,8%	5,9%	9,6%	12,1%	21,1%	4,0%	0,0%	10,4%	13,5%	12,0%	12,1%	8,2%	19,6%	33,3%	
	Pode acontecer a qualquer momento	8,2%	5,3%	9,2%	0,0%	5,7%	6,7%	9,5%	9,8%	5,9%	5,1%	12,8%	5,3%	12,0%	0,0%	10,4%	7,2%	7,0%	9,8%	6,6%	2,0%	66,7%	

Cultura de Segurança em Proteção Civil. Cada um, um agente de Proteção Civil

Valores Verticais

		P. 3.3. Sexo:			P. 2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:				
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viuvo (a)
		coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna
P_18.8 18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos próximos 5 anos_Cheias / Inundações	É impossível	1,6%	2,7%	1,3%	0,0%	2,9%	,7%	,8%	3,9%	0,0%	1,3%	2,0%	2,1%	0,0%	0,0%	2,4%	1,3%	2,0%	2,3%	0,0%	0,0%	0,0%
	É pouco possível	18,2%	18,6%	18,0%	0,0%	20,0%	17,4%	19,0%	18,6%	11,8%	19,7%	14,8%	15,8%	40,0%	0,0%	18,4%	18,1%	20,0%	16,8%	21,3%	17,6%	0,0%
	É possível	39,2%	42,5%	38,0%	0,0%	25,7%	40,3%	38,1%	40,2%	58,8%	36,9%	43,0%	35,8%	40,0%	66,7%	41,6%	38,2%	37,0%	37,9%	47,5%	41,2%	0,0%
	É muito possível	22,6%	20,4%	23,4%	0,0%	37,1%	20,8%	21,4%	22,5%	17,6%	24,2%	21,5%	25,3%	8,0%	33,3%	21,6%	23,0%	24,0%	22,0%	16,4%	25,5%	100,0%
	Pode acontecer a qualquer momento	18,4%	15,9%	19,3%	0,0%	14,3%	20,8%	20,6%	14,7%	11,8%	17,8%	18,8%	21,1%	12,0%	0,0%	16,0%	19,4%	17,0%	21,0%	14,8%	15,7%	0,0%
P_18.9 18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos próximos 5 anos_Incêndio florestal	É impossível	48,3%	58,4%	44,6%	0,0%	37,1%	51,7%	44,4%	52,0%	47,1%	43,9%	54,4%	48,4%	36,0%	66,7%	43,2%	50,3%	44,0%	50,9%	45,9%	51,0%	0,0%
	É pouco possível	30,8%	30,1%	31,0%	0,0%	42,9%	28,9%	34,1%	27,5%	17,6%	38,2%	23,5%	30,5%	28,0%	33,3%	30,4%	30,9%	41,0%	27,6%	24,6%	29,4%	66,7%
	É possível	14,2%	6,2%	17,1%	0,0%	11,4%	14,1%	15,1%	13,7%	17,6%	11,5%	13,4%	16,8%	28,0%	0,0%	19,2%	12,2%	10,0%	15,0%	19,7%	11,8%	33,3%
	É muito possível	4,7%	3,5%	5,1%	0,0%	8,6%	2,7%	4,0%	4,9%	17,6%	6,4%	5,4%	2,1%	0,0%	0,0%	5,6%	4,3%	5,0%	4,2%	4,9%	5,9%	0,0%
	Pode acontecer a qualquer momento	2,1%	1,8%	2,2%	0,0%	0,0%	2,7%	2,4%	2,0%	0,0%	0,0%	3,4%	2,1%	8,0%	0,0%	1,6%	2,3%	0,0%	2,3%	4,9%	2,0%	0,0%
P_18.10 18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos próximos 5 anos_Nevões	É impossível	26,3%	27,4%	25,9%	0,0%	31,4%	28,2%	26,2%	23,5%	17,6%	22,9%	25,5%	28,4%	40,0%	66,7%	19,2%	29,3%	24,0%	25,7%	34,4%	25,5%	0,0%
	É pouco possível	50,6%	54,0%	49,4%	0,0%	42,9%	55,7%	49,2%	48,0%	47,1%	57,3%	49,0%	44,2%	44,0%	33,3%	56,0%	48,4%	61,0%	47,2%	42,6%	54,9%	33,3%
	É possível	17,7%	13,3%	19,3%	0,0%	20,0%	10,1%	20,6%	22,5%	29,4%	15,9%	17,4%	24,2%	8,0%	0,0%	20,8%	16,4%	10,0%	20,1%	19,7%	17,6%	66,7%
	É muito possível	3,3%	5,3%	2,5%	0,0%	5,7%	3,4%	2,4%	2,9%	5,9%	3,2%	4,0%	2,1%	4,0%	0,0%	3,2%	3,3%	4,0%	4,2%	0,0%	2,0%	0,0%
	Pode acontecer a qualquer momento	2,1%	0,0%	2,8%	0,0%	0,0%	2,7%	1,6%	2,9%	0,0%	,6%	4,0%	1,1%	4,0%	0,0%	,8%	2,6%	1,0%	2,8%	3,3%	0,0%	0,0%
P_18.11 18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos próximos 5 anos_Agitação do mar	É impossível	31,2%	37,2%	29,1%	0,0%	17,1%	30,9%	34,9%	32,4%	29,4%	28,0%	31,5%	33,7%	40,0%	33,3%	32,8%	30,6%	24,0%	37,9%	26,2%	25,5%	0,0%
	É pouco possível	33,1%	24,8%	36,1%	0,0%	48,6%	36,9%	31,0%	26,5%	23,5%	40,8%	30,2%	26,3%	28,0%	33,3%	32,8%	33,2%	47,0%	24,3%	36,1%	39,2%	33,3%
	É possível	20,5%	24,8%	19,0%	0,0%	20,0%	20,8%	15,9%	22,5%	41,2%	19,1%	22,1%	23,2%	12,0%	0,0%	14,4%	23,0%	17,0%	21,0%	19,7%	23,5%	66,7%
	É muito possível	9,1%	8,8%	9,2%	0,0%	11,4%	4,7%	13,5%	10,8%	0,0%	7,6%	8,7%	11,6%	8,0%	33,3%	12,8%	7,6%	6,0%	9,8%	11,5%	9,8%	0,0%
	Pode acontecer a qualquer momento	6,1%	4,4%	6,6%	0,0%	2,9%	6,7%	4,8%	7,8%	5,9%	4,5%	7,4%	5,3%	12,0%	0,0%	7,2%	5,6%	6,0%	7,0%	6,6%	2,0%	0,0%

Valores Verticais

		P. 3.3. Sexo:			P. 2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:					
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciad o (a)	União de faCto	Viúvo (a)	
		coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	
P_18.12.18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos proximos 5 anos _Erupção Vulcânica	É impossível	55,9%	56,6%	55,7%	0,0%	71,4%	62,4%	48,4%	52,9%	41,2%	58,6%	55,0%	53,7%	52,0%	66,7%	48,0%	59,2%	58,0%	57,5%	50,8%	54,9%	0,0%	
	É pouco possível	32,9%	34,5%	32,3%	0,0%	20,0%	27,5%	38,9%	37,3%	35,3%	33,1%	35,6%	29,5%	32,0%	0,0%	42,4%	28,9%	32,0%	32,2%	36,1%	31,4%	66,7%	
	É possível	7,5%	5,3%	8,2%	0,0%	8,6%	7,4%	7,1%	5,9%	17,6%	5,1%	6,7%	11,6%	8,0%	33,3%	7,2%	7,6%	6,0%	7,5%	9,8%	5,9%	33,3%	
	É muito possível	1,9%	1,8%	1,9%	0,0%	0,0%	,7%	3,2%	2,0%	5,9%	1,9%	,7%	3,2%	4,0%	0,0%	1,6%	2,0%	2,0%	1,9%	0,0%	3,9%	0,0%	
	Pode acontecer a qualquer momento	1,9%	1,8%	1,9%	0,0%	0,0%	2,0%	2,4%	2,0%	0,0%	1,3%	2,0%	2,1%	4,0%	0,0%	,8%	2,3%	2,0%	,9%	3,3%	3,9%	0,0%	
P_18.13.18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos proximos 5 anos _Queda Meteorito	É impossível	14,9%	17,7%	13,9%	0,0%	14,3%	18,1%	15,9%	11,8%	0,0%	14,6%	15,4%	10,5%	24,0%	66,7%	13,6%	15,5%	14,0%	16,8%	9,8%	15,7%	0,0%	
	É pouco possível	42,0%	42,5%	41,8%	0,0%	45,7%	49,7%	38,1%	36,3%	29,4%	43,9%	41,6%	40,0%	44,0%	0,0%	43,2%	41,4%	46,0%	41,1%	42,6%	37,3%	33,3%	
	É possível	30,3%	27,4%	31,3%	0,0%	31,4%	23,5%	29,4%	36,3%	58,8%	29,9%	30,2%	32,6%	24,0%	33,3%	33,6%	28,9%	27,0%	30,4%	29,5%	35,3%	66,7%	
	É muito possível	3,7%	6,2%	2,8%	0,0%	0,0%	,7%	7,1%	3,9%	11,8%	3,2%	2,7%	7,4%	0,0%	0,0%	4,0%	3,6%	2,0%	4,7%	3,3%	3,9%	0,0%	
	Pode acontecer a qualquer momento	9,1%	6,2%	10,1%	0,0%	8,6%	8,1%	9,5%	11,8%	0,0%	8,3%	10,1%	9,5%	8,0%	0,0%	5,6%	10,5%	11,0%	7,0%	14,8%	7,8%	0,0%	
P_18.14.18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos proximos 5 anos _Incêndio urbano	É impossível	,7%	1,8%	,3%	0,0%	0,0%	,7%	1,6%	0,0%	0,0%	,6%	,7%	1,1%	0,0%	0,0%	,8%	,7%	1,0%	,9%	0,0%	0,0%	0,0%	
	É pouco possível	5,6%	7,1%	5,1%	0,0%	14,3%	5,4%	6,3%	2,0%	5,9%	9,6%	3,4%	1,1%	12,0%	0,0%	4,0%	6,3%	9,0%	3,7%	8,2%	3,9%	0,0%	
	É possível	31,2%	34,5%	30,1%	0,0%	22,9%	30,9%	23,8%	38,2%	64,7%	27,4%	34,2%	32,6%	28,0%	66,7%	32,0%	30,9%	27,0%	34,6%	31,1%	27,5%	0,0%	
	É muito possível	23,5%	23,9%	23,4%	0,0%	34,3%	23,5%	26,2%	18,6%	11,8%	26,8%	20,8%	23,2%	24,0%	0,0%	26,4%	22,4%	28,0%	21,5%	24,6%	23,5%	0,0%	
	Pode acontecer a qualquer momento	38,9%	32,7%	41,1%	0,0%	28,6%	39,6%	42,1%	41,2%	17,6%	35,7%	40,9%	42,1%	36,0%	33,3%	36,8%	39,8%	35,0%	39,3%	36,1%	45,1%	100,0%	

Cultura de Segurança em Proteção Civil. Cada um, um agente de Proteção Civil

Valores Verticais

		P. 3.3. Sexo:			P. 2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:					7. Cargo / função:		4. Estado civil:				
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viúvo (a)
		coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna	coluna
P. 19.19.	1	,2%	0,0%	,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	5,9%	,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	,8%	0,0%	0,0%	,5%	0,0%	0,0%	0,0%
Considera a	3	20,0%	23,0%	19,0%	0,0%	28,6%	22,1%	21,4%	13,7%	11,8%	23,6%	20,8%	17,9%	4,0%	0,0%	10,4%	24,0%	31,0%	17,8%	14,8%	15,7%	0,0%
Sensibilização /	4	32,6%	32,7%	32,6%	0,0%	22,9%	31,5%	31,7%	40,2%	23,5%	28,0%	36,2%	29,5%	44,0%	100,0%	30,4%	33,6%	22,0%	35,5%	36,1%	39,2%	0,0%
Formação dos	5	47,1%	44,2%	48,1%	0,0%	48,6%	46,3%	46,8%	46,1%	58,8%	47,8%	43,0%	52,6%	52,0%	0,0%	58,4%	42,4%	47,0%	46,3%	49,2%	45,1%	100,0%
\$P21 21.	0	1,4%	,9%	1,6%	0,0%	0,0%	3,4%	0,0%	1,0%	0,0%	0,0%	1,3%	3,2%	4,0%	0,0%	1,6%	1,3%	0,0%	1,4%	3,3%	2,0%	0,0%
Perigos que mais preocupam	Acidente de Aviação	2,3%	2,7%	2,2%	0,0%	0,0%	2,0%	2,4%	3,9%	0,0%	1,3%	3,4%	2,1%	0,0%	33,3%	4,8%	1,3%	1,0%	2,3%	4,9%	2,0%	0,0%
	Acidentes de derrame de combustíveis	1,2%	0,0%	1,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	3,9%	5,9%	,6%	1,3%	1,1%	4,0%	0,0%	,8%	1,3%	0,0%	1,4%	3,3%	0,0%	0,0%
	Acidentes de viação	26,6%	22,1%	28,2%	0,0%	45,7%	24,2%	30,2%	19,6%	23,5%	26,1%	25,5%	28,4%	24,0%	66,7%	22,4%	28,3%	28,0%	27,1%	21,3%	29,4%	0,0%
	Acidentes industriais	1,9%	2,7%	1,6%	0,0%	2,9%	1,3%	3,2%	1,0%	0,0%	1,9%	2,7%	0,0%	4,0%	0,0%	,8%	2,3%	3,0%	,9%	4,9%	0,0%	0,0%
	Acidentes Nucleares	2,8%	3,5%	2,5%	0,0%	2,9%	0,0%	4,0%	4,9%	5,9%	3,2%	2,7%	2,1%	4,0%	0,0%	2,4%	3,0%	4,0%	3,3%	1,6%	0,0%	0,0%
	Aumento da Pobreza	29,4%	44,2%	24,1%	0,0%	14,3%	32,2%	32,5%	27,5%	23,5%	28,0%	30,9%	25,3%	48,0%	0,0%	30,4%	28,9%	34,0%	28,5%	26,2%	27,5%	33,3%
	Aumento de doenças infantis/	6,5%	7,1%	6,3%	0,0%	11,4%	8,1%	6,3%	2,9%	5,9%	3,8%	8,1%	7,4%	12,0%	0,0%	4,8%	7,2%	5,0%	7,9%	3,3%	5,9%	33,3%
	Aumento do desemprego	21,2%	37,2%	15,5%	0,0%	25,7%	21,5%	18,3%	19,6%	41,2%	24,8%	17,4%	21,1%	24,0%	0,0%	19,2%	22,0%	21,0%	22,4%	18,0%	19,6%	33,3%
	Cheias	7,2%	7,1%	7,3%	0,0%	8,6%	6,0%	8,7%	4,9%	17,6%	5,1%	8,1%	9,5%	0,0%	66,7%	8,0%	6,9%	3,0%	8,4%	8,2%	9,8%	0,0%
	Chuvas Ácidas	,7%	,9%	,6%	0,0%	0,0%	,7%	,8%	1,0%	0,0%	,6%	,7%	1,1%	0,0%	0,0%	,8%	,7%	0,0%	,9%	0,0%	0,0%	0,0%
	Contaminação Alimentar	7,5%	6,2%	7,9%	0,0%	2,9%	6,0%	7,1%	11,8%	5,9%	9,6%	4,7%	8,4%	8,0%	0,0%	10,4%	6,3%	9,0%	7,5%	8,2%	3,9%	0,0%
	Erosão Costeira	1,2%	,9%	1,3%	0,0%	0,0%	1,3%	,8%	1,0%	5,9%	,6%	2,0%	1,1%	0,0%	0,0%	0,0%	1,6%	2,0%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%
	Erupções Vulcânicas	,5%	,9%	,3%	0,0%	0,0%	,7%	0,0%	0,0%	5,9%	,6%	,7%	0,0%	0,0%	0,0%	,8%	,3%	0,0%	,5%	1,6%	0,0%	0,0%
	Guerra / Terrorismo	25,2%	15,0%	28,8%	0,0%	40,0%	25,5%	21,4%	25,5%	17,6%	27,4%	27,5%	15,8%	32,0%	33,3%	20,0%	27,3%	30,0%	21,5%	27,9%	27,5%	33,3%
	Incêndios florestais	4,2%	4,4%	4,1%	0,0%	2,9%	4,0%	4,0%	4,9%	5,9%	6,4%	3,4%	3,2%	0,0%	0,0%	6,4%	3,3%	5,0%	3,7%	8,2%	0,0%	0,0%
	Incêndios Urbanos	37,1%	33,6%	38,3%	0,0%	20,0%	41,6%	35,7%	41,2%	17,6%	40,8%	32,9%	41,1%	28,0%	0,0%	38,4%	36,5%	39,0%	36,9%	27,9%	43,1%	66,7%
	Insegurança / aumento de viol	29,4%	26,5%	30,4%	0,0%	31,4%	34,2%	29,4%	21,6%	29,4%	33,1%	27,5%	25,3%	36,0%	0,0%	27,2%	30,3%	35,0%	25,7%	34,4%	29,4%	0,0%
	Não sabe/Não responde	,7%	,9%	,6%	0,0%	0,0%	2,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	,7%	1,1%	4,0%	0,0%	,8%	,7%	0,0%	,9%	1,6%	0,0%	0,0%
	Nenhum / Nada	,2%	0,0%	,3%	0,0%	0,0%	,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	,3%	0,0%	0,0%	0,0%	2,0%	0,0%
	Outros	2,8%	2,7%	2,8%	0,0%	5,7%	3,4%	3,2%	1,0%	0,0%	1,9%	4,0%	3,2%	0,0%	0,0%	0,0%	3,9%	3,0%	1,4%	1,6%	9,8%	0,0%
	Seca	2,1%	2,7%	1,9%	0,0%	0,0%	1,3%	1,6%	4,9%	0,0%	1,9%	2,0%	2,1%	4,0%	0,0%	2,4%	2,0%	1,0%	3,3%	0,0%	2,0%	0,0%
	Sismos / Terramotos	64,3%	56,6%	67,1%	0,0%	62,9%	55,7%	63,5%	76,5%	76,5%	56,7%	66,4%	75,8%	52,0%	100,0%	65,6%	63,8%	52,0%	68,7%	68,9%	64,7%	66,7%
	Temperaturas Extremas	11,7%	12,4%	11,4%	0,0%	11,4%	11,4%	13,5%	10,8%	5,9%	14,0%	12,1%	8,4%	8,0%	0,0%	15,2%	10,2%	13,0%	10,3%	11,5%	15,7%	0,0%
	Tsunamis	7,7%	6,2%	8,2%	0,0%	11,4%	6,7%	9,5%	5,9%	5,9%	6,4%	9,4%	9,5%	0,0%	0,0%	11,2%	6,3%	7,0%	8,9%	9,8%	2,0%	0,0%
	Ventos Fortes	3,5%	1,8%	4,1%	0,0%	0,0%	3,4%	4,0%	4,9%	0,0%	5,1%	2,7%	3,2%	0,0%	0,0%	4,8%	3,0%	4,0%	3,7%	1,6%	2,0%	33,3%

Valores Horizontais

	P_3 3. Sexo:			P_2 2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:						7. Cargo / função:		4. Estado civil:					
	Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Sem filhos	Com filhos	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viúvo (a)
	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	
Total	100,0%	26,2%	73,8%	0,0%	8,2%	34,7%	29,3%	23,9%	4,0%	36,5%	34,9%	22,0%	5,9%	,7%	36,5%	63,5%	29,3%	70,7%	23,2%	49,9%	14,3%	11,9%	,7%
8.1 Em casa : Sei onde é o quadro da Luz:	100,0%	26,2%	73,8%	0,0%	8,2%	34,7%	29,3%	23,9%	4,0%	36,5%	34,9%	22,0%	5,9%	,7%	36,5%	63,5%	29,3%	70,7%	23,2%	49,9%	14,3%	11,9%	,7%
8.10 Tenho reserva de alimentos para 3 dias:	100,0%	26,2%	73,8%	0,0%	8,2%	34,7%	28,5%	24,1%	4,4%	36,5%	36,8%	21,5%	4,7%	,6%	36,5%	63,5%	28,5%	71,5%	22,1%	49,7%	14,1%	13,2%	,9%
8.11 Toda a família sabe o Ponto de Encontro junto à casa:	100,0%	23,8%	76,2%	0,0%	7,9%	31,7%	21,4%	34,9%	4,0%	46,0%	27,8%	20,6%	4,8%	,8%	46,0%	54,0%	31,0%	69,0%	27,8%	45,2%	16,7%	8,7%	1,6%
8.12 Cuidei saber, no plano municipal de emergência quais os riscos para a minha área de residência	100,0%	27,8%	72,2%	0,0%	11,1%	18,5%	33,3%	31,5%	5,6%	38,9%	35,2%	16,7%	7,4%	1,9%	38,9%	61,1%	27,8%	72,2%	18,5%	51,9%	13,0%	16,7%	0,0%
8.13 Sei o Número Nacional de Emergência:	100,0%	25,8%	74,2%	0,0%	8,7%	35,2%	29,3%	23,5%	3,3%	37,8%	34,4%	21,2%	5,9%	,8%	37,8%	62,2%	29,1%	70,9%	24,0%	48,5%	14,3%	12,5%	,8%
8.14 Temos, todos, as vacinas em dia:	100,0%	26,8%	73,2%	0,0%	8,4%	35,0%	30,3%	22,9%	3,4%	35,7%	34,7%	22,9%	5,9%	,7%	35,7%	64,3%	28,1%	71,9%	22,9%	49,5%	14,5%	12,3%	,7%
8.15 O número de polícia da nossa casa é bem visível da estrada:	100,0%	28,3%	71,7%	0,0%	7,2%	29,1%	32,1%	27,0%	4,6%	35,0%	36,3%	22,8%	5,5%	,4%	35,0%	65,0%	31,2%	68,8%	18,6%	54,4%	14,3%	11,8%	,8%
8.16 Tenho algum dinheiro de bolso guardado para uma emergência:	100,0%	27,8%	72,2%	0,0%	5,6%	35,9%	30,2%	24,2%	4,0%	37,5%	33,9%	23,4%	4,8%	,4%	37,5%	62,5%	31,9%	68,1%	24,2%	48,0%	12,9%	14,1%	,8%

Valores Horizontais

	P. 3.3. Sexo:			P. 2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:						7. Cargo / função:		4. Estado civil:					
	Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Sem filhos	Com filhos	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viúvo (a)
	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	
8.17 Tenho um conjunto de medicamentos de reserva, dos que são indispensáveis:	100,0%	24,8%	75,2%	0,0%	9,2%	35,5%	28,1%	23,2%	4,0%	36,4%	35,5%	21,4%	5,8%	,9%	36,4%	63,6%	29,4%	70,6%	22,9%	49,8%	13,8%	12,5%	,9%
8.18 Uso os elevadores em situação de acidente no prédio:	100,0%	33,3%	66,7%	0,0%	0,0%	6,7%	60,0%	33,3%	0,0%	20,0%	26,7%	33,3%	13,3%	6,7%	20,0%	80,0%	53,3%	46,7%	0,0%	53,3%	46,7%	0,0%	0,0%
8.19 Sobrecarregos a tomadas com aparelhos eléctricos:	100,0%	28,3%	71,7%	0,0%	8,7%	19,6%	34,8%	32,6%	4,3%	21,7%	39,1%	28,3%	8,7%	2,2%	21,7%	78,3%	34,8%	65,2%	4,3%	69,6%	17,4%	8,7%	0,0%
8.2 Em casa : Sei onde desligo a água:	100,0%	26,3%	73,7%	0,0%	7,7%	34,2%	29,9%	24,1%	4,1%	35,9%	35,7%	22,2%	5,8%	,5%	35,9%	64,1%	28,9%	71,1%	22,4%	50,1%	14,5%	12,3%	,7%
8.20 Tenho guardado, em lugar seguro, um conjunto de fotocópias dos documentos de cada um de nós:	100,0%	28,8%	71,2%	0,0%	7,8%	34,6%	29,4%	24,8%	3,3%	32,7%	37,3%	21,6%	7,2%	1,3%	32,7%	67,3%	33,3%	66,7%	21,6%	49,7%	15,0%	13,1%	,7%
8.3 Em casa : Sei onde desligo o Gás:	100,0%	26,6%	73,4%	0,0%	7,8%	33,7%	30,2%	24,1%	4,1%	35,6%	34,9%	22,7%	6,1%	,7%	35,6%	64,4%	30,0%	70,0%	22,7%	49,3%	14,9%	12,4%	,7%

Valores Horizontais

	P. 3.3. Sexo:			P. 2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:						7. Cargo / função:		4. Estado civil:					
	Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Sem filhos	Com filhos	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viúvo (a)
	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha
8.4 Tenho, pelo menos, 1 extintor dentro da validade:	100,0%	36,1%	63,9%	0,0%	7,6%	25,2%	26,9%	34,5%	5,9%	31,9%	37,8%	25,2%	4,2%	,8%	31,9%	68,1%	37,0%	63,0%	21,0%	60,5%	9,2%	7,6%	1,7%
8.5 Sei usar o extintor:	100,0%	33,3%	66,7%	0,0%	7,5%	34,0%	29,1%	25,2%	4,2%	33,0%	36,3%	23,9%	6,2%	,7%	33,0%	67,0%	32,7%	67,3%	19,3%	52,6%	14,4%	13,1%	,7%
8.6 Tenho lista de números de telefone emergência (polícia, Bombeiros, Protecção Civil) da minha área de residência:	100,0%	29,1%	70,9%	0,0%	4,5%	32,7%	33,2%	25,1%	4,5%	33,6%	36,3%	24,7%	4,9%	,4%	33,6%	66,4%	28,3%	71,7%	19,3%	53,8%	13,0%	12,6%	1,3%
8.7 Tenho estojo de 1ºs Socorros:	100,0%	27,4%	72,6%	0,0%	10,0%	34,4%	28,2%	24,3%	3,1%	33,2%	37,8%	22,8%	5,8%	,4%	33,2%	66,8%	27,8%	72,2%	22,0%	50,6%	13,5%	12,7%	1,2%
8.8 Tenho um Kit de Emergência:	100,0%	22,4%	77,6%	0,0%	9,2%	25,5%	27,6%	33,7%	4,1%	35,7%	38,8%	19,4%	5,1%	1,0%	35,7%	64,3%	33,7%	66,3%	24,5%	48,0%	17,3%	8,2%	2,0%
8.9 Tenho reserva de água para 3 dias:	100,0%	28,0%	72,0%	0,0%	7,3%	36,7%	23,3%	28,7%	4,0%	37,3%	38,7%	20,7%	3,3%	0,0%	37,3%	62,7%	30,7%	69,3%	25,3%	48,7%	14,0%	12,0%	0,0%

Valores Horizontais

		P_3 3. Sexo:			P_2 2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:						7. Cargo / função:		4. Estado civil:					
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Sem filhos	Com filhos	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viúvo (a)
		N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha
P_9 9. Sente-se informado sobre os perigos e desastres naturais que podem afectar o seu local de residência?	Nada informado	100,0%	28,3%	71,7%	0,0%	10,9%	39,1%	23,9%	26,1%	0,0%	39,1%	30,4%	19,6%	8,7%	2,2%	39,1%	60,9%	17,4%	82,6%	17,4%	58,7%	10,9%	13,0%	0,0%
	Pouco informado	100,0%	23,8%	76,2%	0,0%	7,2%	38,1%	28,2%	21,5%	5,0%	33,1%	35,9%	24,3%	6,6%	0,0%	33,1%	66,9%	29,3%	70,7%	22,1%	51,4%	11,6%	13,8%	1,1%
	Informado	100,0%	25,1%	74,9%	0,0%	9,5%	30,7%	31,8%	24,6%	3,4%	40,2%	32,4%	22,3%	4,5%	,6%	40,2%	59,8%	31,3%	68,7%	26,8%	45,8%	16,8%	10,1%	,6%
	Muito informado	100,0%	47,4%	52,6%	0,0%	0,0%	31,6%	31,6%	31,6%	5,3%	36,8%	52,6%	5,3%	0,0%	5,3%	36,8%	63,2%	36,8%	63,2%	21,1%	47,4%	21,1%	10,5%	0,0%
	Completamente informado sobre todos os perigos	100,0%	75,0%	25,0%	0,0%	0,0%	25,0%	25,0%	25,0%	25,0%	0,0%	50,0%	25,0%	25,0%	0,0%	,0%	100,0%	25,0%	75,0%	0,0%	75,0%	25,0%	0,0%	0,0%
P_10 10. Sente-se informado sobre os perigos e desastres naturais que podem afectar o seu local de trabalho?	Nada informado	100,0%	36,4%	63,6%	0,0%	12,1%	42,4%	24,2%	18,2%	3,0%	36,4%	33,3%	18,2%	9,1%	3,0%	36,4%	63,6%	21,2%	78,8%	18,2%	63,6%	9,1%	9,1%	0,0%
	Pouco informado	100,0%	21,5%	78,5%	0,0%	9,9%	35,5%	28,9%	22,3%	3,3%	35,5%	33,9%	22,3%	8,3%	0,0%	35,5%	64,5%	28,9%	71,1%	24,8%	49,6%	11,6%	11,6%	2,5%
	Informado	100,0%	24,0%	76,0%	0,0%	6,3%	33,9%	30,3%	25,3%	4,1%	38,9%	32,6%	22,6%	5,0%	,9%	38,9%	61,1%	28,5%	71,5%	23,1%	46,6%	16,7%	13,6%	0,0%
	Muito informado	100,0%	36,4%	63,6%	0,0%	9,1%	31,8%	34,1%	20,5%	4,5%	27,3%	50,0%	22,7%	0,0%	0,0%	27,3%	72,7%	36,4%	63,6%	20,5%	56,8%	13,6%	9,1%	0,0%
P_11 11. Qual a sua preocupação com perigos, desastres naturais e incêndios urbanos no local de trabalho?	Completamente informado sobre todos os perigos	100,0%	60,0%	40,0%	0,0%	10,0%	30,0%	10,0%	40,0%	10,0%	40,0%	30,0%	20,0%	10,0%	0,0%	40,0%	60,0%	40,0%	60,0%	40,0%	50,0%	10,0%	0,0%	0,0%
	Não me preocupo nada	100,0%	25,0%	75,0%	0,0%	0,0%	75,0%	0,0%	25,0%	0,0%	75,0%	0,0%	0,0%	25,0%	0,0%	75,0%	25,0%	0,0%	100,0%	50,0%	25,0%	0,0%	25,0%	0,0%
	Preocupo-me pouco	100,0%	25,8%	74,2%	0,0%	3,0%	36,4%	39,4%	19,7%	1,5%	48,5%	22,7%	21,2%	7,6%	0,0%	48,5%	51,5%	19,7%	80,3%	33,3%	43,9%	12,1%	10,6%	0,0%
	Preocupo-me muito	100,0%	30,6%	69,4%	0,0%	9,6%	38,3%	27,3%	21,5%	3,3%	34,0%	37,3%	21,5%	6,2%	1,0%	34,0%	66,0%	26,3%	73,7%	21,5%	51,7%	12,4%	13,9%	,5%
	Preocupo-me totalmente	100,0%	18,8%	81,3%	0,0%	10,7%	25,9%	29,5%	27,7%	6,3%	33,9%	39,3%	22,3%	3,6%	,9%	33,9%	66,1%	34,8%	65,2%	19,6%	49,1%	20,5%	9,8%	,9%
		100,0%	26,3%	73,7%	0,0%	2,6%	34,2%	26,3%	31,6%	5,3%	34,2%	31,6%	28,9%	5,3%	0,0%	34,2%	65,8%	47,4%	52,6%	23,7%	55,3%	10,5%	7,9%	2,6%

Valores Horizontais

		P 3 3. Sexo:			P 2 2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:						7. Cargo / função:		4. Estado civil:					
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Sem filhos	Com filhos	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viúvo (a)
		N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha
P_12.12.1	Sim	100,0%	26,5%	73,5%	0,0%	6,7%	37,6%	27,9%	24,2%	3,7%	34,2%	36,6%	23,2%	5,7%	,3%	34,2%	65,8%	28,5%	71,5%	22,8%	49,7%	14,8%	12,1%	,7%
Conheço o Plano de Segurança do	Não	100,0%	26,0%	74,0%	0,0%	11,5%	28,2%	32,8%	22,9%	4,6%	42,0%	30,5%	19,8%	6,1%	1,5%	42,0%	58,0%	30,5%	69,5%	24,4%	50,4%	13,0%	11,5%	,8%
P_12.2.12.2	Sim	100,0%	25,4%	74,6%	0,0%	6,2%	37,8%	28,3%	24,1%	3,6%	36,5%	35,5%	21,5%	5,9%	,7%	36,5%	63,5%	30,9%	69,1%	23,1%	50,2%	14,0%	12,4%	,3%
Sei onde é o Ponto de Encontro em	Não	100,0%	28,7%	71,3%	0,0%	13,1%	27,0%	32,0%	23,0%	4,9%	36,9%	32,8%	23,8%	5,7%	,8%	36,9%	63,1%	24,6%	75,4%	23,8%	49,2%	14,8%	10,7%	1,6%
Conheço o Alarme de evacuação:	Sim	100,0%	25,9%	74,1%	0,0%	4,8%	39,1%	29,6%	22,8%	3,7%	34,7%	34,7%	22,8%	7,1%	,7%	34,7%	65,3%	28,6%	71,4%	22,1%	50,3%	14,3%	12,6%	,7%
	Não	100,0%	27,4%	72,6%	0,0%	15,6%	25,2%	28,9%	25,9%	4,4%	40,7%	34,8%	20,7%	3,0%	,7%	40,7%	59,3%	30,4%	69,6%	25,9%	48,9%	14,1%	10,4%	,7%
P_12.4.12.4	Sim	100,0%	20,9%	79,1%	0,0%	6,8%	39,2%	23,0%	26,4%	4,7%	37,8%	34,5%	23,0%	4,1%	,7%	37,8%	62,2%	39,2%	60,8%	24,3%	52,0%	13,5%	9,5%	,7%
Já participei num exercício ou simulacro de evacuação:	Não	100,0%	29,2%	70,8%	0,0%	8,9%	32,4%	32,7%	22,4%	3,6%	35,9%	34,9%	21,7%	6,8%	,7%	35,9%	64,1%	23,8%	76,2%	22,8%	48,8%	14,6%	13,2%	,7%
P_12.5.12.5	Não	100,0%	26,3%	73,7%	0,0%	8,2%	34,7%	29,4%	23,8%	4,0%	36,6%	34,7%	22,1%	5,8%	,7%	36,6%	63,4%	29,1%	70,9%	23,3%	49,9%	14,2%	11,9%	,7%
Tenho um Kit de Emergência portátil no local trabalho:																								
P_13.13.	Nada informado	100,0%	27,3%	72,7%	0,0%	18,2%	18,2%	36,4%	18,2%	9,1%	54,5%	27,3%	18,2%	0,0%	0,0%	54,5%	45,5%	36,4%	63,6%	45,5%	18,2%	27,3%	9,1%	0,0%
Relativamente ao risco sísmico,	Pouco informado	100,0%	19,8%	80,2%	0,0%	3,1%	41,7%	29,2%	22,9%	3,1%	37,5%	34,4%	20,8%	7,3%	0,0%	37,5%	62,5%	28,1%	71,9%	25,0%	51,0%	12,5%	10,4%	1,0%
sente-se informado	Informado	100,0%	26,1%	73,9%	0,0%	7,6%	31,5%	28,6%	27,3%	5,0%	36,6%	35,3%	21,8%	5,0%	1,3%	36,6%	63,4%	29,0%	71,0%	20,6%	52,1%	13,4%	13,0%	,8%
informado dos	Muito informado	100,0%	31,9%	68,1%	0,0%	14,5%	37,7%	31,9%	14,5%	1,4%	34,8%	34,8%	23,2%	7,2%	0,0%	34,8%	65,2%	30,4%	69,6%	26,1%	46,4%	15,9%	11,6%	0,0%
comportamentos que deve adoptar antes, durante e	Completamente informado sobre todos os perigos	100,0%	46,7%	53,3%	0,0%	13,3%	40,0%	26,7%	20,0%	0,0%	26,7%	33,3%	33,3%	6,7%	0,0%	26,7%	73,3%	26,7%	73,3%	26,7%	46,7%	20,0%	6,7%	0,0%

Valores Horizontais

		P_3.3. Sexo:			P_2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:						7. Cargo / função:		4. Estado civil:					
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Sem filhos	Com filhos	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viúvo (a)
		N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha
P_14 14. Já ouviu falar alguma vez sobre Riscos Naturais?	Sim	100,0%	26,7%	73,3%	0,0%	7,8%	35,1%	29,5%	23,6%	4,0%	36,6%	34,7%	22,2%	5,9%	,7%	36,6%	63,4%	28,8%	71,2%	23,1%	50,0%	14,2%	12,0%	,7%
	Não	100,0%	0,0%	100,0%	0,0%	40,0%	0,0%	20,0%	40,0%	0,0%	40,0%	40,0%	20,0%	0,0%	0,0%	40,0%	60,0%	60,0%	40,0%	40,0%	40,0%	20,0%	0,0%	0,0%
P_16 16. Já esteve envolvido(a), directamente, num acidente, num acidente, P_15.1 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Sismos	Sim	100,0%	32,3%	67,7%	0,0%	8,6%	28,0%	22,6%	36,6%	4,3%	32,3%	33,3%	28,0%	5,4%	1,1%	32,3%	67,7%	37,6%	62,4%	18,3%	57,0%	15,1%	9,7%	0,0%
	Não	100,0%	24,7%	75,3%	0,0%	8,0%	36,6%	31,3%	20,2%	3,9%	37,8%	35,1%	20,5%	6,0%	,6%	37,8%	62,2%	26,8%	73,2%	24,7%	47,9%	14,0%	12,5%	,9%
	Não me preocupo nada	100,0%	36,4%	63,6%	0,0%	0,0%	45,5%	45,5%	9,1%	0,0%	36,4%	18,2%	36,4%	9,1%	0,0%	36,4%	63,6%	9,1%	90,9%	27,3%	54,5%	0,0%	18,2%	0,0%
	Preocupo-me pouco	100,0%	39,4%	60,6%	0,0%	9,1%	48,5%	24,2%	18,2%	0,0%	48,5%	30,3%	15,2%	6,1%	0,0%	48,5%	51,5%	27,3%	72,7%	33,3%	33,3%	18,2%	15,2%	0,0%
	Preocupo-me muito	100,0%	28,2%	71,8%	0,0%	4,7%	38,9%	27,5%	24,2%	4,7%	36,9%	32,9%	21,5%	8,1%	,7%	36,9%	63,1%	32,9%	67,1%	22,8%	51,7%	13,4%	11,4%	,7%
	Preocupo-me muito	100,0%	25,4%	74,6%	0,0%	11,2%	27,6%	36,6%	20,1%	4,5%	36,6%	36,6%	21,6%	3,7%	1,5%	36,6%	63,4%	28,4%	71,6%	20,9%	54,5%	13,4%	10,4%	,7%
	Preocupo-me totalmente	100,0%	19,6%	80,4%	0,0%	9,8%	32,4%	22,5%	31,4%	3,9%	32,4%	38,2%	24,5%	4,9%	0,0%	32,4%	67,6%	27,5%	72,5%	23,5%	46,1%	16,7%	12,7%	1,0%
P_15.2 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Tsunami	Não me preocupo nada	100,0%	35,9%	64,1%	0,0%	2,6%	30,8%	46,2%	17,9%	2,6%	35,9%	25,6%	30,8%	7,7%	0,0%	35,9%	64,1%	17,9%	82,1%	20,5%	48,7%	12,8%	17,9%	0,0%
	Preocupo-me pouco	100,0%	29,9%	70,1%	0,0%	8,4%	41,1%	29,9%	17,8%	2,8%	44,9%	37,4%	12,1%	5,6%	0,0%	44,9%	55,1%	29,0%	71,0%	28,0%	45,8%	12,1%	14,0%	0,0%
	Preocupo-me muito	100,0%	31,0%	69,0%	0,0%	7,6%	36,6%	25,5%	27,6%	2,8%	35,2%	30,3%	26,2%	6,9%	1,4%	35,2%	64,8%	31,0%	69,0%	26,2%	50,3%	13,8%	9,0%	,7%
	Preocupo-me muito	100,0%	17,4%	82,6%	0,0%	8,7%	26,1%	33,3%	21,7%	10,1%	40,6%	29,0%	23,2%	5,8%	1,4%	40,6%	59,4%	36,2%	63,8%	15,9%	53,6%	15,9%	13,0%	1,4%
	Preocupo-me totalmente	100,0%	14,5%	85,5%	0,0%	11,6%	31,9%	23,2%	30,4%	2,9%	23,2%	50,7%	23,2%	2,9%	0,0%	23,2%	76,8%	24,6%	75,4%	18,8%	52,2%	17,4%	10,1%	1,4%
P_15.3 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Tempestades	Não me preocupo nada	100,0%	33,3%	66,7%	0,0%	8,3%	25,0%	41,7%	25,0%	0,0%	50,0%	8,3%	25,0%	16,7%	0,0%	50,0%	50,0%	8,3%	91,7%	41,7%	50,0%	0,0%	8,3%	0,0%
	Preocupo-me pouco	100,0%	36,1%	63,9%	0,0%	6,9%	40,3%	30,6%	20,8%	1,4%	40,3%	27,8%	20,8%	9,7%	1,4%	40,3%	59,7%	33,3%	66,7%	26,4%	41,7%	18,1%	13,9%	0,0%
	Preocupo-me muito	100,0%	26,1%	73,9%	0,0%	7,5%	36,2%	28,1%	23,6%	4,5%	32,7%	39,2%	20,6%	6,5%	1,0%	32,7%	67,3%	29,1%	70,9%	20,1%	53,3%	14,1%	11,6%	1,0%
	Preocupo-me totalmente	100,0%	20,8%	79,2%	0,0%	12,3%	29,2%	28,3%	25,5%	4,7%	38,7%	35,8%	22,6%	2,8%	0,0%	38,7%	61,3%	29,2%	70,8%	23,6%	52,8%	13,2%	9,4%	,9%
	Preocupo-me totalmente	100,0%	22,5%	77,5%	0,0%	2,5%	35,0%	32,5%	25,0%	5,0%	40,0%	30,0%	30,0%	0,0%	0,0%	40,0%	60,0%	27,5%	72,5%	27,5%	40,0%	15,0%	17,5%	0,0%

Valores Horizontais

		P_3.3. Sexo:			P_2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:						7. Cargo / função:		4. Estado civil:					
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Sem filhos	Com filhos	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viúvo (a)
		N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha
P_15.4 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Chuva muito intensa	Não me preocupo nada	100,0%	34,8%	65,2%	0,0%	4,3%	26,1%	39,1%	30,4%	0,0%	47,8%	13,0%	21,7%	17,4%	0,0%	47,8%	52,2%	17,4%	82,6%	39,1%	39,1%	8,7%	13,0%	0,0%
	Preocupo-me pouco	100,0%	31,9%	68,1%	0,0%	9,7%	36,1%	29,2%	25,0%	0,0%	34,7%	33,3%	22,2%	8,3%	1,4%	34,7%	65,3%	31,9%	68,1%	25,0%	48,6%	20,8%	5,6%	0,0%
	Preocupo-me muito	100,0%	26,5%	73,5%	0,0%	9,3%	36,8%	27,0%	20,6%	6,4%	35,8%	36,8%	20,1%	6,4%	1,0%	35,8%	64,2%	28,4%	71,6%	20,6%	51,0%	14,7%	13,2%	,5%
	Preocupo-me muito	100,0%	20,5%	79,5%	0,0%	5,7%	28,4%	29,5%	33,0%	3,4%	34,1%	40,9%	22,7%	2,3%	0,0%	34,1%	65,9%	34,1%	65,9%	20,5%	54,5%	11,4%	11,4%	2,3%
	Preocupo-me totalmente	100,0%	23,8%	76,2%	0,0%	7,1%	40,5%	35,7%	14,3%	2,4%	42,9%	26,2%	31,0%	0,0%	0,0%	42,9%	57,1%	23,8%	76,2%	31,0%	42,9%	9,5%	16,7%	0,0%
P_15.4_A 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Onda de Calor	Não me preocupo nada	100,0%	27,8%	72,2%	0,0%	5,6%	27,8%	33,3%	27,8%	5,6%	50,0%	22,2%	11,1%	16,7%	0,0%	50,0%	50,0%	22,2%	77,8%	27,8%	50,0%	11,1%	11,1%	0,0%
	Preocupo-me pouco	100,0%	35,6%	64,4%	0,0%	13,9%	41,6%	24,8%	17,8%	2,0%	49,5%	27,7%	18,8%	4,0%	0,0%	49,5%	50,5%	21,8%	78,2%	35,6%	40,6%	14,9%	8,9%	0,0%
	Preocupo-me muito	100,0%	25,0%	75,0%	0,0%	7,4%	36,3%	28,9%	22,5%	4,9%	29,4%	38,2%	23,0%	7,8%	1,5%	29,4%	70,6%	30,4%	69,6%	16,2%	56,4%	14,2%	12,7%	,5%
	Preocupo-me muito	100,0%	23,2%	76,8%	0,0%	2,9%	24,6%	36,2%	31,9%	4,3%	29,0%	39,1%	29,0%	2,9%	0,0%	29,0%	71,0%	34,8%	65,2%	23,2%	49,3%	13,0%	11,6%	2,9%
	Preocupo-me totalmente	100,0%	13,5%	86,5%	0,0%	8,1%	29,7%	29,7%	29,7%	2,7%	48,6%	32,4%	18,9%	0,0%	0,0%	48,6%	51,4%	35,1%	64,9%	27,0%	40,5%	16,2%	16,2%	0,0%
P_15.5 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Vaga de Frio	Não me preocupo nada	100,0%	36,4%	63,6%	0,0%	0,0%	36,4%	40,9%	18,2%	4,5%	54,5%	18,2%	18,2%	9,1%	0,0%	54,5%	45,5%	13,6%	86,4%	27,3%	45,5%	13,6%	13,6%	0,0%
	Preocupo-me pouco	100,0%	36,4%	63,6%	0,0%	9,1%	35,4%	27,3%	26,3%	2,0%	35,4%	33,3%	22,2%	8,1%	1,0%	35,4%	64,6%	30,3%	69,7%	25,3%	48,5%	15,2%	11,1%	0,0%
	Preocupo-me muito	100,0%	23,4%	76,6%	0,0%	9,5%	38,8%	24,4%	22,4%	5,0%	35,3%	37,8%	20,4%	6,0%	,5%	35,3%	64,7%	27,4%	72,6%	21,9%	52,2%	12,9%	11,9%	1,0%
	Preocupo-me muito	100,0%	21,6%	78,4%	0,0%	5,4%	25,7%	40,5%	25,7%	2,7%	32,4%	36,5%	25,7%	4,1%	1,4%	32,4%	67,6%	35,1%	64,9%	21,6%	52,7%	14,9%	9,5%	1,4%
	Preocupo-me totalmente	100,0%	18,2%	81,8%	0,0%	9,1%	27,3%	33,3%	24,2%	6,1%	45,5%	27,3%	27,3%	0,0%	0,0%	45,5%	54,5%	33,3%	66,7%	27,3%	36,4%	18,2%	18,2%	0,0%
P_15.6 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Secas	Não me preocupo nada	100,0%	41,2%	58,8%	0,0%	0,0%	35,3%	58,8%	5,9%	0,0%	41,2%	23,5%	29,4%	5,9%	0,0%	41,2%	58,8%	17,6%	82,4%	35,3%	52,9%	5,9%	5,9%	0,0%
	Preocupo-me pouco	100,0%	32,0%	68,0%	0,0%	11,0%	40,0%	33,0%	15,0%	1,0%	38,0%	32,0%	20,0%	10,0%	0,0%	38,0%	62,0%	26,0%	74,0%	27,0%	46,0%	12,0%	15,0%	0,0%
	Preocupo-me muito	100,0%	23,3%	76,7%	0,0%	7,8%	34,2%	26,4%	26,9%	4,7%	33,7%	36,3%	23,3%	5,7%	1,0%	33,7%	66,3%	29,5%	70,5%	20,7%	52,3%	16,1%	10,9%	0,0%
	Preocupo-me muito	100,0%	28,2%	71,8%	0,0%	9,4%	29,4%	25,9%	28,2%	7,1%	42,4%	36,5%	17,6%	2,4%	1,2%	42,4%	57,6%	32,9%	67,1%	21,2%	45,9%	16,5%	12,9%	3,5%
	Preocupo-me totalmente	100,0%	14,7%	85,3%	0,0%	2,9%	35,3%	29,4%	29,4%	2,9%	32,4%	35,3%	29,4%	2,9%	0,0%	32,4%	67,6%	32,4%	67,6%	26,5%	55,9%	8,8%	8,8%	0,0%
P_15.7 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Cheias / Inundações	Não me preocupo nada	100,0%	66,7%	33,3%	0,0%	0,0%	33,3%	55,6%	11,1%	0,0%	11,1%	22,2%	44,4%	22,2%	0,0%	11,1%	88,9%	22,2%	77,8%	11,1%	77,8%	11,1%	0,0%	0,0%
	Preocupo-me pouco	100,0%	32,7%	67,3%	0,0%	1,9%	40,4%	34,6%	23,1%	0,0%	42,3%	25,0%	19,2%	13,5%	0,0%	42,3%	57,7%	36,5%	63,5%	26,9%	48,1%	15,4%	9,6%	0,0%
	Preocupo-me muito	100,0%	25,5%	74,5%	0,0%	9,9%	35,4%	30,2%	20,3%	4,2%	35,9%	36,5%	20,3%	6,3%	1,0%	35,9%	64,1%	28,1%	71,9%	23,4%	49,0%	14,1%	13,5%	0,0%
	Preocupo-me muito	100,0%	23,0%	77,0%	0,0%	7,9%	31,7%	23,8%	31,0%	5,6%	36,5%	42,1%	19,0%	1,6%	,8%	36,5%	63,5%	29,4%	70,6%	19,0%	53,2%	13,5%	11,9%	2,4%
	Preocupo-me totalmente	100,0%	24,0%	76,0%	0,0%	10,0%	34,0%	30,0%	22,0%	4,0%	38,0%	22,0%	36,0%	4,0%	0,0%	38,0%	62,0%	26,0%	74,0%	32,0%	42,0%	16,0%	10,0%	0,0%

Cultura de Segurança em Proteção Civil. Cada um, um agente de Proteção Civil

Valores Horizontais

		P_3.3. Sexo:			P_2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:						7. Cargo / função:		4. Estado civil:					
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Sem filhos	Com filhos	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viúvo (a)
		N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha
P_15.8 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Incêndio florestal	Não me preocupo nada	100,0%	54,5%	45,5%	0,0%	4,5%	50,0%	40,9%	4,5%	0,0%	22,7%	31,8%	36,4%	9,1%	0,0%	22,7%	77,3%	13,6%	86,4%	22,7%	68,2%	0,0%	9,1%	0,0%
	Preocupo-me pouco	100,0%	29,4%	70,6%	0,0%	8,8%	42,6%	25,0%	19,1%	4,4%	41,2%	30,9%	19,1%	7,4%	1,5%	41,2%	58,8%	33,8%	66,2%	22,1%	51,5%	10,3%	16,2%	0,0%
	Preocupo-me muito	100,0%	25,5%	74,5%	0,0%	6,7%	33,9%	30,3%	26,1%	3,0%	33,3%	33,3%	26,7%	6,7%	0,0%	33,3%	66,7%	30,3%	69,7%	22,4%	53,3%	14,5%	9,1%	,6%
	Preocupo-me muito	100,0%	20,6%	79,4%	0,0%	11,2%	30,8%	30,8%	19,6%	7,5%	39,3%	40,2%	15,0%	3,7%	1,9%	39,3%	60,7%	27,1%	72,9%	19,6%	44,9%	15,9%	17,8%	1,9%
	Preocupo-me totalmente	100,0%	25,4%	74,6%	0,0%	7,5%	29,9%	25,4%	35,8%	1,5%	40,3%	34,3%	20,9%	4,5%	0,0%	40,3%	59,7%	29,9%	70,1%	32,8%	41,8%	19,4%	6,0%	0,0%
P_15.9 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Nevões	Não me preocupo nada	100,0%	36,1%	63,9%	0,0%	4,1%	41,2%	36,1%	17,5%	1,0%	35,1%	37,1%	20,6%	6,2%	1,0%	35,1%	64,9%	20,6%	79,4%	23,7%	45,4%	13,4%	16,5%	1,0%
	Preocupo-me pouco	100,0%	25,8%	74,2%	0,0%	9,3%	36,4%	29,1%	21,2%	4,0%	38,4%	33,8%	22,5%	4,6%	,7%	38,4%	61,6%	32,5%	67,5%	27,8%	49,0%	15,2%	7,9%	0,0%
	Preocupo-me muito	100,0%	20,8%	79,2%	0,0%	9,6%	32,0%	24,8%	28,8%	4,8%	36,8%	30,4%	23,2%	8,8%	,8%	36,8%	63,2%	33,6%	66,4%	19,2%	57,6%	9,6%	12,8%	,8%
	Preocupo-me muito	100,0%	25,0%	75,0%	0,0%	8,3%	22,2%	27,8%	33,3%	8,3%	27,8%	47,2%	22,2%	2,8%	0,0%	27,8%	72,2%	30,6%	69,4%	8,3%	50,0%	25,0%	13,9%	2,8%
	Preocupo-me totalmente	100,0%	20,0%	80,0%	0,0%	10,0%	30,0%	30,0%	25,0%	5,0%	45,0%	35,0%	20,0%	0,0%	0,0%	45,0%	55,0%	15,0%	85,0%	40,0%	30,0%	20,0%	10,0%	0,0%
P_15.10 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Agitação do mar	Não me preocupo nada	100,0%	29,5%	70,5%	0,0%	2,3%	43,2%	40,9%	13,6%	0,0%	34,1%	34,1%	25,0%	6,8%	0,0%	34,1%	65,9%	22,7%	77,3%	22,7%	50,0%	6,8%	20,5%	0,0%
	Preocupo-me pouco	100,0%	33,9%	66,1%	0,0%	11,0%	33,9%	34,7%	17,8%	2,5%	42,4%	31,4%	20,3%	5,1%	,8%	42,4%	57,6%	28,0%	72,0%	25,4%	49,2%	15,3%	10,2%	0,0%
	Preocupo-me muito	100,0%	22,6%	77,4%	0,0%	10,3%	35,5%	21,3%	27,7%	5,2%	34,2%	32,3%	23,9%	8,4%	1,3%	34,2%	65,8%	27,7%	72,3%	21,9%	52,9%	14,2%	11,0%	0,0%
	Preocupo-me muito	100,0%	23,1%	76,9%	0,0%	5,1%	33,3%	28,2%	26,9%	6,4%	33,3%	41,0%	21,8%	3,8%	0,0%	33,3%	66,7%	35,9%	64,1%	23,1%	48,7%	14,1%	10,3%	3,8%
	Preocupo-me totalmente	100,0%	20,6%	79,4%	0,0%	2,9%	26,5%	35,3%	32,4%	2,9%	38,2%	44,1%	17,6%	0,0%	0,0%	38,2%	61,8%	32,4%	67,6%	23,5%	41,2%	20,6%	14,7%	0,0%
P_15.11 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Erupção Vulcânica	Não me preocupo nada	100,0%	33,9%	66,1%	0,0%	4,0%	45,2%	33,1%	16,9%	,8%	37,1%	37,1%	19,4%	6,5%	0,0%	37,1%	62,9%	21,0%	79,0%	24,2%	48,4%	15,3%	12,1%	0,0%
	Preocupo-me pouco	100,0%	26,2%	73,8%	0,0%	7,1%	34,0%	29,1%	24,8%	5,0%	34,0%	34,0%	27,0%	3,5%	1,4%	34,0%	66,0%	41,8%	58,2%	22,0%	56,0%	12,1%	9,9%	0,0%
	Preocupo-me muito	100,0%	23,5%	76,5%	0,0%	9,4%	30,6%	25,9%	29,4%	4,7%	43,5%	30,6%	18,8%	5,9%	1,2%	43,5%	56,5%	27,1%	72,9%	27,1%	43,5%	16,5%	11,8%	1,2%
	Preocupo-me muito	100,0%	20,8%	79,2%	0,0%	14,6%	25,0%	27,1%	27,1%	6,3%	41,7%	29,2%	18,8%	10,4%	0,0%	41,7%	58,3%	29,2%	70,8%	20,8%	50,0%	12,5%	14,6%	2,1%
	Preocupo-me totalmente	100,0%	12,9%	87,1%	0,0%	16,1%	22,6%	29,0%	25,8%	6,5%	19,4%	48,4%	25,8%	6,5%	0,0%	19,4%	80,6%	9,7%	90,3%	19,4%	45,2%	16,1%	16,1%	3,2%
P_15.12 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Queda Meteorito	Não me preocupo nada	100,0%	34,7%	65,3%	0,0%	3,2%	41,9%	34,7%	18,5%	1,6%	33,1%	35,5%	22,6%	8,1%	,8%	33,1%	66,9%	26,6%	73,4%	20,2%	51,6%	16,1%	12,1%	0,0%
	Preocupo-me pouco	100,0%	23,8%	76,2%	0,0%	9,8%	37,8%	23,8%	23,8%	4,9%	38,5%	37,1%	21,0%	2,8%	,7%	38,5%	61,5%	39,2%	60,8%	25,9%	50,3%	12,6%	11,2%	0,0%
	Preocupo-me muito	100,0%	25,6%	74,4%	0,0%	8,1%	27,9%	30,2%	29,1%	4,7%	47,7%	23,3%	20,9%	7,0%	1,2%	47,7%	52,3%	20,9%	79,1%	27,9%	46,5%	14,0%	9,3%	2,3%
	Preocupo-me muito	100,0%	20,9%	79,1%	0,0%	11,6%	25,6%	32,6%	25,6%	4,7%	32,6%	32,6%	25,6%	9,3%	0,0%	32,6%	67,4%	27,9%	72,1%	20,9%	48,8%	11,6%	16,3%	2,3%
	Preocupo-me totalmente	100,0%	15,2%	84,8%	0,0%	15,2%	24,2%	27,3%	27,3%	6,1%	18,2%	54,5%	24,2%	3,0%	0,0%	18,2%	81,8%	18,2%	81,8%	15,2%	51,5%	18,2%	15,2%	0,0%

Cultura de Segurança em Proteção Civil. Cada um, um agente de Proteção Civil

Valores Horizontais

		P_3.3. Sexo:			P_2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:							7. Cargo / função:		4. Estado civil:					
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Sem filhos	Com filhos	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viúvo (a)	
		N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	
P_15.13 15. Preocupação em relação a perigos/desastres_Incêndio urbano	Não me preocupo nada	100,0%	42,9%	57,1%	0,0%	0,0%	71,4%	14,3%	14,3%	0,0%	14,3%	42,9%	28,6%	14,3%	0,0%	14,3%	85,7%	14,3%	85,7%	0,0%	71,4%	14,3%	14,3%	0,0%	
	Preocupo-me pouco	100,0%	31,6%	68,4%	0,0%	7,9%	36,8%	26,3%	23,7%	5,3%	47,4%	36,8%	10,5%	5,3%	0,0%	47,4%	52,6%	28,9%	71,1%	34,2%	47,4%	13,2%	5,3%	0,0%	
	Preocupo-me muito	100,0%	27,4%	72,6%	0,0%	10,2%	34,4%	28,0%	22,3%	5,1%	35,0%	33,1%	22,3%	8,3%	1,3%	35,0%	65,0%	28,7%	71,3%	21,7%	53,5%	12,7%	12,1%	0,0%	
	Preocupo-me muito	100,0%	26,5%	73,5%	0,0%	9,1%	35,6%	32,6%	19,7%	3,0%	38,6%	32,6%	22,7%	5,3%	8%	38,6%	61,4%	28,0%	72,0%	22,7%	50,0%	12,9%	12,9%	1,5%	
	Preocupo-me totalmente	100,0%	21,1%	78,9%	0,0%	4,2%	30,5%	29,5%	32,6%	3,2%	33,7%	38,9%	25,3%	2,1%	0,0%	33,7%	66,3%	32,6%	67,4%	24,2%	43,2%	18,9%	12,6%	1,1%	
P_18.1 18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos próximos 5 anos_Sismos	É impossível	100,0%	25,0%	75,0%	0,0%	0,0%	25,0%	75,0%	0,0%	0,0%	50,0%	0,0%	50,0%	0,0%	0,0%	50,0%	50,0%	25,0%	75,0%	0,0%	50,0%	0,0%	50,0%	0,0%	
	É pouco possível	100,0%	25,0%	75,0%	0,0%	14,3%	32,1%	42,9%	10,7%	0,0%	39,3%	35,7%	14,3%	10,7%	0,0%	39,3%	60,7%	25,0%	75,0%	35,7%	42,9%	17,9%	3,6%	0,0%	
	É possível	100,0%	29,7%	70,3%	0,0%	5,7%	39,9%	25,3%	23,4%	5,7%	31,6%	38,6%	21,5%	6,3%	1,9%	31,6%	68,4%	31,0%	69,0%	20,9%	53,8%	13,9%	10,8%	6%	
	É muito possível	100,0%	25,9%	74,1%	0,0%	11,8%	34,1%	27,1%	25,9%	1,2%	40,0%	31,8%	23,5%	4,7%	0,0%	40,0%	60,0%	25,9%	74,1%	24,7%	50,6%	12,9%	10,6%	1,2%	
	Pode acontecer a qualquer momento	100,0%	23,4%	76,6%	0,0%	7,8%	30,5%	31,2%	26,0%	4,5%	39,0%	33,1%	22,7%	5,2%	0,0%	39,0%	61,0%	29,9%	70,1%	23,4%	46,8%	14,9%	14,3%	6%	
P_18.2 18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos próximos 5 anos_Tsunami	É impossível	100,0%	35,5%	64,5%	0,0%	4,8%	29,0%	37,1%	25,8%	3,2%	37,1%	32,3%	22,6%	8,1%	0,0%	37,1%	62,9%	25,8%	74,2%	24,2%	54,8%	11,3%	9,7%	0,0%	
	É pouco possível	100,0%	26,5%	73,5%	0,0%	6,5%	40,6%	30,3%	20,6%	1,9%	36,8%	34,2%	20,6%	7,7%	6%	36,8%	63,2%	28,4%	71,6%	20,0%	48,4%	16,8%	14,2%	6%	
	É possível	100,0%	24,4%	75,6%	0,0%	8,9%	28,5%	25,2%	31,7%	5,7%	37,4%	33,3%	25,2%	2,4%	1,6%	37,4%	62,6%	30,1%	69,9%	26,0%	50,4%	13,8%	8,9%	8%	
	É muito possível	100,0%	22,2%	77,8%	0,0%	17,8%	28,9%	31,1%	17,8%	4,4%	40,0%	31,1%	24,4%	4,4%	0,0%	40,0%	60,0%	31,1%	68,9%	20,0%	51,1%	11,1%	17,8%	0,0%	
	Pode acontecer a qualquer momento	100,0%	22,7%	77,3%	0,0%	6,8%	45,5%	25,0%	15,9%	6,8%	29,5%	47,7%	15,9%	6,8%	0,0%	29,5%	70,5%	31,8%	68,2%	29,5%	45,5%	13,6%	9,1%	2,3%	
P_18.3 18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos próximos 5 anos_Temperaturestades	É impossível	100,0%	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	0%	100,0%	100,0%	0,0%	0,0%	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	
	É pouco possível	100,0%	40,0%	60,0%	0,0%	8,0%	40,0%	26,0%	22,0%	4,0%	42,0%	30,0%	22,0%	6,0%	0,0%	42,0%	58,0%	20,0%	80,0%	26,0%	42,0%	12,0%	20,0%	0,0%	
	É possível	100,0%	26,0%	74,0%	0,0%	4,1%	35,2%	29,1%	26,0%	5,6%	34,7%	34,2%	22,4%	7,1%	1,5%	34,7%	65,3%	32,7%	67,3%	22,4%	49,5%	17,3%	10,7%	0,0%	
	É muito possível	100,0%	28,3%	71,7%	0,0%	14,1%	33,7%	27,2%	23,9%	1,1%	42,4%	37,0%	16,3%	4,3%	0,0%	42,4%	57,6%	25,0%	75,0%	27,2%	47,8%	10,9%	12,0%	2,2%	
	Pode acontecer a qualquer momento	100,0%	16,9%	83,1%	0,0%	11,2%	32,6%	32,6%	20,2%	3,4%	32,6%	36,0%	27,0%	4,5%	0,0%	32,6%	67,4%	29,2%	70,8%	20,2%	57,3%	11,2%	10,1%	1,1%	

Cultura de Segurança em Proteção Civil. Cada um, um agente de Proteção Civil

Valores Horizontais

		P 3.3. Sexo:			P 2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:						7. Cargo / função:		4. Estado civil:					
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Sem filhos	Com filhos	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viúvo (a)
		N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha
P_18.4 18.	É impossível	100,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	,0%	100,0%	50,0%	50,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Probabilidade de acidente	É pouco possível	100,0%	23,5%	76,5%	0,0%	17,6%	29,4%	17,6%	35,3%	0,0%	70,6%	29,4%	0,0%	0,0%	0,0%	70,6%	29,4%	23,5%	76,5%	52,9%	29,4%	5,9%	11,8%	0,0%
no local de trabalho, nos próximos 5 anos _Chuva muito intensa	É possível	100,0%	26,0%	74,0%	0,0%	5,2%	37,0%	25,4%	25,4%	6,9%	33,5%	34,7%	22,5%	7,5%	1,7%	33,5%	66,5%	30,1%	69,9%	20,2%	48,6%	17,3%	13,9%	0,0%
	É muito possível	100,0%	28,0%	72,0%	0,0%	11,2%	30,8%	31,8%	24,3%	1,9%	39,3%	32,7%	23,4%	4,7%	0,0%	39,3%	60,7%	32,7%	67,3%	29,0%	47,7%	12,1%	9,3%	1,9%
	Pode acontecer a qualquer momento	100,0%	24,6%	75,4%	0,0%	8,5%	36,2%	33,8%	19,2%	2,3%	34,6%	36,9%	23,1%	5,4%	0,0%	34,6%	65,4%	25,4%	74,6%	19,2%	55,4%	13,1%	11,5%	,8%
P_18.5 18.	É impossível	100,0%	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	0,0%	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	,0%	100,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Probabilidade de acidente	É pouco possível	100,0%	16,2%	83,8%	0,0%	16,2%	40,5%	18,9%	24,3%	0,0%	51,4%	29,7%	10,8%	5,4%	2,7%	51,4%	48,6%	21,6%	78,4%	45,9%	32,4%	13,5%	8,1%	0,0%
no local de trabalho, nos próximos 5 anos _Onda de Calor	É possível	100,0%	29,4%	70,6%	0,0%	4,1%	36,6%	26,3%	25,8%	7,2%	36,1%	33,0%	23,7%	6,2%	1,0%	36,1%	63,9%	29,4%	70,6%	21,6%	50,5%	15,5%	12,4%	0,0%
	É muito possível	100,0%	28,2%	71,8%	0,0%	10,9%	33,6%	32,7%	21,8%	,9%	33,6%	36,4%	26,4%	3,6%	0,0%	33,6%	66,4%	33,6%	66,4%	22,7%	51,8%	11,8%	12,7%	,9%
	Pode acontecer a qualquer momento	100,0%	20,9%	79,1%	0,0%	10,5%	30,2%	36,0%	20,9%	2,3%	36,0%	38,4%	17,4%	8,1%	0,0%	36,0%	64,0%	24,4%	75,6%	18,6%	52,3%	15,1%	11,6%	2,3%
P_18.6 18.	É impossível	100,0%	40,0%	60,0%	0,0%	0,0%	0,0%	60,0%	40,0%	0,0%	0,0%	60,0%	20,0%	0,0%	20,0%	,0%	100,0%	60,0%	40,0%	20,0%	80,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Probabilidade de acidente	É pouco possível	100,0%	28,6%	71,4%	0,0%	11,1%	44,4%	19,0%	19,0%	6,3%	42,9%	31,7%	20,6%	4,8%	0,0%	42,9%	57,1%	19,0%	81,0%	34,9%	36,5%	19,0%	9,5%	0,0%
no local de trabalho, nos próximos 5 anos _Vaga de Frio	É possível	100,0%	27,9%	72,1%	0,0%	4,7%	36,3%	28,4%	25,3%	5,3%	34,7%	35,8%	21,6%	6,8%	1,1%	34,7%	65,3%	30,5%	69,5%	19,5%	54,2%	13,2%	13,2%	0,0%
	É muito possível	100,0%	27,8%	72,2%	0,0%	11,1%	30,0%	33,3%	24,4%	1,1%	35,6%	34,4%	26,7%	3,3%	0,0%	35,6%	64,4%	33,3%	66,7%	26,7%	47,8%	12,2%	11,1%	2,2%
	Pode acontecer a qualquer momento	100,0%	18,5%	81,5%	0,0%	11,1%	30,9%	33,3%	22,2%	2,5%	39,5%	33,3%	19,8%	7,4%	0,0%	39,5%	60,5%	27,2%	72,8%	19,8%	50,6%	16,0%	12,3%	1,2%
P_18.7 18.	É impossível	100,0%	25,8%	74,2%	0,0%	12,9%	35,5%	29,0%	22,6%	0,0%	41,9%	32,3%	19,4%	6,5%	0,0%	41,9%	58,1%	22,6%	77,4%	29,0%	48,4%	12,9%	9,7%	0,0%
Probabilidade de acidente	É pouco possível	100,0%	26,9%	73,1%	0,0%	6,9%	42,1%	29,0%	20,7%	1,4%	37,9%	32,4%	22,1%	6,2%	1,4%	37,9%	62,1%	28,3%	71,7%	26,2%	48,3%	16,6%	9,0%	0,0%
no local de trabalho, nos próximos 5 anos _Secas	É possível	100,0%	28,0%	72,0%	0,0%	6,7%	32,9%	25,6%	26,8%	7,9%	40,2%	33,5%	19,5%	6,1%	,6%	40,2%	59,8%	31,1%	68,9%	20,7%	50,0%	14,6%	14,6%	0,0%
	É muito possível	100,0%	25,9%	74,1%	0,0%	14,8%	24,1%	38,9%	20,4%	1,9%	27,8%	33,3%	37,0%	1,9%	0,0%	27,8%	72,2%	24,1%	75,9%	22,2%	48,1%	9,3%	18,5%	1,9%
	Pode acontecer a qualquer momento	100,0%	17,1%	82,9%	0,0%	5,7%	28,6%	34,3%	28,6%	2,9%	22,9%	54,3%	14,3%	8,6%	0,0%	22,9%	77,1%	37,1%	62,9%	20,0%	60,0%	11,4%	2,9%	5,7%
P_18.8 18.	É impossível	100,0%	42,9%	57,1%	0,0%	14,3%	14,3%	14,3%	57,1%	0,0%	28,6%	42,9%	28,6%	0,0%	0,0%	28,6%	71,4%	42,9%	57,1%	28,6%	71,4%	0,0%	0,0%	0,0%
Probabilidade de acidente	É pouco possível	100,0%	26,9%	73,1%	0,0%	9,0%	33,3%	30,8%	24,4%	2,6%	39,7%	28,2%	19,2%	12,8%	0,0%	39,7%	60,3%	29,5%	70,5%	25,6%	46,2%	16,7%	11,5%	0,0%
no local de trabalho, nos próximos 5 anos _Cheias / Inundações	É possível	100,0%	28,6%	71,4%	0,0%	5,4%	35,7%	28,6%	24,4%	6,0%	34,5%	38,1%	20,2%	6,0%	1,2%	34,5%	65,5%	31,0%	69,0%	22,0%	48,2%	17,3%	12,5%	0,0%
	É muito possível	100,0%	23,7%	76,3%	0,0%	13,4%	32,0%	27,8%	23,7%	3,1%	39,2%	33,0%	24,7%	2,1%	1,0%	39,2%	60,8%	27,8%	72,2%	24,7%	48,5%	10,3%	13,4%	3,1%
	Pode acontecer a qualquer momento	100,0%	22,8%	77,2%	0,0%	6,3%	39,2%	32,9%	19,0%	2,5%	35,4%	35,4%	25,3%	3,8%	0,0%	35,4%	64,6%	25,3%	74,7%	21,5%	57,0%	11,4%	10,1%	0,0%

Cultura de Segurança em Proteção Civil. Cada um, um agente de Proteção Civil

Valores Horizontais

		P_3.3. Sexo:			P_2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:						7. Cargo / função:		4. Estado civil:					
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Sem filhos	Com filhos	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viúvo (a)
		N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha
P_18.9 18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos próximos 5 anos_Incêndio florestal	É impossível	100,0%	31,9%	68,1%	0,0%	6,3%	37,2%	27,1%	25,6%	3,9%	33,3%	39,1%	22,2%	4,3%	1,0%	33,3%	66,7%	26,1%	73,9%	21,3%	52,7%	13,5%	12,6%	0,0%
	É pouco possível	100,0%	25,8%	74,2%	0,0%	11,4%	32,6%	32,6%	21,2%	2,3%	45,5%	26,5%	22,0%	5,3%	,8%	45,5%	54,5%	28,8%	71,2%	31,1%	44,7%	11,4%	11,4%	1,5%
	É possível	100,0%	11,5%	88,5%	0,0%	6,6%	34,4%	31,1%	23,0%	4,9%	29,5%	32,8%	26,2%	11,5%	0,0%	29,5%	70,5%	39,3%	60,7%	16,4%	52,5%	19,7%	9,8%	1,6%
	É muito possível	100,0%	20,0%	80,0%	0,0%	15,0%	20,0%	25,0%	25,0%	15,0%	50,0%	40,0%	10,0%	0,0%	0,0%	50,0%	50,0%	35,0%	65,0%	25,0%	45,0%	15,0%	15,0%	0,0%
	Pode acontecer a qualquer momento	100,0%	22,2%	77,8%	0,0%	0,0%	44,4%	33,3%	22,2%	0,0%	0,0%	55,6%	22,2%	22,2%	0,0%	,0%	100,0%	22,2%	77,8%	0,0%	55,6%	33,3%	11,1%	0,0%
P_18.10 18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos próximos 5 anos_Nevões	É impossível	100,0%	27,4%	72,6%	0,0%	9,7%	37,2%	29,2%	21,2%	2,7%	31,9%	33,6%	23,9%	8,8%	1,8%	31,9%	68,1%	21,2%	78,8%	21,2%	48,7%	18,6%	11,5%	0,0%
	É pouco possível	100,0%	28,1%	71,9%	0,0%	6,9%	38,2%	28,6%	22,6%	3,7%	41,5%	33,6%	19,4%	5,1%	,5%	41,5%	58,5%	32,3%	67,7%	28,1%	46,5%	12,0%	12,9%	,5%
	É possível	100,0%	19,7%	80,3%	0,0%	9,2%	19,7%	34,2%	30,3%	6,6%	32,9%	34,2%	30,3%	2,6%	0,0%	32,9%	67,1%	34,2%	65,8%	13,2%	56,6%	15,8%	11,8%	2,6%
	É muito possível	100,0%	42,9%	57,1%	0,0%	14,3%	35,7%	21,4%	21,4%	7,1%	35,7%	42,9%	14,3%	7,1%	0,0%	35,7%	64,3%	28,6%	71,4%	28,6%	64,3%	0,0%	7,1%	0,0%
	Pode acontecer a qualquer momento	100,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	44,4%	22,2%	33,3%	0,0%	11,1%	66,7%	11,1%	11,1%	0,0%	11,1%	88,9%	11,1%	88,9%	11,1%	66,7%	22,2%	0,0%	0,0%
P_18.11 18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos próximos 5 anos_Agitação do mar	É impossível	100,0%	31,3%	68,7%	0,0%	4,5%	34,3%	32,8%	24,6%	3,7%	32,8%	35,1%	23,9%	7,5%	,7%	32,8%	67,2%	30,6%	69,4%	17,9%	60,4%	11,9%	9,7%	0,0%
	É pouco possível	100,0%	19,7%	80,3%	0,0%	12,0%	38,7%	27,5%	19,0%	2,8%	45,1%	31,7%	17,6%	4,9%	,7%	45,1%	54,9%	28,9%	71,1%	33,1%	36,6%	15,5%	14,1%	,7%
	É possível	100,0%	31,8%	68,2%	0,0%	8,0%	35,2%	22,7%	26,1%	8,0%	34,1%	37,5%	25,0%	3,4%	0,0%	34,1%	65,9%	20,5%	79,5%	19,3%	51,1%	13,6%	13,6%	2,3%
	É muito possível	100,0%	25,6%	74,4%	0,0%	10,3%	17,9%	43,6%	28,2%	0,0%	30,8%	33,3%	28,2%	5,1%	2,6%	30,8%	69,2%	41,0%	59,0%	15,4%	53,8%	17,9%	12,8%	0,0%
	Pode acontecer a qualquer momento	100,0%	19,2%	80,8%	0,0%	3,8%	38,5%	23,1%	30,8%	3,8%	26,9%	42,3%	19,2%	11,5%	0,0%	26,9%	73,1%	34,6%	65,4%	23,1%	57,7%	15,4%	3,8%	0,0%
P_18.12 18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos próximos 5 anos_Erupção Vulcânica	É impossível	100,0%	26,7%	73,3%	0,0%	10,4%	38,8%	25,4%	22,5%	2,9%	38,3%	34,2%	21,3%	5,4%	,8%	38,3%	61,7%	25,0%	75,0%	24,2%	51,3%	12,9%	11,7%	0,0%
	É pouco possível	100,0%	27,7%	72,3%	0,0%	5,0%	29,1%	34,8%	27,0%	4,3%	36,9%	37,6%	19,9%	5,7%	0,0%	36,9%	63,1%	37,6%	62,4%	22,7%	48,9%	15,6%	11,3%	1,4%
	É possível	100,0%	18,8%	81,3%	0,0%	9,4%	34,4%	28,1%	18,8%	9,4%	25,0%	31,3%	34,4%	6,3%	3,1%	25,0%	75,0%	28,1%	71,9%	18,8%	50,0%	18,8%	9,4%	3,1%
	É muito possível	100,0%	25,0%	75,0%	0,0%	0,0%	12,5%	50,0%	25,0%	12,5%	37,5%	12,5%	37,5%	12,5%	0,0%	37,5%	62,5%	25,0%	75,0%	25,0%	50,0%	0,0%	25,0%	0,0%
	Pode acontecer a qualquer momento	100,0%	25,0%	75,0%	0,0%	0,0%	37,5%	37,5%	25,0%	0,0%	25,0%	37,5%	25,0%	12,5%	0,0%	25,0%	75,0%	12,5%	87,5%	25,0%	25,0%	25,0%	25,0%	0,0%
P_18.13 18. Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos próximos 5 anos_Queda Meteorito	É impossível	100,0%	31,3%	68,8%	0,0%	7,8%	42,2%	31,3%	18,8%	0,0%	35,9%	35,9%	15,6%	9,4%	3,1%	35,9%	64,1%	26,6%	73,4%	21,9%	56,3%	9,4%	12,5%	0,0%
	É pouco possível	100,0%	26,7%	73,3%	0,0%	8,9%	41,1%	26,7%	20,6%	2,8%	38,3%	34,4%	21,1%	6,1%	0,0%	38,3%	61,7%	30,0%	70,0%	25,6%	48,9%	14,4%	10,6%	,6%
	É possível	100,0%	23,8%	76,2%	0,0%	8,5%	26,9%	28,5%	28,5%	7,7%	36,2%	34,6%	23,8%	4,6%	,8%	36,2%	63,8%	32,3%	67,7%	20,8%	50,0%	13,8%	13,8%	1,5%
	É muito possível	100,0%	43,8%	56,3%	0,0%	0,0%	6,3%	56,3%	25,0%	12,5%	31,3%	25,0%	43,8%	0,0%	0,0%	31,3%	68,8%	31,3%	68,8%	12,5%	62,5%	12,5%	12,5%	0,0%
	Pode acontecer a qualquer momento	100,0%	17,9%	82,1%	0,0%	7,7%	30,8%	30,8%	30,8%	0,0%	33,3%	38,5%	23,1%	5,1%	0,0%	33,3%	66,7%	17,9%	82,1%	28,2%	38,5%	23,1%	10,3%	0,0%

Valores Horizontais

		P_3 3. Sexo:			P_2 2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:						7. Cargo / função:		4. Estado civil:					
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Sem filhos	Com filhos	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viúvo (a)
		N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha
P_18.14 18.	É impossível	100,0%	66,7%	33,3%	0,0%	0,0%	33,3%	66,7%	0,0%	0,0%	33,3%	33,3%	33,3%	0,0%	0,0%	33,3%	66,7%	33,3%	66,7%	33,3%	66,7%	0,0%	0,0%	0,0%
Probabilidade de acidente no local de trabalho, nos próximos 5 anos.	É pouco possível	100,0%	33,3%	66,7%	0,0%	20,8%	33,3%	33,3%	8,3%	4,2%	62,5%	20,8%	4,2%	12,5%	0,0%	62,5%	37,5%	20,8%	79,2%	37,5%	33,3%	20,8%	8,3%	0,0%
Incêndio urbano	É possível	100,0%	29,1%	70,9%	0,0%	6,0%	34,3%	22,4%	29,1%	8,2%	32,1%	38,1%	23,1%	5,2%	1,5%	32,1%	67,9%	29,9%	70,1%	20,1%	55,2%	14,2%	10,4%	0,0%
	É muito possível	100,0%	26,7%	73,3%	0,0%	11,9%	34,7%	32,7%	18,8%	2,0%	41,6%	30,7%	21,8%	5,9%	0,0%	41,6%	58,4%	32,7%	67,3%	27,7%	45,5%	14,9%	11,9%	0,0%
	Pode acontecer a qualquer momento	100,0%	22,2%	77,8%	0,0%	6,0%	35,3%	31,7%	25,1%	1,8%	33,5%	36,5%	24,0%	5,4%	,6%	33,5%	66,5%	27,5%	72,5%	21,0%	50,3%	13,2%	13,8%	1,8%
P_19 19.	1	100,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Considera a Sensibilização / Formação dos colaboradores da SCML, na área da Protecção Civil e no sentido da Cultura de Segurança:2	3	100,0%	30,2%	69,8%	0,0%	11,6%	38,4%	31,4%	16,3%	2,3%	43,0%	36,0%	19,8%	1,2%	0,0%	43,0%	57,0%	15,1%	84,9%	36,0%	44,2%	10,5%	9,3%	0,0%
	4	100,0%	26,4%	73,6%	0,0%	5,7%	33,6%	28,6%	29,3%	2,9%	31,4%	38,6%	20,0%	7,9%	2,1%	31,4%	68,6%	27,1%	72,9%	15,7%	54,3%	15,7%	14,3%	0,0%
	5	100,0%	24,8%	75,2%	0,0%	8,4%	34,2%	29,2%	23,3%	5,0%	37,1%	31,7%	24,8%	6,4%	0,0%	37,1%	62,9%	36,1%	63,9%	23,3%	49,0%	14,9%	11,4%	1,5%

Cultura de Segurança em Proteção Civil. Cada um, um agente de Proteção Civil

Valores Horizontais

		P. 3.3. Sexo:			P. 2.2. Idade:						5.1 Número de Filhos a residir na casa de família:						7. Cargo / função:		4. Estado civil:					
		Total	Masculino	Feminino	Inferior a 20 anos	20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	0	1	2	3	4	Sem filhos	Com filhos	Dirigente	Não dirigente	Solteiro (a)	Casado (a)	Divorciado (a)	União de facto	Viúvo (a)
		N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha	N % da linha
SP21 21. Perigos que mais preocupam	0	100,0%	16,7%	83,3%	0,0%	0,0%	83,3%	0,0%	16,7%	0,0%	0,0%	33,3%	50,0%	16,7%	0,0%	,0%	100,0%	33,3%	66,7%	0,0%	50,0%	33,3%	16,7%	0,0%
	Acidente de Aviação	100,0%	30,0%	70,0%	0,0%	0,0%	30,0%	30,0%	40,0%	0,0%	20,0%	50,0%	20,0%	0,0%	10,0%	20,0%	80,0%	60,0%	40,0%	10,0%	50,0%	30,0%	10,0%	0,0%
	Acidentes de derrame de combustíveis	100,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	80,0%	20,0%	20,0%	40,0%	20,0%	20,0%	0,0%	20,0%	80,0%	20,0%	80,0%	0,0%	60,0%	40,0%	0,0%	0,0%
	Acidentes de viação	100,0%	21,9%	78,1%	0,0%	14,0%	31,6%	33,3%	17,5%	3,5%	36,0%	33,3%	23,7%	5,3%	1,8%	36,0%	64,0%	24,6%	75,4%	24,6%	50,9%	11,4%	13,2%	0,0%
	Acidentes industriais	100,0%	37,5%	62,5%	0,0%	12,5%	25,0%	50,0%	12,5%	0,0%	37,5%	50,0%	0,0%	12,5%	0,0%	37,5%	62,5%	12,5%	87,5%	37,5%	25,0%	37,5%	0,0%	0,0%
	Acidentes Nucleares	100,0%	33,3%	66,7%	0,0%	8,3%	0,0%	41,7%	41,7%	8,3%	41,7%	33,3%	16,7%	8,3%	0,0%	41,7%	58,3%	25,0%	75,0%	33,3%	58,3%	8,3%	0,0%	0,0%
	Aumento da Pobreza	100,0%	39,7%	60,3%	0,0%	4,0%	38,1%	32,5%	22,2%	3,2%	34,9%	36,5%	19,0%	9,5%	0,0%	34,9%	65,1%	30,2%	69,8%	27,0%	48,4%	12,7%	11,1%	,8%
	Aumento de doenças infantis/j	100,0%	28,6%	71,4%	0,0%	14,3%	42,9%	28,6%	10,7%	3,6%	21,4%	42,9%	25,0%	10,7%	0,0%	21,4%	78,6%	21,4%	78,6%	17,9%	60,7%	7,1%	10,7%	3,6%
	Aumento do desemprego	100,0%	46,2%	53,8%	0,0%	9,9%	35,2%	25,3%	22,0%	7,7%	42,9%	28,6%	22,0%	6,6%	0,0%	42,9%	57,1%	26,4%	73,6%	23,1%	52,7%	12,1%	11,0%	1,1%
	Cheias	100,0%	25,8%	74,2%	0,0%	9,7%	29,0%	35,5%	16,1%	9,7%	25,8%	38,7%	29,0%	0,0%	6,5%	25,8%	74,2%	32,3%	67,7%	9,7%	58,1%	16,1%	16,1%	0,0%
	Chuvas Ácidas	100,0%	33,3%	66,7%	0,0%	0,0%	33,3%	33,3%	33,3%	0,0%	33,3%	33,3%	33,3%	0,0%	0,0%	33,3%	66,7%	33,3%	66,7%	33,3%	66,7%	0,0%	0,0%	0,0%
	Contaminação Alimentar	100,0%	21,9%	78,1%	0,0%	3,1%	28,1%	28,1%	37,5%	3,1%	46,9%	21,9%	25,0%	6,3%	0,0%	46,9%	53,1%	40,6%	59,4%	28,1%	50,0%	15,6%	6,3%	0,0%
	Erosão Costeira	100,0%	20,0%	80,0%	0,0%	0,0%	40,0%	20,0%	20,0%	20,0%	20,0%	60,0%	20,0%	0,0%	0,0%	20,0%	80,0%	0,0%	100,0%	40,0%	60,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Erupções Vulcânicas	100,0%	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	50,0%	0,0%	0,0%	50,0%	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	0,0%	50,0%	50,0%	50,0%	50,0%	0,0%	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%
	Guerra / Terrorismo	100,0%	15,7%	84,3%	0,0%	13,0%	35,2%	25,0%	24,1%	2,8%	39,8%	38,0%	13,9%	7,4%	,9%	39,8%	60,2%	23,1%	76,9%	27,8%	42,6%	15,7%	13,0%	,9%
	Incêndios florestais	100,0%	27,8%	72,2%	0,0%	5,6%	33,3%	27,8%	27,8%	5,6%	55,6%	27,8%	16,7%	0,0%	0,0%	55,6%	44,4%	44,4%	55,6%	27,8%	44,4%	27,8%	0,0%	0,0%
	Incêndios Urbanos	100,0%	23,9%	76,1%	0,0%	4,4%	39,0%	28,3%	26,4%	1,9%	40,3%	30,8%	24,5%	4,4%	0,0%	40,3%	59,7%	30,2%	69,8%	24,5%	49,7%	10,7%	13,8%	1,3%
	Insegurança / aumento de violência	100,0%	23,8%	76,2%	0,0%	8,7%	40,5%	29,4%	17,5%	4,0%	41,3%	32,5%	19,0%	7,1%	0,0%	41,3%	58,7%	27,0%	73,0%	27,8%	43,7%	16,7%	11,9%	0,0%
	Não sabe/Não responde	100,0%	33,3%	66,7%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	33,3%	33,3%	33,3%	0,0%	,0%	100,0%	33,3%	66,7%	0,0%	66,7%	33,3%	0,0%	0,0%
	Nenhum/ Nada	100,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	,0%	100,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%
	Outros	100,0%	25,0%	75,0%	0,0%	16,7%	41,7%	33,3%	8,3%	0,0%	25,0%	50,0%	25,0%	0,0%	0,0%	25,0%	75,0%	0,0%	100,0%	25,0%	25,0%	8,3%	41,7%	0,0%
	Seca	100,0%	33,3%	66,7%	0,0%	0,0%	22,2%	22,2%	55,6%	0,0%	33,3%	33,3%	22,2%	11,1%	0,0%	33,3%	66,7%	33,3%	66,7%	11,1%	77,8%	0,0%	11,1%	0,0%
	Sismos / Terramotos	100,0%	23,2%	76,8%	0,0%	8,0%	30,1%	29,0%	28,3%	4,7%	32,2%	35,9%	26,1%	4,7%	1,1%	32,2%	67,8%	29,7%	70,3%	18,8%	53,3%	15,2%	12,0%	,7%
	Temperaturas Extremas	100,0%	28,0%	72,0%	0,0%	8,0%	34,0%	34,0%	22,0%	2,0%	44,0%	36,0%	16,0%	4,0%	0,0%	44,0%	56,0%	38,0%	62,0%	26,0%	44,0%	14,0%	16,0%	0,0%
	Tsunamis	100,0%	21,2%	78,8%	0,0%	12,1%	30,3%	36,4%	18,2%	3,0%	30,3%	42,4%	27,3%	0,0%	0,0%	30,3%	69,7%	42,4%	57,6%	21,2%	57,6%	18,2%	3,0%	0,0%
	Ventos Fortes	100,0%	13,3%	86,7%	0,0%	0,0%	33,3%	33,3%	33,3%	0,0%	53,3%	26,7%	20,0%	0,0%	0,0%	53,3%	46,7%	40,0%	60,0%	26,7%	53,3%	6,7%	6,7%	6,7%

(Página deixada propositadamente em branco)

Anexo 7

**Tabulações do Inquérito: “A cultura de segurança da população” realizado aos
Comandantes de Corpos de Bombeiros**

(Página deixada propositadamente em branco)

Valores Absolutos

			Anos como comandante						REGIÃO						
			Total	Até 3 anos	4 a 8 anos	9 a 15 anos	16 ou mais anos	NR	Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Ilhas
1 - Começo por lhe perguntar em que medida considera que a população em geral está sensibilizada sobre como atuar em situações de risco?	Total	Contagem	225	68	67	43	45	2	225	94	38	66	9	9	9
	Fortemente sensibilizada	Contagem	2	1	1	0	0	0	2	0	2	0	0	0	0
	Muito sensibilizada	Contagem	10	3	1	2	4	0	10	4	3	1	0	0	2
	Pouco sensibilizada	Contagem	182	54	57	32	37	2	182	70	31	59	7	9	6
	Nada sensibilizada	Contagem	31	10	8	9	4	0	31	20	2	6	2	0	1
	Não sabe/Não responde	Contagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2 - Importância que atribui ao desenvolvimento de ações de sensibilização / formação da população como forma de melhorar a sua capacidade de resposta em situações de emergência?	Total	Contagem	225	68	67	43	45	2	225	94	38	66	9	9	9
	1	Contagem	1	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0
	2	Contagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	3	Contagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	4	Contagem	7	1	3	0	3	0	7	2	3	2	0	0	0
	5	Contagem	1	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0
	6	Contagem	1	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0
	7	Contagem	13	5	2	1	5	0	13	7	1	3	0	1	1
	8	Contagem	21	7	1	9	4	0	21	13	2	3	1	0	2
	9	Contagem	34	6	12	7	9	0	34	14	5	10	2	1	2
	10	Contagem	147	48	47	26	24	2	147	56	27	47	6	7	4

Valores Absolutos

			Anos como comandante						REGIÃO						
			Total	Até 3 anos	4 a 8 anos	9 a 15 anos	16 ou mais anos	NR	Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Ilhas
3 - Tempo de reação numa emergência - Em que medida considera importante as ações de sensibilização / formação da população	Total	Contagem	225	68	67	43	45	2	225	94	38	66	9	9	9
	Nada importante	Contagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Pouco importante	Contagem	3	0	2	1	0	0	3	3	0	0	0	0	0
	Relativamente importante	Contagem	45	14	14	8	9	0	45	17	11	15	0	1	1
	Muito importante	Contagem	177	54	51	34	36	2	177	74	27	51	9	8	8
3 - Manuseamento de equipamentos (ex: utilização de extintor) - Em que medida considera importante as ações de sensibilização / formação da população	Total	Contagem	225	68	67	43	45	2	225	94	38	66	9	9	9
	Nada importante	Contagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Pouco importante	Contagem	4	1	3	0	0	0	4	1	1	1	0	1	0
	Relativamente importante	Contagem	40	13	11	6	10	0	40	18	5	14	0	1	2
	Muito importante	Contagem	181	54	53	37	35	2	181	75	32	51	9	7	7
3 - Capacidade de prestar auxílio a terceiros - Em que medida considera importante as ações de sensibilização / formação da população	Total	Contagem	225	68	67	43	45	2	225	94	38	66	9	9	9
	Nada importante	Contagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Pouco importante	Contagem	4	1	3	0	0	0	4	3	0	1	0	0	0
	Relativamente importante	Contagem	58	15	16	15	12	0	58	25	8	19	0	2	4
	Muito importante	Contagem	163	52	48	28	33	2	163	66	30	46	9	7	5

Valores Absolutos

			Anos como comandante						REGIÃO						
			Total	Até 3 anos	4 a 8 anos	9 a 15 anos	16 ou mais anos	NR	Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Ilhas
3 - Na gestão do stress associado - Em que medida considera importante as ações de sensibilização / formação da população	Total	Contagem	224	68	67	42	45	2	224	93	38	66	9	9	9
	Nada importante	Contagem	1	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0
	Pouco importante	Contagem	8	2	4	1	1	0	8	3	1	1	0	0	3
	Relativamente importante	Contagem	110	30	30	23	27	0	110	50	14	36	2	5	3
	Muito importante	Contagem	105	36	32	18	17	2	105	39	23	29	7	4	3
3 - Capacidade de cumprir instruções dadas pelos agentes de proteção civil - Em que medida considera importante as ações de sensibilização / formação da população	Total	Contagem	225	68	67	43	45	2	225	94	38	66	9	9	9
	Nada importante	Contagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Pouco importante	Contagem	2	0	2	0	0	0	2	2	0	0	0	0	0
	Relativamente importante	Contagem	34	10	9	7	8	0	34	16	5	9	1	2	1
	Muito importante	Contagem	189	58	56	36	37	2	189	76	33	57	8	7	8

Valores Absolutos

			Anos como comandante						REGIÃO						
			Total	Até 3 anos	4 a 8 anos	9 a 15 anos	16 ou mais anos	NR	Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Ilhas
4 - Percepção como Comandante, dos conhecimentos através do comportamento dos intervenientes	Sempre	Contagem	34	9	8	6	11	0	34	14	5	6	3	2	4
	Quase sempre	Contagem	147	45	45	29	26	2	147	59	29	45	4	6	4
	Raramente	Contagem	43	13	14	8	8	0	43	21	3	15	2	1	1
	Nunca	Contagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Não sabe/Não responde	Contagem	1	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0
5 - Pensando num modo geral, quando identifica que as pessoas envolvidas têm conhecimentos / formação em matéria de proteção civil, diria que, pessoas formadas...	Total	Contagem	225	68	67	43	45	2	225	94	38	66	9	9	9
	Facilitam fortemente o trabalho dos Bombeiros na resposta à ocorrência	Contagem	142	42	42	28	29	1	142	64	22	39	4	9	4
	Facilita alguma coisa o trabalho dos Bombeiros na resposta à ocorrência	Contagem	79	24	23	15	16	1	79	28	16	25	5	0	5
	Julgando que ajudam "atrapalham" mais do que o que ajudam	Contagem	3	1	2	0	0	0	3	2	0	1	0	0	0
	Julgando que ajudam "atrapalham"	Contagem	1	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0

Valores Absolutos

		Anos como comandante						REGIÃO						
		Total	Até 3 anos	4 a 8 anos	9 a 15 anos	16 ou mais anos	NR	Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Ilhas
1 - Começo por lhe perguntar em que medida considera que a população em geral está sensibilizada sobre como atuar em situações de risco?	Média	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
2 - Importância que atribui ao desenvolvimento de ações de sensibilização / formação da população como forma de melhorar a sua capacidade de resposta em situações de emergência?	Média	9	9	9	9	9	10	9	9	9	9	10	10	9

Valores Absolutos

		Anos como comandante						REGIÃO						
		Total	Até 3 anos	4 a 8 anos	9 a 15 anos	16 ou mais anos	NR	Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Ilhas
3 - Tempo de reação numa emergência - Em que medida considera importante as ações de sensibilização / formação da população	Média	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
3 - Manuseamento de equipamentos (ex: utilização de extintor) - Em que medida considera importante as ações de sensibilização / formação da população	Média	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
3 - Capacidade de prestar auxílio a terceiros - Em que medida considera importante as ações de sensibilização / formação da população	Média	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4

Valores Verticais

			Anos como comandante						REGIÃO						
			Total	Até 3 anos	4 a 8 anos	9 a 15 anos	16 ou mais anos	NR	Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Ilhas
1 - Começo por lhe perguntar em que medida considera que a população em geral está sensibilizada sobre como atuar em situações de risco?	Total	N % da coluna	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Fortemente sensibilizada	N % da coluna	,9%	1,5%	1,5%	0,0%	0,0%	0,0%	,9%	0,0%	5,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Muito sensibilizada	N % da coluna	4,4%	4,4%	1,5%	4,7%	8,9%	0,0%	4,4%	4,3%	7,9%	1,5%	0,0%	0,0%	22,2%
	Pouco sensibilizada	N % da coluna	80,9%	79,4%	85,1%	74,4%	82,2%	100,0%	80,9%	74,5%	81,6%	89,4%	77,8%	100,0%	66,7%
	Nada sensibilizada	N % da coluna	13,8%	14,7%	11,9%	20,9%	8,9%	0,0%	13,8%	21,3%	5,3%	9,1%	22,2%	0,0%	11,1%
	Não sabe/Não responde	N % da coluna	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%

Valores Verticais

			Anos como comandante						REGIÃO						
			Total	Até 3 anos	4 a 8 anos	9 a 15 anos	16 ou mais anos	NR	Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Ilhas
2 - Importância que atribui ao desenvolvimento de ações de sensibilização / formação da população como forma de melhorar a sua capacidade de resposta em situações de emergência?	Total	N % da coluna	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	1	N % da coluna	,4%	0,0%	1,5%	0,0%	0,0%	0,0%	,4%	1,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	2	N % da coluna	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	3	N % da coluna	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	4	N % da coluna	3,1%	1,5%	4,5%	0,0%	6,7%	0,0%	3,1%	2,1%	7,9%	3,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	5	N % da coluna	,4%	1,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	,4%	0,0%	0,0%	1,5%	0,0%	0,0%	0,0%
	6	N % da coluna	,4%	0,0%	1,5%	0,0%	0,0%	0,0%	,4%	1,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	7	N % da coluna	5,8%	7,4%	3,0%	2,3%	11,1%	0,0%	5,8%	7,4%	2,6%	4,5%	0,0%	11,1%	11,1%
	8	N % da coluna	9,3%	10,3%	1,5%	20,9%	8,9%	0,0%	9,3%	13,8%	5,3%	4,5%	11,1%	0,0%	22,2%
	9	N % da coluna	15,1%	8,8%	17,9%	16,3%	20,0%	0,0%	15,1%	14,9%	13,2%	15,2%	22,2%	11,1%	22,2%
	10	N % da coluna	65,3%	70,6%	70,1%	60,5%	53,3%	100,0%	65,3%	59,6%	71,1%	71,2%	66,7%	77,8%	44,4%

Valores Verticais

			Anos como comandante						REGIÃO						
			Total	Até 3 anos	4 a 8 anos	9 a 15 anos	16 ou mais anos	NR	Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Ilhas
3 - Tempo de reação numa emergência - Em que medida considera importante as ações de sensibilização / formação da população	Total	N % da coluna	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Nada importante	N % da coluna	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Pouco importante	N % da coluna	1,3%	0,0%	3,0%	2,3%	0,0%	0,0%	1,3%	3,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Relativamente importante	N % da coluna	20,0%	20,6%	20,9%	18,6%	20,0%	0,0%	20,0%	18,1%	28,9%	22,7%	0,0%	11,1%	11,1%
	Muito importante	N % da coluna	78,7%	79,4%	76,1%	79,1%	80,0%	100,0%	78,7%	78,7%	71,1%	77,3%	100,0%	88,9%	88,9%
3 - Manuseamento de equipamentos (ex: utilização de extintor) - Em que medida considera importante as ações de sensibilização / formação da população	Total	N % da coluna	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Nada importante	N % da coluna	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Pouco importante	N % da coluna	1,8%	1,5%	4,5%	0,0%	0,0%	0,0%	1,8%	1,1%	2,6%	1,5%	0,0%	11,1%	0,0%
	Relativamente importante	N % da coluna	17,8%	19,1%	16,4%	14,0%	22,2%	0,0%	17,8%	19,1%	13,2%	21,2%	0,0%	11,1%	22,2%
	Muito importante	N % da coluna	80,4%	79,4%	79,1%	86,0%	77,8%	100,0%	80,4%	79,8%	84,2%	77,3%	100,0%	77,8%	77,8%

Valores Verticais

			Anos como comandante						REGIÃO						
			Total	Até 3 anos	4 a 8 anos	9 a 15 anos	16 ou mais anos	NR	Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Ilhas
3 - Capacidade de prestar auxílio a terceiros - Em que medida considera importante as ações de sensibilização / formação da população	Total	N % da coluna	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Nada importante	N % da coluna	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Pouco importante	N % da coluna	1,8%	1,5%	4,5%	0,0%	0,0%	0,0%	1,8%	3,2%	0,0%	1,5%	0,0%	0,0%	0,0%
	Relativamente importante	N % da coluna	25,8%	22,1%	23,9%	34,9%	26,7%	0,0%	25,8%	26,6%	21,1%	28,8%	0,0%	22,2%	44,4%
	Muito importante	N % da coluna	72,4%	76,5%	71,6%	65,1%	73,3%	100,0%	72,4%	70,2%	78,9%	69,7%	100,0%	77,8%	55,6%
3 - Na gestão do stress associado - Em que medida considera importante as ações de sensibilização / formação da população	Total	N % da coluna	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Nada importante	N % da coluna	,4%	0,0%	1,5%	0,0%	0,0%	0,0%	,4%	1,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Pouco importante	N % da coluna	3,6%	2,9%	6,0%	2,4%	2,2%	0,0%	3,6%	3,2%	2,6%	1,5%	0,0%	0,0%	33,3%
	Relativamente importante	N % da coluna	49,1%	44,1%	44,8%	54,8%	60,0%	0,0%	49,1%	53,8%	36,8%	54,5%	22,2%	55,6%	33,3%
	Muito importante	N % da coluna	46,9%	52,9%	47,8%	42,9%	37,8%	100,0%	46,9%	41,9%	60,5%	43,9%	77,8%	44,4%	33,3%

Valores Verticais

			Anos como comandante						REGIÃO						
			Total	Até 3 anos	4 a 8 anos	9 a 15 anos	16 ou mais anos	NR	Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Ilhas
3 - Capacidade de cumprir instruções dadas pelos agentes de proteção civil - Em que medida considera importante as ações de sensibilização / formação da população	Total	N % da coluna	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Nada importante	N % da coluna	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Pouco importante	N % da coluna	,9%	0,0%	3,0%	0,0%	0,0%	0,0%	,9%	2,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Relativamente importante	N % da coluna	15,1%	14,7%	13,4%	16,3%	17,8%	0,0%	15,1%	17,0%	13,2%	13,6%	11,1%	22,2%	11,1%
	Muito importante	N % da coluna	84,0%	85,3%	83,6%	83,7%	82,2%	100,0%	84,0%	80,9%	86,8%	86,4%	88,9%	77,8%	88,9%
4 - Percepção como Comandante, dos conhecimentos através do comportamento dos intervenientes	Sempre	N % da coluna	15,1%	13,2%	11,9%	14,0%	24,4%	0,0%	15,1%	14,9%	13,2%	9,1%	33,3%	22,2%	44,4%
	Quase sempre	N % da coluna	65,3%	66,2%	67,2%	67,4%	57,8%	100,0%	65,3%	62,8%	76,3%	68,2%	44,4%	66,7%	44,4%
	Raramente	N % da coluna	19,1%	19,1%	20,9%	18,6%	17,8%	0,0%	19,1%	22,3%	7,9%	22,7%	22,2%	11,1%	11,1%
	Nunca	N % da coluna	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Não sabe/Não responde	N % da coluna	,4%	1,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	,4%	0,0%	2,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%

Valores Verticais

			Anos como comandante						REGIÃO						
			Total	Até 3 anos	4 a 8 anos	9 a 15 anos	16 ou mais anos	NR	Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Ilhas
5 - Pensando num modo geral, quando identifica que as pessoas envolvidas têm conhecimentos / formação em matéria de proteção civil, diria que, pessoas formadas...	Total	N % da coluna	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Facilitam fortemente o trabalho dos Bombeiros na	N % da coluna	63,1%	61,8%	62,7%	65,1%	64,4%	50,0%	63,1%	68,1%	57,9%	59,1%	44,4%	100,0%	44,4%
	Facilita alguma coisa o trabalho dos Bombeiros na resposta à	N % da coluna	35,1%	35,3%	34,3%	34,9%	35,6%	50,0%	35,1%	29,8%	42,1%	37,9%	55,6%	0,0%	55,6%
	Julgando que ajudam “atrapalham” mais do que o que	N % da coluna	1,3%	1,5%	3,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,3%	2,1%	0,0%	1,5%	0,0%	0,0%	0,0%
	Julgando que ajudam “atrapalham”	N % da coluna	,4%	1,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	,4%	0,0%	0,0%	1,5%	0,0%	0,0%	0,0%

Valores Horizontais

			Anos como comandante						REGIÃO						
			Total	Até 3 anos	4 a 8 anos	9 a 15 anos	16 ou mais anos	NR	Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Ilhas
1 - Começo por lhe perguntar em que medida considera que a população em geral está sensibilizada sobre como atuar em situações de risco?	Total	N % da linha	100,0%	30,2%	29,8%	19,1%	20,0%	,9%	100,0%	41,8%	16,9%	29,3%	4,0%	4,0%	4,0%
	Fortemente sensibilizada	N % da linha	100,0%	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Muito sensibilizada	N % da linha	100,0%	30,0%	10,0%	20,0%	40,0%	0,0%	100,0%	40,0%	30,0%	10,0%	0,0%	0,0%	20,0%
	Pouco sensibilizada	N % da linha	100,0%	29,7%	31,3%	17,6%	20,3%	1,1%	100,0%	38,5%	17,0%	32,4%	3,8%	4,9%	3,3%
	Nada sensibilizada	N % da linha	100,0%	32,3%	25,8%	29,0%	12,9%	0,0%	100,0%	64,5%	6,5%	19,4%	6,5%	0,0%	3,2%
	Não sabe/Não responde	N % da linha	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%

Valores Horizontais

			Anos como comandante						REGIÃO						
			Total	Até 3 anos	4 a 8 anos	9 a 15 anos	16 ou mais anos	NR	Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Ilhas
2 - Importância que atribui ao desenvolvimento de ações de sensibilização / formação da população como forma de melhorar a sua capacidade de resposta em situações de emergência?	Total	N % da linha	100,0%	30,2%	29,8%	19,1%	20,0%	,9%	100,0%	41,8%	16,9%	29,3%	4,0%	4,0%	4,0%
	1	N % da linha	100,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	2	N % da linha	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	3	N % da linha	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	4	N % da linha	100,0%	14,3%	42,9%	0,0%	42,9%	0,0%	100,0%	28,6%	42,9%	28,6%	0,0%	0,0%	0,0%
	5	N % da linha	100,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	6	N % da linha	100,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	7	N % da linha	100,0%	38,5%	15,4%	7,7%	38,5%	0,0%	100,0%	53,8%	7,7%	23,1%	0,0%	7,7%	7,7%
	8	N % da linha	100,0%	33,3%	4,8%	42,9%	19,0%	0,0%	100,0%	61,9%	9,5%	14,3%	4,8%	0,0%	9,5%
	9	N % da linha	100,0%	17,6%	35,3%	20,6%	26,5%	0,0%	100,0%	41,2%	14,7%	29,4%	5,9%	2,9%	5,9%
	10	N % da linha	100,0%	32,7%	32,0%	17,7%	16,3%	1,4%	100,0%	38,1%	18,4%	32,0%	4,1%	4,8%	2,7%

Valores Horizontais

			Anos como comandante						REGIÃO						
			Total	Até 3 anos	4 a 8 anos	9 a 15 anos	16 ou mais anos	NR	Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Ilhas
3 - Tempo de reação numa emergência - Em que medida considera importante as ações de sensibilização / formação da população	Total	N % da linha	100,0%	30,2%	29,8%	19,1%	20,0%	,9%	100,0%	41,8%	16,9%	29,3%	4,0%	4,0%	4,0%
	Nada importante	N % da linha	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Pouco importante	N % da linha	100,0%	0,0%	66,7%	33,3%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Relativamente importante	N % da linha	100,0%	31,1%	31,1%	17,8%	20,0%	0,0%	100,0%	37,8%	24,4%	33,3%	0,0%	2,2%	2,2%
	Muito importante	N % da linha	100,0%	30,5%	28,8%	19,2%	20,3%	1,1%	100,0%	41,8%	15,3%	28,8%	5,1%	4,5%	4,5%
3 - Manuseamento de equipamentos (ex: utilização de extintor) - Em que medida considera importante as ações de sensibilização / formação da população	Total	N % da linha	100,0%	30,2%	29,8%	19,1%	20,0%	,9%	100,0%	41,8%	16,9%	29,3%	4,0%	4,0%	4,0%
	Nada importante	N % da linha	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Pouco importante	N % da linha	100,0%	25,0%	75,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	25,0%	25,0%	25,0%	0,0%	25,0%	0,0%
	Relativamente importante	N % da linha	100,0%	32,5%	27,5%	15,0%	25,0%	0,0%	100,0%	45,0%	12,5%	35,0%	0,0%	2,5%	5,0%
	Muito importante	N % da linha	100,0%	29,8%	29,3%	20,4%	19,3%	1,1%	100,0%	41,4%	17,7%	28,2%	5,0%	3,9%	3,9%

Valores Horizontais

			Anos como comandante						REGIÃO						
			Total	Até 3 anos	4 a 8 anos	9 a 15 anos	16 ou mais anos	NR	Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Ilhas
3 - Capacidade de prestar auxílio a terceiros - Em que medida considera importante as ações de sensibilização / formação da população	Total	N % da linha	100,0%	30,2%	29,8%	19,1%	20,0%	,9%	100,0%	41,8%	16,9%	29,3%	4,0%	4,0%	4,0%
	Nada importante	N % da linha	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Pouco importante	N % da linha	100,0%	25,0%	75,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	75,0%	0,0%	25,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Relativamente importante	N % da linha	100,0%	25,9%	27,6%	25,9%	20,7%	0,0%	100,0%	43,1%	13,8%	32,8%	0,0%	3,4%	6,9%
	Muito importante	N % da linha	100,0%	31,9%	29,4%	17,2%	20,2%	1,2%	100,0%	40,5%	18,4%	28,2%	5,5%	4,3%	3,1%
3 - Na gestão do stress associado - Em que medida considera importante as ações de sensibilização / formação da população	Total	N % da linha	100,0%	30,4%	29,9%	18,8%	20,1%	,9%	100,0%	41,5%	17,0%	29,5%	4,0%	4,0%	4,0%
	Nada importante	N % da linha	100,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Pouco importante	N % da linha	100,0%	25,0%	50,0%	12,5%	12,5%	0,0%	100,0%	37,5%	12,5%	12,5%	0,0%	0,0%	37,5%
	Relativamente importante	N % da linha	100,0%	27,3%	27,3%	20,9%	24,5%	0,0%	100,0%	45,5%	12,7%	32,7%	1,8%	4,5%	2,7%
	Muito importante	N % da linha	100,0%	34,3%	30,5%	17,1%	16,2%	1,9%	100,0%	37,1%	21,9%	27,6%	6,7%	3,8%	2,9%

Valores Horizontais

			Anos como comandante						REGIÃO						
			Total	Até 3 anos	4 a 8 anos	9 a 15 anos	16 ou mais anos	NR	Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Ilhas
3 - Capacidade de cumprir instruções dadas pelos agentes de proteção civil. Em que medida considera importante as ações de sensibilização / formação da população.	Total	N % da linha	100,0%	30,2%	29,8%	19,1%	20,0%	,9%	100,0%	41,8%	16,9%	29,3%	4,0%	4,0%	4,0%
	Nada importante	N % da linha	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Pouco importante	N % da linha	100,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Relativamente importante	N % da linha	100,0%	29,4%	26,5%	20,6%	23,5%	0,0%	100,0%	47,1%	14,7%	26,5%	2,9%	5,9%	2,9%
	Muito importante	N % da linha	100,0%	30,7%	29,6%	19,0%	19,6%	1,1%	100,0%	40,2%	17,5%	30,2%	4,2%	3,7%	4,2%
	4 - Percepção como Comandante, dos conhecimentos através do comportamento dos intervenientes	N % da linha	100,0%	26,5%	23,5%	17,6%	32,4%	0,0%	100,0%	41,2%	14,7%	17,6%	8,8%	5,9%	11,8%
	Quase sempre	N % da linha	100,0%	30,6%	30,6%	19,7%	17,7%	1,4%	100,0%	40,1%	19,7%	30,6%	2,7%	4,1%	2,7%
	Raramente	N % da linha	100,0%	30,2%	32,6%	18,6%	18,6%	0,0%	100,0%	48,8%	7,0%	34,9%	4,7%	2,3%	2,3%
	Nunca	N % da linha	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Não sabe/Não responde	N % da linha	100,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%

Valores Horizontais

			Anos como comandante						REGIÃO						
			Total	Até 3 anos	4 a 8 anos	9 a 15 anos	16 ou mais anos	NR	Total	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Ilhas
5 - Pensando num modo geral, quando identifica que as pessoas envolvidas têm conhecimentos / formação em matéria de proteção civil, diria que, pessoas formadas...	Total	N % da linha	100,0%	30,2%	29,8%	19,1%	20,0%	,9%	100,0%	41,8%	16,9%	29,3%	4,0%	4,0%	4,0%
	Facilitam fortemente o trabalho dos Bombeiros na resposta à ocorrência	N % da linha	100,0%	29,6%	29,6%	19,7%	20,4%	,7%	100,0%	45,1%	15,5%	27,5%	2,8%	6,3%	2,8%
	Facilita alguma coisa o trabalho dos Bombeiros na resposta à ocorrência	N % da linha	100,0%	30,4%	29,1%	19,0%	20,3%	1,3%	100,0%	35,4%	20,3%	31,6%	6,3%	0,0%	6,3%
	Julgando que ajudam "atrapalham" mais do que o que ajudam	N % da linha	100,0%	33,3%	66,7%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	66,7%	0,0%	33,3%	0,0%	0,0%	0,0%
	Julgando que ajudam "atrapalham"	N % da linha	100,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%

(Página deixada propositadamente em branco)

(Página deixada propositadamente em branco)

Declaração

O Trabalho, incluindo caixas de texto, notas de rodapé e de fim, tem 219 páginas, em 1.289 parágrafos e 5.615 linhas, com 30.710 palavras, em 167.587 carateres sem espaços e 198.727 carateres integrando espaços.

Declaro ser autor deste trabalho, parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Direito e Segurança, que constitui um trabalho original que nunca foi submetido (no seu todo ou em qualquer das partes) a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou qualquer outra habilitação. Atesto ainda que todas as citações estão devidamente identificadas.

Mais acrescento que tenho consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho agora apresentado.

Lisboa, 1 de Novembro de 2015

O texto deste documento foi escrito usando as normas do novo acordo ortográfico